

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

RECEPÇÃO DE MENSAGENS JORNALÍSTICAS ESPORTIVAS
NA RÁDIO GAÚCHA

MARCELO BERNARDES FARINA

SÃO PAULO
Junho / 2018

MARCELO BERNARDES FARINA

**RECEPÇÃO DE MENSAGENS JORNALÍSTICAS ESPORTIVAS
NA RÁDIO GAÚCHA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade Cásper Líbero, na linha de pesquisa Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ana Luiza Coiro Moraes

SÃO PAULO
Junho /2018

Farina, Marcelo Bernardes

Recepção de mensagens jornalísticas esportivas na rádio gaúcha /
Marcelo Bernardes Farina. -- São Paulo, 2018.

211 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Profa. Dra. Ana Luiza Coiro Moraes

Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de
Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Estudos culturais. 3. Circuito da cultura. 4.
Comentários esportivos. 5. Rádio Gaúcha. I. Moraes, Ana Luiza Coiro. II.
Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III.
Título.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado

AUTOR: MARCELO BERNARDES FARINA

**“RECEPÇÃO DE MENSAGENS JORNALÍSTICAS ESPORTIVAS NA RÁDIO
GAÚCHA”**


Profa. Dra. Lourdes Ana Pereira Silva
Universidade de Santo Amaro - UNISA


Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero - FCL


Profa. Dra. Ana Luiza Coiro Moraes
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 20 de agosto de 2018.

Agradecimentos

A realização do presente estudo permitiu-me difundir conhecimentos em uma área de tanto apreço, como é o caso do radiojornalismo esportivo e suas dinâmicas, mas, mais do que isso, me trouxe a sensação de gratidão pessoal por poder me inserir melhor neste ambiente por meio de uma perspectiva tão ampla e enriquecedora que é o ângulo da recepção. Compreender as relações dos torcedores com os principais comentaristas do Rio Grande do Sul, conduzidas pela paixão futebolística, foi uma forma de me situar e refletir sobre uma prática que é tão familiar, tanto profissionalmente quanto socialmente, mas que nunca foi pensada com tantos recursos intelectuais como na oportunidade que tive no mestrado.

Por isso, desde já, agradeço ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero de São Paulo, pela disposição em contribuir com este estudo, me proporcionando uma riqueza de conceitos teóricos que ajudaram a ver o esporte e o radiojornalismo com outros olhos, sem perder a originalidade, mas, fortalecendo o senso crítico acerca destes e de outros fenômenos que ocorrem na contemporaneidade.

Em especial, agradeço à minha orientadora e conterrânea, a professora Ana Luiza Coiro Moraes, que dedicou-se constantemente em aprimorar este trabalho, me conduzindo durante todo o desenvolvimento da pesquisa e buscando sempre encontrar os melhores rumos teóricos e metodológicos. Sou muito grato por ter acreditado no meu potencial e me desafiado a almejar sempre o melhor.

Faço questão de mencionar a grande atenção e contribuição destinada pelos professores avaliadores desta pesquisa, José Eugênio Menezes e Lourdes Silva. Os apontamentos realizados durante a banca de qualificação elevaram o nível de excelência da pesquisa, sempre enriquecendo o repertório utilizado.

Também não posso deixar de agradecer a quem me colocou nos trilhos da pesquisa, a professora Janine Marques Passini Lucht, ainda nos tempos da graduação na ESPM-Sul, com o incentivo à iniciação científica, se tornando para mim uma das principais referências dos estudos de radiojornalismo. Grande parte do meu repertório teórico de rádio, empregado também nesta dissertação, veio com seus ensinamentos.

Busco enfatizar que nada seria possível se não fosse o apoio incondicional da minha família. Minha mãe, Elis Rejane Bernardes; meu pai, Janes Egidio Farina e meu irmão, Rodrigo Farina. Sem eles, não teria a força necessária para enfrentar todas as dificuldades que se impuseram neste curso de mestrado, considerando as necessidades acentuadas de deslocamento entre dois estados, tendo em vista que o curso foi em São Paulo, mas os ouvintes que compõem o objeto de pesquisa são residentes em Porto Alegre.

Por fim, agradeço a todos os 19 ouvintes que de alguma forma cederam parte de seu tempo e estiveram dispostos a colaborar com a pesquisa. Foram os grandes personagens, expondo suas vidas e trazendo histórias e versões muito interessantes para este processo de comunicação.

Obrigado a todos que compartilharam comigo deste momento!

Marcelo Bernardes Farina

RESUMO

O presente trabalho consistiu em um estudo de recepção aos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, com o objetivo de entender como os ouvintes formam seus posicionamentos a partir das opiniões, na espreita de seus valores particulares adotados socialmente. Para alcançar tal feito, a pesquisa valeu-se do aporte metodológico do Circuito da Cultura, de Du Gay et al (1997), que orientou a investigação dos cinco eixos que incidem sobre o processo de comunicação - produção, consumo, regulação, identidade e representação. Além disso, o processo foi situado em práticas contemporâneas, que indicam a predominância da Era da Cultura Digital nos atos comunicacionais. Foram aplicadas técnicas metodológicas de questionários e entrevistas em profundidade com ouvintes dos comentários esportivos. Diante do cenário explorado, as experiências dos ouvintes em torno do futebol são simbolizadas por significados míticos que envolvem estes receptores com o referido esporte, de modo que apresentam demandas e maior nível de assimilação a opiniões que aprofundem e dinamizem a validade do futebol transcendente à esfera esportiva.

Palavras-chave: Comunicação. Estudos Culturais. Circuito da Cultura. Recepção. Comentários Esportivos. Rádio Gaúcha.

ABSTRACT

The present work consisted of a study of reception to the sports commentaries of Rádio Gaúcha, with the objective of understanding how the listeners form their positions from the opinions, in search of their particular values adopted socially. In order to achieve this, the research was based on the methodological contribution of the Cultural Circuit, by Du Gay et al. (1997), which guided the investigation of the five axes that affect the communication process - production, consumption, regulation, identity and representation. Moreover, the process was situated in contemporary practices, which indicate the predominance of the Digital Culture Era in the communicational acts. Methodological techniques of questionnaires and in-depth interviews with sports commentators were applied. Given the scenario explored, the experiences of the listeners around football are symbolized by mythical meanings that involve these receptors with the sport, so that they present demands and a greater level of assimilation to opinions that deepen and dynamize the validity of soccer transcendent to the sphere sport.

KEYBOARDS: Communication. Cultural Studies. Circuit of Culture. Reception. Sporting Comments. Radio Gaúcha.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DOS PARADIGMAS DA COMUNICAÇÃO À CULTURA DA RECEPÇÃO: PERCEPÇÃO DOS COMENTÁRIOS A PARTIR DOS OUVINTES	28
2.1	Origem teórica da comunicação	28
2.2	Formação da cultura da recepção	31
2.3	Tradições comunicacionais	33
2.4	Mediações sociais	37
2.5	Estudos culturais	40
3	CIRCUITO DA CULTURA: OS CINCO EIXOS E A CONCRETIZAÇÃO DA RECEPÇÃO	48
3.1	Produção jornalística: comentários esportivos	50
3.1.1	A opinião como prática jornalística	51
3.1.2	O radiojornalismo: a dinâmica móvel de comunicação	53
3.1.3	Jornalismo esportivo: cobertura jornalística em uma editoria diferenciada	60
3.2	Representações: criações de identidades imersas ao Circuito da Cultura	62
3.2.1	Conhecimento mítico: a mística da natureza esportiva	75
3.2.1.1	Narrativas míticas: história e origem	76
3.2.1.2	O mito e sua significação no esporte	81
3.3	Identidade cultural: perfis e valores anexos a grupos e espaços sociais	84
3.3.1	Identidades inconscientes: a origem da paixão clubística	89
4	A CULTURA NA COMUNICAÇÃO E O RADIOJORNALISMO DIGITAL	96
4.1	A recepção no radiojornalismo: o ouvinte digital	102
5	METODOLOGIA	108
5.1	Roteiro de questionário aplicado a ouvintes	115
5.2	Roteiro base para as entrevistas em profundidade	116
6	A RECEPÇÃO DOS COMENTÁRIOS ESPORTIVOS NA CONTEMPORANEIDADE	120
6.1	Perfil dos ouvintes torcedores	120
6.2	Ambiente digital e privado: interpretação das rotinas de recepção por meio de questionários	133

6.2.1	Suporte de audiência	133
6.2.2	Frequência de audiência	135
6.2.3	Formatos de recepção	136
6.3	Os valores da recepção interpretados pelo Circuito da Cultura, conforme análise das entrevistas em profundidade	138
6.3.1	O eixo da produção e os comentários esportivos da Rádio Gaúcha	142
6.3.1.1	Comentários de Filipe Gamba	147
6.3.1.2	Comentários de Pedro Ernesto Denardin	154
6.3.1.3	Comentários de Cléber Grabauska	158
6.3.1.4	Comentários de Maurício Saraiva	164
6.3.2	O eixo da representação e a leitura dos discursos dos comentaristas	170
6.3.3	O eixo da identidade e a formação de torcedores de futebol	180
6.3.4	O eixo da regulação e os parâmetros da recepção	188
6.3.5	O eixo da recepção e a concretização do processo	191
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
	REFERÊNCIAS	206

Lista de Ilustrações

Figura 1: Circuito da Cultura.....	110
Figura 2: Circuito da cultura da recepção esportiva.....	111
Tabela 1: Suporte de audiência	134
Tabela 2: Frequência de audiência.....	135
Tabela 3: Formatos de recepção.....	137
Quadro 1: Entrevistado 1.....	126
Quadro 2: Entrevistado 2.....	126
Quadro 3: Entrevistado 3.....	127
Quadro 4: Entrevistado 4.....	127
Quadro 5: Entrevistado 5.....	127
Quadro 6: Entrevistado 6.....	128
Quadro 7: Entrevistado 7.....	128
Quadro 8: Entrevistado 8.....	128
Quadro 9: Entrevistado 9.....	129
Quadro 10: Entrevistado 10.....	129
Quadro 11: Entrevistado 11.....	129
Quadro 12: Entrevistado 12.....	130
Quadro 13: Entrevistado 13.....	130
Quadro 14: Entrevistado 14.....	130
Quadro 15: Entrevistado 15.....	131
Quadro 16: Entrevistado 16.....	131
Quadro 17: Entrevistado 17.....	131
Quadro 18: Entrevistado 18.....	132
Quadro 19: Entrevistado 19.....	132
Quadro 20: Comentários esportivos da Rádio Gaúcha.....	146
Quadro 21: Comentários de Filipe Gamba.....	152
Quadro 22: Comentários de Pedro Ernesto Denardin.....	158
Quadro 23: Comentários de Cléber Grabauska.....	163
Quadro 24: Comentários de Maurício Saraiva.....	168

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga a recepção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, considerando a formação de opinião dos mesmos e a circulação de sentido das mensagens entre produção e recepção, a partir das abordagens metodológicas dos Estudos Culturais e do Circuito da Cultura. Para a compreensão da recepção, são adotados valores como identidades e representações culturais que ilustrem o perfil do ouvinte esportivo e a significação de seus comportamentos no ambiente do esporte simbolicamente construído. Os princípios em que se baseia uma sociedade esportiva são reproduzidos no processo comunicacional e em toda a abrangência de suas mensagens.

Os processos de comunicação na sociedade apresentam caráter dinâmico e mutável, preenchendo as lacunas de determinado meio social, como integrações e convivências entre as necessidades individuais e coletivas, por meio das interações entre emissores e receptores e respectivos enquadramentos das mensagens e construções de sentido. No âmbito jornalístico, essa realidade se traduz pela ênfase midiática no cotidiano dos espectadores, sendo potencializada pelas transformações tecnológicas. Isso resulta diretamente em práticas e hábitos que emergem nos contextos socioculturais, tais como crenças, disseminação de sentimentos e, sobretudo, modos de expressão que predominam no dia a dia. Este panorama é sintetizado por diferentes correntes de estudo e relativiza as relações de causas e consequências da relação do processo comunicacional com as diretrizes sociais.

Os paradigmas que norteiam os processos de comunicação e a aplicabilidade do jornalismo são antigos, e já foram analisados sob diversas vertentes, de acordo com a avaliação dos resultados desta relação e de suas profundas consequências nas diversas formações histórico-culturais humanas. Nesse contexto, a eficácia e a capacidade de influência das mensagens comunicativas já foram caracterizadas como absolutas. Wolf (1999) sintetiza os diferentes parâmetros validados historicamente no estudo da comunicação.

Os modelos apresentados referem-se a nove «momentos» dos estudos sobre os meios de comunicação: a teoria hipodérmica, a teoria ligada à abordagem empírico-experimental, a teoria que deriva da pesquisa empírica de campo, a teoria de base estrutural-funcionalista, a teoria crítica dos mass media, a teoria culturológica, os cultural studies, e as teorias comunicativas (WOLF, 1999, p. 22).

Considerando a evolução do conceito de comunicação e dos limites potenciais da mensagem jornalística, a cultura midiática passa a constituir um fator importante na construção de sentido dos discursos, complementando ou questionando o teor das mensagens emitidas.

Valores, crenças e hábitos culturais podem influenciar na maneira como o público reage a tais enunciações, de acordo com a intencionalidade dos emissores e, especialmente, com o alinhamento desse discurso ao princípio de desenvolvimento da função de defesa do bem coletivo, valor primário da atividade jornalística. As nuances do ambiente receptor permitem a visualização de parâmetros culturais, de modo que estas características implicam em reações relacionadas com o sistema social, e também perceptíveis no âmbito da comunicação, na perspectiva de que sentidos essenciais humanos como atenção, percepção e compreensão de discursos estão relacionados à origem e repertório sociocultural do receptor. Essa linha de pensamento vai ao encontro do que Stuart Hall (2003) ratifica como estudos culturais. A mensagem assertiva e bem direcionada a cumprir seu papel social deve não apenas observar o universo do receptor, mas, incluí-lo do modo mais amplo e pluralizado nesse processo. O que leva à reflexão sobre os processos comunicacionais no âmbito do que Giroux (1995, p. 98) assinala como a própria definição dos estudos culturais contemporâneos: o "estudo da produção, da recepção e do uso situado de variados textos, e da forma como eles estruturam as relações sociais, os valores e as noções de comunidade, o futuro e as diversas definições do eu".

Considerando tais premissas, o universo do receptor passa a ser observado no intuito de compreender melhor como se dá o processo cultural da constituição de hábitos, práticas e visões de mundo, e das conseqüentes noções agregadoras de valores nas interações comunicacionais, isto é, de construção de sentido. Teóricos do campo dos Estudos Culturais, como Martín-Barbero (2008), entendem que agentes próximos do cidadão que recebe a mensagem – como escola, instituição religiosa, amigos e conhecidos, família, governos, celebridades e personalidades, assim como a própria opinião veiculada pela mídia – contribuem na formulação dos atributos pelos quais os receptores compreendem e se posicionam a partir das mensagens.

Conceito fundamental em Barbero, mediação deve ser entendida como um conjunto de influências que estrutura, organiza e reorganiza a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade (JACKS, 1996, p. 47).

A materialização do comportamento cultural humano, de acordo com os processos de comunicação, ocorre em distintos ambientes. No jornalismo esportivo, esta lógica se confirma, tendo em vista que a comunicação assume a função de aproximar os laços do público com o meio esportivo, moldando a passionalidade nesta esfera. No caso específico do futebol, mais do que o gosto e rotinas de entretenimento que a atividade oferece, a paixão surge como ingrediente protagonista na relação do torcedor com o esporte. Assim, as mensagens

jornalísticas não apenas adquirem responsabilidade com o desenvolvimento de relações entre profissionais, torcedores e instituições, mas, especialmente, estão aptas a justificar comportamentos e agregar ao cotidiano dos torcedores, considerando as representações discursivas, principalmente se avaliando correntes de estudos comunicacionais mais antigas e que observavam maior potencial de imposição da ordem dominante pelas instituições de mídias sobre seus públicos (WOLF, 1999).

Considerando a perspectiva da recepção de Martín-Barbero (2008), no campo dos Estudos Culturais, os valores socioculturais e individuais do ser humano complementam o sentido das mensagens formuladas na esfera da produção e, deste modo, dimensionam a reação receptiva do público. No âmbito esportivo, essas nuances entrecruzam-se com o valor agregado da paixão enraizada no esporte, admitindo determinados comportamentos dos torcedores nos estádios de futebol, diante das representações discursivas de sentimentos em relação ao esporte no dia a dia, resultando em doses de tolerância ou indignação – fruto do significado simbólico do futebol na vida diária desses agentes receptores fortemente conectados com o mundo esportivo.

A partir daí o jornalismo esportivo exerce um papel muito maior do que a construção noticiosa em uma editoria dotada de contornos de entretenimento, no sentido de que o profissional de comunicação passa a cumprir a função social de defender os interesses coletivos, conforme princípio básico da profissão, teorizado por Vicchiatti (2005). O enfoque jornalístico nesse campo amplia o potencial do esporte em colaborar para uma sociedade integrada culturalmente, e composta pela convivência saudável na pluralidade de visões de mundo. Dessa maneira, uma análise cultural da mídia contribui para o entendimento de que o esporte é mais do que o jogo em si, e sim um elemento capaz de unificação e interação dos cidadãos. No Brasil, o futebol está diretamente vinculado com a identidade da nação, o que justifica a especialização e enfoque amplo das instituições de comunicação nessa área.

Desde a metade do século XIX, o futebol no mundo tornou-se capaz de unir distintas classes sociais em torno de um grande elemento cultural, sendo propagado por meio da paixão e pela mediação dos veículos jornalísticos, que perceberam o apreço e identificação do povo com essa atividade e, diante disso, foi estabelecido o compromisso profissional em cobrir e refletir os impactos deste jogo na sociedade. Uma das plataformas mais populares que mediou a ascensão e consolidação do futebol como esporte de adesão popular foi o rádio, idealizado como veículo de comunicação de massa nas primeiras décadas do Século XX.

O rádio se popularizou no Brasil, como veículo jornalístico, por volta da metade do século XX e, em pouco tempo, angariou laços com o meio esportivo, justificando, assim, desde

o início, o perfil de proximidade da plataforma jornalística com os interesses massivos, segundo Barbosa Filho (2003). A primeira transmissão de futebol no rádio ocorreu na partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, em 1931 (FUTEBOL HISTÓRIA, 2016).

De lá para cá, a programação esportiva constituiu-se como a editoria jornalística mais popular do rádio no Brasil, abrangendo um reflexo da sociedade, tendo em vista a dinâmica de afinidade da plataforma com o cotidiano social. A Rádio Gaúcha, situada em Porto Alegre, veículo onde são emitidos os comentários cuja recepção é estudada nesta dissertação, detém a supremacia no segmento no Rio Grande do Sul, apresentando 87% de audiência na área esportiva, segundo dados do IBOPE de 2015, e ocupa nove horas diárias semanais com a temática. Esse montante sobe para 12 horas nos domingos (IBOPE, 2015).

Dentro da margem de conteúdos esportivos, destaca-se o segmento opinativo. Apenas na Rádio Gaúcha são proferidas sete mensagens diárias de comentários esportivos, envolvendo os assuntos noticiosos mais relevantes do momento. O perfil destes discursos admite as incumbências sociais do jornalismo e a responsabilidade com o seu ambiente como norma do exercício, sendo classificados no formato comentário, do gênero opinativo. Conforme Lucht (2009, p. 66), “enquanto gênero opinativo, o comentário serve para trazer ângulos não mostrados na reportagem, por exemplo”.

A opinião no jornalismo admite o dever de juízo de valor sobre fatos que cercam e compõem o cotidiano, transformando-se em bases racionais no reflexo do dia a dia por parte dos receptores, a fim de que estes compreendam a mensagem e, de acordo, com a intencionalidade discursiva e fragmentos da mesma, assimilem e acrescentem os valores levantados a suas visões de mundo particulares. Deste modo, os públicos estariam aptos a se posicionar, concordando ou rejeitando as interpretações dos jornalistas opinativos, conforme a leitura da mensagem e, assim, agregando comportamentos coletivos e plurais ao meio social.

Pela exposição dos caracteres da opinião, como fenômeno individual e como fenômeno social, de logo deduzimos a importância do seu exercício, por parte do jornalista. Opinar, para ele, não é apenas um direito, mas um dever, pois, de ofício, está incluído entre os que fazem profissão de opinar. Ainda mais: é sua função captar, em qualquer campo, aquele objeto importante sobre o qual a sociedade exige uma definição (BELTRÃO, 1980, p. 18).

Compreende-se, assim, a responsabilidade de representações discursivas conectadas com as demandas da sociedade. As expressões midiáticas e a capacidade de orientação desses discursos são mais do que fatores de um processo de formação de opinião, mas, essencialmente, de uma identidade sociocultural. No entanto, conforme Martin-Barbero (2008), as

particularidades dos receptores devem ser incluídas nesse processo, a fim de que se verifique a efetiva relação cultural dos públicos e suas demandas com as mensagens midiáticas, tendo em vista que a apreciação apenas da esfera de emissão torna-se incompleta para a compreensão ampla do compromisso jornalístico e sua consonância com as identidades culturais dos receptores, de modo que as perspectivas dos espectadores tendem a redirecionar os discursos.

Considerando o campo de atuação do radiojornalismo esportivo, onde situa-se este presente estudo de recepção, uma investigação inicial realizada por este pesquisador (Farina, 2015) como Trabalho de Conclusão de Curso, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio Grande do Sul (ESPM-Sul), apresentou uma análise de conteúdo e discursiva dos principais comentaristas esportivos diários da Rádio Gaúcha. Os profissionais são Pedro Ernesto Denardin, Filipe Gamba, Cléber Grabauska e Maurício Saraiva. Este estudo fragmentou os discursos de cada um e apontou as condições de coerência das mensagens, conforme diretrizes de pesquisadores do meio da opinião como Beltrão (1980), Marques de Melo (2010), Lucht(2010, Tavares (2011), entre outros. O estudo ainda investigou as razões oriundas da rotina de produção dos profissionais – por meio de entrevistas em profundidade e análise dos modos de emissão dos comentários – que tornavam as mensagens mais coerentes ou não com o dever jornalístico.

Como principais resultados da pesquisa, chegou-se ao entendimento de que as mensagens opinativas mais bem dotadas de coerência são aquelas recheadas de fatos informativos, que amparassem argumentos capacitados em constituir uma tese racional. Nesse caso, o domínio pleno da informação pelos jornalistas constituiu-se em um pré-requisito básico na construção de discursos relevantes para o público. Entretanto, a maioria das mensagens não apresentou um nível elevado de coerência, de modo que esta costumava a ser identificada apenas em circunstâncias especiais como nos formatos híbridos com mais de um emissor – comuns nos comentários de Maurício Saraiva – ou quando as mensagens concentravam-se em um único tema e apresentassem tempo de veiculação maior do que a média comum no radiojornalismo, conforme estudos de Lucht (2009) e Barbosa Filho (2003). Na maioria dos casos, notou-se a escassez de profundidade de conhecimento de situações do campo e bem próximas do esporte que condissessem com uma versão técnica do assunto. Em suma, a falta de atualização sistemática de boa parte dos comentaristas em assuntos mais globais do meio esportivo – que demonstrassem especialização minuciosa em futebol – e a ausência de busca por fontes diferenciadas foram fatores responsáveis pela inconsistência de muitos discursos que, com isso, geram uma deficiência no compromisso jornalístico de orientação dos fenômenos cotidianos.

Contudo, todos estes resultados levantados são indissociáveis das audiências e suas implicações, ao mesmo tempo em que a significação de valores das expressões discursivas sobre os ouvintes não é desvinculada das identidades institucionais disseminadas na produção. Por estas razões, a presente pesquisa adota uma vertente metodológica voltada para a averiguação de fenômenos e diretrizes culturais como estratégia de compreensão do processo comunicacional pela perspectiva da recepção.

A partir dessa premissa de complementaridade dos valores culturais entre os distintos polos do processo comunicacional, para se entender a legitimidade do discurso jornalístico opinativo dentro de suas diretrizes, é fundamental investigar também os aspectos envolvidos na recepção a esta atividade e seus ambientes, seguindo o diagrama do Circuito da Cultura, como é apresentado mais adiante neste trabalho. De modo que independentemente das condições da emissão jornalística, os parâmetros pessoais do receptor tendem a interferir no caminho que dada mensagem esportiva deve percorrer, na concepção de validação nos supostos moldes de pensar e agir de cada cidadão.

Para tais fins, é indispensável compreender a contemporaneidade cultural e suas transformações, do ponto de vista das possibilidades de contato direto e cotidiano com as referidas mensagens comunicacionais, considerando as interferências da cultura na proposição e alinhamento de práticas de recepção. Na perspectiva de identificação das experiências a partir de um espaço temporal e sociocultural, Santaella (2003) define as seis eras da cultura, considerando as condições técnicas e sociais dos ambientes em que vivem os indivíduos. São elas: Era da Cultura Oral, Era da Cultura Escrita, Era da Cultura Impressa, Era da Cultura das Massas, Era da Cultura das Mídias e Era da Cultura Digital.

O referido ato de recepção aos comentários esportivos contemporâneos da Rádio Gaúcha situa-se na Era da Cultura Digital, considerando não apenas a evolução tecnológica dos suportes de recepção radiofônicos, mas, mais especialmente, as condições socioculturais que proporcionam estes aparatos técnicos e, principalmente, comportamentos suscetíveis à mobilidade e viabilidade de uma recepção virtual e ininterrupta. A plataforma rádio sofre transformações validadas pelas ordens culturais, adequando-se à multiplicidade de funções da internet e dos dispositivos móveis, idealizados para suprir as novas demandas sociais em constante evolução. Considerando o panorama brevemente ilustrado, é de suma importância identificar as rotinas e comportamentos de recepção delimitados no adequado espaço temporal e social de abrangência, como neste caso, a Era da Cultura Digital. A identificação das práticas cotidianas de comunicação radiojornalística é uma forma de ilustrar a realidade das experiências contemporâneas, valendo-se como pré-requisito na compreensão dos significados da recepção

na presente realidade, com os costumes e valores mais atuais possíveis. Diante destes fenômenos, antes da efetivação e busca dos significados simbólicos das mensagens nos ambientes de recepção, busca-se uma exploração do campo radiojornalístico contemporâneo, com a identificação de rotinas que viabilizem e representem este modelo de comunicação na Era da Cultura Digital.

A partir do cenário relatado e da averiguação prévia das experiências próprias ao suporte e rotinas cotidianas de acesso às mídias, faz-se necessário um estudo de recepção que investigue o posicionamento do público diante do discurso opinativo. Para tanto, o trabalho se vale da análise cultural, a fim de compreender desde o processo de recepção propriamente dito até a formação de opinião e de valores dos receptores, com o amparo dos eixos de produção, consumo, representação, identidade e regulação do Circuito da Cultura, de Du Gay et. al. (1997), no universo esportivo e social em que estão inseridos estes ouvintes. Diante da ordem cultural esportiva presente sobre a atividade de comunicação, é indispensável que se identifique o significado do esporte para as audiências. Nesta pesquisa, isso se dá a partir da análise de identidades e representações inerentes à troca de mensagens, de modo que a relevância do futebol expande-se ao admitir valores externos ao sentido literal do campo de jogo. A partir da validação simbólica do meio esportivo como significado social, uma investigação de cunho cultural é convocada como requisito básico para o entendimento da recepção das mensagens no escopo do objeto de estudo desta dissertação.

Para se buscar soluções às referentes inquietações na perspectiva da recepção dos comentários esportivos, o objeto de pesquisa consiste nos ouvintes dos quatro principais comentaristas esportivos diários da Rádio Gaúcha – Pedro Ernesto Denardin, Cleber Grabauska, Maurício Saraiva e Filipe Gamba. A partir do universo particular das audiências, busca-se identificar a relevância sociocultural e o aspecto passional do esporte e, com o amparo do diagrama do Circuito da Cultura, analisar os questionários e entrevistas realizadas com os receptores. A escolha da recepção aos discursos dos comentaristas da Rádio Gaúcha justifica-se pela imensa popularidade se comparada com as concorrentes, consistindo em um potencial de representatividade mais apurado do público esportivo, considerando o perfil de diversidade do mesmo, em termos de faixa etária, escolaridade, poderio econômico, etc. Os comentários são veiculados em programas distribuídos em distintos horários da programação, desde o programa *Gaúcha Hoje*, às 5h, até o *Hoje nos Esportes*, às 17h30. Deste modo, o perfil de público tende a se modificar nos diferentes horários de comentários veiculados, considerando a característica básica de rotatividade do rádio.

Diante do cenário relatado, a presente pesquisa apresenta o seguinte problema: De que forma os ouvintes constroem seus posicionamentos a partir da recepção de comentários esportivos diários da Rádio Gaúcha?

Diante da prévia exploração contextual do ambiente onde se concentra a pesquisa e seus consequentes desdobramentos, formulam-se determinadas hipóteses para a solução do problema, organizadas em uma hipótese primária e outras secundárias – estas decorrentes da hipótese principal.

Considerando as atribuições do jornalismo opinativo teorizadas por Beltrão (1980) e Marques de Melo (2003) e a reprodução e amplificação dessas incumbências no âmbito esportivo, conforme Tavares (2011), assim como o compromisso jornalístico na sua essência, segundo perspectiva de Vicchiatti (2005), aposta-se que as formulações da realidade contidas nas mensagens de comentários esportivos sirvam como aparato inicial e referencial na construção de uma conduta de posicionamento dos ouvintes acerca dos assuntos retratados nos espaços midiáticos, ou seja, sobre a maneira de entender futebol e, mais especificamente, sobre os temas locais que envolvem os dois grandes times do Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional – a chamada dupla Gre-Nal.

A hipótese primária aponta que o aval e a representação da realidade proposta pelos comentaristas seriam o pilar fundamental para consolidar e estabelecer os parâmetros necessários para que os ouvintes entendam o futebol, nos aspectos táticos e técnicos da atividade esportiva, mas, acima de tudo, na relação dos mesmos, como torcedores – em geral movidos pela paixão clubística – e com as instituições do meio.

Como primeira hipótese secundária, surge a aposta de que entre valores, costumes e hábitos culturais básicos que interferem na recepção, a paixão clubística seria o elemento que mais afeta a reação dos ouvintes aos comentários, seja em termo de concordância e assimilação do posicionamento, seja em questionamento e rejeição. Essa aposta se fundamenta pelo fato de que a passionalidade é o ingrediente antigo que norteia toda a atividade futebolística, e por consequência até mesmo, segmentos da mídia esportiva, conforme teóricos do assunto como Coelho (2003) e Barbeiro e Rangel (2013). Estudos de Beting (2005) e Fontoura (2014) tratam da paixão clubística como um atributo que permeia o cotidiano de torcedores e, nessas condições, a relação com agentes mais próximos como a própria imprensa, acaba sendo, inevitavelmente, recheada desse sentimento, interferindo diretamente no juízo de valor do trabalho jornalístico, mas, mais do que isso, na seletividade e assimilação dos discursos opinativos e consequentes abordagens do dia a dia futebolístico, assim como na evolução do pensamento intelectual acerca do próprio esporte.

A segunda hipótese secundária diz respeito ao contexto de produção de comentários. Aposta-se que opiniões construídas com maior solidez, na pluralidade, embasamento informativo, domínio histórico e contextual e relação afinada dos argumentos com a profundidade informativa tendem a direcionar os ouvintes a construir um posicionamento sobre futebol mais condizente com a realidade e responsabilidade universal do esporte. Além do que, os subsídios para novas interpretações serão mais amplos por parte dos ouvintes, considerando a pluralidade das representações discursivas nos formatos e gêneros híbridos – em que comentários são mesclados a boletins e testemunhais – e a validação prévia é comprovada sob decorrência do domínio com proximidade do fato analisado, respeitando memória e conhecimentos universais do meio abordado. Autores como Guarnieri (2009), Oliveira (2009) e Beltrão (1980) apontam que a boa sistematização e execução do compromisso jornalístico evidenciam uma maior aproximação do público com a realidade, ao mesmo tempo, evitando disfunções e reações mais passionais que causem comportamentos distorcidos e nem sempre adequados à convivência harmônica.

Considerando a hipótese primária, em que as mensagens dos comentaristas colaboram para a construção do discernimento futebolístico, a terceira hipótese secundária aponta como principais grupos de influência e mediadores sociais que interferem na recepção, conforme os estudos culturais e a corrente de Barbero (2008), membros e ídolos importantes de clubes de identificação dos ouvintes, comentaristas de bagagem extensa e personalidades reconhecidas no esporte. Retomando a importância da paixão clubística como elemento de contribuição na recepção e construção de sentido do mundo esportivo, é natural que os principais líderes de opiniões para estes ouvintes compartilhem da mesma afeição clubística e visões de mundo, cujo nível de seletividade se dê por meio da paixão. Esses personagens influentes podem ser jogadores, treinadores e dirigentes de Grêmio e Internacional que, por intermédio da paixão clubística, criaram grandes laços com seus torcedores e suas condutas e modos de definir e se portar no meio futebolístico universal convertem-se em exemplos para suas respectivas comunidades de seguidores. Ao mesmo tempo, comentaristas esportivos e personalidades midiáticas, devido à sua experiência e ao seu conhecimento no meio também constituem-se em líderes de opinião. Em tal grupo, enquadrariam-se os quatro comentaristas envolvidos nesta pesquisa.

Buscando o contexto de produções que registram a evolução conceitual em subáreas como jornalismo esportivo, gênero opinativo, radiojornalismo e estudos de recepção, aplicados à pesquisa em comunicação cujo objeto ou problema se aproximem da dissertação aqui proposta, apresenta-se o estado da questão.

Os estudos da recepção passaram a ser práticas comuns na academia, a partir da consolidação da teoria dos efeitos limitados (WOLF, 1999) e consequente evolução do entendimento do processo de comunicação. No entanto, os trabalhos envolvendo opinião no esporte ainda são escassos e o incremento desta área depende não apenas de estudos analíticos que se atêm à vertente do emissor como também requerem uma visão mais ampla do processo comunicacional, já que só será possível compreender a eficácia e empatia indispensável da atividade jornalística, avaliando o alinhamento da mesma com as demandas dos receptores.

Para se ter uma ideia do pouco estudo na área opinativa, em um levantamento de 107 textos no Grupo de Pesquisa “Gêneros Jornalísticos” do Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM), publicados entre 2014 a 2017, apenas onze deles tratam do gênero opinativo. A cobertura esportiva, outro segmento abordado nesse trabalho, foi estudada em apenas cinco de 368 trabalhos pesquisados nos anais da Intercom, entre 2014 e 2017. A dissertação do mestrado “O discurso do radiojornalismo esportivo: estudo do comportamento do gênero editorial” – de Claudinei Zago, apresentado ao Programa de Pós Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo, em 2008 – é uma pesquisa que trabalha elementos semelhantes ao deste estudo, mesmo que esteja focada no viés da produção. De qualquer modo, o trabalho aborda conceitos primordiais no âmbito da codificação da mensagem opinativa esportiva no meio rádio, enfatizando atributos como a argumentação no intuito da materialização discursiva. Tais mecanismos surgem como percursos iniciais no processo de comunicação, iniciado pelo emissor, porém, sua composição segue inserida no conjunto da operação sem ser descartada, até o momento da decodificação e significação por parte do sujeito receptor, deste modo, admitindo a relevância de sua apreciação na totalidade da atividade comunicacional.

O estudo “Coerência opinativa dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha”, elaborado pelo mesmo autor desta dissertação, em 2015, na ESPM-Sul – trouxe uma perspectiva mais recente e atualizada na classificação dos gêneros e formatos do radiojornalismo, com ênfase na construção da opinião e na identificação das práticas que tornam essas mensagens coerentes e conectadas aos valores universais do fazer jornalístico, resultando em significações habilitadas a produzir a melhor inserção e assertividade de condutas no meio esportivo. Em suma, a pesquisa apontou a pluralidade de versões e ângulos explanados a uma opinião, assim como o domínio completo e diversidade do escopo informativo histórico e especializado do assunto esportivo, além da interatividade e complementação de discursos permitidos pela plataforma radiofônica, como as condições ideais para que uma opinião admita os valores jornalísticos

engajados na evolução da sociedade e inclusão baseada na preservação e relevância das demandas do grande público, conforme Vicchiatti (2005).

Mesmo que os resultados admitam valor científico, subsidiado pelos parâmetros teóricos e metodológicos mais atualizados do conhecimento jornalístico, a aplicabilidade e significação melhor inserida na proximidade com a realidade e construção do cotidiano exige uma perspectiva de estudo voltada para o polo receptor do processo comunicacional e as implicações da consequente decodificação da mensagem jornalística. Nesse sentido, uma linha de pesquisa voltada para os estudos culturais torna-se o caminho mais atual e imediato a ser percorrido, no intuito de tornar essa questão melhor assimilada na realidade comunicacional contemporânea. Além do mais, não foram encontradas outras dissertações de mestrados que realizem estudo de recepção de mensagens jornalísticas esportivas do formato comentário do gênero opinativo, o que torna cada vez mais essencial a evolução dessa questão, em um parâmetro que enriqueça a própria atividade profissional, mas, principalmente, que se perceba a contextualização e os fenômenos derivados da opinião pública especializada, considerando a relação com as identidades culturais dos receptores.

Para se chegar a alternativas cabíveis à solução do problema da pesquisa, são elencadas algumas ações necessárias. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é investigar, por meio de um estudo de recepção, como os ouvintes constroem seus posicionamentos a partir das mensagens dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha e como suas visões de mundo particulares interferem no processo. Para se concluir esta tarefa, são elaborados os seguintes objetivos específicos: enumerar e explorar os possíveis grupos de influência na recepção dos ouvintes dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha; pesquisar as representações, identidades e regulações esportivas e sociais, conforme o Circuito da Cultura; averiguar as práticas de recepção mais adotadas no radiojornalismo, seguindo os princípios da cultura digital, teorizada por Santaella (2003), em relação a suporte, circunstâncias, locais, categorias temáticas e formatos de recepção; entender, por meio de entrevistas em profundidade, os significados de recepção das mensagens de comentários aos ouvintes.

O presente trabalho justifica-se na contribuição para o debate acerca da necessidade de inclusão da análise de recepção aos processos de investigação dos produtos jornalísticos, avaliando, especialmente, a presença simbólica de representações e identidades culturais envolvidas, considerando as possibilidades de relevância desta função comunicacional para a academia, sociedade e para o próprio investigador, conforme destacado adiante.

O estado da questão, apresentado anteriormente, aponta a efetivação e discussões sobre o fazer jornalístico opinativo esportivo, considerando as atribuições essenciais da profissão, no

intuito da identificação das demandas plurais do sistema social. Técnicas de perfil e formatos de emissão no radiojornalismo esportivo, noticiabilidade e instrumentos técnicos e argumentativos atrelados a representações discursivas foram suficientemente revisados, com o discernimento de lacunas e procedimentos pendentes na formatação das mensagens. Entretanto, o estado da questão indica avaliações insuficientes no que tange ao universo em que estão inseridos os destinatários das mensagens jornalísticas, principalmente considerando a relevância de hábitos e valores culturais, no processo de comunicação, conforme a teoria dos estudos culturais, por Hall (2003). Desta forma, o entendimento da mensagem jornalística opinativa e a compreensão de seus princípios e direcionamentos, no universo esportivo, podem ser complementados com uma averiguação mais profunda das peculiaridades do ambiente de recepção e suas devidas implicações em um meio social mais amplo.

Somente com a real dimensão das mensagens na vida do receptor será possível discernir sobre a qualidade da representação jornalística, do ponto de vista da ênfase cultural na disseminação e conformidade com os valores da sociedade. Por mais que os estudos teóricos reflitam acerca das diretrizes para os discursos mais agregáveis ao cotidiano coletivo, a pesquisa de campo sobre a assimilação e o compartilhamento das mensagens, consistentes ou não, apontará as reais lacunas existentes e as necessidades de revisão de parâmetros práticos e teóricos no processo de comunicação jornalística, considerando o universo do receptor. Em uma sociedade em que a comunicação, sob distintos paradigmas, admite parcelas de participação nas reações cidadãs e na formatação das principais visões de mundo vigentes, é indispensável uma avaliação e reflexão sobre os rumos atuais a serem executados, no sentido de buscar um alinhamento cada vez mais intenso com o ideário da responsabilidade jornalística e principalmente com a concepção de um mundo harmônico e tolerante. Nessas linhas, toda a atuação da opinião pública e suas condições de produção e significação merecem total investigação sob o viés de um pensamento contemporâneo, sem descartar transformações constantes.

A investigação direcionada ao universo das audiências traz subsídios para a compreensão de fenômenos e valores culturais de uma dada sociedade, de modo que estas manifestações expressivas das ordens culturais constituídas se entrecruzam na interpretação de uma realidade simbólica, muitas vezes mitificada no âmbito da paixão futebolística. Neste sentido, esta pesquisa adota uma perspectiva cultural, na exploração do fenômeno esportivo e averiguação de comportamentos de recepção de indivíduos, a partir do processo de comunicação que compreende, de um lado, a emissão das mensagens em formas de comentários esportivos e, de outro, a formação de receptores. Para tanto, é necessário aprofundar o ambiente

de inserção dos receptores, na perspectiva de reflexão e atribuições culturais que, neste caso, permeiam a área do esporte e seus significados cotidianos.

Esse estudo aprofundará as condições de recepção no esporte, buscando examinar a reação e o comportamento dos torcedores, em especial, na assimilação do dilema entre informação e paixão. Identificar quem são os grupos de influência na recepção do público e que costumes e valores mais agregam na recepção de dados discursos pode oferecer uma maior empatia para com os veículos jornalísticos, na intencionalidade de fortalecer a proximidade e a interação com os principais agentes da comunidade esportiva, resultando em um panorama do esporte que apresente valor social, tendo em vista a pluralidade de visões de mundo que poderá ser agregada nas mensagens esportivas.

A conduta de agregar e aprimorar o compromisso jornalístico ao esporte é de ampla relevância, considerando a identidade cultural e a mediação social admitidas pelo fazer esportivo. No Brasil, o esporte surge como um elemento de total conexão com o universo cultural da população, de modo que o futebol consolidou-se no século XX, como uma das atividades de entretenimento mais assistidas e, também, praticadas amadoristicamente. Mas, mais do que isto, o envolvimento dos cidadãos com este esporte e consequentes relações de afinidade com agremiações do futebol criam um clima de extensa comoção e mobilização rotineira em torno de tudo que movimenta um evento que, em primeira instância, seria considerado apenas um jogo, com 22 atletas, uma bola e um juiz. A paixão – muitas vezes incontrolável – suscitada nas atividades futebolísticas angariou ao esporte a condição de elemento responsável por comportamentos de recepção massiva e mesmo de práticas cotidianas (sobretudo na infância, quando é costume receber uma bola como presente), ao mesmo tempo em que norteia a base de formação de hábitos da cultura brasileira e das identidades a ela associadas. Inclusive propiciando a inclusão de minorias raciais, como salienta Mário Filho (2010).

Para além das paixões clubísticas, a democratização da prática do futebol, materializada na ascensão de jogadores negros e mestiços, permitiu que esse esporte viesse a ocupar posição central na construção da identidade nacional. Na ausência de um maior envolvimento brasileiro em guerras – matéria-prima para a construção de fronteiras de identidade na formação dos estados nacionais unificados na Europa – o futebol forneceu um simulacro de conflito bélico para o qual era possível canalizar emoções e construir sentidos de pertencimento nacional (MÁRIO FILHO, 2010, p. 13).

No entanto, o estado da questão indicou a baixa produção científica no âmbito do jornalismo esportivo e menor ainda no polo da recepção. Esse fato parece ocorrer pelo suposto

preconceito no senso comum e acadêmico quanto ao segmento esportivo, como observou Coelho (2013). A origem popular do futebol, com estilos e linguagens menos elitizadas e o caráter arrojado significariam pobreza intelectual nessa categoria de abordagem, o que afastaria essas temáticas da relevância científica. Entretanto, comete-se um equívoco, pois, como relatado por Filho (2010), é notória a inclusão do esporte como fator de protagonismo na formação cultural brasileira e, diante disso, torna-se inviável compreender os fenômenos sociais sem a devida consideração e aprofundamento das significações oriundas do meio em questão.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, será necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto (COELHO, 2013, p. 9).

Na mesma linha, encontra-se a comunicação esportiva e a sua função de exercer a construção do real diante das circunstâncias e demandas da população. Estes fatores justificam a necessidade ampla de se entender os processos de produção no jornalismo esportivo, contudo, mais importante ainda, apresenta-se a compreensão da relação dos receptores com o esporte e com a própria mídia, no intuito de que aspectos da identidade cultural do país interagem diretamente neste processo e nas conseqüentes posturas e comportamentos decorrentes. Em modo prático, ingredientes subjetivos como a paixão enraizada nas relações esportivas e os próprios comportamentos de torcedores são atributos que se constituem, ao mesmo tempo, em produtos e agentes impulsores do processo de comunicação na editoria esportiva. Diante deste cenário, uma investigação envolvendo as operações de comunicação neste âmbito pode trazer muita relevância para a sociedade, pois, aprofundará hábitos e fenômenos corriqueiros que, se não são originados pelo esporte, estão ao menos, entrelaçados em alguma manifestação da expressão cultural nacional.

Considerando as contribuições e discussões em torno da formação cultural, oferecidas por este estudo, torna-se bastante propositiva a abordagem destas temáticas na academia, ambiente propício a refletir sobre os fenômenos cotidianos e suas implicações. Tendo em vista o volume quase inexistente de pesquisas de recepção acerca da comunicação esportiva, nota-se a necessidade imediata de se difundir melhor as representações culturais que o futebol incorpora, na medida em que os reflexos culturais são absolutamente transcendentais ao campo esportivo e, ao mesmo tempo, a escassez de referências científicas limita o futebol como uma

atividade esportiva. O redimensionamento e a discussão acerca das delimitações e funções do futebol, diante de uma apropriação cultural intensa, tornam-se tarefa das instituições acadêmicas, considerando a relevância das experiências cotidianas para a sociedade e seus níveis de convivência, disseminados nos processos de comunicação. Com demandados esforços científicos, é que se pode equiparar os elementos do futebol sob um apreço intelectual, à validade que este campo confere perante as identidades culturais, tornando-o, assim, dissociável ao julgamento de um esporte popular de baixo nível cultural –como ocorre em senso comum.

Para o autor deste estudo, a pesquisa é de suma importância, pois, além de acrescentar conhecimentos na carreira profissional do mesmo, oferece a oportunidade de difundir os preceitos teóricos assertivos do jornalismo no campo da emissão a uma dimensão mais completa e que estejam alinhadas com as demandas do público. O aprendizado da primeira pesquisa a respeito da coerência opinativa é ampliado e colocado em prática de acordo com o outro lado do processo, ou seja, o receptor e suas reações no dia a dia. Esse percurso dos dois pontos distintos na materialização de um processo comunicacional jornalístico traz ao investigador maior empatia com o exercício prático da profissão e proporciona uma visão humanizada e aprofundada da contribuição do jornalismo na sociedade, ampliando, assim, os recursos conceituais na atualização e evolução de seu trabalho.

A presente pesquisa consiste em um dimensionamento do processo comunicacional a partir da recepção dos ouvintes aos comentários esportivos da Rádio Gaúcha. Para tanto, é necessário um resgate da origem do processo de comunicação midiático e jornalístico, desde uma visão mais genérica até a atribuição de conceitos específicos da recepção, em um direcionamento que evoque indispensavelmente os parâmetros e visões culturais. Neste sentido, o primeiro capítulo teórico – e capítulo 2 da dissertação – busca fazer uma recuperação reflexiva sobre as principais correntes teóricas que fundamentam historicamente o campo comunicacional e, mais especialmente, o polo da recepção, correlacionando-as com o referente objeto de estudo e indicando a evolução temporal da área, na medida da superação de determinados paradigmas. São revisadas as tradições de recepção e é apresentado o referencial dos Estudos Culturais, com a indicação de possíveis mediações e valores que norteiem a recepção, mas, mais especialmente, o consumo comunicacional no âmbito esportivo.

O capítulo 3 amplia a abordagem de recepção com uma imersão no universo cultural, valendo-se da premissa fundamentada por autores do campo de que a prática de recepção só é viável se alçada a uma esfera que agregue todo o contexto em que está inserido o processo de comunicação, enfatizando a circulação de valores entre as condições de produção e as sociedades receptoras. Para isto, adota-se o diagrama do Circuito da Cultura (DU GAY et al,

1997), com a subdivisão em cinco eixos – produção, consumo, representação, identidade e regulação – que validam e conduzem as relações comunicacionais. Para tanto, a partir de diagrama próprio, o circuito da recepção esportiva, são explorados valores simbólicos do ambiente esportivo e futebolístico, conforme os conceitos de representação e identidade, e que são de validade mútua tanto para as etapas de produção e de consumo, interferindo nas etapas de codificação e decodificação da comunicação. Este capítulo é o mais extenso do trabalho, pois, além da importância indiscutível para a materialização do ato da recepção e seus desdobramentos, abrange um universo de compreensão e identificação de valores culturais bastante complexos e envolvendo distintas áreas de conhecimento, na medida em que apela para narrativas míticas e instintos arquetípos na construção de representações e de identidades.

O capítulo 4 aborda a transformação da cultura no que diz respeito diretamente aos próprios atos que consumam a recepção da mensagem, na concepção de suportes e meios transmissores, com as respectivas propensões culturais para a adaptação deste processo, refletindo sobre relações de causa e consequência. No caso mais específico, é discutido o alcance e a disseminação da Era da Cultura Digital perante as práticas de recepção do radiojornalismo.

No capítulo 5 são apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, com ênfase na abordagem dos Estudos Culturais e do aporte teórico-metodológico do Circuito da Cultura, de Du Gay et al (1997).

O capítulo 6 interpreta os resultados da pesquisa. Primeiramente, com as respostas dos questionários aplicados, em referência às rotinas e práticas de recepção no meio radiojornalístico, considerando parâmetros culturais contemporâneos e o consequente perfil do ouvinte esportivo. A segunda etapa da análise se consolida com a apreciação do circuito da cultura da recepção esportiva, conforme diagrama elaborado pelo autor deste trabalho, em que os referenciais do Circuito da Cultura, de Du Gay et al (1997), são aplicados ao processo de recepção e formação de posicionamentos acerca dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha.

O capítulo 7 registra as considerações finais do pesquisador, em que se resgata a trajetória do trabalho de campo e se reflete acerca das implicações da pesquisa no meio acadêmico.

2 DOS PARADIGMAS DA COMUNICAÇÃO À CULTURA DA RECEPÇÃO: PERCEPÇÃO DOS COMENTÁRIOS A PARTIR DOS OUVINTES

O presente trabalho apresenta uma perspectiva de intensificar o estudo das opiniões jornalísticas esportivas por vias de um processo que tange os significados dessas interações, bem como a relação desse instrumento profissional com todo o meio em que está agregado, respeitando e aprimorando o compromisso básico no fazer jornalístico. Como a pesquisa encontra-se centrada no ouvinte esportivo e em suas relações com a instituição midiática e com os consequentes reflexos e assimilações das práticas cotidianas, antes que se direcione ao processo de recepção, é fundamental que se situe o panorama na totalidade do campo estudado e nos caminhos que resultaram das circunstâncias contemporâneas responsáveis pela construção da problemática em questão. Por isso, a etapa inicial deste primeiro capítulo teórico apresenta uma breve revisão dos principais paradigmas e valores que norteiam a atividade de comunicação e, em especial, das interações e desdobramentos sistemáticos e sociais incutidos na mensagem jornalística.

2.1 Origem teórica da comunicação

A ideia de comunicação é oriunda da necessidade de interação entre os diferentes agentes sociais. Devido a isso, sua conceituação deriva-se do surgimento dos organismos humanos e da consequente demanda de interligação entre os mesmos, de modo que não apenas se completem com troca de mensagens, mas, acima de tudo, colaborem para uma convivência harmônica e de empatia em determinadas comunidades. A partir da capacidade de integração proporcionada pela comunicação, é possível imaginar a unificação e a consolidação de uma sociedade, com todos os seus reflexos, englobando fatores políticos, sociais e culturais.

Período de invenção de sistemas técnicos básicos da comunicação e do princípio do livre comércio, no século XIX, nasceram as noções fundadoras de uma visão de comunicação como fator de integração das sociedades humanas, centradas nas questões de redes físicas, e projetadas por uma ideologia do progresso. Portanto, o pensamento da sociedade como organismo (conjunto de órgãos que cumprem funções determinadas) inspira as primeiras concepções de uma ciência da comunicação (MATTELART, 2005, p. 2).

A comunicação em seu sentido literal significa a troca de mensagens entre um ou mais agentes, no entanto, o fenômeno que torna esse processo uma ciência a ser estudada, e capaz de delinear diversas outras atividades como o jornalismo, compreende-se pelos desdobramentos desta interação e pela decorrente relação com a sociedade.

Portanto, para se entender o processo comunicacional e seus percursos complexos, torna-se indispensável que não se perca a referência da naturalidade humana dos atos de interação e contato, de modo que os sentidos e instintos da espécie consistem em subsídios para um processo de comunicação mais amplo e que abranja a funcionalidade de uma sociedade civil organizada. A partir desta premissa, constroem-se as bases para o fazer comunicacional, ou seja, os gestos e instintos sensoriais humanos provindos do próprio corpo emissor.

Cada recém-nascido reconquista o mundo por meio de seus sentidos; seus choros e suas fezes, seu cheiro e suas caretas; seu sugar e seu arrotar são as primeiras estratégias de captura do mundo em seu redor. Se os vínculos comunicativos primordiais na ontogênese se podem traduzir por amor materno, não demorará muito para esta primeira tipologia de vínculos ser capturada pela habilidade do pequeno ser em alimentar com carícia e calor, com gestos de satisfação e saciedade que respondem e retribuem o primeiro ato. Os estudos da ontogênese da comunicação humana foram eclipsados pelo mesmo pensamento utilitário e racionalista que procura amputar as complexidades e não reconhece a necessidade de render tributos à multidisciplinaridade que nos instiga e alimenta a própria ciência (BAITELLO JR., 2010, p. 106/107).

Uma comunicação midiática e com maior envolvimento público na perspectiva de abrangência de agentes sociais coletivos só é viabilizada pela evolução e intensificação dos gestos humanos responsáveis pelo primeiro ato comunicacional. Os comentários esportivos da Rádio Gaúcha e suas conseqüentes relações com seus públicos de consumo são exemplos dessa interação expandida a níveis de alinhamento social. Assim, por mais espontânea que seja a origem deste processo – a comunicação e seus objetivos, ao serem observados, estão aptos a ser pensados, repensados e refletidos ao meio em que eles estão inseridos, a fim de que as conseqüências agreguem ao cotidiano dos agentes envolvidos. É o momento em que a comunicação primariamente instintiva passa a ser balizada pela cultura, de modo a intervir e vislumbrar um universo de inserção social.

Só os diferentes contextos, as razões, as causas e os fins de uma mensagem, podem estabelecer qual a melhor relação entre informação e rigor que a mensagem deve conter. Aliás, a otimização dessa relação pode ser diferente nos diferentes níveis de uma mensagem (SANTOS; CORREIA, 2004, p. 26).

A evolução histórica do indivíduo e das sociedades colaborou com as transformações de pensamentos e versões no estudo da comunicação, de modo que a composição básica dos organismos vivos é fundamental para medir sua reação neste processo, tendo em vista que apenas os contornos pessoais dos emissores são insuficientes para a concepção da atividade. Em linhas práticas, a análise das condições de produção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha realizada em outro momento – por mais que assumisse presunções sobre um público,

fazia isso sob a perspectiva de noticiabilidade do próprio emissor e das reflexões teóricas do pesquisador – é insuficiente para avaliar um processo de comunicação em sua amplitude.

A concepção do pensamento contemporâneo de comunicação foi problematizada e construída ao longo do tempo, estando sempre equiparada às transformações universais e respectivos enquadramentos na sociedade globalizada. Para melhor entender a classificação dos modelos comunicacionais disponíveis no Brasil e suas decorrentes atribuições, Venício Lima (2001) sintetiza as vertentes de discernimento do processo a partir de oito principais palavras, sempre de acordo com o contexto globalizado pelo qual a atividade se norteia, em contornos sociais e midiáticos. São estes os principais termos delineadores das correntes teóricas da comunicação: Manipulação, persuasão, função, informação, linguagem, mercadoria, cultura e diálogo. Este trabalho baseia-se metodologicamente na vertente da cultura.

Em épocas de reduzido número de informações e limitado contato com conhecimentos e diferentes culturas, a resistência ao significado da mensagem comunicativa era muito menor do que no atual universo globalizado, em que os próprios receptores possuem uma quantidade imensa de recursos capazes de diferenciá-los e proporcionar seu próprio entendimento e capacidade de questionar e refletir sobre cada objeto analisado.

Avessos ao acesso universal ao capital cultural e intelectual, indivíduos de gerações das primeiras décadas do século XX eram considerados pelos estudos da comunicação como seres iguais, não havendo diferenças entre suas reações aos fenômenos comunicacionais. O conjunto desses sujeitos resultou na denominação do termo “massa”, diretamente empregado em estudos de comunicação. O pouco conhecimento e a limitada capacidade de entendimento de problemáticas externas ao cotidiano particular caracterizam a maior exposição das massas aos efeitos da mensagem.

“A massa é constituída por um conjunto homogêneo de indivíduos que, enquanto seus membros, são essencialmente iguais, indiferenciáveis, mesmo que provenham de ambientes diferentes, heterogêneos, e de todos os grupos sociais” (WOLF, 1999, p. 24). Esta premissa foi base para a teoria hipodérmica – perspectiva adotada no campo da comunicação – alavancada no período das grandes guerras mundiais e com ênfase na propaganda de nações envolvidas nos conflitos, instituindo o termo manipulação na prática comunicacional. De acordo com a teoria, todos os seres são átomos com a mesma composição e reagem igualmente ao estímulo da mensagem, sendo totalmente persuadidos pela mesma. A noção de massa ingênua e pouco informada torna os indivíduos incapazes de não absorver o conteúdo e seu teor ou resistirem ao poder dos discursos proferidos pelas grandes empresas de comunicação.

Se as mensagens da propaganda conseguem alcançar os indivíduos que constituem a massa, a persuasão é facilmente vinculada. Isto é, se o alvo é atingido, a propaganda obtém o êxito que antecipadamente se estabeleceu (de fato, a teoria hipodérmica é também denominada bullet theory) (WOLF, 1999, p. 24).

O caráter aparentemente singular e imutável dos receptores foi o escopo principal para definição do processo, elevando o poder de influência da mídia. No entanto, a aproximação dos públicos, não apenas da imprensa como dos meios de conhecimento, tornou a visão de massa questionável, de modo que a pluralidade passava a ser um estigma na conceituação de sociedade contemporânea. A partir deste panorama, os grupos sociais nos quais cada cidadão se insere passavam a interferir nos seus valores e, com isso, moldar as características da recepção da mensagem midiática. Ao contrário da teoria hipodérmica, em que o efeito da mensagem é considerado quase como ilimitado, o ambiente da recepção passa a agir diretamente, direcionando as consequências e resultados da atividade comunicacional.

O contexto social é introduzido no modelo analítico entre os meios de comunicação e a recepção numa ótica de filtragem. O indivíduo é socialmente situado, onde os líderes e os grupos sociais exercem pressões sobre ele. Num primeiro momento o papel do líder é colocado em relevo, nas suas categorias cosmopolita e local. Nas pesquisas seguintes a relevância é posicionada sobre os grupos sociais. Os indivíduos deixam de ser percebidos como atomizados e homogeneizados (FERREIRA, 2005, p. 6).

Este paradigma trouxe um novo olhar para o estudo da comunicação e passou a embasar pesquisas que tratem as consequências da mensagem no âmbito social pela ótica da recepção, enriquecendo a contribuição dos agentes do processo. Neste sentido, o contexto amplo envolvendo o ambiente social, demográfico e político envolvendo mídia e público passava a ser considerado, de modo que os efeitos se tornavam diferenciados de acordo com o perfil de cada receptor e as comunicações se definiam a partir das experiências culturais. Esta perspectiva admitia um jornalismo que fugisse dos padrões massivos e que passasse a observar seus consumidores como seres heterogêneos e com demandas diferentes, permitindo, assim, a alavancagem da produção segmentada.

2.2 A formação da cultura da recepção

Os estudos pioneiros no campo da comunicação dão ênfase na performance do emissor e seu poderio, reduzindo os efeitos do processo ao significado emitido por esse agente, como visto anteriormente na concepção da teoria hipodérmica e da noção uniforme do conceito de sociedade de massa. Se essas correntes ainda possuíssem validação científica e social, as ideias contidas nos comentários esportivos da Rádio Gaúcha seriam dominantes, com efeitos irretocáveis, de modo que todos os ouvintes reagiriam da mesma maneira e se estabeleceria

uma visão de mundo sobre esporte totalmente homogênea e que apenas refletisse os parâmetros impostos pela mídia. Seria uma espécie de mecanização do sujeito torcedor, a respeito de seus pensamentos e atitudes. Hoje em dia, esta premissa é praticamente descartada, tanto no meio mercadológico quanto no científico, mesmo que o poder da mídia e seus limites ainda sejam objetos de discussões teóricas.

A evolução das pesquisas no campo atenta para um panorama mais plural, com mais sujeitos envolvidos, resultando em um contexto adjacente a esse processo. O cenário em que estão incutidos os agentes operacionais acaba implícito na interação, estabelecendo as diretrizes da mesma. Diversificação de sentimentos e reações humanizadas torna esse processo imprevisível, mas, ao mesmo tempo, identificado com as distinções sociais de grau e gênero comuns em um universo tão populoso e com origens tão específicas.

Para que haja comunicação, é preciso que os interlocutores tenham uma "memória" comum, participem de uma mesma cultura. Isso porque a comunicação se manifesta nos discursos e os discursos que circulam na sociedade se constituem a partir da intertextualidade (BACCEGA, 2007, p. 7).

Sob esse novo ângulo, a análise na comunicação pela perspectiva da recepção constituiu um processo mais humanizado, refletindo a legítima interação social, já que, conforme a evolução dos estudos, a simples imposição da realidade de mundo própria das grandes mídias era substituída pela troca de valores entre emissores e receptores, tendo em vista que os responsáveis pela produção do discurso haviam de considerar as demandas dos interlocutores. Assim, os comentários esportivos deveriam pautar-se por questionamentos e pela busca de solucionar inquietações dos ouvintes a respeito do universo esportivo. A análise de Farina (2015) demonstrou que esta conduta ainda não é um comportamento recorrente dos profissionais, nas etapas de materialização dos discursos, exceto em algumas ocasiões, especialmente, nas mensagens do comentarista Maurício Saraiva, mais suscetíveis à interatividade e à indagação direta do público.

Pensar a comunicação a partir da recepção permite-nos entender melhor o papel dos meios de comunicação na vida da sociedade contemporânea, como eles atuam no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades e culturas (PAULINO, 2007, p. 37).

Porém, até se chegar a esse nível de evolução discernida a respeito das práticas comunicacionais, passaram-se longos tempos, de modo que os modelos antigos ainda serviram de base científica para a compreensão cotidiana da atividade. Por isso, a necessidade de se recuperar a formulação de teorias primárias, em que o processo era norteado pelo chamado

paradigma de Laswell, com a denominação de agentes como emissor, receptor, mensagem e canal. Conforme Escosteguy e Jacks (2005), os estudos de recepção obtiveram sua maturação científica sob a batuta de quatro tradições internacionais iniciais: pesquisa dos efeitos; usos e gratificações; estudos literários; estudos culturais e análise da recepção. A seguir, são sintetizadas cada uma das correntes teóricas que propuseram a consequente ampliação do entendimento de comunicação, com a centralização científica no polo receptor.

2.3 Tradições da recepção comunicacional

As primeiras pesquisas de comunicação apontam para um olhar mais aprofundado sobre o meio midiático, conhecido como o emissor do processo, de uma forma que os efeitos desejados na reação dos públicos às mensagens dependiam apenas dos aspectos relacionados à produção. Essa forma de pensar foi sendo questionada e relativizada com o passar das décadas, no entanto, não deixava de se renovar por meio de outras correntes como a própria Escola de Frankfurt, que cunhou a denominação de indústria cultural. Originada do paradigma de Laswell, a teoria dos efeitos é assim denominada, pois a comunicação é sempre vista como uma prática a gerar efeitos sobre o receptor – alvo de influência e persuasão por parte dos emissores. O paradigma incluía a presença de emissor, canal, mensagem e receptor. Se no início, os efeitos eram, em geral, aqueles estimulados pelo meio emissor, com o passar dos anos, foram relativizando-se e admitindo desvios no percurso, até mesmo com a presença de ruídos no processo. Mesmo com as transformações em relação à perspectiva dos resultados, o enfoque desta tradição sempre se centrou nos efeitos da ação comunicacional, com o significado para o receptor mantido em segundo plano (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005).

Se esta tradição obtivesse aplicabilidade nos tempos atuais, os ouvintes dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha estariam sujeitos aos efeitos das mensagens, conforme as ideias circunscritas, no entanto, a dominação antes natural da teoria hipodérmica estaria suscetível à relativização, de modo que eventuais dificuldades técnicas do canal radiofônico, de ordem linguística ou falhas do emissor na representação do texto poderiam interferir no significado original do discurso.

As consequências da ação comunicacional são avaliadas de acordo com as ferramentas e estratégias empregadas, no caso deste trabalho, as representações discursivas produzidas pelos comentaristas da Rádio Gaúcha. Ou seja, os elementos mais importantes na construção de sentido de uma dada mensagem partem da rotina produtiva e planejada dos agentes emissores e não das condições pessoais dos receptores, de modo que os jornalistas seriam considerados os únicos responsáveis pelas práticas de codificação e decodificação de seus discursos

radiofônicos. A teoria dos efeitos só passa a ser mais fortemente superada quando surgem correntes que centram o processo por meio de outros polos, como, por exemplo, o receptor, o canal e o sistema social.

A tradição dos usos e gratificações altera o contexto da teoria dos efeitos, reconhecendo que os públicos passam a ter vontades e comportamentos próprios, que interferem na linha de recepção. Este princípio enfatiza as necessidades e motivações pessoais do receptor como atributos que protagonizam e justificam as ações comunicacionais, de modo que estes termos tornam-se eixos centrais nesta corrente de estudo. A teoria em questão reconhece o receptor das mensagens com um comportamento mais ativo, já que suas escolhas e elementos de fruição passam a nortear a relação com o meio, relativizando e direcionando totalmente a perspectiva de efeitos, retirando o poder de dominação da mídia, anteriormente avalizado.

Os meios e conteúdos são geralmente escolhidos em função de objetivos e satisfações específicos; os membros da audiência são conscientes de necessidades relacionadas aos meios de comunicação que surgem em circunstâncias sociais (compartilhadas) e pessoais (individuais) específicas, manifestando-se em termos de motivações: a utilidade pessoal é mais significativa nas escolhas da audiência do que fatores estéticos e culturais; os fatores mais relevantes na formação de audiências podem, em princípio, ser medidos ((ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 32).

Esta tradição ainda não apresenta mediações provindas do sistema social e cultural, mesmo que se aproxime do momento em que o ambiente passa a se tornar preponderante na relação comunicacional. Incorporando a lógica ao respectivo objeto de estudo, essa teoria enfatiza as necessidades e demandas dos ouvintes na audiência dos comentários, o que justificaria o direcionamento na concepção de seus valores-notícias, conforme Pena (2013), em especial, no que tange à seleção temática dos discursos, priorizando assuntos relacionados à dupla Gre-Nal, por serem os dois grandes clubes futebolísticos com maiores adeptos.

A adesão à audiência e o nível de assimilação, conforme a tradição dos usos e gratificações, estão diretamente relacionados a atributos pessoais e até instintivos dos ouvintes – aptos a suprirem suas necessidades recorrentes em relação a determinada esfera temática, no caso, o futebol. O modo pessoal como aquele assunto é tratado e refletido na vida de cada ouvinte conduz a relação com a mensagem jornalística opinativa e as devidas configurações de sentido personalizado que a mesma possa atribuir, considerando aspectos singulares do perfil humano, como sentimentos, instintos e prazeres. No entanto, as necessidades ainda não se expandem no sentido de serem retratadas como reflexos do ambiente humano e, ao contrário, mantêm-se restritas aos significados particulares dos sujeitos receptores.

Por isso, essa tradição ainda é insuficiente para se compreender a plenitude do objeto de estudo e a solução da problemática em questão, pois, mesmo que indique a caracterização das necessidades e desejos dos ouvintes no processo de recepção, ainda não abrange a justificativa originária dos comportamentos relacionados ao estereótipo de torcedores esportivos, advindos da vivência histórico-social dos mesmos.

A terceira perspectiva, a tradição dos estudos literários, ocorre de modo em que a literatura e suas crenças passam a interferir no significado da mensagem. No entanto, o foco do processo ainda não é as condições do receptor e, sim, a própria história literária. Deste modo, os aspectos intelectuais e valores derivados da literatura impregnados nos ouvintes resultariam em determinada interação com o modo de interpretação e a difusão de visões de mundo particulares ancoradas pela mensagem dos comentários. É o momento em que as capacidades de interpretações, de acordo com suas possibilidades de leitura, são agregadas ao processo comunicacional, interferindo diretamente na recepção. Na prática, esta tradição angaria espaço para a circulação de novos valores exteriores ao universo literal da mensagem produzida pelos agentes emissores.

O mundo do texto assinala a abertura do texto para o que está fora dele, para o seu outro, na medida em que o mundo do texto constitui uma "intenção absolutamente original, relativamente à estrutura interna do texto." Nesse sentido, o mundo do texto excede sua estrutura textual. Mesmo considerado à parte da leitura, o mundo do texto continua sendo uma transcendência na imanência, um excesso à espera de leitura (SEBRAMM, 2008, p. 229).

Contudo, o cotidiano de recepção e experiências sociais expandidas ainda não é refletido no processo – fato que ainda distancia essa tradição das condições de compreensão difusa na análise de recepção dos ouvintes-torcedores, com seus respectivos contornos e elementos de formação peculiares (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005).

A quarta tradição internacional, mais contemporânea nos estudos de recepção, a dos estudos culturais, possui origem multidisciplinar, influenciando vários campos. Na comunicação, esta corrente considera que as experiências pessoais e os hábitos providos do ambiente e do sistema social em que o sujeito está inserido, interferem diretamente no âmbito da recepção da mensagem comunicacional. Assim, o foco da abordagem dos estudos culturais são as experiências e os hábitos cotidianos do receptor, elementos protagonistas para que se complete a produção de significado comunicacional. Conforme Escosteguy e Jacks (2005, p. 39), “as mensagens dos meios de comunicação, por exemplo, são tomadas como discursos estruturados, os quais são relevantes para a audiência, de acordo com suas práticas sociais e culturais”.

Stuart Hall (2003) foi o principal pensador do modelo que chamou codificação/decodificação. Ele exemplificou como funcionam os atos de recepção, que ocorrem logo após a codificação da mensagem pelo emissor, considerando a imagem com que ela deve ser perpassada ao público. A decodificação pode ser considerada dominante, na qual o sentido da mensagem permanece com as ideias dominantes. É considerada oposicional, quando o receptor entende o significado, mas compreende-o conforme outras referências, estabelecendo diferente visão de mundo. Na decodificação negociada, os princípios particulares do receptor se complementam com uma lógica contraditória, provinda do emissor dominante, resultando em novos valores e nova forma de compreender a realidade.

Com a extensão do significado de cultura – de textos e representações para práticas vividas – considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos (ESCOSTEGUY, 2000, p. 143).

Traçando um paralelo com o objeto de pesquisa em consideração e as possibilidades contemporâneas de recepção no esporte, a tradição dos estudos culturais consiste não apenas na perspectiva teórica a ser seguida, mas, também, no suporte metodológico mais adequado na realização desta pesquisa. Isso justifica-se, viabilizando um discernimento sob vários ângulos a respeito das experiências cotidianas dos ouvintes e da representação na conduta de torcedores, baseando-se nas respectivas interações com os comentários. A origem dinâmica e multiespecializada do campo permite o melhor desdobramento de sentimentos como a paixão clubística, preponderante nas relações dos comentários com os públicos. Além do mais, o forte vínculo desta tradição com o conceito de cultura e suas materializações fornece subsídios necessários para se identificar a abrangência sociocultural do esporte para com os ouvintes, assim como a propensão das práticas retóricas cotidianas, além de permitir uma reflexão sobre o ambiente futebolístico e como elementos extraídos do mesmo podem servir de norteamento na concepção de visões de mundo na evolução da comunidade, entre elas, aquelas transmitidas como objeto de mediação dos comentários.

Para tanto, a tradição dos estudos culturais será melhor aprofundada e situada na sequência deste trabalho, assim como seus métodos e linhas de abordagem. De origem britânica, a tradição inspirou ramificações no mundo inteiro, como, por exemplo, a extensão sul-americana, iniciada por Jesús Martin-Barbero (2008).

2.4 Mediações sociais

No final da década de 1960, identificou-se um clima de denúncia ao comportamento passivo dos latino-americanos às mensagens comunicacionais. Esta perspectiva impulsionou estudos que interligassem o panorama cultural ao universo da recepção. As pesquisas que visualizam o processo a partir do movimento da recepção se intensificaram a partir dos anos 90. Martín-Barbero (2008) observa que os principais métodos para analisar a pesquisa latino-americana são: os estudos da vida cotidiana, os estudos sobre consumo, estética, semiótica da leitura e a história social e cultural dos gêneros. Com muitas destas correntes estando diretamente relacionadas à cultura, ainda existe uma falta de afirmação quanto ao aperfeiçoamento de todas estas vertentes no âmbito da recepção, já que muitas delas são válidas para distintas ciências sociais.

Uma das principais correntes é o uso social dos meios, pela qual Martín-Barbero (2008) remete a aplicabilidade das mediações, ou seja, interações sociais entre diferentes públicos, que resultam em atributos particulares do receptor, interagindo no processo de recepção e na compreensão do material recebido.

As mediações estruturam, organizam e reorganizam a percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente essa realidade. Por essa razão, a atenção concentra-se nos movimentos, nas dinâmicas (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 67).

Os estudos de recepção concedem à mídia o papel de mediação social a respeito dos fenômenos da realidade, conforme princípio básico da atividade jornalística, explanado por Vicchiatti (2005). No entanto, as pesquisas desta vertente rejeitam a versão que admite efeitos ilimitados para o discurso midiático, como abordava a teoria hipodérmica. O parâmetro contemporâneo da comunicação considera o ambiente em que o indivíduo se formou cidadão e os grupos com o qual interage como fundamentais para a formação de valores e de comportamentos na comunidade. O papel dos veículos de comunicação passa a ser apenas o da tradução e da reflexão destes fenômenos cotidianos, mas não mais contemplando o poder de persuasão absoluta, como se imaginava anteriormente.

É preciso entender os meios de comunicação a partir das mediações. Eles são mediadores entre nós e a realidade. Mas não só eles. Temos os grupos sociais, temos o nosso cotidiano concreto, real, vividos como outros mediadores, porque não existe só a televisão ou o jornal ou o rádio, nessa composição do que seja a realidade. Recebemos a todo momento uma série de discursos sociais, e eles estão aí se cruzando, se batendo, e é a partir deles que formamos nosso ponto de vista, que podemos ser mais ou menos críticos (PAULINO, 2007, p. 40).

Na teoria da recepção, os meios de comunicação constituem-se apenas em um dos agentes mediadores da realidade social do receptor. Outros núcleos como o ambiente em que o indivíduo nasce: família, escola, grupo de amigos, religião, trabalho e esporte influenciam na sua formação de valores e percepção crítica da sociedade. Desse modo, estes fatores passam a complementar a representação da mensagem midiática até a concepção de sentido derivado da mesma. Cada um destes grupos mencionados ajuda a conceber o universo real em sua maneira – uns mais e outros menos, de acordo com a interação do próprio sujeito – e o conjunto destas visões fornecidas dá origem à visão particular do cidadão, que é inferida ao significado da mensagem bruta, estabelecendo a formulação do resultado do processo. Segundo Santos e Nascimento (2000, p. 5) “mediações podem ser compreendidas como sendo um conjunto de fatores que estruturam, organizam e reorganizam a percepção e a apropriação da realidade social, por parte do receptor”.

Em modos práticos, pode-se afirmar que o ouvinte dos comentários esportivos tende a complementar seu entendimento de futebol visionado pelo comentário, com a base rudimentar dos grupos mais próximos do seu entorno e da sua formação cultural como ambiente de trabalho, locais que frequenta, regiões de origem, amigos e conhecidos com quem discute futebol. Todos os ensinamentos provindos destes contextos agregam repertório próprio, despertando a seletividade a ser incorporada no senso interpretativo das posições da mídia esportiva. Exemplificando melhor o papel das mediações no futebol, percebe-se que boa parte dos torcedores tende a seguir o clube que os pais admiram, estereotipando a afeição clubística como uma herança familiar. Os próprios hábitos de frequentar estádio e acompanhar os clubes em diversas situações também são rituais de convivência, seja na relação com familiares ou com amigos mais próximos. O papel da mídia esportiva complementa estas práticas, com seus mecanismos de reflexão, propagação, inserção ou questionamento destes e outros costumes na ordem vigente.

Além de contribuir para a construção social e o entendimento do significado nos processos de comunicação, o estudo da recepção permite a avaliação e o aprimoramento da atividade midiática, em especial, a jornalística, tendo em vista que os sentidos coletivos da mensagem e o índice de absorção do significado nortearão os produtores a desenvolver discursos mais enquadrados com a realidade. Assim sendo, a cultura dos receptores torna-se ingrediente básico nas mensagens e é incorporada pelos emissores, facilitando a interação e o entendimento das duas partes. Por isso, pode-se concluir que a capacitação e o desempenho ideal do compromisso jornalístico têm relação direta com a forma com que o emissor assimila os parâmetros do receptor e os inclui no processo. Nestas condições, cabe aos comentaristas

discernirem sobre os hábitos culturais do meio esportivo e acerca da respectiva linha de engajamento no que tange a paixão clubística, a fim de que consigam ingressar com mais assertividade na realidade dos torcedores, por meio de mensagens opinativas propositivas e entrelaçadas com as demandas da realidade popular.

Os receptores tornam-se co-produtores do produto cultural. São eles que o (re)vestem de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos pré-estabelecidos de significados, a abertura de trilhas que poderão desaguar em reformulações culturais (BACCEGA, 2007, p. 10).

As mediações podem se concretizar de várias maneiras, considerando a natureza das relações. As mediações psicológicas são determinadas por elementos socioculturais, as cognitivas incluem os elementos participes na obtenção de conhecimento, as estruturais são balizadas por sexo, idade, religião e escolaridade, as situacionais abrangem o momento e a circunstância em que ocorre o ato. Mais uma vez, retomando o ambiente esportivo e seus desdobramentos, percebe-se uma presença muito mais massiva de ouvintes da programação esportiva radiofônica e também de torcedores nos estádios, pertencentes ao gênero masculino. Isso comprova a abrangência na sociedade da mediação estrutural por sexo, justificando a presença dominante de homens no meio, fruto das relações histórico-cultural com a prática da atividade futebolística e a respectiva inserção à comunidade esportiva. No entanto, o significado desta mediação de comportamento histórico e estereotipado na sociedade, até mesmo como convenção estrutural, vem sendo gradualmente alterado, com a impulsão de movimentos feministas e conseqüente presença mais ativa das mulheres no campo esportivo, nos últimos anos.

O enfoque nas mediações proposto por Martín-Barbero (2008) consolidou a posição dos públicos como ponto central na pesquisa de recepção, seja por suas interações responsáveis pelas referências e elucidação das visões de mundo, ou mesmo, na produção do sentido que esse contexto interacional provoca no discurso do emissor. O estudo das mediações segue sendo uma das tendências mais aderidas na pesquisa latino-americana.

Paulino (2007) e Baccega (2007) classificam a escola como um dos principais mediadores da recepção. Segundo os mesmos, a cultura e o conhecimento podem resultar no pensamento crítico referente aos meios de comunicação e, com estes valores explícitos, acabam por proporcionar aos veículos fundamento para aderir a princípios sociais exigidos pelos receptores, comprometidos com a ética e o bem público. Dessa maneira, com um pensamento crítico estabelecido na sociedade, faz-se o caminho contrário da teoria hipodérmica, com os

próprios receptores protagonizando o processo, impondo suas circunstâncias e suas demandas peculiares e, ainda com isso, admitindo a possibilidade de alinhar o jornalismo contemporâneo com os anseios populares. Mesmo que o esporte detenha origem periférica e transite por todas as classes sociais, a mediação da escola não deixa de admitir seu valor generalizado, tendo em vista que os conhecimentos adquiridos do processo educacional são, de alguma maneira, interligados ao modo mais incluso com que a atividade deve ser interpretada, gerando subsídios para a compreensão e ao direcionamento organizado e concreto das ideias dos comentários.

Considerando a margem introdutória ao processo de recepção, este trabalho dedica-se, na sequência, à origem teórica e aportes metodológicos da tradição dos estudos culturais e suas atualizações engajadas em processos mais amplos de comunicação, como o circuito da cultura.

2.5 Estudos Culturais

Muito mais do que uma tradição voltada exclusivamente a enxergar e interferir na evolução do campo da comunicação, os estudos culturais se consolidam no final da década de 1950 como uma corrente de pensamento destinada a compreender a sociedade, com suas mutações e desdobramentos cada vez mais abstratos e complexos (JOHNSON, 2000).

Por isso, conforme Hall (2003), se implantou a caracterização de uma tradição multidisciplinar e com limites não tão bem delineados, assim como uma materialidade concreta ausente no ponto impulsor desse método científico de se propagar o conhecimento. É importante ressaltar que o surgimento dos estudos culturais não está necessariamente vinculado com a perspectiva do alongamento do processo de comunicação até o polo de recepção e seus respectivos ângulos particulares, abordados no capítulo anterior. Essa tradição admite uma essência, do ponto de vista sociocultural, muito mais profunda.

Os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de informações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado. Gostaria de insistir na variedade de trabalhos inerentes aos estudos culturais (HALL, 2003, p. 200 / 201).

Transformações da ordem sócio histórica, atreladas não somente aos fenômenos emergentes, mas, também, aos modos de interpretar e absorver os efeitos dos mesmos, perante uma realidade em construção, são alguns dos subsídios para a idealização dos estudos culturais. Outro importante pesquisador do campo, Raymond Williams (2016), define as reações do ambiente, com suas devidas ocorrências corriqueiras, como consequências da ruptura de paradigmas sociais – estando estes entrelaçados ao modo universal, não apenas de conduzir a

vida cotidiana, mas no ato de construir um pensamento intelectual e norteador dos comportamentos adjacentes.

A partir desta premissa, é passível de se compreender a transformação na ordem social como resultado de deslocamento na significação de elementos de influência na sociedade como política, grupos de poder, economia, classe social. No entanto, Hall (2003) correlaciona e provoca a interação dos efeitos de todos esses fatores sob uma perspectiva intelectual subjetiva, em torno do conceito de “cultura” – estabelecido como parâmetro para conduzir a fenomenologia interpretativa das diretrizes sociais.

Concentradas na palavra `cultura`, existem questões diretamente propostas pelas grandes mudanças históricas que as modificações na indústria, na democracia e nas classes sociais representam de maneira própria e às quais a arte responde também, de forma semelhante (HALL, 2003, p. 135).

O discernimento alcançado a respeito do amadurecimento e da evolução da sociedade global centraliza a tradição em torno da cultura e de suas derivações. Porém, em um universo tão amplo e, ao mesmo tempo, tão fragmentado, uma definição consciente e objetiva para a delimitação da centralidade cultural encontra obstáculos na abstração e complexidade prática em que o conceito tende a esbarrar. Isso justifica a necessidade de que o campo dos estudos culturais esteja suscetível a constante evolução e que agregue uma gama diversificada de vertentes em sua matriz de aplicação – como, por exemplo, aglomerando aspectos de distintas áreas como sociologia, antropologia, psicanálise, política, economia, geografia – e estando sempre aberto para a exploração de novos escopos científicos (HALL, 2003).

A partir daí, emerge o pensamento de que os limites dessas áreas e suas interações compreendidas e subjetivadas no abstrato conceito de cultura determinam o norteamento das diretrizes com que são conduzidos, refletidos e significados os fenômenos universais em amplas instâncias. A ferramenta da interpretação e seus valores atribuídos estão diretamente incluídos na perspectiva de delineamento da cultura, pois a relatividade das abstrações contribui amplamente para a abrangência de uma sociedade agregada e plural, com o estabelecimento de seus rumos. Por isso, é notória a complexidade para se entender a heterogeneidade de vivências e comportamentos, assim como a dificuldade para a compreensão objetiva e concreta da noção de cultura. Hall (1997) busca definir a ideia de cultura como um agente de balizamento de todas as ordens sociais sobrepostas, ainda que não haja uma delimitação objetiva consistente, na medida em que este elemento configura e desconecta sujeitos individuais ao meio, sem descartar a cognitividade e a profundidade singular do comportamento humano.

Não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária e dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior (HALL, 1997, p. 23).

A amplitude da ideia central dos estudos culturais, amparados pelo conceito abstrato de cultura, consiste em estabelecer um paralelo entre a organização social vigente e os aspectos interiorizados no indivíduo, com suas significações embasadas nas interpretações subjetivas singulares. Mesmo assim, tanto o ambiente externo quanto o interno são contextualizados e considerados mutuamente complementares, admitindo relações de causas e efeitos na concepção da vivência humana e de seus princípios reguladores. A aplicabilidade do conceito de cultura e a respectiva origem de uma corrente multidisciplinar entendedora de suas formalizações buscam sincronizar e circunstanciar esses percursos na sociedade, por meio da simbolização das relações.

Se, por um lado, essa ideia refere-se a um âmbito macro de funcionamento da sociedade, também, pode-se observar sua repercussão, importância e caráter formativo na “vida interior”, isto é, seu papel constitutivo na configuração de identidades e da própria subjetividade (ESCOSTEGUY, 2009, p. 8).

Como já referenciado anteriormente, os estudos culturais empregam um leque numeroso de vertentes e disciplinas mutuamente complementares, na ambição de problematizar as nuances culturais da sociedade. Mesmo que todos esses fatores atuem em conjunto, é indispensável destacar a posição das classes sociais e do viés político como componentes pioneiros de distribuição de valores e crenças adotadas na humanidade, interferindo diretamente na engrenagem dos outros aspectos agregadores da cultura, como derivados de ordens históricas, antropológicas, sociológicas e econômicas. Isso porque a propagação do poder incide arbitrariamente ou não nas relações sociais e em consequentes apropriações simbólicas estabelecidas em qualquer contexto cultural. Nessas condições, as noções de segregação política foram umas das primeiras facetas a serem adotadas pelos estudos culturais na ambição de reflexão e maturação das conjunturas sistêmicas expandidas.

Tem como referência, em particular, o esforço para retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação que, plantadas no terreno da `alta` cultura, lançam um olhar de condescendência para a cultura das massas. Há por detrás dessa redefinição intelectual um padrão político (JOHNSON, 2000, p. 20).

Dessa maneira, mesmo com a abrangência analítica irrestrita a movimentos culturais de ordem ou origem específica, a tradição dos estudos culturais direcionou como um de seus parâmetros primordiais, a reflexão das condições de poder da época de seu surgimento, dimensionadas como causas de outras transformações, de modo que a teorização e a readequação intelectual recaíam em primeira instância no viés político adotado na Europa. Obviamente que as inovações da lógica de produção capitalista, assim como a elucidação e posterior ruptura de correntes do âmbito, como o marxismo, não deixaram de servir de subsídio impulsor para o fomento dessa formalização epistemológica. Emergia-se a necessidade de se adquirir novos rumos e ferramentas competentes na capacitação de se interpretar as proezas e limitações do sistema político, na ambição de que se angariassem e percorressem novos caminhos, não tão pragmáticos e reducionistas como o marxismo, mas que identificassem a sociedade e suas demandas em suas facetas plurais e personalizadas sob diversos motes sensoriais e expressivos, criando laços com a realidade construída pelas experiências universais humanas.

Os Estudos Culturais devem ser vistos tanto sob ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob o ponto de vista político, os Estudos Culturais, podem ser vistos como sinônimo de `correção política`, podendo ser identificados com a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites disciplinares, propondo, então, a interdisciplinaridade (ESCOSTEGUY, 2000, p. 137).

A abordagem a respeito das relações de poder enriquecia o entendimento contínuo da necessidade de reflexão sobre as estruturas sociais, porém, já adotava uma perspectiva que não obstruía relações com outras disciplinas sociais, concebendo o princípio básico de que a cultura e o conhecimento – extraídos de distintas modalidades disciplinares ou dimensões humanísticas – eram patrimônios a serem distribuídos democrática e universalmente, resultando na constituição de uma natureza igualitária entre os agentes sociais. Assim, a pesquisadora Norma Schulman (2000, p. 175) atribui aos estudos culturais, determinada “insistência em que todos os homens têm igual direito a serem seriamente considerados como consumidores de cultura”.

Na análise das classes sociais, motivada pelos reflexos das condições de poder, a tradição concentrava seu ideário nas condições de vida resultantes do nível de acesso à educação, valendo-se deste atributo como fator estereotipado de determinado estamento social. A segregação entre instituições de ensino públicas e privadas é um dos condicionamentos a ser alvo de reflexão e de inerente responsabilidade pelas condições de desigualdade e insuficiente

inclusão populacional no sistema universal. Isso porque a conexão singular ou comunitária com as diretrizes da cultura, com sua complexidade e ao mesmo tempo simultaneidade de valores agregados, é referida no campo como elemento de inserção e assimilação das vivências simbólicas em distintos ambientes. Desse modo, os estudos culturais abordavam inicialmente a estrutura de poder, justificando-as e centralizando suas implicações no balizamento contextual na engrenagem do acesso e de aparelhamento do capital intelectual (SCHULMAN, 2000).

Em um período subsequente, por volta da década de 1970, os estudos culturais já incluíam na sua abordagem reflexiva dos grupos de poder a perspectiva da comunicação e suas atuações, de modo que a mídia era vista como um componente imerso e retransmissor da ordem cultural dominante, fato que posicionava as classes populares de forma mais distante dos fenômenos e pensamentos vigentes no ambiente político-social, tendo em vista que o conhecimento é tido como a base sólida para o dimensionamento das vivências e dos contextos adjacentes. Conforme Schulman (2000, p. 178), “os textos da mídia eram vistos como exemplos de como a ideologia continha as ideias dos grupos dominantes da sociedade”. No entanto, é importante não confundir esta perspectiva de dominação com os paradigmas advindos das teorias dos efeitos, pois, ao contrário das correntes anteriores, o que se percebia era a exclusão de indivíduos no processo de integração e participação de um mecanismo social, devido ao limitado acesso a elementos culturais fundamentais na compreensão coerente das ideias das mensagens no processo de recepção. Enquanto isso, apenas para relembrar, nas concepções do paradigma de Laswell, a mensagem podia ser bem assimilada e interpretada pelo receptor, mas de acordo com os interesses exclusivos e reações projetadas e desejadas pelo próprio emissor.

Aplicando as condições majoritariamente políticas deste estágio dos estudos culturais ao objeto de pesquisa em questão, estariam excluídos do discernimento relacionado aos fenômenos cotidianos e do enriquecimento de suas visões de mundo a partir dos comentários esportivos, aqueles ouvintes com menor nível de intelectualidade e conseqüente baixo domínio de atributos linguísticos e culturais que lhes possibilitariam a interação adequada na atividade comunicativa e, também, o auxílio na construção da realidade, com seus comportamentos direcionados aos papéis de torcedores futebolísticos.

A riqueza de vertentes e ausência de limites disciplinares tão rigorosos permitiu que o caráter do campo permanesse aberto à incorporação de novas ideias, aptas a amadurecer as linhas de interpretação da sociedade disponíveis. Diante disso, tornaram-se naturais transformações em níveis procedimentais, mas, especialmente, em teorias de abordagens e análises das circunstâncias dimensionadas como objetos de pesquisa, na medida em que aspectos da vida particular cotidiana passaram a ser observados como estudo científico. Uma

das modificações mais contundentes foi a relativização da aplicabilidade teórica centralizada no teor político dos fenômenos. A interferência das classes sociais no processo analítico metodológico passou a admitir menor grau de significação para a amplitude dos mecanismos cotidianos. Em contrapartida, eleva-se o potencial de relevância e simbolização das experiências de vida diversificadas, assim como o dos valores impregnados nos territórios frequentados e transmitidos pelos grupos de interação, enfatizando os estímulos sensoriais propulsores na afirmação do nível de seletividade particular a determinados fenômenos culturais.

Já na década de 90, há um relaxamento na vinculação política. O sentido de que se está analisando algo `novo` também não existe mais. Mas, ao contrário do que se possa pensar, existe, sim, uma continuidade, mesmo que fragmentada, nos Estudos Culturais (ESCOSTEGUY, 2000, p. 150).

A partir do momento em que o jogo de poder deixa de ser o enfoque central do campo de pesquisa, novas categorias de estratificação contemporâneas são incorporadas ao escopo de estudo, a fim de que se mantenha a atualização do pensamento habilitado em compreender a realidade, configurando seus prognósticos e correções a serem efetivadas, de acordo com ideais coletivos e de humanização harmônica das relações. Conforme Escosteguy (2000), as identidades culturais passam a ser parametrizadas por ideários de raça, gênero, globalização, migrações e cultura nacional. Por volta da década de 1990, percebe-se uma maior integração dos meios de comunicação e consumo com estes elementos de teor demográfico e cultural mencionados acima, na perspectiva de que se problematize com mais profundidade as condições de vida contemporâneas e suas bases sólidas intelectuais.

Nesse momento, a pesquisa de recepção consolida-se como um dos focos dos estudos culturais, na medida em que cresce a preocupação com os meios de comunicação e seu papel de mediação simbólica frente à sociedade, interagindo com a formalização dos fenômenos culturais imersos na contemporaneidade. O teor mais expandido da engrenagem comunicacional, na composição teórica e prática dos estudos culturais, condiz com o movimento de maior valorização das experiências cotidianas irrestritas, tendo em vista que a interpretação midiática passa a conectar-se com a aptidão das práticas cidadãs, relativizando a ideia anterior de que a imprensa seria uma ferramenta propulsora exclusivamente dos princípios elitistas, de modo que o conjunto de vivências agregadas torna-se fator primordial na relação com os meios, contracenando com a hegemonia prévia do conhecimento intelectual. Este

contexto é apropriado para o debate relativo às relações de causa e efeito entre produção midiática e experiências vivenciadas.

Os pesquisadores e os analistas têm ajustado seus métodos àquelas características da cultura que parecem ser as mais evidentes neste momento. Eles têm procurado reunir os momentos subjetivos e os mais objetivos, frequentemente não os distinguindo teoricamente – recusando completamente, na prática, a distinção. É essa ênfase na `experiência` (o termo que apreende, perfeitamente, essa falta de distinção ou essa identidade) que tem unido os procedimentos práticos dos historiadores sociais, dos etnográficos e daquelas pessoas interessadas (JOHNSON, 2000, p. 45).

Os movimentos mais recentes dos estudos culturais, com a propensão aprofundada da amplitude – em termos da equiparação dos limites entre formações culturais ambientais e individuais, experiências e vivências, além do organismo sensorial individual – com que são anguladas as relações sociais, resulta na extrapolação dessas subjetivações ao processo de recepção. A natureza cultural torna-se tão profunda, circulando e (re) significando em todos os polos da operação comunicativa, inclusive, nos meios de produção. Essa perspectiva da centralização na unificação dos agentes e consequente mútua complementação ambiental, provindas do deslocamento simbólico das vivências e visões culturais entre produtor e receptor, resulta, na vertente denominada por Du Gay et al (1997), como circuito da cultura.

O panorama central induz que a cultura também é determinante nas condições de produção e a análise conjunta das significações nos dois polos antagônicos é indispensável no intuito de se almejar a profunda e contributiva subjeção do processo. Esse paradigma, derivado dos estudos culturais e que é mais detalhadamente discutido na sequência do trabalho, justifica a necessidade da exploração das rotinas de produção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha – pesquisa essa já realizada em 2015 e que apontou detalhamentos da posição editorial do veículo e seus valores notícias, assim como as peculiaridades da cultura radiojornalística e do segmento especializado em esporte – como pré-requisito básico no sentido de compreender a inserção e conduta dos ouvintes no processo. A seguir, o circuito da cultura será melhor exemplificado, a partir de sua concepção teórica até a aplicabilidade na etapa de análise dessa pesquisa, resultando no diagrama próprio deste trabalho, circuito da cultura da recepção esportiva.

3 CIRCUITO DA CULTURA: OS CINCO EIXOS E A CONCRETIZAÇÃO DA RECEPÇÃO

Com a expansão e alcance momentâneo de resultados, mesmo que sempre em vias de atualizações, por parte da tradição dos estudos culturais, em um dimensionamento mais amplificado do processo de comunicação, especialmente se comparado com o reducionismo das teorias dos efeitos concentradas exclusivamente no polo emissor, admite-se a possibilidade e eficácia agregada de uma unificação expandida da atividade, em uma análise conjunta das atribuições nos exercícios de produção e recepção, com suas respectivas significações enriquecidas. Essa viabilidade tem como origem primária as subjetividades culturais e experienciais observadas pelos estudos culturais, de modo que esses elementos de compreensão do meio admitem o deslocamento para o eixo de produção e, com isso, não apenas intensificam a relação entre os diferentes agentes do processo comunicacional, como tensionam e complexibilizam os caminhos naturais, em uma espécie de assimilação e complementaridade mútua entre os distintos padrões culturais que emergem sobre a produção de sentido.

Embora essa abordagem possa não ser exclusiva dos estudos culturais, os esforços nesse sentido se acentuaram em decorrência do debate gerado por essa tradição, em especial após o desenvolvimento de uma vertente mais contextualista dos estudos de recepção e sua posterior revisão. Na proposta apresentada reside uma tentativa de produzir novas formas de conhecimento que está desvinculado dos limites de áreas especializadas e dominantes no campo da comunicação (ESCOSTEGUY, 2007, p. 1).

A consolidação da cultura como elementos de compreensão e inserção da realidade permite a atualização de correntes detentoras deste princípio, com a admissão de uma aplicabilidade irrestrita e ilimitada ao ambiente de recepção, pois esse não é um polo central e singular no processo de comunicação. A premissa referida é, ao mesmo tempo, uma crítica e uma modernização no âmbito das pesquisas de recepção. O sucesso e a pluralidade das práticas de vivência no meio social são enxergados como aportes metodológicos para a imersão exploratória em qualquer contexto situacional que interaja com as ordens relacionais humanas. Assim, podem ser reproduzidos em ambientes privados ou, também, públicos, entre eles, os meios de comunicação que amparam as dinâmicas de emissão (HALL, 2003).

Dessa forma, ocorre uma correção nas pesquisas de recepção, pois, muitas delas, consideravam em primeiro plano, as condições do receptor como responsáveis majoritariamente no teor de significação do discurso. No entanto, o circuito da cultura acrescenta as condições de produção como essenciais para a representação da mensagem, estando estas em constante conexão com as experiências pessoais, receptivas, por meio de um

ciclo simbólico que permeia as fases de codificação e decodificação, incluindo todos os enlaces ambientais agregados dentro da formalização do real.

Destaca-se, na sua concepção a articulação entre as mensagens, o lugar onde estas têm origem, com suas respectivas rotinas de produção, e o trabalho interpretativo da parte dos receptores, embora cada uma dessas práticas conserve “sua distinção e [...] modalidade específica, suas próprias formas e condições de existência”. Reside aí um *insight* produtivo para as pesquisas empíricas na medida em que essa premissa indica a existência de circunstâncias particulares para emergência de uma dada situação e é nesse espaço que sua descrição adquire relevância. No entanto, esse duplo aspecto de *conexão e autonomia relativa* foi descuidado pelos estudos brasileiros de recepção (ESCOSTEGUY, 2009, p. 5).

Se, por um lado, a preocupação em vincular a decodificação sensorial e balizadora de significados com os paradigmas adotados na produção emissiva é comum nas tradições de recepção, para teóricos da atividade profissional jornalística, como Marques de Melo (2003) e Beltrão (1980), a avaliação dos valores institucionais, sociais e da concepção universal do exercício jornalístico, agregados à relação ilimitada com o público, sempre foram atributos norteadores da elucidação de qualquer discurso. É a observação aglutinada desses parâmetros que garante a formalização de uma cultura organizacional e jornalística, de modo que essa esteja sempre indissociável com os fenômenos e demandas provindas do público, ou seja, com o ambiente receptor. Esse é o panorama básico empregado em uma análise das condições de produção.

Constitui um ponto de partida seguro para descrever as peculiaridades da mensagem (forma/conteúdo/temática) e permitir avanços na análise das relações socioculturais (emissor/receptor) e político-econômicas (instituições jornalísticas/Estado/corporações mercantis/movimentos sociais) que permeiam a totalidade do jornalismo (MARQUES DE MELO, 2003, p. 41).

Considerando tal padrão de mapeamento das rotinas de produção circunstanciadas ao meio global como ponto de partida do processo de comunicação, o trabalho de Farina (2015) apontou aspectos como as etapas adotadas na construção de opinião nos comentários da Rádio Gaúcha, seleção temática de acordo com critérios de noticiabilidade, política editorial, formatos do radiojornalismo – sempre relacionando e justificando cada um desses atributos com aspectos globais do público, amparando-se em averiguação teórica e no depoimento dos quatro comentaristas em entrevistas em profundidade. Os resultados dão amparo a uma cultura de produção, com seus significados indispensáveis para que se alce o enlace entre meios e indivíduos a uma perspectiva mais abrangente e contributiva, nas diretrizes do circuito de cultura, após a necessária exploração do espaço da recepção, protagonizada no presente estudo.

Para que o subsídio teórico conceitual de abordagens aplicadas nesta pesquisa torne-se completo, de modo que já foram problematizados os estudos de recepção vigentes, é importante recuperar alguns significados teóricos, dimensionando desde as condições de produção dos comentários esportivos diários da Rádio Gaúcha até os outros momentos do circuito da cultura – representações, identidades e regulações – com suas indispensáveis interações e produções de sentido sobre a sociedade. A partir desta perspectiva, são atualizadas as condições de produção jornalística relevantes para a referente pesquisa de recepção, enfatizando, neste caso, a atuação dos jornalistas opinativos e esportivos no rádio, para que posteriormente se explore os outros significados culturais do campo temático esportivo simbólico, a partir dos eixos de representação e identidade.

3.1 Produção jornalística: comentários esportivos

A produção jornalística recebe diferentes faces dentro de sua concepção como profissão voltada à representação da realidade e defesa do bem público. Envoltos a esses princípios que identificam o teor jornalístico, a mensagem pode despende-se com diversas intencionalidades. As principais atribuições jornalísticas na construção de valores coletivos são: informar, opinar, refletir, divertir e prestar serviços. Considerando esses afazeres, Marques de Melo (2010), classifica os produtos jornalísticos em cinco diferentes gêneros. São eles: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Seguindo os princípios éticos e morais do jornalismo, voltados à defesa do bem comum, a divisão em gêneros fundamenta parâmetros pelos quais o discurso é reconhecido, facilitando o direcionamento da mensagem, com possibilidade de absorção dos significados mais assertiva pelos receptores. Estilo, linguagem, modo de emissão e composição do produto são moldados de acordo com a natureza de gênero, adaptando-se à intencionalidade da mensagem. Conforme Costa (2010, p. 43), “A expressão se justifica por indicar um texto cujo propósito comunicativo de maior peso seja o que o identifique, embora os outros possam aparecer de forma secundária”.

Para tanto, a definição do formato final pelo qual o produto jornalístico vai ser reconhecido pelo público não é a única razão que justifica essa divisão. Mais do que uma concepção de intencionalidade do discurso, os gêneros norteiam todo o processo que envolve o trabalho jornalístico, estabelecendo determinadas rotinas de produção distintas, diferenciando, por exemplo, a atividade de reportagem do fazer opinativo e do jornalismo de entretenimento.

Esses gêneros não são tipos de textos que se determinam apenas pela estrutura composicional das palavras ou pelos traços de estilo; eles são, acima de tudo, reflexos

e resultados de uma atividade profissional, que atende a demandas específicas e que se articula conforme as exigências do espaço em que se situa (ASSIS, 2012, p. 84).

Considerando essas diretrizes, as mensagens, agregadas às condições de trabalho dos profissionais da Rádio Gaúcha referidos como objeto de recepção neste trabalho, são classificadas no formato comentário, do gênero opinativo, conforme estudos de Lucht (2009).

3.1.1 A opinião como prática jornalística

No caso específico da opinião, a rotina de produção começa pela atualização diária sistemática dos agentes emissores, amplificando visões sobre o tema, até adquirirem o domínio completo do assunto e admitirem a capacidade de se posicionarem e informarem a sociedade, dando-lhe subsídios no sentido de refletir e discernir sobre determinados fenômenos de relevância social. A descrição e assimilação precisa dos fatos tornam-se pré-requisitos para a formulação de argumentos racionais e, com isso, capazes de sanar as demandas da sociedade, dado o caráter verossímil do significado comunicativo com a realidade. Mais do que a atualização constante, o profissional de opinião deve possuir repertório suficiente para interpretar e analisar a informação, de modo a apresentar um julgamento de valor explícito, que esteja apto a produzir novas visões de mundo conectadas com as demandas populares. Nesse sentido, Beltrão (1980) entende que uma ampla trajetória jornalística e a experiência prévia no tema de atuação são atributos fundamentais na formulação de opinião, tendo em vista que a memória e o conhecimento amplo como repórter facilitam o domínio e o dimensionamento da origem e das consequências da informação. O pesquisador sintetiza e ordena as práticas a serem desenvolvidas pelo profissional de opinião.

1) Dominar a informação, ou seja, calcular toda sua extensão e alcance, a força daquilo que chegou ao seu conhecimento, inteirando-se amplamente de suas causas, seus aspectos significativos e sua sequência lógica. *2) Reger a informação*, isto é, levá-la ao conhecimento público quando conveniente e oportuno, observando as normas práticas e éticas da divulgação ou da supressão da matéria. *3) Assistir à informação*, mediante o consciencioso acompanhamento dos efeitos imediatos e mediatos. A notícia não deve ser abandonada à sua sorte, cabendo ao jornalista procurar extrair dela para oferecer ao público todo o sumo, com vistas sempre ao bem-estar e maior proveito da comunidade (BELTRÃO, 1980, p. 44).

Após o discernimento contextual que engloba os fatos a serem abordados em um discurso opinativo, chega o momento do encadeamento das informações e do embasamento dos argumentos que darão suporte a determinado posicionamento. A organização das informações, aliadas a uma trajetória cultural vasta, facilita a interpretação e o conseqüente surgimento de

uma tese mais rica em consistência e visão, conectada com o universo dos receptores e, assim, contributiva para o meio.

Para que esse discurso produza sentido e garanta a credibilidade dos jornalistas perante os consumidores de conteúdo, é indispensável que a mensagem esteja apoiada em argumentos justificáveis e condizentes com o posicionamento histórico adotado pelo mesmo profissional. Eventuais contradições e mudanças de posturas em determinados julgamentos desqualificam a emissão opinativa, tornando-a passível de questionamentos e deflagrando a inconsistência do raciocínio adotado (FARINA, 2015, p. 31).

Estudo de Farina (2015), que analisou a construção opinativa dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, comprovou a necessidade de domínio contextual de todas as delimitações do tema abordado a fim de que a consistência e o embasamento social dos discursos se estabeleçam. Deste modo, mensagens em que os emissores apresentam uma gama maior de informações e conhecimentos específicos do campo apresentaram maior tendência a cumprirem o papel de contribuição pública com teses validadas na perspectiva lógica de agregar valor aos cotidianos envolvidos. Comentários produzidos por mais de um emissor também foram mais completos e encadeados no âmbito do compromisso coletivo, tendo em vista que um número maior de profissionais envolvidos na emissão qualificou a pluralidade de visões – princípio básico do exercício jornalístico – e a quantidade de informações que acrescentem elementos aos argumentos que sustentam a opinião.

A pluralidade de interlocutores enriqueceu o volume informativo e, com isso, criou mais subsídios para a interpretação analítica e conseqüente expressão de um raciocínio bem argumentado. Por isso, o enlace do comentário com os discursos de outros núcleos e gêneros jornalísticos resulta no formato mais propício não apenas em permitir o imediatismo e a proximidade do rádio com o receptor, como especialmente, a almejar um juízo de valor bem estruturado e coerente, dentro de uma lógica de pensamento e encadeamento das ideias (FARINA, 2015, p. 172).

Além do comentário, categoria de emissão estudada pelo presente pesquisador, a produção opinativa pode admitir outros formatos, considerando a natureza do núcleo emissor e da plataforma de veiculação. Segundo Marques de Melo (2010), os principais agentes emissores são: empresa, jornalista, colaboradores e público em geral. O teor e o estilo da mensagem de cada formato variam de acordo com as circunstâncias, peculiaridades editoriais e, especialmente, meio emissor. Os formatos do gênero opinativo adaptados ao radiojornalismo, conforme Lucht (2009), são: editorial, comentário, resenha, crônica, testemunhal, debate, painel, charge eletrônica, participação do ouvinte e rádio-conselho. A seguir, é apresentada a

essência produtiva do rádio e suas técnicas, a fim de que se compreenda melhor a rotina de emissão dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha.

3.1.2 O radiojornalismo: a dinâmica móvel de comunicação

A comunicação entre veículos midiáticos e públicos de audiência pode se dar em distintos meios, de modo que cada plataforma altere não apenas os procedimentos produtivos, mas, conseqüentemente, os modos e experiências culturais pelas quais os receptores acessam as mensagens. O processo obedece a um conjunto de técnicas que são moldadas de acordo com os recursos humanos que consomem a recepção – como leitura, audição e visualização de imagens – e consolidação de perfis de comunicação derivados destas possibilidades de emissão. Na espreita de uma ordem cultural e tecnológica que viabiliza a democratização da comunicação por vias sonoras – dispensando a necessidade da alfabetização, como ocorria anteriormente com a imprensa escrita – é que se notabiliza o rádio como plataforma de acesso aos públicos.

O rádio instaurou-se no Brasil na década de 1920, com o amparo da descoberta da radiodifusão pelo padre Landell de Moura. A tecnologia permitiu a criação de um ambiente de comunicação sonora propiciado pela propagação de ondas de radiofrequência, caracterizando o processo estabelecido nos transmissores de som por meio de aparatos específicos. Este avanço possibilitou a disseminação da comunicação, sendo reproduzida a grandes quantidades massivas e em caráter instantâneo, atendendo às demandas de uma sociedade urbana e que já incorporava um perfil globalizado.

O mérito de Landell de Moura, reconhecido apenas após a morte, em 1928, é evidente quando se pesquisa a história do surgimento do rádio. Do telégrafo, termo que surgiu no fim do século XVIII à telefonia, já no século XIX, muitos avanços levaram à radiodifusão. Estudos sobre a eletricidade e suas características se somaram até chegar ao aparelho que, atualmente, existe na casa da maioria dos brasileiros e nos carros, também (JUNG, 2011, p. 23).

É importante constatar que o rádio incorporou diversos perfis até chegar ao modelo digital contemporâneo, em que sua transmissão é ainda mais facilitada com a imersão à internet. Primeiramente, surgiu como um veículo próprio das elites intelectuais e culturais, devido ao alto custo de transmissões e dos aparelhos receptores, além de ser um instrumento que reproduzia obras musicais e teatrais próprias à alta cultura. A abertura a anunciantes publicitários foi fundamental para a profissionalização do rádio e sua auto sustentação, de modo que estava apto a incorporar o fazer jornalístico em sua plataforma, além de dirigir sua produção cultural a grandes massas da sociedade.

Os decretos do presidente Getúlio Vargas foram cruciais para a expansão comercial do rádio nacional. Aquilo que era considerado de elite, sofisticado, transforma-se em popular, já que fatias mais abrangentes da população estavam tendo acesso à mais nova engenhoca que primava pelo lazer e pela diversão (BARBOSA FILHO, 2003, p. 41).

Mesmo com as condições propícias, o jornalismo ainda levou certo tempo a se adaptar à plataforma, de modo que as primeiras versões do ofício no rádio consistiam em releitura de notícias do dia anterior, publicadas em jornais impressos. Ou seja, ainda era necessária a consolidação produtiva de uma rotina própria para os recursos disponíveis no rádio, tendo em vista a passibilidade de mobilidade e instantaneidade nas coberturas. No entanto, era necessário um investimento para esta adaptação, que somente foi possível com a afirmação dos anúncios publicitários neste meio de emissão sonora. Assim, o rádio teve uma atuação inicial voltada para o entretenimento, na medida em que eram veiculadas rádios-novelas e outros programas de auditórios, que contagiavam a audiência por propiciar uma alternativa de comunicação moderna e bastante dinâmica, se comparada a outras plataformas disponíveis no início do século XX (BARBOSA FILHO, 2003).

A Rádio Gaúcha foi a primeira emissora de rádio de Porto Alegre, sendo fundada em 1927, e comprada pela empresa hoje reconhecida como Grupo RBS, em 1957, da qual faz parte até os dias atuais. O perfil jornalístico foi se adaptando de acordo com a evolução do rádio e da comunicação de modo geral, estando em consonância com as demandas socioculturais, na medida em que foram se consolidando novas plataformas midiáticas, com distintas possibilidades de audiência.

Quando foi fundada a Gaúcha, não havia qualquer outra emissora em Porto Alegre. Em Pelotas havia a Rádio Pelotense fundada em 1925. A primeira emissora existente no Rio Grande do Sul foi a Rádio Riograndense, criada em 1924, por iniciativa de Juan Granzo Fernandes, mas teve vida efêmera (DILLEMBURG, 1990, p. 16).

Ainda que a Rádio Gaúcha e a Rádio Farroupilha tenham dividido o protagonismo da veiculação e da audiência de produtos jornalísticos e culturais em Porto Alegre, ao longo da segunda metade do século XX, a Rádio Gaúcha foi se afirmando como principal veículo do segmento radiofônico do estado. Na década de 1980, a própria Rádio Farroupilha também foi comprada pelo Grupo RBS e, assim, as duas deixaram de ser concorrentes. Enquanto a Gaúcha se direcionava ao jornalismo e ao esporte, a Farroupilha continuava priorizando o entretenimento cultural de Porto Alegre. Ainda no final da década de 1950, é inaugurada a Rádio Guaíba, de propriedade da família Caldas, que anos depois, passa a disputar com a Rádio

Gaúcha os primeiros lugares da audiência no estado, com a linha editorial voltada à cobertura noticiosa (FERRARETTO, 2007).

É com o acesso massivo da população à televisão que o rádio começa a sofrer sua primeira grande transformação, em um período que se imaginava que a plataforma poderia deixar de existir. Sem recursos para disputar audiência com as novelas e programas culturais enriquecidos pelas imagens televisivas, surge o momento em que o rádio começa a investir e desenvolver com mais intensidade as características propícias de sua plataforma, que não são viavelmente adotadas por mídias audiovisuais. Trata-se da instantaneidade e da velocidade das transmissões, aliados à mobilidade de produção e recepção. Conforme Dillemburg (1990, p. 165), “ao entrar na década de 70, o rádio, premiado pela concorrência da televisão, procura outros caminhos, ou, pelo menos, valer-se de sua instantaneidade”.

É nestas condições que o rádio começa a atuar na imposição de um jornalismo mais rigoroso e imediato, ao oferecer serviços e retratos constantes das comunidades em que está inserido. Enquanto as produções televisivas requerem grande complexidade de aparatos técnicos e a recepção dos conteúdos só pode ser consumada em um aparelho fixo nas residências, a emissão no rádio passa a ocorrer com a facilidade de simples equipamentos de transmissão sonora e a recepção também é mais flexível, considerando a acessibilidade permitida por aparelhos de rádios portáteis. Em outras palavras, a grande virtude que sustenta a dinâmica do rádio é a possibilidade de produção móvel de qualquer ponto de uma comunidade, com a audiência em qualquer local e circunstância, no momento exato dos acontecimentos mais importantes para a sociedade.

Ao longo das décadas de 60 e 70, as emissoras do Rio Grande do Sul têm de se afastar, pouco a pouco, da difusão como estratégia de posicionamento no mercado de rádio. Na definição dos novos modelos a serem adotados, três estações – Guaíba, Itaí e Continental – vão se destacar em uma forma de segmentação de início, mas na qual já prepondera uma preocupação embrionária à linguagem, às necessidades e aos anseios do público. Público que, na efervescência política e cultural da década de 60 e na euforia econômica do início dos anos 70, comporta novos atores sociais, como as parcelas empobrecidas da população urbana oriunda dos campos e os jovens universitários das classes média e média alta. O rádio gaúcho, em um processo que chega ainda inconcluso à década seguinte, começa, assim, a substituir o entretenimento ao vivo pela música, ampliando, também, os espaços, até então minoritários ou inexistentes, dedicados à notícia, à reportagem, à entrevista, à cobertura esportiva, à participação do ouvinte e à prestação de serviço (FERRARETTO, 2007, p. 93).

Seguindo a concepção de narrativas instantâneas e velozes acerca dos registros proferidos, dissemina-se um perfil linguístico que facilita a apropriação destes discursos pelos receptores locais, considerando a diversidade de níveis intelectuais a que os emissores se dirigem. Por isso,

se intensifica a necessidade de reforçar o único recurso da emissão radiofônica que é a construção sonora, de modo que o texto se torne inteligível neste ambiente comunicacional, no intuito de que o ouvinte compreenda linguisticamente os discursos e construa suas próprias versões imagéticas a partir das proposições sonoras. Assim, os discursos do rádio se convencionaram de uma forma direta, objetiva, coloquial e com uma locução dotada de boa entonação na voz.

A adjetivação excessiva ou inadequada enfraquece a qualidade e o impacto da informação, e substantivos fortes e verbos na voz ativa reforçam a densidade indispensável ao texto jornalístico. O texto deve ser coloquial, mas sem apelos à linguagem vulgar, portanto, fique longe de gírias, chavões, lugares-comuns e expressões que se desgastaram com o tempo (BARBEIRO; LIMA, 2013, p. 151).

A intensidade da voz é, ao mesmo tempo, o grande recurso e a estratégia de emissão das emissoras de rádio. Tanto é verdade que, por muitos anos, a capacitação no rádio era protagonizada pelo timbre da voz e sua imposição. Além de ser uma maneira de superar a ausência de imagens no retrato jornalístico, a emissão sonora pautada pelo calibre das locuções se dava na medida de conectar o ouvinte por meio de uma relação afetiva e sensorial ao meio em que está inserido, de modo que a imaginação aguçada com a audiência sonora substitua a necessidade de imagens fisicamente concretas. Assim, as mensagens midiáticas do rádio dispõem de componentes simbólicos na prospecção da emergência da realidade sobre os ouvintes, na medida em que o sentido da audição desperta sensações que alinhem o público aos significados das mensagens e seus universos particulares. Menezes (2012) teoriza estes laços de comunicação sonora e suas decorrentes significações como elementos da cultura do ouvir.

Na cultura do ouvir somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros, ampliar o leque da sensorialidade para além da visão. Ir além da racionalidade que tudo quer ver, para adentrar numa situação onde todo o corpo possa ser tocado pelas ondas de outros corpos, pelas palavras que reverberam, pela canção que excita, pelas vozes que vão além dos lugares comuns e tautologias midiáticas (MENEZES, 2012, p. 33).

A afinidade sonora estabelecida nos processos de comunicação ilustra a dinâmica de sentidos provocados nas transmissões e recepções radiofônicas, seguindo as finalidades dos produtos emitidos e sensações despertadas a partir da audição, o que ocorre no caso das práticas de comentários esportivos. Em consonância com a premissa da cultura do ouvir, é possível compreender que estas mensagens jornalísticas suscitam um significado que mantém os ouvintes conectados ao vínculo afetivo do ambiente de seus clubes e decorrentes símbolos de construção imaginária, por meio da sensorialidade abstrata do rádio. A possibilidade de

alimentar realidades e a disseminação imaginativa dos fatos de acordo com os contatos sonoros é a grande dinâmica do rádio, circunscrita a diversas situações do cotidiano, na medida em que a recepção permite a mobilidade dos ouvintes em seus afazeres, reforçando o potencial sonoro que estabelece espaços abstratos de convivência e alinha os membros de uma sociedade. Um breve exemplo é a descrição pela voz e interpretação dos comentaristas acerca dos desdobramentos dos jogos de futebol. Os ouvintes incorporam os significados destas mensagens produzindo imagens próprias a respeito dos fatos de campo narrados e, assim, são inseridos a este ambiente esportivo conforme o sentido simbólico que o esporte e seu clube despertam, estando, assim, conectados a outros semelhantes e à comunidade esportiva pela força demandada do instinto sonoro de proposição da realidade. A dinâmica relatada demonstra um dos modos como os discursos do rádio remetem suas audiências à realidade abstrata e de representação sonora dos acontecimentos abordados jornalisticamente.

Mesmo que a essência e o valor de recepção da plataforma rádio estejam alinhados à comunicação sonora, é possível afirmar que as transformações culturais, que permitiram a inserção da natureza digital nos processos de comunicações e suas práticas cotidianas, expandiram o alcance do rádio, mas, sobretudo, agregaram o potencial de outros recursos, além da interpretação auditiva, na assimilação das mensagens. O fenômeno descrito corresponde à adaptação do rádio ao contexto contemporâneo das comunicações imersas à internet, resultando na reestruturação da plataforma, na medida em que a natureza sonora do rádio passa a ser convergida à disseminação de outros sentidos humanos, permitindo maior diversidade de possibilidades de conexões com a realidade exposta. Na medida em que o rádiojornalismo passa a ser veiculado ou, ao menos, reproduzido na internet, a inserção de símbolos audiovisuais nos discursos é viabilizada, admitindo, assim, a complementação da produção com recursos imagéticos concretos, que imergem os espectadores ao teor das mensagens propagadas.

Com a possibilidade de as emissoras transmitirem online suas programações, há os recursos de câmeras de vídeo dentro dos estúdios permitindo ao ouvinte-internauta acompanhar a transmissão do programa; com o rádio digital, outras informações além da voz já estão ao alcance deste interlocutor (ALBANO DA SILVA, 2012, p. 84).

Considerando o cenário da convergência e transcendência do ambiente comunicacional da plataforma aos vínculos sonoros, Kischinhevsky (2016) aborda o contexto operacional contemporâneo do meio a partir do conceito de rádio expandido, quando os recursos agregados não apenas ampliam a assimilação sonora, mas, acima de tudo, resultam em diversas formas de se interpretar as narrativas, complementando a essência auditiva das mensagens. É neste sentido que as emissoras de rádio valem-se dos recursos de vídeo, textos e fotos convergidos nos canais

digitais viabilizados pela internet, sejam as redes sociais, sites ou aplicativos para dispositivos móveis.

O rádio é hoje um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música. A escuta se dá em frequência modulada (FM), ondas médias (AM), curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sobre demanda (podcasting ou através da busca em arquivos ou diretórios). Se o transmissor já havia deslocado o rádio da sala de estar, empurrando-o para o quarto, a cozinha e as ruas, agora o rádio a pilha tem novos companheiros, que permitem não apenas a escuta em múltiplos ambientes e temporalidades, mas também a produção, a edição e a veiculação de áudios com agilidade crescente e muitas vezes sem fronteiras (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 14).

A perspectiva contemporânea do rádio expandido pode ser entendida na produção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, de modo que as mensagens são reproduzidas nas páginas da emissora na rede social Facebook, acompanhadas de textos, imagens e vídeos, além de destinar espaço à interatividade entre ouvintes. Alguns programas, como o Gaúcha Hoje, apresentam também transmissão em vídeo ao vivo de todo o conteúdo veiculado. A dinâmica digital busca complementar as condições de recepção pelos ouvintes, na medida em que oferece outras condições de compreensão das mensagens, que podem ser utilizadas de acordo com a circunstância em que o receptor se encontra e conforme a própria preferência destes ouvintes, pois, se em determinado momento, estes receptores não estão disponíveis para a audição dos conteúdos, podem acompanhar a mensagem por meio da leitura ou da visualização de imagens, de acordo com o teor dos discursos emitidos.

Além de expandir o vínculo do ouvinte ao contato com o ambiente sonoro das transmissões do radiojornalismo esportivo, a perspectiva comunicacional contemporânea enriquece os laços com a realidade, na medida em que os sujeitos encontram-se habilitados a interpretar e a incorporar os significados das mensagens recebidas por meio de diferentes sentidos de leitura. Assim, o vínculo do rádio mediado pela abstração e percepção sonora se dissemina em outras aptidões sensoriais do indivíduo humano, que conduzem o contato e a relação subjetiva comunicacional com os objetos cotidianos retratados, como, por exemplo, o futebol e seus clubes.

Tal cenário beneficiará cada vez mais quem explorar melhores experiências sonoras que permitem vínculos e aproximam o ouvinte, não só pelo ouvido, mas por outros processos que envolvem a percepção, seja pelo rádio, pela internet ou por aparelhos multimidiáticos (CARDOSO, 2012, p. 339).

Diante do panorama explorado, a consonância da mensagem jornalística com o seu compromisso de aproximar os ouvintes do universo cotidiano parece mais bem correspondida a partir da transformação e da natureza digital incorporada ao radiojornalismo, ainda que se discuta academicamente acerca do dilema entre a perda da originalidade sonora na criação de vínculos em um ambiente específico e as possibilidades de enriquecimento da função jornalística, com a diversidade de recursos de produção e sentidos de recepção. A partir daí, o processo comunicacional do radiojornalismo não é reconhecido apenas pela conectividade sonora na atribuição de sentido a determinado espaço de interação. São múltiplas funções na dinâmica comunicacional que orientam a convivência e o compartilhamento de significados sociais entre os interlocutores, de modo que o objetivo emissor deixa de ser a centralização em sentido e aptidões únicas que reúnem seus membros conectados, mas, sim, a abrangência e a profundidade que estes símbolos admitem. Assim, as diferentes plataformas – como o rádio, a televisão e a mídia impressa – deixam de ser reconhecidas pelo vínculo de um processo sensorial singular que permite a comunicação massiva. As rotinas são convergentes, de modo que o jornalista esteja habilitado a direcionar a emissão nos distintos códigos sensoriais – leitura, audição e imagem – e, assim, considerado um profissional multiplataforma, em que seu propósito preponderante não é o amparo e a ênfase do conteúdo sobre uma técnica específica de um meio midiático, mas, sim, o potencial de assimilação destes discursos pelos ouvintes.

Além de a rotina produtiva ser pensada a partir de uma plataforma como o rádio, mesmo que na convergência do ambiente digital, a intencionalidade editorial endereçada a parâmetros temáticos como o esporte também interfere não apenas no viés discursivo da mensagem jornalística, mas em toda a abrangência do processo comunicacional, desde a codificação produtiva até a decodificação pela recepção. Por isso, é importante desmembrar os elementos peculiares que compõem a produção no nicho específico do jornalismo esportivo.

3.1.3 Jornalismo esportivo: cobertura jornalística em uma editoria diferenciada

Como qualquer editoria segmentada, a cobertura esportiva apresenta traços peculiares, que assemelham as diretrizes de produção jornalística ao objeto a ser retratado, no caso, o próprio esporte. Considerando as características do meio, a seriedade de outras editorias abre espaço para a narrativa lúdica e informal. Esse comportamento justifica-se pela proximidade do esporte com o lazer e o entretenimento. Por constituir em ocasiões de distração e de interação social, às representações jornalísticas cabe a função de estimular e de enfatizar a adesão ao esporte, sem comprometer o compromisso com a veracidade e a precisão na contextualização dos fatos.

A transmissão de uma partida jamais terá o tom do relato de um pacote econômico. Descontração, bom humor e criatividade devem pontuar as narrações esportivas porque, no momento e nas proporções adequados, enriquecem o produto sem interferir na credibilidade (TAVARES, 2011, p. 53).

A premissa de uma espécie de cobertura menos presa a normas editoriais suscitou vários debates em torno da legitimidade como atividade jornalística, já que por ser um tema menos formal e mais adepto ao entretenimento, muitas vezes, os limites da classificação informativa confundem-se. Coelho (2013) entende que esse caráter gerou um tipo de preconceito ao jornalismo esportivo, com os profissionais do meio sendo rotulados quanto a um suposto nível mais baixo de conhecimento, tendo em vista o caráter popular e menos rígido das mensagens esportivas.

Revistas e jornais de esporte foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* viveu bons anos entre o final da década de 1950 e o início dos anos 60. Viu Pelé nascer, o Brasil ganhar títulos mundiais, viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades (COELHO, 2013, p. 9).

Este fenômeno foi reforçado pelo fato de muitos veículos esportivos adotarem um tom passional em suas coberturas, refletindo a paixão popular impregnada em torno do esporte. A ligação com o público se deu por muito tempo nestas diretrizes, com o teor emotivo adquirindo contornos ficcionais em alguns casos, contribuindo para reforçar o sentimento de apreço e fanatismo em torno da temática. Esta premissa justificaria, em tese, certo preconceito levantado por Coelho (2013) e abre espaço para a discussão acerca da mescla entre paixão e emoção, avaliando qual dos dois fatores deve predominar. A classificação da atividade como prática jornalística requer o predomínio da credibilidade e precisão dos fatos como conduta prioritária. Conforme Tavares (2011, p. 53), “a credibilidade vem em primeiro lugar. O público precisa acreditar na informação que recebe ou irá buscá-la em outra fonte. A premissa vale para qualquer cobertura, de uma eleição a um jogo de futebol”.

A necessidade de imparcialidade e isenção torna-se maior ainda, considerando o compromisso social do jornalismo esportivo com a sociedade, tendo em vista o grande clamor popular do esporte, em especial, do futebol. As discussões envolvendo o tema dominam o cotidiano comunitário e familiar de muitos brasileiros, causando interações, envolvimento pessoal e, em alguns casos, distorções, moldando muitos comportamentos dos torcedores. É prática do senso comum no Brasil vincular o humor dos cidadãos nos dias seguintes de grandes partidas a vitórias ou derrotas de seu time. Dessa maneira, a mediação social dessas relações

esportivas – função dos jornalistas – deve admitir um teor muito cauteloso, de modo que a paixão expandida e sem limites pode dar ênfase a comportamentos nem sempre aceitáveis. Nesse ponto, surge a necessidade de equilíbrio e de boa gerência dos jornalistas na representação esportiva, a fim de que se estimule apenas uma integração social positiva.

O dever básico do jornalista é tentar ser imparcial e isento na mais parcial, subjetiva e passional área da imprensa. O cliente do nosso trabalho não é um mero leitor de economia, um telespectador de assuntos políticos, um ouvinte de *rock and roll*. É um `torcedor`. Um sujeito passional, que só quer a razão quando ela veste as mesmas cores do time dele. Tentar agradar gregos e corintianos é impossível. Tentar ser justo, equilibrado e respeitado é como treinar o time da Samoa Ocidental para ganhar uma Copa do Mundo (BETING, 2005, p. 30).

A dosagem certa na mescla de paixão e descrição precisa deve iniciar-se como conduta dos próprios profissionais emissores, considerando que muitos dos jornalistas são fanáticos pelo assunto e tendem a identificar-se com certas instituições clubísticas e, como visto no modelo do circuito da cultura, é natural que os desdobramentos contextuais transitem entre os polos de emissão e recepção. Por isso, o desafio da isenção e de tratar o esporte como um jogo, apenas com consequências de interligação social e entretenimento, sem conflitos drásticos, deve começar pelo bom exemplo do próprio jornalista.

Considerando este cenário, a formação do jornalista esportivo tem um caráter diferenciado, já que o passo inicial passa a ser a desvinculação com o perfil de torcedor e incorporação dos valores de isenção e imparcialidade no seu lugar, de modo que este passa a ser um formador de opinião e, como tal, deve aderir aos compromissos com a sociedade e normas da mesma. Esta conduta requer o distanciamento do vínculo afetivo com o tema, fenômeno que não se confere na mesma proporção em outras editorias. Para tentar atingir este nível de comportamento, ou ao menos transmitir esta imagem, muitos profissionais, como os quatro comentaristas aqui estudados, optam por não revelar seus clubes do coração. A preocupação em afinar o discurso, considerando a essência global do jornalismo, é um fator que sintetiza o caráter profissional do jornalismo esportivo, mesmo admitindo perfil com menor padrão de formalidade.

O rigor e a intencionalidade na elaboração da mensagem, conferidos como prática profissional do jornalista, não deixam de estar vinculados à relevância e à responsabilidade da temática esportiva como elemento de integração social e, mais do que isso, como uma identidade nacional, diante da representação cultural e da condução dos rumos da sociedade brasileira, no que se confere o papel dominante do futebol, conforme Filho (2010). Por isso, seguindo a metodologia procedimental do Circuito da Cultura, por Du Gay. et. Al (1997), para

o fundamental alinhamento entre valores de produção e recepção, impõe-se o entendimento dos significados simbólicos nos eixos de representação e identidade, pelos quais o futebol personifica-se e qualifica-se na sociedade contemporânea brasileira.

A relação que impõe a circulação de sentido entre produção e recepção passa necessariamente pela representação e modelos de construção de significados a partir do discurso, considerando as culturas envolvidas e seus sujeitos. Tomando essa referência, a seguir, será melhor explorada a etapa de representação dentro do circuito da cultura, e seus modos de significância em um relevo social que admite a interligação profunda com a disseminação do ambiente de recepção aos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, composto pelos ouvintes e torcedores.

3.2 Representações: criações de identidades imersas ao Circuito da Cultura

Antes de mais nada, é importante situar o Circuito da Cultura como instrumento analítico não apenas de práticas comunicacionais, mas, de um conjunto de elementos de uma sociedade com o incremento da perspectiva de produção e consumo em diversos fins, induzindo a formatação de ordens sociais, políticas e econômicas. Isso viabiliza-se com a circulação de valores e experiências entre os diferentes momentos do diagrama, na compreensão de práticas sociais, resultando na consolidação de parâmetros culturais a serem referenciados. Os comentários esportivos seguem essa lógica, sendo concebidos por uma rotina de produção com sua base conceitual própria, e atingindo a significação plena ao percorrer as etapas simbólicas de representação, identidade, regulação, e, assim, agregando valores epistêmicos do meio, ao incluir nesse percurso os contextos culturais já convencionados na recepção esportiva – também conhecida como momento de consumo, de acordo com o diagrama de Du Gay et. al. (1997).

Considerando o aparato teórico compreendido pelo Circuito da Cultura, destaca-se, além da interação nos desdobramentos de suas cinco etapas, os caminhos adotados na obtenção de sentido das instituições sociais e de todos os seus incrementos, incluindo a denominação de práticas, condutas e objetos – materiais ou não de um ambiente – sob um delineamento cultural. Este processo de construção de significados, mesmo que pareça algo tão lógico e concreto – dadas muitas convenções estabelecidas e seguidas na vida comum cotidiana – é viabilizado por raciocínios abstratos e que perfazem-se sob o amparo de símbolos, sempre metaforizados pela cultura, mesmo que esta ainda sofra alterações constantes e não possua um perfil estabelecido. A partir destes significados, é possível impulsionar versões subjetivas sobre a realidade, conduzindo modelos de experiências e visões do mundo, que abastecerão novos procedimentos e se debruçarão em outros já mecanizados, atrelados tanto aos ambientes de consumo e

produção, como também na proposição de identidades reguladoras de ofícios culturais. O fenômeno de atribuir e moldar significados, conforme a validade e a sobreposição da cultura, é denominado, conforme Hall (2016), como o elemento Representação, no circuito da cultura.

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples e direto (HALL, 2016, p. 31).

A complexidade da ideia de representação e sua funcionalidade em um contexto social estão postas em primeira instância nas diferenças de cunho individual e coletivo de sujeitos ocupantes de determinados espaços, mas, mais do que isso, na necessidade de que esses significados construídos se complementem ou ao menos se reconheçam, no sentido de que se almeje uma convivência harmônica e dotada de ideais coletivos na condução de uma vida cotidiana. Como a representação e a produção de sentidos estão vinculadas a versões construídas da realidade e a posicionamentos dos sujeitos em torno da mesma, surge uma das grandes dificuldades humanas, a de equiparar essas visões particulares do mundo real, considerando diferenças de perspectivas, tanto internas quanto do ambiente de nascença e vivência, que norteiam os comportamentos a serem adotados na consolidação de espaço e condutas subjetivas de vida. Deste modo, os sentidos da representação são emergentes nas particularidades do contato do indivíduo com o mundo, e a simbolização da mesma nunca será unânime, sendo evocada pela sensorialidade humana, provinda dos corpos individuais, e de valores de significação próprios. Por isso, é comum rejeitar-se uma definição de realidade consensual, de modo que a interpretação da mesma é referenciada nas concepções do sujeito envolvido nela, o que particulariza e relativiza os níveis de semelhança com os universos material e coletivamente consolidados.

Representação não é réplica, evidentemente. Não precisa ser idêntica ao motivo. O teste de uma imagem não é uma semelhança com o natural, mas sua eficácia dentro de um contexto de ação. Ela pode ser semelhante ao natural se isso for considerado como algo que contribui para sua força, mas em outros contextos, o mais sumário dos esquemas bastará, desde que tenha uma natureza do protótipo ou da ideia. O grau com que isso nos afeta depende dos nossos `contextos mentais`. Nós reagimos de modo diferente quando somos estimulados pela expectativa, pelo hábito cultural. Para isso, basta lembrar do fato de que somos imediatamente `fisgados` por uma música que já conhecemos e gostamos do que uma música que ouvimos pela primeira vez. A familiaridade com a coisa nos torna mais receptiva a ela (MAKOWIECKY, 2003, p. 15).

Estes contextos mentais, atrelados e relativizados em relações de causa e efeito com as criações culturais em termos de formatos sociais de um ambiente, podem ser denominados como o imaginário humano, que atua na concepção de símbolos e formas de pensamento, validados pelas convenções culturais já estabelecidas, conforme Pesavento (1995). Dessa maneira, é indispensável considerar a mentalização e a capacidade sensorial de distinguir significados de objetos do real, já que mesmo que exista uma influência cultural sobre as evocações da mente, este aparelho humano interno rege muitos sentidos e modera as acepções dos elementos da vivência cotidiana a serem incorporados no panorama de conduta pessoal. É por meio da atuação do imaginário que se despertam muitas representações simbólicas do cotidiano. Por isso, esse tema ultrapassa campos sociológicos e antropológicos, admitindo contornos da psicologia, o que caracteriza cada vez mais a quebra de paradigmas nas ciências humanas e a interdisciplinaridade essencial entre conhecimentos de compreensão da sociedade.

No domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um `outro` ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita, não presente (PESAVENTO, 1995, p. 15).

No caso da pesquisa em questão, o imaginário dos torcedores ouvintes direcionaria os discursos dos comentários, criando ideias e símbolos a partir de suas experiências e identificação com o futebol. No entanto, compete à própria mente humana a tarefa de criação desses vínculos e, com isso, a maturação de significados – muitas vezes de cunho sentimental e que fogem de explicações lógicas e racionalizadas na sociedade cotidiana – a respeito do fazer esportivo e da afeição clubística.

O conceito do imaginário como fator impulsor da capacidade de representar o mundo, mesmo que muito atual e reincorporado pelo pensamento contemporâneo, tem sua origem bastante distante, antes mesmo da elucidação de estudos antropológicos que compreendessem a sociedade de acordo com expressões culturalistas.

O ponto de partida e um dos momentos mais importantes da elaboração do conceito é a filosofia medieval, que introduziu o termo latino *repraesentatio*, ora uma ideia, ora ambas as coisas, sugerindo uma `semelhança` com o objeto ou a coisa representada. Representar envolvia, portanto, a ideia de reapresentar algo então ausente como se estivesse presente outra vez. Essa noção deu origem a uma variedade de teorias sobre a representação mental na filosofia medieval, indo até a época de Descartes (SOARES, 2007, p. 48).

A grande transformação histórica, a partir do século XVIII, capaz de alterar os vieses conceituais de validação das representações na sociedade, foi proposta pela ascensão da visão racional e científica, inspiradora da propensão do conhecimento em diversas áreas da cultura no propósito de se esclarecer e entrelaçar os comportamentos sociais diante de uma lógica habilitada pela observação e comprovação de fenômenos. A partir desse momento, o imaginário e suas propriedades abstratas perdem valor na construção simbólica para a racionalização dos métodos científicos, disseminadores de práticas cotidianas como a observação verossímil do real e suas atuações derivadas. É o modelo da modernidade de representação do universo, em que o olhar racional deve sobressair-se aos instrumentos da imaginação e da construção de significados míticos, incapazes de serem adaptados ao mundo pela evolução científica.

Através da história, o estudo do imaginário tem sido relegado a uma posição secundária. Esta desvalorização deu-se face ao avanço do pensamento racional e científico no Ocidente, cujo exemplos são as vias de interpretação histórica acima referidas. Houve um movimento reiterado de ruptura a partir do racionalismo cartesiano, com tudo aquilo que representava opiniões, pré-noções e formas de conhecimento transmitidas pela tradição ou pelos vieses ideológicos. Para Descartes, a imaginação era fruto do erro e da falsidade, cabendo-lhe, no máximo, o designativo de um estágio inferior do conhecimento (PESAVENTO, 1995, p. 11).

Essa forma de representar e significar o mundo do pensamento racional cunhava-se em áreas produtoras de conhecimento e na própria cultura estabelecida e conduzida por esse capital intelectual. Isso era suficiente para explicar as diferenças culturais e os modos como o acesso ao saber induzia representações personificadas e avalizadas em uma sociedade moldada pela ciência. No entanto, conforme Pesavento (1995), a profusão de criação e evolução de símbolos, assim como o nível e a velocidade de assimilação, ditados pela condução interior da mente e voltada à elucidação de formas e imagens semelhantes ao real ainda não passíveis de serem explicadas apenas pelo rigor científico, trazem de volta no século XX o poder do imaginário no processo de representação mundano. Essa exploração abstrata fomenta a disseminação de campos como a psicologia e outras áreas humanas, que não conseguem apresentar completude de seus fins complexos no âmbito uniforme sem envolvimento e discernimento subjetivo e aberto a novas interações de seus objetos e preceitos teóricos. A partir daí, a mescla, não tanto de conhecimentos, mas, mais de diferentes métodos de desenvolver os pensamentos contribui à assimilação e compreensão de significados antes pouco aceitáveis. Essa é a forma de representação mais vigente na contemporaneidade.

Se o século XIX marcou o ápice do pensamento racional, tal como vinha se desenvolvendo desde o século XVIII, esta mesma sociedade, norteadas pelo cientificismo e pelas imagens produzidas pelos avanços da técnica, voltou-se contra os seus pressupostos. Esta postura, de uma certa forma iconoclasta com relação a seus valores, foi capaz de resgatar a importância das imagens na vida mental através da contribuição da psicanálise e da etnologia (PESAVENTO, 1995, p. 11).

O apelo ao imaginário como mecanismo de representação do real – reinventado ao longo da história – pode ser eficiente, ainda que não definitivo, na compreensão de sentimentos exacerbados na sociedade, tendo em vista a estereotipagem de significados que traduzam o real, como a devoção clubística no futebol, e ainda não alcançados pelo pensamento racional e tampouco enquadrados sob um viés puramente científico. Essa natureza de sentidos está relacionada ao simbolismo de representações extremamente passionais, e totalmente expandida à concretude literal de um fenômeno como o futebol, trazendo contornos, somente viáveis pelo poder do imaginário humano, por vezes, ficcionais e abstratos a determinados objetos de relevância sociocultural. Mesmo que convenções culturais e práticas institucionalizadas contribuam para a assimilação simbólica e o compartilhamento coletivo das representações, é notório que determinados sentidos passionais, mesmo que já multiplicados pela sociedade, só são perceptíveis pela natureza emocional da mente humana, dada a ênfase pessoal e dotada de atributos do imaginário requeridos para a elucidação de determinados símbolos.

Como exemplo de representações passionais instigadas pelo pensamento imaginativo e sentimental está a paixão clubística, como característica simbólica no futebol e que admite regulações cotidianas. Essas representações admitem um valor na identificação dos torcedores com os clubes, elevando tal sentimento advindo do imaginário, este intensificado pelas identidades da cultura esportiva, mas expandida em proporções ficcionais, tomando como parâmetro o ponto de vista racional e dos objetos concretos, pela capacidade da mente humana de desenvolver afeto e vínculos na relação entre torcedores e clubes. O significado simbólico da representação clubística no esporte para os torcedores mais fiéis ocorre de tal modo que o significado literal de um jogo de futebol, com instituições de atuação, é substituído por uma crença ou enlace passional e familiar, tendo em vista que este clube e seu contexto são tidos para seu fã como um ente querido próximo, cujos seus passos afetam na vida cotidiana. Nessas condições, esse modo de representação, com o alargamento do papel do imaginário e sentidos vinculados à mente, responsável pela concepção do simbolismo mítico, dá vazão ao teor de significados admitido pelos ouvintes torcedores aos discursos opinativos dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha. É nesse processo que as representações, independentemente do

nível de abstração ou não em seu teor, agem na construção e compartilhamento de identidades, conforme Hall (1997). O que se dá também na esfera esportiva.

A partir da atuação do imaginário humano, buscando a construção de símbolos ou mesmo reprodução de conceitos, existe uma cadeia de significação a ser levada em consideração não apenas no compartilhamento, mas, na afinidade das representações com o real. Esses mecanismos simbólicos estão diretamente entrelaçados com as outras etapas do circuito da cultura, conforme proposição de Du Gay et. al (1997), por isso, indispensável não dissociar as representações de identidades, regulações, consumo e produção.

Para se compreender essas distinções e aproximar os modos de assimilação do mundo a partir do imaginário pessoal, a fim de que seja possível a comunicação e a interrelação harmônica entre indivíduos, Hall (2016) trata como um dos caminhos iniciais no processo de representação o estabelecimento de parâmetros conectados entre as diferentes culturas, e esse percurso concentra-se, antes de mais nada, na linguagem. É a partir daí que a comunicação se torna possível e garante a interligação e identificação mútua de significados, mesmo que não haja afinidade ou qualquer compreensão simbólica entre os mesmos.

Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos “meios” através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos (HALL, 2016, p. 18).

Esta codificação parametrizada pela linguagem convencional e, também, moldada pelas formalizações culturais, permite a denominação representativa dos fenômenos, que passam a admitir significativos, estes com capacidade de interferência na abrangência dos sentidos. As distintas formas de língua têm como papel inicial permitir o reconhecimento e o potencial de transmissão destes sentidos mais amplos – e subjetivados pelo alcance do imaginário às formas de princípios referenciais no circuito da cultura como, por exemplo, valores estabelecidos nos eixos de identidades e regulações. Assim, independentemente da construção simbólica evocada na posterior fase de representação, a linguagem já propõe o contato com a verossimilhança do real, ainda que sem o sentido pré-disposto com o universo pessoal e ambiental de cada sujeito.

Adaptando esta concepção ao presente objeto de pesquisa, a linguagem traz ao ouvinte a possibilidade de reconhecer e identificar o contexto esportivo, valendo-se dos códigos convencionados como campo de futebol e termos técnicos da atividade. Inclusive, com o emprego de expressões padronizadas na área pelo próprio eixo da produção jornalística,

comprovando, assim, a transição inevitável entre as diferentes etapas do circuito da cultura. Por isso, termos como “gol”, “chutes”, “dribles”, “desarme”, tornam-se códigos linguísticos do futebol para reconhecimento global, mesmo que ainda não carreguem os significados simbólicos das representações e, primeiramente, os distribuam. Devido à função intermediadora destes códigos, Hall (2016) denomina a linguagem como elemento “significante” no processo de representação.

Esses elementos – sons, palavras, gestos, expressões, roupas – são parte da nossa realidade natural e material; sua importância para a linguagem, porém, não se reduz ao que *são*, mas sim ao que *fazem*, a suas funções. Eles constroem significados e os transmitem. Eles significam, não possuem um sentido claro *em si mesmos* – ao contrário, eles são veículos ou meios que *carregam sentido*, pois funcionam como *símbolos* que representam ou conferem sentido (isto é, simbolizam) às ideias que desejamos transmitir. Para usar outra metáfora, eles operam como *signos*, que são representações de nossos conceitos, ideias e sentimentos que permitem aos outros “ler”, decodificar ou interpretar seus sentidos da maneira à que fazemos (HALL, 2016, p. 24).

Esses signos podem não ser os responsáveis pela natureza discursiva admitida pelas representações e por identidades envolvidas a determinados significados, mas, esse aparato linguístico afina a correlação dos sentidos envolvidos, possibilitando maior circulação entre os eixos do circuito da cultura na avaliação de determinados contextos, como no caso dessa pesquisa, a atividade futebolística. Como Hall (2016) define, é o reconhecimento da linguagem de signos e símbolos que aproxima o processo de significância ao torcedor, posicionando-o e tornando-o sujeito nesse contexto, de acordo com as ideias pré-dispostas interna e externamente. Só é possível a consolidação de uma identidade como a do personagem “torcedor fiel de seu clube”, como apontado anteriormente, porque a dimensão e o delineamento do campo esportivo, propostos pela linguagem, competem a missão de traduzir e de viabilizar a circulação dos significados que fundamentam essa representação.

Se nos deslocarmos para os jogos de futebol repletos de cartazes, bandeiras e *slogans*, rostos e corpos pintados de certas cores ou inscritos com certos símbolos, podemos também considerá-los “como uma linguagem” – na medida em que isso é uma prática simbólica que concede sentido ou expressão à ideia de pertencimento a uma cultura nacional ou de identificação com uma comunidade local. Isso é parte da linguagem de identidade nacional, um discurso de pertencimento nacional. Representação, aqui, está intimamente ligada a identidade e conhecimento. Pois, na realidade, é difícil saber o que “ser inglês” – ou mesmo francês, alemão, sul-africano, japonês – *significa* fora do escopo em que nossos conceitos e imagens de identidade e cultura nacionais foram representados. Sem esses sistemas de “significação” seríamos incapazes de adotar tais identidades (ou mesmo de rejeitá-las) e conseqüentemente incapazes de fomentar ou manter essa realidade existencial que chamamos de cultura (HALL, 2016, p. 25).

Quando Hall (2016) emprega a expressão “rostos e corpos pintados de certas cores ou inscritos em certos símbolos”, refere-se a um símbolo linguístico que permite aos leitores identificarem o perfil de torcedores fiéis e apaixonados por dada instituição clubística, como é o caso do possível estereótipo de alguns dos ouvintes analisados nesta pesquisa. Mais do que traduzir, esse discurso remete à simbolização de significados identitários já convencionados. Neste caso, o símbolo referido dos “torcedores pintados” é um elemento significante, já agregado ao sistema linguístico futebolístico, que partilha, compartilha ou até induz novos significados, todos estes memorizados e incorporados na cultura norteadora de identidades e experiências cotidianas. Se o símbolo linguístico da imagem do torcedor é o elemento denominado significante, a construção do sistema de representação é complementada por um segundo item, o próprio significado, conforme referido pelo autor, de modo que este pode se apresentar no singular ou no plural.

Por exemplo, a imagem do torcedor pintado com cores e símbolos, codificada pelo símbolo linguístico, pode elucidar sentidos como o de torcedor fiel e apaixonado, mas, também, pode trazer sentimentos como os de angústia e aflição, ou mesmo a ideia de um sujeito devoto a tal crença clubística institucional, assim como a de um guerreiro que luta por seu clube, por meio do simples gesto de cravar as marcas da agremiação em seu corpo. Com a correlação dessas versões da realidade futebolística, considerando as referências culturais e pessoais do sujeito receptor da mensagem simbólica, está subjetivada a representação, contribuindo para a difusão dessas visões de mundo e para a conseqüente revitalização das identidades esportivas existentes. Simplificando os dois termos do processo de representação, Hall (2016) denomina o significante linguístico como “signo” e os significados como “conceitos”, e a partir daí discorre a relação entre os parâmetros simbólicos e as percepções pessoais culturais, conforme demonstrado no exemplo do torcedor pintado. Para o autor, “os signos indicam ou representam conceitos e as relações entre eles e que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significados de nossa cultura” (HALL, 2016, p. 37).

Analisando esse processo por uma perspectiva mais generalista, é possível situar as representações como produto e estrutura de um sistema cultural. Isso ocorre, pois, tanto os significados quanto os significantes se correspondem de acordo com modos similares de conduzir a experiência humana, em outras palavras, pela similaridade da própria cultura. É a sistematização das linguagens como símbolos compreensíveis e a percepção de pensamento, dentro de um universo comum, capazes de produzir sentidos uniformes e coletivos, que delimitam um espaço simbólico cultural em que os significados são compartilhados, garantindo a complementaridade das etapas do circuito da cultura aqui apresentado.

Pertencer a uma cultura é pertencer, *grosso modo*, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele. Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem (HALL, 2016, p. 43).

Voltando à dimensão do exemplo da representação do “torcedor pintado” apresentado por Hall (2016), pode-se afirmar que o símbolo das cores no corpo e no rosto de um sujeito no estádio admite uma caracterização linguística convencionalizada, em âmbito universal esportivo, de que se trata de um torcedor de clube, ou seja, um significante bem entendido e exteriorizado na perspectiva da cultura futebolística. Na esfera do significado, como, no exemplo, a devoção passional a determinado clube também é um sentimento bastante apropriado pelo futebol e, até mesmo, balizador das experiências esportivas. Essa semelhança construída do real na evolução e discernimento coletivo de comportamentos sociais expõe o modo como uma cultura induz as referências de significantes e significados, em uma cadeia de representações evocadas pela mente humana.

Como aparentam ser ou mesmo se apresentam como um retrato do mundo, essas representações instauram ou sancionam, homologam, naturalizam certos vieses, sugerindo que esse é o modo de ser da sociedade representada, de modo a fixar ou a confirmar estereótipos étnicos, sociais, de gênero, profissionais. Trata-se, ora da instauração de padrões “normais” ou modelos, ora de imagens pejorativas ou idealizadas de populações, categorias sociais, minorias, etc (SOARES, 2007, p. 51).

A partir da lógica apresentada, as representações recaem como retrato da realidade, ainda que de modo abstrato, dadas as distinções simbólicas e de pensamento. Contudo, este processo é indispensável para práticas de integração e funcionamento do sistema social. Como principal destas atividades, destaca-se a comunicação. Só é viável a troca de mensagens entre diferentes agentes se houver semelhanças linguísticas e de significados na construção interna do real, considerando as margens estabelecidas ao conceito de cultura e similaridades provenientes entre os indivíduos e o modo como visualizam o entorno comum. Ao mesmo tempo, a própria cultura e a consolidação das representações dependem enormemente da comunicação e seus elos de integração. Tanto é verdade, que as operações comunicacionais de produção e recepção ou consumo estão inclusas no circuito da cultura e contribuem para a significância de representações, identidades e convenções, intervindo, assim, na agenda cultural.

A grande utilidade das representações para o campo de estudos da comunicação está dimensionada na perspectiva do circuito da cultura e sua abrangência expandida, considerando todos os desdobramentos do processo. Isso ocorre pelo fato de a representação midiática ser evocada pela produção, como mensagem do emissor, e produzir sentido no universo receptor, no entanto, os outros estágios da cultura, como identidades já validadas e compreendidas e referências reguladoras, interagem diretamente na dimensão do significado.

Aplicada ao campo da comunicação mediática, a visão distributiva da representação pode realizar uma síntese entre os fatores racional-cognitivo, social e técnico envolvidos no processo, permitindo a superação de antagonismos entre abordagens, como, por exemplo, aquele que confronta, de um lado, as análises das mensagens e, de outro, a recepção, buscando estabelecer o momento da produção de sentido. As representações seriam consideradas como constituídas de redes de interação entre pessoas e artefatos (mensagens), na qual o pólo individual só é possível na presença dos pólos social e material. Uma concepção distributiva considera as representações mentais, os processos sociológicos e as representações mediáticas como instâncias que incidem umas sobre as outras e retroagem, de forma dinâmica (SOARES, 2007, p. 53).

Nessa dinâmica, o olhar sobre as representações em um processo de comunicação segue a normatividade cultural necessária para a simbolização e abrangência dos sentidos, com significados e significantes admitindo a correspondência de similaridade de signos e conceitos, conforme cadeia estruturada por Hall (2016), transcendendo os eixos de produção e recepção. Em outras palavras, a compreensão por parte dos agentes sociais, com um mínimo de entendimento inteligível entre distintos significantes e significados, é um pré-requisito para que a comunicação seja propriamente efetivada. Como exemplo simples, mas que comprova essa premissa, considere-se a comunicação escrita para indivíduos não alfabetizados ou que não detenham o domínio do idioma. A comunicação não se completaria, pois, os receptores não reconhecem o significante linguístico transmissor da mensagem, deste modo, não há sentido produzido. Deste modo, a correspondência de significantes e significados entre os agentes dos diferentes polos comunicacionais não precisa ser idêntica – na medida em que produtor e receptor pensem, se expressem e interpretem da mesma maneira. O fundamental nessa ação é o reconhecimento dos elementos da cadeia representativa entre os membros envolvidos, mesmo que com certa distância e dispensando a concordância integral de sentidos construídos.

Nessas condições e baseando-se na condução das representações pelo polo emissor, o alinhamento com os ideários dos espectadores é indispensável ao jornalismo, tendo em vista o compromisso social da profissão de orientar a sociedade, com intuito de direcioná-la em torno do bem comum e da evolução de um sistema agregado ao interesse público, conforme Vicchiatti

(2005). Neste sentido, os significantes e significados adotados pelas mensagens midiáticas requerem familiaridade com o universo de seu público e com a respectiva linha cultural reguladora, na perspectiva de identificação e compreensão de práticas simbólicas adotadas no cotidiano, como comportamentos, preferências, crenças e, no presente caso, significados da construção social esportiva.

Trazendo as nuances da produção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, analisados em 2015 pelo mesmo autor deste trabalho, é possível enquadrar alguns dos atributos jornalísticos colhidos nesse processo de representação e conseqüente inserção significativa às experiências conceituais dos ouvintes, subsidiando a análise, centrada no eixo de recepção, com os compartilhamentos provindos do circuito da cultura, em termos de representações, identidades e regulações culturais peculiares do esporte e circunscritas entre os eixos de produção e recepção.

Como significante dos comentários, aparece a linguagem radiofônica, aquela que, segundo Barbosa Filho (2003) e Lucht (2009) apresenta elementos que tornam o discurso mais atrativo e com assimilação aceitável pelo público, considerando a dinâmica de imediatismo, objetividade e oralidade da plataforma rádio. A linguagem falada, com formatos jornalísticos de curta duração e propícia a interatividade, são alguns dos significantes das representações mais pré-dispostos à experiência simbólica de recepção, admitindo o poder de captação da mensagem pelos ouvintes. Estas experiências decorrentes das representações inerentes ao processo comunicacional são melhor detalhadas no próximo capítulo, que situa a comunicação de acordo com as Eras da Cultura.

A análise de Farina (2015) demonstrou que os discursos compostos por explanação dos comentaristas, dotados de interatividade com repórteres e ouvintes, apresentam maior nível de informação e qualificação dos argumentos, de acordo com o compromisso jornalístico, centrado em torno do conceito de coerência opinativa. Ou seja, mensagens instigantes de valores que agreguem a inserção do público ouvinte ao universo esportivo em uma perspectiva plural e enriquecedora do cotidiano futebolístico, trazendo a profundidade deste campo futebolístico, mas, com um nível de conhecimento que implique na relevância e significação precisa para a vida destes sujeitos. Nesses parâmetros, o formato de comentário interativo, com a exploração por parte do comentarista de fontes de informação diversificadas, atualizadas e complementadoras de versões, garante um significante simbólico, com índice de decodificação assertiva mais conecta com o teor da mensagem, pois, o volume de informações e visões de conhecimento subjetivo disponibilizados tornarão o esporte um objeto condizente não apenas com a realidade do ouvinte, mas com o indício de representação simbólica que o futebol lhe

atribuí. Sempre considerando que o esporte admite tamanha relevância nas vidas particulares de uma sociedade porque ele dissemina valores de competitividade e devoção apaixonada, ultrapassando a dimensão de um jogo e afinando-se com situações do dia a dia, em uma relação de causa e consequência com as experiências futebolísticas, até porque seus repertórios linguísticos e sentidos de existência são bem usuais de modo geral e não apenas por torcedores.

Além da análise desenvolvida em 2015 nos moldes radiojornalísticos, teóricos do jornalismo opinativo como Beltrão (1980), Guarnieri (2009) e Tavares (2013) já tratavam a produção do comentário, delimitando fatores, como argumentos conectados, organizados e com seleção de informações suficientes e condizentes, a requisitos básicos para que o juízo de valor atribuído leve o público a interpretações e formações de visões de mundo de maior comprometimento social. Mais uma vez, retomando a linguagem do circuito da cultura, esses modelos linguísticos ou signos do jornalismo opinativo, extraídos do trabalho de Farina (2015) e apresentados aqui simplificada e correspondem a significantes de maior conectividade com as demandas do público e passíveis de melhor assertividade na percepção dos significados pelo universo de recepção e contextos cultural e esportivo já regulados e reconhecidos.

Agora, direcionamos as condições de produção dos comentários esportivos diários da Rádio Gaúcha – objeto de análise deste mesmo autor em 2015 – ao outro elemento da cadeia de representação, o significado. Neste caso, os conceitos, como também denomina Hall (2016), correspondem às ideias, percepções, sentimentos e visões de mundo, especialmente, sobre futebol, que atravessam um processo de compartilhamento com os ouvintes, conforme o modelo de circulação do circuito da cultura já apresentado neste trabalho. Para poder avaliar a correspondência desses conceitos com a realidade dos ouvintes, em um mesmo espaço cultural delimitador de sentidos, é preciso primeiro poder identificar e reconhecer as origens e os desdobramentos do universo temático que pauta os comentários. A análise apontou o assunto Dupla Gre-Nal – que aborda o dia a dia e desdobramentos dos clubes gaúchos, Grêmio e Internacional – como majoritariamente predominante nas mensagens dos quatro comentaristas analisados. Todos eles qualificaram este fenômeno, em entrevista em profundidade concedida a esse pesquisador, como fruto do interesse e proximidade do tema com a vida dos ouvintes. Pena (2013) aponta a proximidade com a realidade do público como um dos critérios de noticiabilidade essenciais do compromisso jornalístico, além de que a própria natureza comunitária da plataforma rádio trata esse mesmo valor-notícia como característica predominante do fazer jornalístico nesse meio. Considerando todas essas constatações e o comprometimento jornalístico universal de direcionar sua produção aos fenômenos de relevância mais abrangente aos seus receptores, é notório como assuntos relacionados aos

clubes Grêmio e Internacional envolvem a vida cotidiana – seja nos lares, ambientes de trabalho, automóveis, escolas e supermercados – de muitos dos ouvintes da Rádio Gaúcha, a maioria residente no Rio Grande do Sul. Portanto, o entorno dessas duas agremiações produz sentido, e até demasiadamente, na vida gaúcha, justificando, assim, a categorização temática da produção em torno do significado da maioria das representações consistir na dupla Gre-Nal e no natural envolvimento dos cidadãos gaúchos com os clubes.

Além do significado temático, Grêmio e Internacional, foi possível perceber que os comentários tratam dos fatos mais recentes envolvendo esses dois clubes. A atualidade dos acontecimentos também é um critério de noticiabilidade bastante avalizado pelo radiojornalismo. É perceptível, no senso comum, o envolvimento rotineiro dos ouvintes com seus clubes, especialmente nos períodos em que antecedem ou que sucedem grandes partidas de Grêmio e Internacional. Esse comportamento induz o ingrediente de abordagens factuais no meio produtivo, ancorando a circulação entre os eixos, desse significado entoadado nos discursos jornalísticos esportivos opinativos.

Essa breve correlação das rotinas de produção opinativa da Rádio Gaúcha com os ambientes sociais em que estão inseridas demonstra como o circuito da cultura pode ser aplicado em um processo comunicacional, mas, principalmente, como os discursos são fomentados por significantes e significados, fatores que os posicionam perfeitamente no universo das representações, suscitando e redistribuindo identidades e regulações culturais do âmbito esportivo. A partir desse enquadramento das condições de produção e emissão – analisadas na pesquisa de Farina (2015) – aos eixos de significante e significados, já é possível direcionar e instrumentar o amparo teórico daquele trabalho, a partir de uma abordagem mais conectada com a dimensionalidade do circuito da cultura, no que se refere à apropriação de valores contextuais que significam e produzem sentido sobre o campo de comunicação esportivo.

Considerando a natureza significativa das representações no campo esportivo, é possível identificar a elucidação de narrativas míticas, considerando o teor passional e lúdico da área estudada, baseado em comportamentos sociais e esportivos já bem incorporados pelas vertentes identitárias e por normas de regulação. Nesse sentido, na sequência desse trabalho, serão conceituadas e exemplificadas as aplicabilidades de representações míticas, em especial, no discurso esportivo.

3.2.1 Conhecimento mítico: a mística da natureza esportiva

Como visto nas discussões anteriores deste trabalho, as experiências e práticas sociais são indispensáveis nos processos de construção cotidiana e, mais especificamente, na possibilidade de assimilação da realidade, engrenando os procedimentos de vinculação dos matizes universais a partir do conceito de cultura. O conjunto dessas experiências impulsiona os significados, estabelecendo correlação com a mente humana, e admitindo valor ao compartilhamento de símbolos linguísticos significantes e valores significados nas representações, assim como nas identidades elucidadas e nos próprios desdobramentos dos processos de comunicação universal.

No entanto, as maneiras como se agregam os significados e as identidades já fomentados pela cultura ao cognitivo imaginário na cristalização de diferentes representações simbólicas podem ser distintas, considerando as matrizes de conhecimento adotadas nesse processo subjetivo e norteador de práticas cotidianas. Relembrando os estudos de Pesavento (1995), o cientificismo como vertente reguladora na concepção de símbolos linguísticos inteligíveis e compartilhados universalmente por meio de uma perspectiva de compreensão racional de objetos do cotidiano dominou por muitos anos a circulação de conceitos e identidades lógicas que atribuem sentido à vivência humana. Portanto, nas últimas décadas o pensamento cartesiano começou a ser contestado e outro modo de situar-se sobre a realidade e de interpretar o mundo, com abstração de visões e correspondente forma de incorporar e compartilhar sentimentos ao olhar cotidiano começou a ser admitido.

Essa nova linha teórica e de perspectiva humanística, não apenas de conhecimento, mas, especialmente, de subjetivação da verossimilhança do real – contrapondo-se à concretude lógica das representações linguísticas e denotativas, estabelecidas pela perspectiva de validação de significantes e significados embasada a partir do iluminismo – emerge-se com a readaptação da mitologia. No entanto, mesmo que a incorporação do conhecimento mítico nos modos de percepção e de vivência mundana esteja sendo readmitida na performance universal dos indivíduos devido a um movimento de contestação ao pensamento cartesiano dos tempos modernos, o apelo às representações míticas no intuito da produção de sentido existe desde a formação do homem como ser vivo. Antes de se entender melhor como os mitos podem construir caminhos de representação significativa no universo esportivo, é indispensável demonstrar a origem das narrativas míticas como forma de conhecimento e de que modo elas abrangem campos de atuação, como, por exemplo, o futebol.

3.2.1.1 Narrativas míticas: história e origem

Em épocas primitivas, em que não se admitia o domínio de qualquer conhecimento metódico descoberto e estabelecido como parâmetro para convivência em sociedade pelo próprio ser humano, tal como as convenções científicas e seus desdobramentos contínuos – as necessidades básicas de uma população, com seus devidos sentidos de existência, não deixavam de requerer correspondentes motivações, instintivas ou não, que permitissem consolidar um modo de vida em torno do ambiente situado e originário. Nas condições de gerações pré-históricas, em que não se tinha acesso a outras vertentes de conhecimento, apelava-se para qualidades de significação interior, de modo que o imaginário e os sentidos básicos do ser vivo designavam a continuidade da existência. E é a partir da imaginação totalmente intuitiva, e sem o advento de convenções simbólicas racionais que permeiem determinada cultura, confere-se o amparo único em significados míticos. Armstrong (2005) atribui a possibilidade de convivência em sociedades indígenas como resultado do processo de significação mítica que associa esses indivíduos em torno do compartilhamento da espiritualização das comunidades primitivas. Esses sentimentos correspondidos em crenças são passíveis do cognitivo humano. Mesmo sem um balizamento racional, a mente convergiria símbolos, dotados de valores passionais e absolutamente subjetivados, que induzissem o significado necessário na vida desses povos.

É natural a esses povos indígenas pensar em termos de mitos e símbolos, pois possuem uma consciência profunda da dimensão espiritual da vida cotidiana, como nos informam antropólogos e etnólogos. A experiência do que chamamos sagrado ou divino tornou-se na melhor das hipóteses de uma realidade distante para homens e mulheres em sociedades urbanas industrializadas (ARMSTRONG, 2005, p. 14).

Foi por meio da viabilização das narrativas míticas que comunidades pré-históricas atribuíam sentido às suas ações e até mesmo se comunicavam com o ambiente exterior e seus semelhantes, induzindo as primeiras conexões com o advento da cultura, de forma que o pensamento imaginário permitia a assimilação simbólica dos fenômenos ao seu redor e o compartilhamento de valores, em versões suscitadas pela capacidade de entrelaçamento do real com o universo intuitivo, mas que garantiam a verossimilhança interna do cotidiano para essas comunidades. O instinto propulsor do sentimento é um dos elementos que induz a representação mítica, de modo que convergem símbolos, situados entre o real e a ilusão, mas que produzem sentidos abstratos e dotados de emoção, sendo indispensáveis para a vivência humana – estando esses significados conectados e, por vezes, compartilhados pela cultura, mas não são explicados apenas por ela, na medida em que o corpo e a mente humana são responsáveis pelo despertar das emoções. A subjetivação dos sentimentos proporcionada pelos mitos resultou, historicamente, na imersão dos sujeitos ao espiritualismo, evocando crenças, religiosas ou não,

mas que preenchem as necessidades da vida humana e retratam uma perspectiva de vida, por vezes regulada pela cultura, porém, em tantas circunstâncias, admitindo representações distintas do sentido literal universal.

Toda mitologia fala de outro plano que existe paralelamente ao nosso mundo, e em certo sentido o ampara. A crença nessa realidade invisível, porém mais poderosa, por vezes chamada de mundo dos deuses, é um tema básico da mitologia. Tem sido chamada de `filosofia perene`, pois alimentou a organização mitológica, social e ritual de todas as sociedades até o advento da modernidade científica, e continua a influenciar as sociedades mais tradicionais da atualidade. Segundo a filosofia perene, tudo o que acontece neste mundo, tudo o que vemos e ouvimos aqui em baixo tem sua contrapartida no reino divino, que é mais rico, forte e duradouro que o nosso. E cada realidade terrena não passa de uma sombra de seu arquétipo. O modelo original do qual é apenas uma cópia imperfeita. Só pela participação nessa vida divina os frágeis e mortais seres humanos realizam seu potencial (ARMSTRONG, 2005, p. 4).

A referida interligação para o divino é a grande base de atribuição significativa do conhecimento mítico, de modo que essa é a busca essencial da mitologia e suas narrativas compiladas. Determinados fenômenos e atos pouco compreendidos, ou mesmo identificados, em uma corrente de pensamento mais científica e menos filosófica, admitem a relevância no universo paralelo arquitetado pela linguagem mítica. É justamente essa dominação e ingerência dos sentidos abstratos sobre o cotidiano humano que, primeiramente, originam, e depois, convencionam muitas identidades culturais e expressões materiais concretas. Esse é o caso das formas de torcer impregnadas no futebol, com crenças e construções simbólicas passionais em torno de instituições clubísticas, de modo que remetem-se em comportamentos sistematizados como experiências culturais compartilhadas (ARMSTRONG, 2005).

Da mesma maneira, muitas transformações globais – não compreendidas em primeira instância, pela precisão didática do conhecimento racional – são induzidas pelo imaginário mítico. Tudo isso é possível, devido à vinculação indispensável com o universo concebido pelo poder divino ou sagrado, como refere Mircea Eliade (1992). Não fosse essa concepção, muitas crenças, seitas e valores religiosos dotados de fé e de circunstâncias específicas e passionais, não admitiriam nenhum sentido prático ou função de existência na relação com o cotidiano. Essa premissa cristaliza e convencionam visões simbólicas, sujeitas a interpretação e aceitação, de objetos e de seus fenômenos mundanos enraizados. A preponderância dessas realidades sagradas é refletida por Eliade (1992), em torno do conceito de hierofania.

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de

um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque `revelam` algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere* (ELIADE, 1992, p. 13).

O pensamento mítico, dominante nas primeiras aparições da civilização e com abrangência bastante válida até o período da Idade Média, atravessou contestações e uma espécie de oposição, quando da eclosão do Iluminismo e da necessidade imposta pelos intelectuais da época de centrar a explicação das causas do cotidiano em torno da razão. Mesmo com a evolução e o enquadramento do universo sob a ótica da ciência, os mitos não tiveram seu valor descartado, conforme Armstrong (2005). Como referido anteriormente, isso ocorreu muito pela necessidade do ser humano de atribuir aspectos sensoriais e derivados de crenças às experiências vividas, tensionando as condutas sociais em uma perspectiva menos sistemática e mais dinâmica, energética e guiada por sentidos imaginários, que enriquecem a identificação humana dos percursos explorados. Eliade (1992) foi responsável pela reflexão entre os pensamentos mítico e racional em sua obra “Sagrado e Profano”, abordando o perfil do homem religioso e do não religioso, atribuindo ao mito o papel de enlace dos indivíduos com objetos de crenças e reações de cunho sensitivo.

A fim de que o mito garanta a função básica de sua existência, ou seja, a produção de sentido, é necessária a assimilação de um modo pelo qual esse contorno narrativo proveniente do imaginário interaja com os agentes e objetos que vão possibilitar a representação da história ou versão cristalizada subjetivamente. Ou seja, uma forma materializada e convencionada, na medida da atribuição de sentidos. Desse modo, o maior instrumento responsável pela consolidação discursiva do mito é a linguagem. Por meio dela, são estabelecidos parâmetros de significação e simbolização que o mito vai abrigar em sua materialização, respeitando a sua origem e a individualidade interpretativa, assim como os respectivos elementos formadores da cultura já estereotipados.

A mitologia é, em suma, a obscura sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento, e que não desaparecerá enquanto a linguagem e o pensamento não se superpuserem completamente: o que nunca será o caso. Indubitavelmente, a mitologia irrompe com maior força nos tempos mais antigos da história do pensamento humano, mas nunca desaparece por inteiro. Sem dúvida, temos hoje nossa mitologia, tal como nos tempos de Homero, com a diferença apenas de que atualmente não reparamos nela, porque vivemos à sua própria sombra e porque, nós todos, retrocedemos ante a luz meridiana da verdade. Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual (CASSIRER, 1992, p. 19).

É o ponto que envolve a linguagem, ou seja, o momento de seu amadurecimento e consequente simbolização como versão narrativa, que relaciona a expressão mítica com as experiências já consolidadas em determinadas comunidades – muitas delas também derivadas de mitos anteriores – e, com isso, aproximando a decodificação mítica das vertentes praticadas nos estudos culturais e seus mecanismos de representações (CASSIRER, 1992).

Assim, como nas demais representações, a decifração e a posterior maturação do mito também estão relacionadas com as práticas decorrentes de experiências provindas do ambiente social, pois, estas são as responsáveis pela consolidação de símbolos, que atuam em forma de linguagem e traduzem o significado do mito. No entanto, reações internas e processos de estímulo-resposta com o inconsciente ocorrem de modo mais intenso do que em outras mensagens comunicativas em geral, pois a vinculação mais aprofundada ao imaginário e a órgãos responsáveis pelas relações vitais tende a resultar em maiores associações de sentimentos. Tanto que a abordagem mítica admite uma propensão interdisciplinar, ao ser objeto de estudo também na psicanálise, por Carl Jung.

Se a cultura interfere na naturalização do mito, o movimento contrário também é válido. Mitos já consolidados servem de esteio para o despertar de novos fenômenos cotidianos, em distintas áreas de atuação, como o esporte. Como visto anteriormente, a proximidade com o “sagrado” e a religiosidade plena fortificam convenções e muitas delas, sob a condução mítica, acabam se incorporando aos grupos de influência e a mediações de condutas e práticas sociais, segundo a tradição de recepção comunicacional das mediações, endossada por Jesús Martín-Barbero (2008).

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam durante o círculo básico e mágico do mito (CAMPBELL, 1995, p. 15).

As formas míticas e suas aplicações universais demonstram como a referida concepção de interpretação mundana é necessária para a exploração de uma sociedade tão complexa e incompreensível apenas pela tangibilidade dos fenômenos. A gama de associações simbólicas, entrelaçadas ao contexto, e provedora de reações recheadas de sentimentos, muitas vezes ainda não caracterizados sob uma ação prática, sintetiza os obstáculos ao alcance mais esclarecido dos comportamentos em ambientes de forte religiosidade passional como na área esportiva.

A relação comunicacional entre imprensa e público do setor segue esse mesmo paradigma, de modo que a comoção e mobilização incomum de personagens do esporte como torcedores, atletas, dirigentes e a própria mídia, só pode ser compreendida na associação simbólica por meio do pensamento mítico, abstraído nas representações populares do esporte. Dessa forma, a perspectiva de recepção e a conseqüente explanação de visões de mundo decorrentes pode ser melhor discernida se contextualizada e relacionada de acordo com os paradigmas da linguagem mítica, entrelaçada no processo e implícita na mensagem midiática a respeito da atividade futebolística. Considerando as relações conexas entre os diferentes eixos do circuito da cultura, é bastante próprio entender que as narrativas míticas sobressaem-se – além do natural surgimento no momento das representações – também nos eixos de produção, consumo, identidades e regulações.

Comportamentos atrelados à significação mítica são denominados como rituais, segundo Armstrong (2005), e são eles que incorporam o sentido agregado e transmitem o pensamento mítico traduzido e adaptado ao cotidiano contemporâneo. Esse modo de significar, não científico e pouco literal, ajuda a explicar condutas corriqueiras no meio esportivo, como o uso das camisas de clubes próximo a momentos importantes para as instituições, assim como reuniões e concentrações de torcidas em determinados locais em dias de jogo. Isso, sem incluir outras superstições míticas mais pessoais.

3.2.1.2 O mito e sua significação no esporte

O futebol no Brasil apresenta-se como uma atividade de elevado clamor e, com isso, é enraizado nas culturas de massa da nação, servindo de amparo para inclusão interacional não apenas na identidade representativa da sociedade, mas, também, nas relações cotidianas que se desenvolvem inseridas diretamente nessa categoria. Ainda que a produção de sentido do futebol esteja associada às origens sociais populares e ao contexto político e econômico do país, é impossível dissociar sua materialização da simbologia dos mitos.

A atividade futebolística foi concebida sob a perspectiva esportiva e de entretenimento em distintas comunidades globais. No entanto, os significados desse jogo foram muito mais profundos e irrestritos a essa ação em seu sentido literal. A institucionalização de muitas agremiações clubísticas, com novas identidades particulares, agregada ao contexto de mobilização expandida, suscitou a cristalização de várias versões míticas e simbólicas. Uma das mais representativas e transparentes é o vínculo afetivo de cidadãos com os clubes de futebol, equiparando o ato de torcer a uma crença dotada de rituais e de expressões publicizadas de sentimentos.

Provavelmente quando foi inventado, o futebol não tinha ideia do alcance e da aceitação que teria nos quatro cantos do mundo em um período relativamente curto de tempo da humanidade. Ao colocarmos em pauta também a paixão, a pergunta clássica de quem veio primeiro, se o ovo ou a galinha não se faz necessária. Se a primeira bola foi chutada em meados do século XVIII, o nascimento da paixão pelo esporte tem data imprecisa, mas evidentemente esta veio depois. É possível afirmar que a paixão é o combustível do futebol. Sem ela o esporte mingua, vira lazer e aproxima-se dos demais esportes de menor capacidade de mobilização praticados em qualquer lugar do mundo (FONTOURA, 2014, p. 23).

Como percebe-se no relato de Fontoura (2014), a ligação afetiva com o futebol e suas agremiações é o mito, pois, o sentido literal da bola e do campo que representa o jogo em si, é encoberto pela conotação simbólica. A paixão acaba sendo representada por rituais do meio esportivo como a presença massiva em jogo dos clubes, acompanhamento cotidiano de informações, vestimenta de uniformes das equipes, reuniões com outros torcedores e cânticos em apoio. O fato de indivíduos seguirem o clube em todos os passos reflete uma analogia com crenças e devoções, em que são reproduzidas emoções que trazem para o torcedor um significado em sua vida muito maior do que o simples conhecimento do esporte, correspondendo à função primordial dos mitos, segundo definição de Amstrong (2005). Esses sentimentos, oriundos da interpretação mítica do futebol sob o viés da paixão, são responsáveis pela maturação da identidade de muitos cidadãos, resultando em comportamentos no dia a dia que transpareçam essa feição. É nesse sentido que muitas das relações sociais acabam se conduzindo de acordo com a natureza e a integração do posicionamento das afinidades futebolísticas. Considerando as consequências negativas dessa significância mítica traduzida pela paixão clubística, também é comum no esporte o exagero em algumas relações, muitas delas estigmatizadas como fruto do fanatismo descontrolado, como confrontos violentos entre torcidas.

A intolerância entre torcedores adversários, advinda da crença inabalável institucional clubística e que rejeita agremiações adversárias, é retrato de um sentimento efervescente de rivalidade, abastecido por uma narrativa mítica baseada em confronto. Assim, admitindo um significado de batalha, superando o sentido literal esportivo responsável pela atividade futebolística como um jogo. É essa percepção, de cunho mítica, que transcende os cotidianos e é responsável pela naturalidade das desavenças entre opostos no cenário esportivo, desde pequenas rugas até episódios de violência, construindo um universo paralelo de significado combatente na vida desses sujeitos, tamanha a dimensão que a crença futebolística impõe sobre seu dia a dia. A rivalidade entre gremistas e coloradas, estendida sobre os ouvintes analisados

neste trabalho, já apresentou incontáveis cenas de agressão e violência em diversas situações cotidianas. Esse sentimento de confronto, abstraído de narrativas míticas é compartilhado nas culturas do mundo do futebol, mas, no Brasil, apresenta um caráter relacionado também à identidade nacional, de modo que essa representação simbólica do futebol como duelo já faz parte dos conceitos valorosos da nação.

Na ausência de um maior envolvimento brasileiro em guerras – matéria-prima para a construção de fronteiras de identidade na formação dos estados nacionais unificados na Europa – o futebol forneceu um simulacro de conflito bélico para o qual era possível canalizar emoções e construir sentidos de pertencimento nacional (MARIO-FILHO, 2010, p. 13).

Se o futebol apresenta esta belicosidade referida é porque o esporte representa símbolos de competitividade em suas disputas. Estas referências também se constroem na relação da sociedade com os personagens envolvidos, de modo que os atletas e ídolos que protagonizam as disputas por seus clubes são reconhecidos como heróis, estando elevados a um patamar mítico na conjuntura social, comparados a divindades sagradas. Esta analogia só é possível pelo fato de as disputas futebolísticas representarem grandes duelos entre agremiações de simbologia ideológica, em que seus membros convertidos em torcedores incorporam este potencial conflituoso na relação de distintos clubes, sendo movidos por enorme carga de sentimento. Assim, os jogadores que efetivamente protagonizam estes confrontos dentro de campo são alçados a heróis seguindo uma representação mítica do futebol.

Se para a sociedade como um todo o referencial mítico do herói tem servido para justificar atitudes competitivas, no esporte essa referência ganha força dobrada, uma vez que a máxima para o atleta é a vitória. Na antiguidade os atletas que participavam dos Jogos Olímpicos distinguiram-se do restante da população, na medida em que a inclusão nesse evento era restrita aos cidadãos (ou seja, não era permitido aos escravos e às mulheres competir nem tampouco assistir às competições) e àqueles que passavam por um processo iniciático para conquistar o direito ao exercício dos jogos. Em caso de vitória, além da coroa de louros recebida, o atleta vencedor gozava da glória concedida aos mais poderosos como honras políticas, isenções de impostos, pensões vitalícias, escravos, entre outras regalias. Fora isso, os feitos atléticos colocavam seus protagonistas na galeria dos heróis mitológicos, incluindo a impressão de seu nome em documentos e praças públicas onde esses feitos eram contados e celebrados (RUBIO, 2001, p. 12).

Mesmo que os mitos mais recorrentes no futebol correspondam à simbologia da devoção aos clubes como crenças afetivas e a seus ídolos como heróis, outros significados também são elucidados pelo esporte. A integração social é um símbolo corriqueiro que admite grande relevância, de modo que para muitos torcedores o contato e a sensação de pertencimento na comunidade, assim como a participação em grupos de convivência é o grande sentido que traz o esporte, superando o interesse singular e concreto pelo desenrolar da atividade de campo.

O fato de estes rituais cotidianos – originados de alguns dos mitos explanados acima – já terem se consolidado como práticas culturais, alcançou representatividade também no discurso jornalístico, trazendo em suas mensagens estes sentimentos conotativos do futebol por meio de um teor estereotipado e já padronizado destes símbolos. A adaptação do discurso midiático aos mitos pode ser compreendida pelo próprio perfil da editoria esportiva, que adota um caráter menos formal e, em muitas ocasiões, abre mão da precisão jornalística em benefício de narrativas compostas por significações míticas análogas emotivas ou humoradas, assemelhando-se a um espetáculo, conforme Barbeiro e Rangel (2013).

Os comentários diários de Pedro Ernesto Denardin, analisados pela pesquisa de Farina (2015) apresentaram um tom apaixonado e que buscava despertar sentimentos de mobilização e emoção ao torcedor junto ao seu clube. Em seus comentários, o jornalista construía um ambiente simbólico de envolvimento dos torcedores com as partidas decisivas de seus clubes, situando os ouvintes nesses episódios de circunstâncias especiais nos campeonatos disputados por Grêmio ou Internacional, tamanha importância teriam para a vida dos mesmos. A crença mítica, no caso, evocando os significados da devoção clubística e dos heróis no futebol, é comumente pregada nos discursos dos emissores esportivos, demonstrando como estes símbolos míticos emotivos transitam entre os diferentes eixos do circuito da cultura.

Quem acompanha as transmissões esportivas observa uma falta de cerimônia do locutor ou do jornalista esportivo ao se referir àquele atleta consagrado, que em seu currículo acumula uma série de “façanhas” que o distingue dos demais, como o herói em campo. Fato aconteceu na Copa FIFA – Campeonato Mundial de Clubes – quando no jogo final Corinthians e Vasco se enfrentaram no Maracanã lotado. A uma certa hora do jogo, Romário, do Vasco, sente uma dor, que se caracteriza como contusão, e é substituído, tirado de campo, com seu time em desvantagem no placar. A câmera colocada no túnel que sai do campo capta a imagem de todo o trajeto feito pelo atleta até chegar ao vestiário, acompanhada de uma locução emocionada, que dizia com a voz embargada: “E aí vai o herói que lutou bravamente para levar o seu time à vitória. Vencido pela contusão e pela dor é obrigado a abandonar a batalha. Vai guerreiro, que a tua batalha já acabou” (RUBIO, 2001, p. 12).

Estas referências trazidas sintetizam a maneira como o mito pode não mudar a realidade e a essência literal do esporte, mas, ressignificá-las, trazendo atribuições e conotações míticas que admitem desdobramentos mais abrangentes e já consolidados no meio de interação – incluindo sua representação perante os agentes de mediação social, como os veículos de comunicação – resultando em práticas de elevada representação e propagação do alcance popular do esporte.

A partir dessas construções e simbolizações atribuidoras de sentidos sociais, fomenta-se a circulação de identidades contempladoras de valores expelidos pelas representações – sejam elas de origem mítica ou resultados de compartilhamentos culturais - junto aos

respectivos meios de vivência e outros possíveis ambientes de integração. A seguir, será melhor conceituada a abrangência teórica do eixo de identidade como elemento do circuito da cultura, correlacionando suas atribuições com o universo esportivo e suas inerentes implicações na prática comunicacional jornalística opinativa.

3.3 Identidade cultural: perfis e valores anexos a grupos e espaços sociais

O momento das representações no circuito cultural traz à tona valores balizadores, norteadores ou até mesmo transformadores de determinada ordem social prevalecente, estando esses princípios, de certa forma, assimilados pelos indivíduos e dando vazão a experiências imersas a contextos sociais específicos. O conjunto dessas práticas correlacionadas, amparadas por crenças e predisposições, sensoriais ou mesmo já pluralizadas, garantem o caráter de identidade a certas vinculações significativamente simbólicas diante do cotidiano comum humano. Conforme Escosteguy (2009), as visões de mundo decorrentes dos sentidos imersos nas representações resultam em modalidades específicas de experiências e de adequação à complexidade cotidiana do mundo, resultando em diferentes identidades. Conforme a autora, “a partir do momento que adotamos certas posições, construídas a partir dessas significações, `nossas identidades` vão sendo formadas” (ESCOSTEGUY, 2009, p. 10).

Neste cenário, as identidades são indissociáveis das experiências cotidianas da vivência humana, mas, mais especificamente, da relação com que estes respectivos modos de expressão constroem na concepção de uma realidade social com agentes integrados. Ou seja, as identidades só são lapidadas e, conseqüentemente, diferenciáveis, quando se compreende o universo distinto das representações e o posicionamento dos indivíduos singulares diante das visões plurais de condução das práticas de contato com o mundo. Pois, é a partir do conflito de ângulos de imersão ao mundo real, com o apontamento mais nítido de traços e condutas peculiares e bem direcionadas restritamente, que se confere o alcance e a transparência social de uma identidade. Essa perspectiva, conforme Hall (2000), retrata o discernimento, em termos de representações, das diferenças entre os seres humanos, nos processos de conexão com a cultura.

Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construída (Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993). As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. (HALL, 2003, p. 109-110).

O caráter distintivo das identidades evoca a notoriedade plural do universo das representações e suas implicações, pois o teor e o delineamento do escopo identitário seguem baseados na comunicação permanente e compreensiva entre estes valores simbólicos atribuidores de sentido. Deste modo, são evocados os códigos culturais e linguísticos que engendram as referências simbólicas das representações, tangibilizando os significados e, com isso, permitem o despertar dos sentidos personificados dentro do referido universo de diferenças, suscitando, assim, a abrangência da identidade em uma delimitada sociedade de semelhantes.

Estudo de Coiro Moraes (2014) situa a validade do conceito de identidade em uma perspectiva temporal e de evolução conforme as vertentes culturais, baseando-se em pesquisas de Hall (2003). O conceito de identidade, amparado pela insurgência da pós-modernidade, acaba por incorporar os fenômenos e a disseminação de valores angariados e intensificados no correspondente período. É quando eclodem movimentos e facilita-se a distinção humana em diversas características da espécie, seguidos de expressões revolucionárias e reivindicatórias. A explicitação das diferenças – como de gênero e raça – e estudo das mesmas nos tempos atuais, acaba por implicar no condicionamento de identidades humanas, habilitadas à elucidação de tantas outras. A adesão ao futebol e a vivência de seus significados sociais, por exemplo, não deixou de ser, durante muito tempo, uma identidade relacionada ao gênero masculino e a camadas populares da sociedade, tanto na prática quanto na audiência do esporte, mesmo que esse panorama esteja sendo atualizado.

A identidade cultural tem sido um assunto central dos EC, fundamentando pesquisas que envolvem questões de gênero, de classe, de raça e etnia, e de confrontos como modernidade x pós-modernidade, local x global, etc. Tais estudos, em sua maioria, se valem do que postulou Hall, especialmente em *A identidade cultural na pós-modernidade*, obra em que ele considera as mudanças no conceito de identidade (COIRO MORAES, 2004, p. 11).

A evolução da identidade cultural apresenta valores de representações comuns no contexto da pós-modernidade, como o discernimento e a delimitação de distinções por parte dos sujeitos humanos, na espreita dos fenômenos cotidianos. O amadurecimento das formas simbólicas aplicados a circunstâncias instituídas na sociedade validam espécies de identidades diante dos cenários dinamizados em uma cultura pós-moderna. Essas classificações e as delimitações distintivas impõem significados dos mais diversos em contextos, como o do torcedor de futebol. Algumas torcidas vinculam seu repertório discursivo a identidades de determinados símbolos de raça, gênero e etnia. Isso se torna comum, na medida em que algumas

torcidas de futebol já tenham sido marcadas por episódios de racismo e preconceito de gênero, ao mesmo passo em que alguns destes estereótipos simbólicos de identidades da espécie humana simbolizam a atuação e a identificação de certos torcedores. Por outro lado, a disseminação e a compreensão das diferentes identidades no período pós-moderno tornam esse cenário de identificação mais complexo, tendo em vista que diferentes fenômenos contemporâneos dos indivíduos são encontrados em inúmeras comunidades ou, no caso do futebol, em inúmeras agremiações de torcida.

Partindo ou não de seu caso pessoal, a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento (ESCOSTEGUY, 2010, p. 148).

A validação e a transformação dos valores humanos a partir da história são os fatores que norteiam o conceito de identidade. No início do século XX, era comum o esporte ser praticado apenas por homens brancos, caracterizando o futebol como um jogo racista e destinado às elites brasileiras. Filho (2010) retrata o Vasco da Gama como primeiro clube a permitir jogadores e torcedores negros em seu grupo profissional e torcida, respectivamente. É um fato que muda a história e qualifica a comunidade vascaína como representante de uma identidade democrática e combatente ao racismo. No Rio Grande do Sul, fenômeno semelhante ocorre com a torcida do Sport Club Internacional, que adota o *slogam* O Clube do Povo. Essa intitulação dá-se pela conduta folclórica dos torcedores em orgulharem-se por receber adeptos de cor negra e das classes mais populares no seu estádio, além de simbolizarem essa prática nas manifestações das torcidas, seja nos cânticos ou nas expressões imagéticas, quando torcedores do clube criaram o símbolo mascote de um macaco, que circula pelas arquibancadas, supostamente representando os demais adeptos. Essa identidade de torcedores do Internacional relacionados a camadas populares no Rio Grande do Sul já possui uma conotação histórica no futebol.

As identidades clubísticas de torcidas não são apenas vinculadas a questões de raça e cor. A evolução social e desbravamento de novos fenômenos trazem novos contornos e estereótipos para esses vínculos. Ainda no Rio Grande do Sul, o Grêmio é visto como o primeiro clube brasileiro a admitir uma torcida organizada composta por indivíduos de população homossexual, a intitulada Coligay, fundada na década de 1970. Esse fato remete, de certo modo, a identidade da causa LGBT à comunidade de torcedores do Grêmio, considerando o universo

de representação, consumada por seus indivíduos, acessível a esse perfil de diversidade (GERCHMANN, 2014).

As atribuições referidas constituem a construção do universo futebolístico, resultando em contrapontos e embate de valores entre as inúmeras identidades que engendram a concepção cultural das comunidades de torcedores esportivos, sempre em adaptação e evolução, na medida do movimento e avanço dos tempos. Na prática do dia a dia das torcidas, este comportamento de vínculo de determinados atores clubísticos no combate a um ou outro preconceito emerge no folclore de atuação das torcidas, pois, a ainda não aceitação das diversidades em uma sociedade complexa remete o conflito e disseminação a dos preconceitos – como racismo e homofobia – no ambiente da paixão clubística. Isso se intensifica, conforme os registros de Beting (2005), na medida em que o futebol consiste em um campo de ânimos acirrados pelas disputas entre agremiações, de forma que as ofensas e intolerâncias percursoras do caráter preconceituoso admitem transito e circulação natural. Por isso, é comum que a identificação dos torcedores com causas sociais cotidianas, como as referidas, ingresse no ambiente da rivalidade, com fenômenos da identidade humana sendo agredidos e defendidos, seja com ofensas ou humor, mas, sujeitos à contemplação dominante da paixão clubística, refletindo a identidade assumida pelo perfil da comunidade correspondente a torcedores de determinado clube. Diante da religiosidade mítica que as instituições clubísticas admitem na validação identitária de seus próprios torcedores, não é incomum que muitos destes indivíduos alinhem não apenas sua recepção a mensagens comunicacionais, mas seu posicionamento inerente aos fenômenos sociais, de acordo com os valores clubísticos adotados por seus semelhantes, ou seja, seguidores da mesma instituição futebolística.

A evolução do conceito de identidade nas cercanias da pós-modernidade não apenas consolida os fenômenos universais em pautas da diversidade, mas, também, relativiza os vínculos de identidade, diante da complexidade dos fatos contemporâneos. A eclosão de distintas identidades não apenas repara a noção de vínculo do clube com determinado valor singular da existência humana, mas, ao contrário disso, propõe disputas internas na agregação do perfil de convívio destas instituições que, por vezes, descambam até para a violência. No contexto contemporâneo, um clube apresenta milhões de seguidores de distintas perspectivas, raças, orientação sexual, religiosa e política. A partir da compreensão do potencial massivo dos clubes de futebol, é comum a subdivisão da comunidade de torcedores, de acordo com atribuições semelhantes da vida humana. Muitos clubes apresentam torcidas organizadas intituladas como: a torcida feminina, torcida negra, torcida LGBT, torcida do interior, etc. Os diferentes elementos sociais, mediados pelo atributo dominante da paixão clubística – de modo

que estão todos situados em um mesmo ambiente, com mesmo objetivo e função em comum, que é a atuação como representante desta instituição – compõem diferentes representações na assimilação e na construção do universo futebolístico, posicionando-se, assim, na propagação do esporte, de acordo com suas identidades pessoais, conferindo ângulos específicos na recepção das opiniões midiáticas, sendo que a passionalidade institucional aproxima essas visões. No entanto, as descobertas de novos fenômenos do dia a dia suscitam novos pontos de associação entre representações simbólicas, garantindo a materialidade e a mutação de novas e antigas identidades, readaptando a posição e a função dos torcedores em um campo esportivo e social diante de diferenças e predisposições culturais estabelecidas.

Se um sentido de identidade se perdeu, precisamos de outro. Isso faz com que tornemo-nos cientes de que identidades não são nunca completas, finalizadas. Ao contrário, estão em permanente processo de constituição. São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do Outro (ESCOSTEGUY, 2010, p. 157).

Neste sentido, torna-se mais complexa a delimitação do ambiente de torcedores e adeptos ao futebol por meio das práticas culturais, na medida em que a evolução da espécie humana angaria e aproxima diferenças e fenômenos inerentes aos cidadãos nos parâmetros da identidade destes indivíduos envolvidos com o futebol. O crescimento da presença feminina nos estádios e em eventos que envolvem o futebol exemplifica de forma objetiva a atualização das identidades e correspondentes estereótipos que emergem na representação do esporte. Estes fenômenos e perfis naturais do indivíduo, que redimensionam as condições de produção e de recepção comunicacional, são imersos ao esporte, na medida em que se correlacionam com aspectos que tangem diretamente a concepção do futebol como esporte. E o principal atributo desta identidade precursora do esporte consiste na paixão clubística, resultante de crenças em narrativas míticas. Considerando este fator, o comportamento esportivo parece não encontrar justificativas apenas nas convenções sócio simbólicas, mas ampara um caráter identitário provindo de relações instintivas da convivência humana.

3.3.1 Identidades inconscientes: a origem da paixão clubística

Mesmo que as identidades sejam amadurecidas e compartilhadas na correspondência da cultura social, a origem de muitos atos comuns na civilização não encontra justificativa apenas nestes conceitos e significados compartilhados, sem uma reflexão mais elaborada sobre sua existência impulsiva e incalculável de forma racionalizada. Isto porque muitas das ações, atitudes e predileções incidem, mais do que reproduções de condutas, também relações

sentimentais da espécie humana, estando estas alinhavadas ao próprio corpo e à mente em sua essência. Deste modo, um dos aspectos comportamentais mais preponderante nas relações futebolísticas, que é a paixão clubística, só pode ser compreendida considerando a natureza instintiva e irracional do meio, a partir de comportamentos emotivos, podendo estes serem classificados e relacionados às chamadas identidades inconscientes, presentes na esfera esportiva.

A origem de comportamentos e de experiências agregadas a uma sociedade possui várias vertentes e meios de interpretação, de modo que o estudo das mesmas não é unânime, em vista da distinção dos campos de conhecimentos e das diferentes alternativas de compreensão de uma realidade simbólica e coletiva. Uma das esferas de pesquisa da personalidade humana direciona atributos do próprio imaginário e seu contato com o ambiente social do indivíduo, onde almeja-se a descoberta do próprio ser e sua decorrente inclinação social. Um grande pensador dos séculos XIX e XX, responsável por explicações acerca dos parâmetros comportamentais, em paralelo a incrementos de convivência social, é Carl Gustav Jung.

Mesmo que sua obra seja originária de um período menos contemporâneo, seus ensinamentos e métodos de estudo admitem compatibilidade com a compreensão dos atos e composições psíquicas da espécie humana, em campo de conhecimento muito mais adepto à psicologia, mas que interage e complementa-se com enfoques relativos de outras áreas científicas humanas, entre elas, a comunicação. Esta premissa pode ser averiguada e apreciada, considerando que tanto as relações humanas quanto as construções culturais dependem de ação e envolvimento pioneiro da mente humana, de onde emergem os estímulos para modificação e estabilização de espécies em dado espaço de existência. Por isso, mesmo com a representação cultural e o compartilhamento de códigos linguísticos e modelos relacionais de Hall (2016), resultando em determinadas experiências, nenhuma dessas construções simbólicas, ou mesmo, fenômenos de evolução e balizamento cultural, são passíveis de reflexão e amadurecimento, sem as forças internas da psique pessoal de cada sujeito. Nessas condições, Jung (2000) destina seu enfoque de conhecimento ao estudo do imaginário psíquico, esfera humana onde organiza-se o pensamento e seus estímulos decorrentes, originando camadas pessoais de cada ser – denominadas inconsciente, a partir das quais se moldam os primeiros atributos de reações e personalidades.

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais,

sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo (JUNG, 2000, p. 15).

A partir dessa subdivisão do inconsciente, Jung (2000) classifica o conteúdo da camada pessoal como inerente à natureza emocional, em vista da intimidade singular de cada sujeito. Por outro lado, os materiais psíquicos presentes no inconsciente coletivo são denominados arquétipos, consistindo em uma alusão a modelos de condutas e instintos semelhantes em diversos sujeitos e já identificados nos organismos sociais e suas ramificações, como no caso da atuação e composição das torcidas de futebol. Nessa linha de pensamento, a pré-disposição conferida aos arquétipos aproxima estes instintos comportamentais às representações e referências culturais norteadoras do mundo cotidiano, na perspectiva de Hall (2016).

"Archetypus" é uma perífrase explicativa do εἶδος platônico. Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. O termo *représentations collectives* (JUNG, 2000, p. 16).

Os arquétipos admitem contornos de conhecimentos míticos em seu sentido de origem, com base nos estudos de Karen Armstrong (2005), acerca da carga instintiva dotada de busca pela existência humana e, especialmente, significação da realidade decorrente para as espécies primitivas. No entanto, o que os difere é o fato de que as representações míticas acabam por incorporar-se ao universo cultural, incrementando e ritualizando suas narrativas ao cotidiano simbólico construído e compartilhado e, por isso, abstraem-se à conscientização social, enquanto os arquétipos seguem como elementos do inconsciente coletivo despertados no ser humano.

Forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada no mito e no conto de fada. Aqui também, no entanto, se trata de formas cunhadas de um modo específico e transmitidas através de longos períodos de tempo. O conceito de "archetypus" só se aplica indiretamente às *représentations collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente. Neste sentido, representam, portanto, um dado animico imediato. Como tal, o arquétipo difere sensivelmente da fórmula historicamente elaborada. Especialmente em níveis mais altos dos ensinamentos secretos, os arquétipos aparecem sob uma forma que revela seguramente a influência da elaboração consciente, a qual julga e avalia. Sua manifestação imediata, como a encontramos em sonhos e visões, é muito mais individual, incompreensível e ingênua do que nos mitos, por exemplo. O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que

variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta (JUNG, 2000, p. 17).

A inconsciência dos arquétipos não pode ser entendida sem a relatividade de suas formas de existência, na medida em que é necessário um amparo em significados para que esses instintos e narrativas de existência admitam valor, considerando o homem primitivo ou mesmo afastado do consciente racional. Nesse sentido, as origens míticas, pelas quais os arquétipos estão relacionados em sua instintividade sensorial ao agregar valores universalmente a grupos de pessoas pelo inconsciente coletivo, detêm, conforme Armstrong (2005), um amparo ao universo divino, na mesma ordem em que empenham princípios iniciais de sobrevivência e de religação de suas experiências, na espreita de um significado para essas vidas, até o momento em que adquirem maiores níveis de conhecimentos com o domínio da consciência racional.

O sentido de religação e de conexão com universos divinos remete, em senso comum, ao laço humano com instituições religiosas – como refere o próprio termo – mas, convencionalmente, a crenças perpetuadas em deuses e igrejas, correspondendo aos anseios da existência e da significação mundana primitiva. Isso ocorre conforme a analogia dos instintos arquetípicos com as narrativas míticas culturalmente representadas, em que se explica e compreende os propósitos e pressupostos da vida humana, na inerência de conexões com universos sagrados, seguindo as hipóteses de Mircea Eliade (1992). No entanto, a competência desses arquétipos pode não necessariamente corresponder a sentimentos de significação da ordem divina – como convencionado ao longo de séculos, com o amparo da dominação das igrejas, por meio de imagens arquetípicas.

Render-se ou sucumbir a estas imagens eternas é até mesmo normal. É por isso que existem tais imagens. Sua função é atrair, convencer, fascinar e subjugar. Elas são criadas a partir da matéria originária da revelação e representam a sempre primeira experiência da divindade. Por isso proporcionam ao homem o pressentimento do divino, protegendo-o ao mesmo tempo da experiência direta do divino. Graças ao labor do espírito humano através dos séculos, tais imagens foram depositadas num sistema abrangente de pensamentos ordenadores do mundo, e ao mesmo tempo são representadas por uma instituição poderosa e venerável que se expandiu, chamada Igreja (JUNG, 2000, p.20).

Estes elementos e percepções sensitivas do inconsciente coletivo, na concepção de Jung (2000), podem remeter a sensações e estímulos que evoquem diferentes instâncias do cotidiano experiencial de cada ser, com outros valores existenciais dissolvidos a partir da propensão desses arquétipos, na medida em que novas proposições míticas do mundo moderno e contemporâneo passam a dimensionar esses traços psíquicos, com suas histórias de produção de sentido diferentes das tradicionais, no delineamento da realidade humana. Ou seja, nem todas

as experiências mundanas são obra do divino conforme sua conjuntura formalizada historicamente, mas, estes revestimentos psíquicos e sentimentais podem significar o mundo por outras metáforas construídas com a realidade e o imaginário espiritual mental.

É diante dessa premissa que se personificaram tantas narrativas míticas, com variadas versões de fé e crenças que permeiam a origem da humanidade e o perfil de seus habitantes. No próprio ambiente religioso das divindades, sobrepuseram-se inúmeras versões míticas quanto à natureza do credo e dos correspondentes deuses, angariando definições heterogêneas do que se compreende, em senso comum, como religião. A partir dessa descentralização da fé e dos sentimentos arquetípicos, é possível direcionar esse conjunto psíquico instintivo para outras áreas constituídas no cotidiano social – como amor, relacionamento, artes, política e esporte.

No entanto, estas referências míticas tradicionais da correspondência ao divino não devem ser desconsideradas, pois muitos dos arquétipos do inconsciente coletivo contemporâneo e sua propensão sentimental estão compreendidos e dimensionados em circunstâncias bíblicas da antiguidade, de modo que invariavelmente os sentidos e valores de condutas cotidianas remetem-se para credos bíblicos, apenas com troca de agentes e evolução do perfil ambiental e relacional. Por exemplo, na mitologia e nos arquétipos do inconsciente coletivo, nas épocas primitivas, pregava-se devoção, amor e lealdade aos deuses. Já no cotidiano contemporâneo, esta natureza de sentimento apenas transfere-se para a família e para os entes queridos, transcendendo outros ambientes da vida, como no caso do futebol, direcionando estas relações de fidelidade absoluta ao clube do coração. É a partir dessa interpretação arquetípica que se compõem e se norteiam alguns dos elementos dessa pesquisa: os sentimentos dos torcedores e suas identidades inconscientes.

As transformações nos parâmetros de significação do inconsciente coletivo não estão indissociáveis da construção e da evolução das identidades humanas e de seus valores agregados, que incorporam os parâmetros cotidianos, aos quais os arquétipos transferem suas composições psíquicas e sentimentais, nos níveis de subsistência da humanidade. Nessas condições, são explicáveis as reações passionais em ambientes de convivência como o esporte, pois, estes mitos evoluídos passam a habitar também os instintos de significações propostos pelos arquétipos, tendo como referência para significação e manifestação, as relações em grupos e em sociedades constituídas.

A identificação com o grupo é pois um caminho simples e mais fácil; mas a vivência grupai não vai mais fundo do que o nível em que cada um está. Algo se modifica em cada um, mas essa mudança não perdura. Pelo contrário: a pessoa depende continuamente da embriaguez da massa a fim de consolidar a vivência e poder

acreditar nela. Quando não está mais na multidão, a pessoa toma-se outro ser, incapaz de reproduzir o estado anterior. Na massa predomina *^participation mystique*, que nada mais é do que uma identidade inconsciente. Por exemplo, quando se vai ao teatro, os olhares encontram imediatamente os olhares que se ligam uns aos outros; cada um olha como o outro olha e todos ficam presos à rede invisível da relação recíproca inconsciente. Se esta condição se intensifica, cada um sente-se arrastado pela onda coletiva de identificação com os outros. Pode até mesmo ser uma sensação agradável - uma ovelha entre dez mil ovelhas. E se percebemos que essa multidão é uma grande e maravilhosa unidade tornamo-nos heróis exaltados pelo grupo. Voltando depois a nós mesmos, descobrimos que meu nome civil é este ou aquele, que moro nesta ou naquela rua, no terceiro andar e que aquela história, no fundo, foi muito prazerosa; e esperamos que amanhã ela se repita a fim de que eu possa sentir-me de novo como um povo inteiro, o que é bem melhor do que ser apenas o cidadão χ ou y . Como este é um caminho fácil e conveniente de ascensão a outros níveis de personalidade, o ser humano sempre formou grupos que possibilitassem vivências de transformação coletiva, frequentemente sob a forma de estados extáticos. A identificação regressiva com estados de consciência inferiores e mais primitivos é sempre ligada a um maior sentido de vida, donde o efeito vivificante das identificações regressivas com os ancestrais meio teriomórficos da idade da Pedra (JUNG, 2000, p. 131).

Considerando esse fenômeno, um conjunto de torcedores identificados com determinados clubes ou instituições esportivas passa a desenvolver reações aos desdobramentos esportivos a que estão conectados de modo instintivo pelos arquétipos, apelando para os sentimentos básicos de crença e devoção da vida humana, como visto anteriormente. É a partir dessa analogia, que se justificam comportamentos passionais, por vezes excessivos, na dinâmica esportiva, com atitudes relacionais do meio que preenchem a vida desses torcedores diariamente, no contato com a família e na recepção da comunicação midiática acerca dessa área simbólica do escopo cultural. Na medida da posição do meio esportivo, com as determinadas agremiações e decorrentes relações, considerando o período de abrangência e seus vínculos, tornam-se naturais juras de amor em virtude da exposição comunitária dessa fé, assim como conflitos entre rivais, emergindo práticas rituais míticas na significação dos valores dessa comunidade.

Estes seriam alguns exemplos de identidades inconscientes, referidas por Jung (2000), no contexto do esporte, valendo-se da conduta dos arquétipos do inconsciente coletivo de cada cidadão. Esse comportamento próprio dos grupos pertencentes a ambientes esportivos também é de relevância para a comunicação dos torcedores com a produção midiática, na medida em que os posicionamentos em relação às mensagens dessa editoria temática também são movidos por sentimentos – estando eles moldados de acordo com as identidades inconscientes coletivas no cotidiano e, especialmente, pela validade das condutas sociais e suas parametrizações em determinadas épocas de vivência. Nesse sentido, é indispensável para a interpretação desses elos esportivos de socialização, considerar-se a lógica das relações e comportamentos no ambiente contemporâneo, de acordo com as dinâmicas de comunicação e, especialmente,

recepção, estabelecidas e evoluídas conforme o Circuito da Cultura. O radiojornalismo e as ações de contato com os receptores são readaptadas, em termos de relações e identidades culturais, no período contemporâneo, como será analisado a seguir.

4 A CULTURA NA COMUNICAÇÃO E O RADIOJORNALISMO DIGITAL

Diante os parâmetros de estudos do Circuito da Cultura, a comunicação segue na espreita das diretrizes identitárias do universo social predominante, de modo que os significados de práticas atribuidoras da realidade movimentam-se entre os polos de produção e recepção, moldando os rumos e as condições técnicas de materialização do processo. Esse pensamento é, de certo modo, compartilhado por Santaella (2003), na medida em que a autora considera artefatos e modelos técnicos condizentes com distintas operações comunicacionais como produtos da perspectiva de ordens socioculturais balizadoras de comportamentos humanos.

Neste sentido, a pensadora alimenta a perspectiva de que os suportes transmissores de informação responsáveis pela propagação da mensagem – como rádio, televisão e dispositivos móveis – são concebidos diante das demandas sociais estabelecidas pela constante transformação humana nos ambientes culturais. A capacitação de produção e deliberação de experiências propiciadas pela comunicação balizada nos novos recursos descobertos são consequências das evoluções socioculturais, de modo que as causas centram-se nas próprias matrizes simbólicas e estruturais das relações humanas, e não na pura exploração tecnológica, como se entende em senso comum. A mesma linha de raciocínio é compartilhada por Raymond Williams (2016), em pesquisa direcionada à descoberta e ascensão da televisão, quando o autor concluiu que o contexto cultural requeria a emergência de um meio de comunicação mediante ao consumo elevado de imagens. Esse fenômeno, atrelado aos públicos de audiências e suas novas posições diante do universo social generalizado, segue como um elemento balizador para a distinção das culturas da comunicação, conforme Santaella (2003).

Os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação. Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2003, p. 24).

Diante do discernimento das relações de causa e consequências entre parâmetros culturais e tecnológicos, Santaella (2003) considera as grandes transformações do contexto cultural, relacionadas aos públicos de recepção, como marco na eclosão de novas tendências comunicacionais, estabelecendo, assim, a delimitação entre as eras da cultura na comunicação. Considerando as observações acerca das dinâmicas sociais, em que estão inseridas as ações de

comunicação, a pesquisadora elenca seis eras da cultura: cultura oral; cultura escrita; cultura impressa; cultura de massas; cultura das mídias e cultura digital. As eras são melhores compreendidas na ascensão das identidades, regulações culturais e parâmetros de produção e consumo geradores de formas de representações sociais, estando estes valores expandidos pelas estéticas das próprias mídias de cada período da cultura.

Quaisquer mídias, em função dos processos de comunicação que propiciam, são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio e que fica impregnado de todas as contradições que caracterizam o modo de produção econômica e as consequentes injunções políticas em que um tal ciclo cultural toma corpo. Considerando-se que as mídias são conformadoras de novos ambientes sociais, pode-se estudar sociedades cuja cultura se molda pela oralidade, então pela escrita, mais tarde pela explosão das imagens na revolução industrial-eletrônica etc (SANTAELLA, 2003, p. 25).

Se determinados contextos culturais centram-se na propensão da fala ou da escrita como nas duas primeiras eras, os períodos mais modernos indicam a presunção do consumo em larga escala e, posteriormente, da perspectiva personalizada de referências comunicacionais – dando ênfase às eras da cultura de massa e cultura das mídias, respectivamente. A revolução industrial e a propagação do consumo para distintas classes sociais retratavam essas realidades, trazendo à tona a concepção de produtos no campo da comunicação, e requerendo a utilidade de diversificados meios transmissores como canais responsáveis pelas mensagens.

Nessas circunstâncias é que surge o rádio, admitindo a função técnica e social de uma plataforma habilitada a comunicar para multidões, o que qualificou o meio como originário da cultura de massas. Ao mesmo tempo em que maior contingente populacional está apto ao consumo cultural, a necessidade de velocidade na transmissão de mensagens e a consonância da realidade nestas abordagens tornam-se elementos mais requisitados, o que eleva o caráter jornalístico no contato das mídias com as massas. Estas são as demandas socioculturais do início do Século XX, responsáveis pela idealização de um canal de comunicação dotado de recursos de mobilidade, produção e distribuição instantânea, como o rádio.

Os marcos do rádio no mundo estão diretamente ligados aos processos intensos de mobilidade, do ponto de vista político: vivia-se a época das grandes imigrações; o capitalismo esmagava violentamente alguns países da Europa. A comunicação a distância tornou-se uma necessidade. O mundo passa a funcionar em ondas, em frequências, comunicando-se de pontos distantes e com certa instantaneidade (BARBOSA FILHO, 2003, p. 38).

Este novo contexto, que ainda seria permeado pelo advento da televisão e o consumo expansivo da imagem, permitiu um nível de acesso massificado e, especialmente, comercial, à comunicação midiática, embasando muitos critérios de produção e recepção jornalística, tendo em vista a dimensão do público e a significância simbólica e linguística passível de ser inferida por essas mensagens. Muitos desses valores de produção, endossados pelas possibilidades de assertividade – e atratividade – de alcance da mensagem por um contingente diverso e numeroso de receptores, perduram até os dias de hoje no universo jornalístico, em especial no rádio e na televisão, considerando a objetividade e a proximidade com assuntos da comunidade de audiências. As duas plataformas foram no Século XX as grandes fontes de informação por muitos cidadãos do mundo inteiro, pela comunicação com as massas e, sobretudo, pelo potencial de assimilação dos receptores. Isso, porque ocorria, por exemplo, na era da cultura impressa, o fato de que as mensagens só conseguiriam ser direcionadas àqueles públicos com domínio de leitura nos idiomas. Como o nível de alfabetização ainda era restrito, especialmente, no Brasil, a comunicação jornalística e publicitária ainda era um fenômeno reduzido. Desse modo, o contexto cultural alça o rádio a um movimento de inserção e massificação da comunicação coletiva e midiática.

O passar dos anos e a familiarização da sociedade brasileira com as culturas de massa intensificou o maior apelo consumista e a adesão a distintas novas estéticas de produtos midiáticos, considerando as passagens de tempo e atualização dos valores no espectro da cultura. Diante disso, angariou-se espaço para narrativas e discursos de teores segmentados, pois já se admitia a universalização do conhecimento e a inclusão de diversidades no escopo social. A partir da maior exploração dos comportamentos personalizados de setores da população era possível distinguir as mensagens, em termos de conteúdos e formas, criando, assim, novos aparatos e meios específicos de propagação. É quando começam a vigorar formatos híbridos de mensagens, unificando linguagens e aspectos sociais da comunicação nos diferentes meios. Por essa razão, a era da cultura iniciada devido à natureza dos fenômenos relatados nas duas últimas décadas do século XX é denominada de cultura das mídias e uma prévia do que seria a cultura digital.

A proliferação midiática, provocada pelo surgimento de meios cujas mensagens tendem para a segmentação e diversificação, e a hibridização das mensagens, provocada pela mistura entre meios, foram sincrônicas aos acalorados debates dos anos 80 sobre a pós-modernidade. Por isso mesmo, em contraposição a alguns autores que consideram a pós-modernidade como a face identificadora da cibercultura, tenho concebido as discussões sobre a pós-modernidade como sinais de alerta críticos para um período de mudanças profundas que se insinuavam no seio da cultura e que, naquele momento, anos 80, estavam sendo encubadas pela cultura das mídias e pelo

hibridismo tanto nas artes quanto nos fenômenos comunicativos em geral que essa cultura propicia (SANTAELLA, 2003, p. 26).

O hibridismo de formatos despertado na cultura das mídias, aliado da diversificação de assuntos retratados, é um paradigma notório para a ascensão da comunicação digital, de modo que as formas técnicas se relativizam em torno da atratividade temática e possibilidades de assimilações assertivas do ponto de vista da mensagem pelo receptor. Desse modo, a heterogeneidade de formatos da cultura das mídias resulta na convergência das mesmas na era digital, pois os perfis socioculturais das distintas plataformas encontram-se mesclados em produções disponíveis na grande rede mundial de computadores, em tempo real. Conforme Santaella (2003), essas características suscitam uma relação mais próxima entre emissores e receptores, o que altera não somente as condições de produção como, também, os modos e resultados da recepção. Isso ocorre porque o novo contexto cultural envolve não apenas novas possibilidades de símbolos linguísticos encubados nessas mensagens híbridas, como também altera a velocidade e a dinâmica das naturezas cognitivas de asserção dos sentidos que garantem a leitura da visão de mundo emitida.

A dinâmica e a abundância comunicacional da era da cultura digital resultam, para Santaella (2003), em uma sociedade complexa, em que os estudos disponíveis ainda não alcançaram todas as respostas para o engendro cultural que envolve as relações comunicacionais no período contemporâneo, até mesmo pela instantaneidade dos fenômenos correntes, estimulando, assim, novas sociedades experienciais cotidianas. O pensador Pierre Levy (2004) compartilha, em parte, dessa linha, ao apontar dificuldades em analisar o contexto das relações humanas derivadas das transformações culturais – causas balizadoras da ordem da comunicação contemporânea e da conseqüente implementação de seu aparato informatizado, como visto anteriormente. O autor indica que técnicas e descobertas contemporâneas, mais do que produto das comunicações, são uma demanda da ordem cultural, retomando, assim, o pensamento de Santaella (2003), de que as fases da história dos meios são eclodidas por movimentos da sociedade humana. Contudo, o estágio atual dos parâmetros de identidades, representações e regulações circunscritos ao circuito da cultura ainda são pouco explorados, tamanha a proporção que a transformação das relações humanas comunicacionais admite em uma sociedade contemporânea.

Levy (2004) qualifica muitos dos sentidos empregados nos suportes de comunicação existentes de comunicação nas eras anteriores como “tecnologias de inteligências”, sendo estes a produção e a leitura sonora, escrita ou imagética. No entanto, o contexto da cultura digital

unifica todos esses elementos, de forma que muitos deles perdem sua singularidade específica, mas agregam subsídios para que a produção e a distribuição da mensagem admitam a direção e os objetivos idealizados em sua origem. Neste sentido, a convergência das mídias transforma valores linguísticos e procedimentais de determinados veículos jornalísticos e comunicacionais, na medida em que a atratividade ao público e a inserção às relações digitais culturais tornam-se preponderantes no enlace de produção e recepção.

Ao progredir, a digitalização conecta no centro de um mesmo tecido eletrônico o cinema, a radiotelevisão, o jornalismo, a edição, a música, as telecomunicações e a informática. As diferentes categorias profissionais envolvidas enfrentavam os problemas de apresentação e contextualização de acordo com tradições próprias, com a especificidade de seus suportes materiais. Os tratamentos físicos dos dados textuais, icônicos ou sonoros tinham cada qual suas próprias particularidades. Ora, a codificação digital relega a um segundo plano o tema do material. Ou melhor, os problemas de composição, de organização, de apresentação, de dispositivos de acesso tendem a libertar-se de suas aderências singulares aos antigos substratos. Eis por que a noção de interface pode ser estendida ao domínio da comunicação como um todo e deve ser pensada hoje em toda sua generalidade (LEVY, 2004, p. 63).

Em linhas práticas, critérios da comunicação tradicional de meios como o rádio passam a ser atualizados no momento da cultura digital em que a plataforma naturalmente sonora é inserida no contexto digital. Para se ter uma ideia, a própria Rádio Gaúcha, emissora estabelecida como *corpus* de análise desta pesquisa, reproduz seus comentários nas redes sociais ou mesmo permite a interação de ouvintes nos próprios espaços veiculados nos programas, por meio de dispositivos eletrônicos, viabilizando a interatividade, conforme se apontou em pesquisa anterior (FARINA, 2015).

Os formatos híbridos apresentaram maior afinidade com o padrão de coerência opinativa e direcionamento adequado, segundo os princípios do jornalismo opinativo teorizados por Beltrão (1980) e Marques de Melo (2003). Além disso, a emissora já desenvolve transmissões de programas radiofônicos simultaneamente por vídeos nas redes sociais. Até mesmo os canais de distribuição da mensagem são readaptados, já que as emissões radiofônicas podem ser captadas por aparelhos de computadores conectados na internet ou mesmo em dispositivos móveis, dispensando a necessidade de aparelhos fixos de rádio instalados em casas. A mudança na transmissão das mensagens é diretamente conectada ao dia a dia dos receptores, pois, considerando a convergência das plataformas, admitem novas modalidades de frequência, rotina e circunstâncias de audiência.

Esse novo perfil de comunicação ilustra como a cultura digital na abordagem de Santaella (2003) e a convergência das mídias atrelada aos comportamentos socioculturais de

Levy (2004), entrelaçados ao panorama da comunicação, transformam os movimentos comunicacionais de produção e recepção, imersos aos paradigmas da complexidade pós-moderna na conjuntura sociocultural.

Essa dinâmica comunicacional reconfigura experiências socioculturais oriundas do contato com as mídias. É nesse sentido que passam a ser analisadas as práticas de transmissão de mensagens, com respectivos potenciais de assertividade dos sentidos proferidos, caracterizando, assim, novos formatos de produção de conteúdo, mas, sobretudo, com referências ao contexto cultural e temporal sobressalente. Essa premissa foi válida nas condições de transmissão dos comentários da Rádio Gaúcha, observadas por Farina (2015), considerando o indicativo de mensagens interativas e dotadas de correlação de informações mais propensas ao compromisso jornalístico de correspondência aos valores da sociedade, conforme Vicchiatti (2005).

Contudo, esse retrato do exercício do jornalismo opinativo contemporâneo só é passível de entendimento considerando o ambiente de recepção da era digital, de modo que a comunicação é uma ação de dois polos, e a materialização técnica da mídia imersa nesse processo é produto de uma ordem cultural, conforme Santaella (2003). A partir disso, compreende-se a velocidade das relações contemporâneas emergidas no contexto digital, cada vez mais exigida e propagada na ambição de assimilação conectada e globalizada da realidade, resultando na preponderância da interatividade nas comunicações em distintas plataformas como elemento norteador das práticas de recepção.

Dentro de limites bem largos, a velocidade de transmissão online não é para nós relacionada com o tamanho do conteúdo transmitido. A aceleração de possibilidades de interpretação e interação resultantes do fato básico da transmissão acelerada envolve um múltiplo acima da velocidade de transmissão: a aceleração da interatividade talvez tenha aumentado mais de 600 vezes (COULDRY, 2015, p. 66).

Nesse sentido, muito mais do que o estabelecimento de parâmetros de produção atrelados à convergência e à interatividade da cultura digital, é concebido um ambiente de recepção adepto a comportamentos alinhados com a velocidade dos fenômenos e rotinas usuais da sociedade contemporânea. A partir dessa dinâmica, a referência do sujeito-receptor das mensagens é responsável pela evolução científica, desbravadora de reformulações culturais, na perspectiva de adaptação consensual do processo de comunicação pelos emissores, assim como pelo enquadramento técnico acerca dos aportes utilizados na troca de mensagens.

Essa perspectiva revoluciona o contexto de comunicação em um panorama digital, pois proporciona a mescla de perfis e formatos das diferentes plataformas em uma só, ambicionando

uma mensagem mais atrativa e direcionada ao propósito de recepção idealizado, mas, sobretudo, desperta novas alternativas práticas e eficazes de acesso a mensagens, considerando maior volume de interação e alcance a versões de interesse personalizado, tendo em vista os mecanismos de viabilidade de suportes de emissão tecnológica com maiores condições de disponibilidade. Em outras palavras, é possível visualizar as plataformas como rádio, televisão e texto, integradas na internet, admitindo comportamentos de interatividade, entre os polos receptores e produtores e, assim, muito mais propícias à produção de sentido da mensagem, ao mesmo tempo em que a comunicação em cada veículo perde a originalidade de seu surgimento e adere ao cenário digital. Horários de audiência, formatos de percepção das mensagens, complementaridade de versões, circunstâncias, valores monetários, locais e suportes de contatos com as mídias são apenas alguns hábitos alterados e flexibilizado pelo ambiente digital nos diversos meios – estando eles convergidos. É nessas condições que o processo comunicacional se molda a ordem cultural, perfazendo novos modelos comportamentais nas relações sociais e humanas. Diante disso, a sequência desse trabalho aborda o cotidiano de recepção no radiojornalismo da cultura digital.

4.1 A recepção no radiojornalismo: o ouvinte digital

Retomando a configuração das eras da cultura na comunicação de Santaella (2003), percebe-se que os atributos pessoais da sociedade disseminam a ordem cultural e, conseqüentemente, não apenas as experiências de recepção, mas, o processo de comunicação como um todo, incluindo as ações de produção. Essa mesma lógica de pensamento pode ser amparada pelo diagrama do Circuito da Cultura, de Du Gay et al (1997), tendo em vista que os eixos culturais adeptos à formação social de um meio como representações, identidades e regulações vinculam-se e norteiam as etapas de produção e consumo – essas duas últimas responsáveis pelo processo de comunicação propriamente dito. Estando os eixos de produção e consumo suscetíveis aos valores dos outros três momentos do circuito, compreende-se a adequação do processo de comunicação, referido por Santaella (2003), às eras da cultura. Contudo, entenda-se momento de consumo nesse campo de estudo como ambiente de recepção, pois, trata-se aqui, exclusivamente, de uma pesquisa de comunicação.

Remetendo essa afirmação ao contexto do radiojornalismo, as mensagens produzidas por essa plataforma obedecem às demandas e rotinas dos ouvintes almejados. Nos formatos originais do radiojornalismo, conforme Jung (2011) e Barbosa Filho (2003), são idealizados produtos objetivos, de duração curta, com linguagem simples e texto redigido para ser falado, mas, especialmente, abordando temáticas muito próximas dos receptores. Todas essas técnicas

são selecionadas de acordo com a natureza cultural da sociedade e da comunicação, na plataforma e no respectivo período de idealização. Por volta das décadas de 1940 e 1950, tornava-se mais necessária a velocidade na transmissão de notícias, mas, sobretudo, a mobilidade, tanto da audiência – com possibilidade de deslocamento dos ouvintes – como da cobertura, na medida dos recursos tecnológicos desenvolvidos, garantindo subsídios para mensagens assimiladas pelo sentido da audição. O elemento sonoro é responsável por atributos do perfil radiofônico, admitindo as condições em que a linguagem falada torna-se melhor perceptível, considerando a nitidez e a precisão do discurso oral.

A comunicação sonora democratiza o acesso às mídias e permite um maior nível de inserção ao espaço social habitado pelos cidadãos, justificando o discurso jornalístico inerente à realidade geográfica local, conforme Jung (2011). O surgimento e a ascensão do rádio ocorrem em um universo cultural anterior à abundância da imagem digital, em que o sentido da audição é elemento fundamental na construção de ambientes e de valores simbólicos coletivos, ao mesmo tempo em que suscita versões abstratas do mundo, de modo que permite a alusão e referência das emissões sonoras a imagens personalizadas e arquivadas no repertório individual de cada sujeito. Essa propensão de emissão e recepção aos códigos sonoros indica a abrangência da “Cultura do ouvir”, no universo da comunicação, como já referido no capítulo anterior.

O ouvir é condição prévia para que se desenvolvam os sentimentos de segurança e pertencimento. No ambiente sonoro, muito antes das palavras com significados específicos, um bebê percebe o timbre da voz, o seu tom, a sua articulação, fundamentais na relação com o interlocutor (MENEZES, 2012, p. 22).

A partir desse cenário, é possível qualificar a recepção do radiojornalismo como um ambiente de consumo sonoro, de modo que o emprego da audição configura a condição fundamental para recebimento, percepção e entendimento da mensagem. O sentido humano indispensável para esse modelo de comunicação é complementado por outros atributos, como o suporte e aparelho receptor, denominado canal, que intermedia a recepção, e pelas circunstâncias cotidianas que completam o ambiente, como momentos do dia, simultaneidade de afazeres, horários e frequência (MENEZES, 2012).

A partir da metade do século XX, período da cultura de massas e que contemplava o auge do rádio, era comum os receptores ouvirem os retratos jornalísticos pelos aparelhos transmissores com grandes caixas de som nas próprias casas ou, posteriormente, nos carros e em aparatos portáteis movidos a pilhas. Essas condições já propiciavam a audiência simultânea a outras atividades, conforme a temporalidade corrente. Como único veículo eletrônico, na

ausência da televisão, era a plataforma em que mais se buscava informações e opiniões instantâneas, seja acerca da comunidade local ou do mundo inteiro, justificando uma frequência diária, desde que houvesse disponibilidade e condições financeiras para aquisição e manutenção dos equipamentos – estes presentes em muitas casas sem altos custos (BARBOSA FILHO, 2003).

A era da cultura digital transforma esse ambiente, mesmo que preservando o elemento fundamental desse meio de comunicação, o sentido da audição. O que mais evolui são as possibilidades de transmissão e, conseqüentemente, o perfil do ouvinte contemporâneo, considerando as rotinas e circunstância de acesso à plataforma sonora, admitindo características de recepção menos familiares e mais privadas. Boa parte desse novo processo ocorre diante da popularização da internet, permitindo a convergência de mídias e a incorporação ao rádio de formatos de outras plataformas, trazendo novas alternativas sensoriais e discursivas aos ouvintes, de modo que os sentidos da visão e a prática de leitura passam a ser, por vezes, mesclados a emissões sonoras em emissoras tradicionais. Transmissões ao vivo com imagens e textos contextuais e mensagens gravadas são algumas das novidades, assim como a intensificação dos canais de interatividade.

No geral, é possível notar que nos websites oficiais das emissoras de rádio os conteúdos sonoros são amparados por textos, fotografias e vídeos, destacando a programação e os comunicadores. Estes sites, não raro, costumam alimentar conteúdo de blogs relacionados aos programas, assim como propor a participação do ouvinte de maneira interativa, como o ouvinte-repórter e até mesmo o ouvinte-programador. A intenção é personalizar e assim fidelizar a audiência. Vale ressaltar que as rádios convencionais retransmitem sua programação em tempo real por *streaming* e, em muitos casos, disponibilizam seus programas na web para escuta em forma de *podcast* (PAULA, 2012, p. 476).

Em termos propriamente culturais e diante da possibilidade de seleção pessoal de elementos da audiência, é possível identificar a recepção radiojornalística da era digital afinada com os valores da pós-modernidade, tendo em vista o movimento de escassez das relações humanas nesse contexto histórico-social, conforme Martin Buber (2004). Em boa parte do século XX, o rádio como veículo de comunicação de massa era um agente imerso no contexto familiar, pois permanecia ligado nas residências e o ato de sua audiência consistia em uma experiência coletiva, na medida em que mais de um membro da família compartilhava esse momento. No entanto, o perfil segmentado da cultura das mídias, e da cultura digital propriamente dita, transformou o processo em uma prática individual, de modo que nos dias atuais cada sujeito personaliza sua experiência de recepção totalmente individual, valendo-se dos aplicativos móveis e do usufruto da internet. Ou seja, os indivíduos alcançam a

responsabilidade de escolher os formatos, perfis e trechos de programas, assim como temáticas abordadas, de sua preferência, em seu ambiente digital – seja ele redes sociais, sites ou *podcast* – viabilizado pelos suportes tecnológicos, construído de forma totalmente independente e privada.. Desse modo, confere-se o fenômeno de transformação da interação da audiência radiofônica – antes uma experiência familiar – para o ambiente virtual, com as discussões acerca do tema de interesse endereçadas nas comunidades de redes sociais de dada emissora.

A diferença na escuta, por sua vez, ocorre social e culturalmente. Enquanto a dona de casa usufrui o ambiente familiar pare escutar as informações provenientes das ondas radiofônicas, o indivíduo que ouve usando o computador pode preferir executar tal atividade de forma privada. Ou seja, usando fones de ouvido ou caixas acústicas de baixo volume (PAULA, 2012, p. 480).

Seguindo na linha dos comportamentos do ato de recepção como experiência sociocultural, ao mesmo tempo em que se admite a individualização das ações, acrescenta-se a natureza de alternativas segmentadas da cultura digital e a hibridização dos formatos. Todo esse contexto movimenta-se em paralelo à prospecção do ambiente temático, em termos geográficos e temporais, pelo qual os ouvintes conectam seu cotidiano. Ou seja, enquanto o radiojornalismo da cultura de massa permitia ao público o fenômeno pessoal de pertencimento à comunidade local, a emissão radiofônica da cultura digital apresenta um potencial técnico-discursivo capaz de conectar os receptores à sociedade global. Esta dinâmica contemporânea é possibilitada pelos canais de interatividade construídos e pela abundância de fontes de informações oferecida pela própria rede mundial de computadores.

Assim como o pequeno aparelho de plástico, o velho radinho à pilha, tornou-se tão popular e acessível ao longo do século XX, podemos prever que num futuro próximo, pelo menos nos grandes centros, teremos toda a gente conectada por aparelhos ainda em fase de invenção e popularização, que irão possibilitar a escuta de uma infinidade de emissoras (convencionais ou não) espalhadas em rede ao redor do mundo. Ouvir rádio pelo iPhone, hoje, equivale a navegar pela vastidão de emissoras, pela babel de línguas e sonoridades à qual antes só tínhamos acesso pelas ondas curtas, com a exceção que não temos a simulação do ruído ou chiado que caracterizava a sintonia em ondas curtas. Um exemplo dessa disposição é o aplicativo *Tune-In Radio to iPhone*, disponibilizado para download, em que é possível sintonizar mais de 50 mil emissoras (PAULA, 2012, p. 480-481).

A nova dinâmica constatada ainda não é totalmente assimilada pela sociedade comunicacional, considerando a necessidade de adaptação a esse contexto por produtores e receptores, mesmo que a cultura digital do século XXI imponha o desencadeamento de relações humanas voltadas a uma perspectiva global. De qualquer modo, ainda é indispensável o

processo de capacitação dos produtores comunicacionais ao domínio de suas funções na perspectiva globalizada, assim como impõem-se que os expectadores submetam seus valores cotidianos a um cenário menos limitado e mais universalista. Esse panorama depende da capacidade especializada da produção em tomar como parâmetro o domínio de conteúdo expandido em linhas globais, a fim de que conecte os significados das mensagens com as comunidades locais. No entanto, as limitações da capacitação de agentes comunicacionais ao rádio digital e a seus recursos e critérios de atuação correspondentes não limita a validade de maior potencial jornalístico nas mensagens dotadas de visões universais e menos localistas, assim como de pluralidade discursiva e interativas, amparadas por técnicas contemporâneas. O modelo de mensagem jornalística opinativa baseada na diversificação de visões e de conhecimentos, valendo-se de distintos agentes emissores em um pacto de interatividade e do domínio referencial global de uma área de interesse, como, por exemplo, o esporte, resulta em uma enunciação mais afinada com o compromisso jornalístico universal e seu almejado significado de recepção, conforme apontou pesquisa de Farina (2015), amparada por autores como Barbosa Filho (2003), Lucht (2009) e Tavares (2011).

Esse cenário não desvalida os critérios de noticiabilidade de Pena (2013), que apontam a proximidade dos fatos como índice de relevância mais comum ao público receptor. O que a sociedade global do rádio e de outras mídias na era da cultura digital sugere é que os fenômenos cotidianos locais estejam aptos a correlações socioculturais com a ordem mundial, garantindo o sentimento de pertencimento de dada comunidade à sociedade universal contemporânea. Por exemplo, é compreensível que a Rádio Gaúcha adote um enfoque esportivo mais direcionado aos clubes Grêmio e Internacional, no entanto, não seriam possível o retrato jornalístico e a assimilação do sentido da mensagem sem que haja uma conexão dessa abordagem cotidiana com o tema futebol de maneira universal e expandida, adentrando à ordem cultural mundial deste esporte e campo de inserção social. Do contrário, os próprios relatos dos fatos referentes à dupla Gre-Nal, próximos dos ouvintes, não admitiriam sentido, no âmbito das vidas sócio esportivas do espaço de abrangência, no caso, o Rio Grande do Sul.

Essas condutas comuns de produtores e receptores retratadas acima caracterizam as eras da cultura da comunicação, refletindo os conceitos sociais dispostos pelo circuito da cultura. Como visto acima, os valores e construções da ordem cultural, em geral, como no caso da era digital, materializam as experiências comunicacionais e, sobretudo, os hábitos de recepção em uma sociedade, não apenas no trato com as mídias, mas, também, nas relações humanas do dia a dia. No entanto, de acordo com Santaella (2003), a conjuntura da era da cultura digital ainda

está em processo constante de formação, o que implica em subsídios teóricos e análises interpretativas ainda incipientes acerca desse período.

Diante dos conceitos discutidos, encerra-se aqui, a fundamentação teórica deste trabalho.

5 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma vertente de pesquisa qualitativa, no sentido em que busca averiguar e desbravar a realidade do processo de recepção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha. Uma pesquisa qualitativa é aquela que está apta a descrever novos fenômenos da realidade, aprofundando as causas a fim de criar novas teses e problemáticas no campo da ciência em que está inserida. Ou seja, o ambiente de inserção dos ouvintes, é colocado em prova.

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Dentro dessas características, o trabalho apresenta o tipo de estudo exploratório, pois busca averiguar todo o entorno do contexto em que o objeto de pesquisa está inserido. Neste caso específico, são retratados a forma de recepção e o modo como os ouvintes empregam o conteúdo da mensagem em seu dia a dia.

Sobre a pesquisa exploratória se pode dizer, de modo simplificado, que implica um movimento de aproximação ao fenômeno concreto a ser investigado buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades. As ações de pesquisa exploratória abrangem planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico a partir de várias angulações possíveis que interessam ao problema / objeto em construção (BONIN, 2011, p. 39).

Seguindo o método de abordagem dos Estudos Culturais, esta pesquisa adota a proposição metodológica de Du Gay et al (1997), com seu estudo sobre o Circuito da Cultura, “em busca de uma visão global e complexa do processo comunicativo, sustentada na ideia da integração do espaço da produção e da recepção”, como sugere Escosteguy (2007, p. 133). A autora justifica tal aporte metodológico:

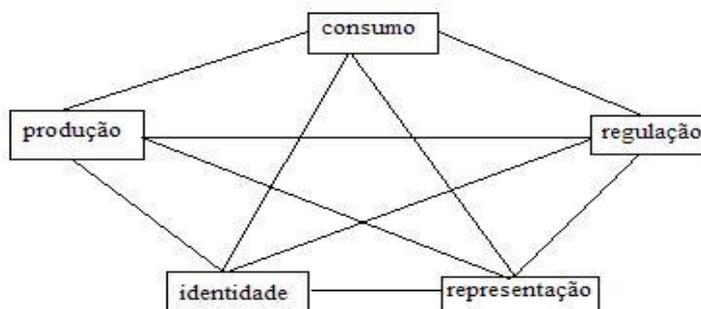
O protocolo teórico-metodológico proposto por Hall (2003), e tomado como baluarte das pesquisas de recepção, está fundado na ideia de comunicação como estrutura sustentada por uma articulação entre momentos distintos – produção, circulação, distribuição, consumo –, em que cada um tem condições próprias de existência (ESCOSTEGUY, 2007, p. 119).

Em linhas gerais, o Circuito da Cultura consolida-se a partir do processo de codificação e decodificação das mensagens, estando estes atos entrelaçados às dinâmicas relacionais do contexto, com origens mútuas de causas e efeitos. Nesse sentido, Escosteguy (2007) apoiou-se,

em primeira instância, no diagrama de Johnson (1999), que sintetiza a formalização da mensagem, em formas de textos, com a incorporação da cultura institucional midiática, vinculada a sua posição no meio inserido. Logo após, inicia-se a decodificação, intitulada de leitura da mensagem, ancorada nas experiências e culturas vividas, até a consolidação do sentido resultante. É importante destacar o deslocamento constante das vivências culturais como propulsoras dos condicionamentos dos dois polos, de modo que também servem de matrizes na lapidação da codificação discursiva. Isso demonstra que todas as etapas estão necessariamente interligadas e indissociáveis, mesmo que dentro de seus momentos próprios, apresentem suas especificidades.

Na busca de facilitar ainda mais a compreensão do modelo e de como suas relações são devidamente aplicadas na prática, Du Gay et al (1997) situa o processo em cinco etapas complementares: produção, consumo, representação, identidade e regulação. A produção abarca não somente as rotinas discursivas, como especialmente, os compromissos profissionais e a devida associação com o meio e com a ordem institucional. As implicações agregadas resultam no teor próprio da mensagem propagada, já estabelecendo a relação com a etapa de consumo, em que as condições do interlocutor passam a interagir com o processo de comunicação e dilapidar o discurso. Logo após, o significado do texto é passível de discernimento por meio da representação, ou seja, o entendimento simples do conteúdo transmitido pela mensagem, com a moldagem obrigatória por meio de códigos e sistemas culturais como a linguagem e outras experiências individuais percorridas. As significações resultantes das representações dão origem à construção de visões de mundo e condutas adotadas diante do meio em que cada sujeito está habituado, resultando no momento singular da afirmação de uma identidade. Por fim, o conjunto de identidades postas a uma legitimação generalizada perante o sistema cultural público e privado integrados dá origem a convenções sistemáticas no âmbito de comportamentos humanos, resultando em uma atuação denominada regulação. É nesse sentido que os veículos de comunicação demonstram seu poder, refletindo e contemporizando as formas culturais populares aos seus compromissos e interesses de existência, reorganizando e mediando a ordem convencional universal. Ao mesmo tempo em que as práticas sociais são reguladas pelos poderes envolvidos, ou ao menos, influentes na determinação das condições comunicacionais, as formas de cultura já afirmadas podem direcionar-se em caminho inverso, regulando, não apenas, a conduta cidadã, mas também, a agenda comunicacional jornalística (ESCOSTEGUY, 2009).

Figura 1: Circuito da cultura



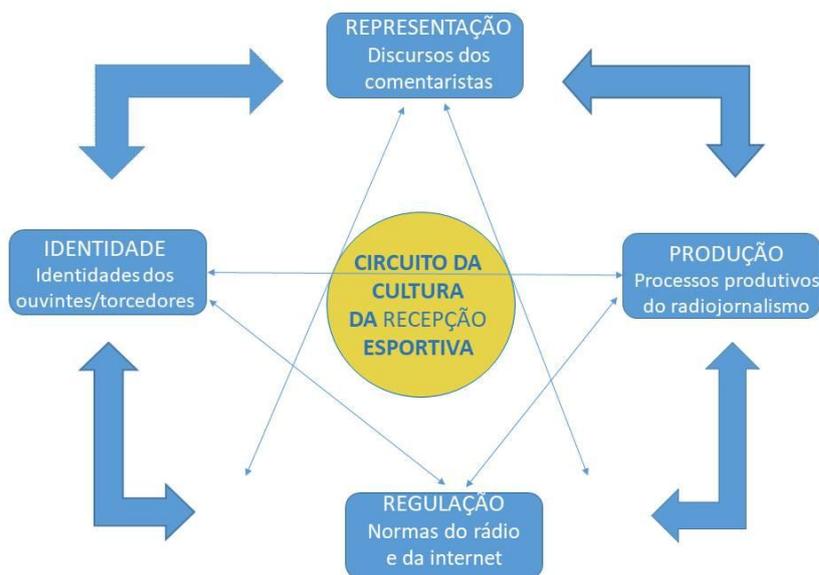
Fonte: DuGay et. al. (1997)

Esse modelo teórico-metodológico apresenta-se como interdisciplinar e abrangente o suficiente na ambição de situar as matrizes culturais dos ouvintes dos comentários esportivos às condições de produção já desbravadas, permitindo o enlace circular das diretrizes do circuito da cultura entre os fenômenos dos distintos polos até a busca de significados – ainda que abstratos, mas simbolizadores de uma prática tão complexa e crucial para as metamorfoses do cotidiano humano como o fazer comunicacional.

A partir dos dados colhidos referentes aos eixos de consumo, representação e identidade dos ouvintes, desenvolve-se uma análise cultural, em que explora-se com mais rigor os percursos de recepção, com os momentos do circuito da cultura sendo adaptados a esta pesquisa. Os comentários e suas técnicas de elaboração se estabelecem no eixo de produção, enquanto os significados discursivos linguísticos e culturais das mensagens codificadas correspondem às representações, de acordo com a maneira como os sujeitos torcedores abstraem e interpretam os fenômenos esportivos. Já os ouvintes e suas condições próprias à decodificação e leitura destes textos ocupam o espaço de consumo ou recepção. Os valores simbólicos do ambiente esportivo consolidados por meio da assimilação das representações, como a paixão clubística e afeição às instituições e experiências futebolísticas, constroem as identidades, assim como os rituais, como a aglomeração de torcedores e superstições à parte em torno do convívio futebolístico. Já as normas de convívio e que norteiam as relações sociais, incluindo a própria recepção comunicacional, neste caso, circunstanciada nos ambientes construídos pelas plataformas rádio e internet, remetem-se ao eixo de regulação. Abaixo, segue o diagrama do

circuito da cultura da recepção esportiva, adaptação adotada para esta pesquisa a partir do aporte do circuito da cultura, de Du Gay et al (1997).

Figura 2: Circuito da cultura da recepção esportiva



Fonte: Diagrama elaborado pelo autor

A partir da identificação da estratégia metodológica, o objeto empírico pode ser delimitado. Nesta pesquisa, o *corpus* de análise constitui na exploração do processo de recepção pelos ouvintes aos comentaristas Pedro Ernesto Denardin, Maurício Saraiva, Cléber Grabauska e Filipe Gamba, com a abordagem de atributos pessoais relacionados ao esporte que possam interferir no resultado. As condições pré-estabelecidas para a composição do objeto constituem na intencionalidade da pesquisa exploratória, conforme prevê Marconi e Lakatos (1996), obedecendo as demandas do estudo.

A fim de que se extraia a maior gama de elementos relacionados à materialização da recepção por parte dos espectadores selecionados, são realizadas entrevistas em profundidade com os ouvintes. Esta técnica visa extrair o máximo de detalhes possíveis, acerca da vida cotidiana dos mesmos, que interferem no processo de recepção dos comentários. Os escolhidos devem ser ouvintes do programa e terem um conhecimento básico dos temas futebolísticos abordados nos comentários.

Entrevista individual em profundidade, técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para

analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística (DUARTE, 2005, p. 62).

A técnica de entrevista em profundidade concede aos ouvintes a liberdade necessária para que estes descrevam suas experiências e vivências cotidianas que, de algum modo, interagem e conduzem as práticas de recepção, a partir da exploração profunda do ambiente em que estão imersos. Com isto, a entrevista permite o discernimento de fenômenos subjetivos a respeito dos atributos culturais dos sujeitos entrevistados, por meio da interpretação dos relatos dos ouvintes, baseada na construção dos espaços sociais simbólicos, conforme a leitura dos conceitos aprofundados no Circuito da Cultura.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais estão ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado (DUARTE, 2005, p. 64).

A busca por respostas que melhor denotem versões representativas dos fenômenos pesquisados demanda preparação específica do pesquisador, tanto na construção do roteiro de perguntas e condução da entrevista quanto na seleção de entrevistados. No caso da presente pesquisa, faz-se necessária a proximidade com o assunto retratado e o uso de informalidade no contato com os entrevistados, pois aborda-se um tema popular como o futebol – que reúne ouvintes de diferentes classes sociais e que as conversas são pautadas por sentimentos passionais, com níveis de descontração e entretenimento. Assim, adota-se um roteiro base de entrevista na condução dos questionamentos, mas que segue aberto a alterações e aos rumos admitidos pelo contato informal do pesquisador com os ouvintes.

As perguntas devem ser feitas de acordo com o tipo da entrevista: padronizadas, obedecendo ao roteiro ou formulário preestabelecido; não-padronizadas, deixando o informante falar à vontade e, depois, ajuda-lo com outras perguntas, entrando em maiores detalhes. Para não confundir o entrevistado, deve-se fazer uma pergunta de cada vez e, primeiro, as que não tenham possibilidade de ser recusadas. Deve-se permitir ao informante restringir ou limitar suas informações (MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 87).

Para que se obtenham resultados mais assertivos possíveis acerca do ambiente de recepção dos ouvintes, é fundamental que se desenvolva uma construção do *corpus* de análise bem direcionada e afinada com os objetivos da pesquisa. Ou seja, os torcedores selecionados para a realização da entrevista em profundidade devem admitir a maior afinidade possível com

os comentários e a realidade futebolística retratada pelo radiojornalismo esportivo, estando aptos a contribuir com suas experiências na validação de um contexto de recepção. Deste modo, antes da aplicação das entrevistas em profundidade, torna-se necessária uma investigação prévia sobre o perfil de recepção adotado aos referidos comentários e as principais práticas de acesso às mensagens exercidas pelos ouvintes. Esta primeira etapa de averiguação nas condições de recepção auxilia o pesquisador na elaboração dos critérios de seleção de ouvintes, capazes de estimulá-lo na busca por sujeitos que estejam mais integrados ao ambiente de recepção aos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, considerando elementos de adesão dos mesmos como preferências temáticas, circunstâncias, frequências, suportes e formatos de audiência. A correlação desses atributos contribui para a caracterização de níveis de recepção do ouvinte esportivo contemporâneo, assim como a sua conduta social a partir da abrangência do fenômeno comunicacional e das experiências culturais compartilhadas pela convivência futebolística.

Para cumprir estas demandas, o pesquisador opta pela realização de um questionário inicial, no intuito de prospectar prováveis ouvintes para a etapa de entrevista em profundidade. Além de identificar a ligação dos ouvintes com os comentários e com a audiência da produção esportiva da Rádio Gaúcha, a técnica permite explorar melhor o ambiente, trazendo percepções iniciais *a priori* em uma perspectiva mais generalizada, sobre o contexto de recepção e suas rotinas. A coleta de ouvintes para o questionário foi viabilizada por meio de uma postagem nos canais oficiais da Rádio Gaúcha nas redes sociais, convidando receptores interessados em colaborar com o estudo. Esta estratégia é baseada no trabalho de Ien Ang (1985), quando a pesquisadora investigava a recepção à soap opera Dallas, por meio de publicações em revistas que tratavam da temática, com o intuito de atrair telespectadores assíduos. A grande diferença para o contexto atual são o meio e o assunto em questão, de modo que as interações e grupos de discussão acerca de desdobramentos da comunidade esportiva concentram-se nas redes sociais, seguindo a ordem sociocultural de transformações tecnológicas sobre as relações comunicacionais. Assim, os convites foram realizados nos espaços de comentários, disponíveis em publicações dos quatro comentaristas, especialmente, na página do Facebook da Rádio Gaúcha, GauchaZH, ou, também, na página pessoal de cada um dos jornalistas. Segue abaixo, o modelo da mensagem postada.

Olá. Você gosta de futebol e é ouvinte assíduo dos comentários de Sílvio Benfica, no Programa Gaúcha Hoje? É fanático pelo seu time, mas está sempre ligado em diferentes opiniões de futebol? Convido você a participar da minha pesquisa de mestrado, que trata dos comentários de Sílvio Benfica no Gaúcha Hoje e sua

repercussão. Caso tenha interesse em colaborar, aguardo seu contato inbox. Att. (Mensagem publicada nos canais das redes sociais da emissora).

Logo após uma sequência de postagens, em diferentes datas e horários, 19 ouvintes contataram este investigador, manifestando interesse em participar, garantindo subsídio para os primeiros resultados práticos. Os internautas receberam, por meio da internet, os questionários a serem respondidos, com sete perguntas objetivas e tempo médio de 3 minutos para o preenchimento. Após completarem a tarefa, os ouvintes reenviavam ao pesquisador o questionário preenchido, por meio das próprias redes sociais. Esse primeiro contato permitiu ao pesquisador conhecer um pouco mais das rotinas e envolvimento com o esporte, praticados pelos ouvintes, além do breve perfil sociocultural, a fim de que obtivesse os elementos necessários para a seleção e condução de entrevistas em profundidade que angariassem melhores níveis de interpretação subjetiva. Este modelo de questionário é denominado, por Duarte (2005), como entrevista fechada.

O questionário-estruturado é prático para grande número de respondentes e pode ser auto-aplicável. Com ele, é possível fazer análises rapidamente, replicar com facilidade, limitar as possibilidades de interpretação e de erro do entrevistado e comparar com outras entrevistas similares. Embora sugira simplicidade, sua elaboração exige profundo conhecimento do assunto (DUARTE, 2005, p. 67).

A partir da aplicação do questionário com respostas de múltipla escolha, foi permitido ao pesquisador estruturar de forma ainda genérica, alguns dos fenômenos recorrentes do ambiente de recepção esportiva, principalmente, no que diz respeito a condutas de contato com os meios emissores, conforme a evolução da comunicação em virtude das Eras da Cultura, como apontado por Santaella (2003). Algumas das questões admitem mais de uma alternativa a ser assinalada, considerando a natureza da indagação. Além de produzir subsídios para a maior assertividade das entrevistas em profundidade, esse panorama composto pelos elementos abordados no questionário – como suportes, frequências, temáticas e formatos – auxilia no entendimento inicial do fenômeno da recepção dos comentários e seus desdobramentos de origem sociocultural, na medida em que apresenta diretamente a síntese das práticas de recepção na Era da Cultura Digital, atendendo, assim, a um dos objetivos específicos da pesquisa em questão.

Segue abaixo, o modelo do questionário, com as respectivas alternativas disponíveis para respostas e organização inicial das rotinas de acesso procedidas pelos ouvintes na recepção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha.

5.1 Roteiro de questionário aplicado a ouvintes

Nome:

1 Qual a sua idade?

- Menos de 18
- Entre 19 e 25
- Entre 26 a 40
- Mais de 40

2 – Qual seu time?

- Grêmio
- Inter
- Outro

3 Com que frequência você ouve comentários esportivos no rádio?

- Não ouve
- Uma vez na semana
- Duas vezes na semana
- De três a cinco vezes na semana
- Todos os dias

4 Por que suporte você ouve esportes no rádio? (podem ser assinaladas mais de uma alternativa)

- No rádio do carro
- Dispositivos móveis (celular, tablets, etc)
- Aparelho de rádio tradicional
- Rádio portátil

5 Quais dos comentários esportivos diários da Rádio Gaúcha você costuma ouvir? (podem ser assinaladas mais de uma alternativa)

- Não ouve nenhum
- Filipe Gamba(Gaúcha Hoje)
- Pedro Ernesto Denardin (Gaúcha Atualidade e Esportes ao Meio Dia)
- Cléber Grabauska (Gaúcha Repórter e Esporte & Cia)
- Maurício Saraiva (Hoje nos Esportes)

6 Que assuntos mais lhe interessam nesses comentários? (podem ser assinaladas mais de uma alternativa)

- Dupla Gre-Nal
- Futebol nacional

- Futebol internacional

- Esportes diversos

7 Qual formato de emissão lhe atrai mais nos comentários?

- Opinião de um profissional em tempo corrido

- Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

- Diálogo entre apresentador e comentarista

- Opinião desenvolvida de acordo com questões enviadas por ouvintes como mensagens ou por whats app

A seguir, segue o roteiro base utilizado para a realização das entrevistas em profundidade, lembrando que as questões são apenas uma referência para o pesquisador, na medida em que a condução da entrevista de forma informal pode eliminar a necessidade de alguns questionamentos ou mesmo levantar outros, além de alterar a ordem das indagações. As entrevistas realizadas com seis ouvintes – selecionados de acordo com os critérios de seleção delimitados por meio da exploração dos 19 questionários – foram todas gravadas pelo investigador.

5.2 Roteiro base para as entrevistas em profundidade

1 – Em que período da vida iniciou sua relação com o futebol e com seu clube?

2 – Em que circunstâncias o futebol se manifesta em sua vida cotidiana?

3 - Com que intensidade o sentimento por seu clube está relacionado a demais situações da vida?

4 – Como desenvolveu esse sentimento por seu time? Que pessoas, situações ou ocasiões contribuíram para isto?

5 – O que seu time significa perante a sua vida, comparando-o às demais relações sentimentais de sua vida?

6 – Como define esse sentimento por seu time?

7 – Como suas reações cotidianas se alternam de acordo com o momento do seu time?

8 – Quais seus principais rituais rotineiros ligados ao futebol (diga-se acompanhamento do time pelas mídias e hábitos de contato com o clube)?

9 – Como você dedica seu tempo livre ao seu clube?

10 – Que lembranças do seu time simbolizam a sua paixão por ele e como isso ocorre?

- 11 – Como você imagina que essa paixão clubística pode ser compreendida, se comparada às principais relações passionais da vida cotidiana (sejam eles familiares, amorosos, etc)? Como ela se assemelha ou difere em relação a esses outros sentimentos?
- 12 – Como você lida com as influências e opiniões alheias a respeito de seu time? Quais os primeiros sentimentos a serem despertados, considerando a paixão por seu time?
- 13 – Você costuma participar de torcidas organizadas e compartilha cânticos da sua torcida?
- 14 – Você se sente integrado socialmente ao contexto de sua torcida? Se sim, como é essa integração?
- 15 – Como você entende que as reações da sua torcida interferem sobre sua personalidade social e cultural?
- 16 – Quais são os principais núcleo do seu convívio que interagem com sua paixão futebolística? (considere-se família, colegas e amigos de trabalho e estudo, rotina profissional, religião, informações e opiniões da mídia que consome)
- 17 – Como você entende que esses núcleos afetam e convivem com a paixão pelo seu time?
- 18 – Na análise de um jogo de futebol de seu time, de que modo você entende que o fato de ser um torcedor muito próximo possa interferir na avaliação da partida? Até que ponto essa avaliação possa ser deslocada do que realmente aconteceu em campo?
- 19 – Como você avalia a maneira como a mídia em geral conduz a paixão entre torcedores?
- 20 – De modo geral, você percebe a isenção da mídia ou a considera mais passional em relação aos clubes de futebol?
- 21 – Você confia na credibilidade da mídia esportiva ou acredita que fatos e opiniões futebolísticas podem ser distorcidos conforme outros interesses, como a própria ligação com os clubes?
- 22 – Você considera as opiniões da mídia mais confiáveis na avaliação de seu time ou de outros clubes?
- 23 – Como você avalia as opiniões esportivas no rádio de modo geral? Considerando credibilidade das informações, isenção e imparcialidade no trato das diferentes agremiações clubísticas.
- 24 – Você tem preferência por opiniões futebolísticas baseadas em dados e fatos ou na deliberação de sentimentos relacionados ao futebol e seus clubes?
- 25 – De modo geral, você costuma concordar com as opiniões dos comentaristas da Rádio Gaúcha?

26 –Que pontos levantados pelos comentaristas despertam maior concordância com o seu posicionamento sobre futebol? E que tipos de posicionamento causam maior discordância ou questionamento?

27 –Como você avalia as opiniões de Fillipe Gamba / Pedro Ernesto Denardin / Cléber Grabauska / Maurício Saraiva? Você concorda com elas? Como você enxerga a credibilidade e o embasamento das opiniões?

28 –As opiniões destes comentaristas costumam estimular a sua paixão? Como elas interferem na relação com seu time?

29 –Você acredita que este comentarista construa suas opiniões baseado na paixão clubística por seu time?

30 –Como você avalia o domínio do entendimento de futebol exercitado por este comentarista?

31 –Que posicionamentos do jornalista vão ao encontro do seu entendimento de futebol e da sua afetividade clubística? Se possível, cite algum exemplo.

32 –Você costuma discordar das opiniões do comentarista quando o mesmo se refere a seu clube ou aos outros?

33 –Observa contradições na opinião deste comentarista? Que percepções do futebol lhe despertam para contradições ou contrariedade nas opiniões dos comentaristas?

34 –Que tipo de análises futebolísticas mais lhe atraem? Aspectos físicos, táticos, emocionais ou desdobramentos das partidas?

35 –Você se sente atendido por este comentarista nessas modalidades de análise?

36 –Que melhorias esse comentarista poderia introduzir na produção de suas opiniões e análises a fim de torna-las mais interessantes e que contribuíssem mais ao seu entendimento de futebol?

37 –Quais são as principais falhas deste comentarista?

38 –Quando você não assiste o jogo e tem acesso apenas a opinião deste ou de outro comentarista, você costuma adotar a opinião dos mesmos como resumo fiel da partida? Como funciona este processo até que consiga formar uma visão pessoal diante do que ocorreu em campo?

39 –Você costuma pesquisar e estudar constantemente sobre futebol? E em que meios faz isso?

40 –Consegue reunir elementos que contestem ou reformulem a opinião destes comentaristas radiofônicos?

- 41 –Como você percebe a reação dos outros torcedores em relação a opinião dos comentaristas da Rádio Gaúcha?
- 41 –Você acredita que algumas torcidas são influenciadas e travam suas opiniões e comportamento a partir do que expressam o comentarista? Como você analisa esse processo na torcida do seu time?
- 42 –Quais as principais virtudes que os comentaristas esportivos da Rádio Gaúcha apresentam em relação aos de outros meios que acompanha?
- 43 –E nessa mesma comparação, quais as principais carências?
- 44 –Em um mundo hiperconectado e de muitas imagens sobre futebol, você ainda se sente bem inserido na realidade do futebol apenas com o trabalho do radiojornalismo ou as opiniões são insuficientes para lhe levar a uma conclusão sobre fatos futebolísticos?
- 45 –Se possível, conte algum exemplo de como adotou as opiniões dos comentaristas da Rádio Gaúcha como versões sobre os jogos.
- 46 –Se lembrar, aponte alguma situação em que as opiniões destes comentaristas foram facilmente questionadas e descartadas por você. Conte como chegou a essa conclusão.
- 47 –As opiniões interativas, quando o comentarista aciona repórteres e apresentadores que lhe auxiliem com dados na construção de uma tese, costumam lhe convencer mais? Por que isso ocorre ou não?
- 48 –Uma opinião entediante e mal expressa costuma lhe desviar atenção e ser descartada facilmente?
- 49 –Que características pessoais do comentarista você leva em conta, no sentido de acreditar e confiar na sua opinião? (Em termos de experiência, atuação jornalística, ligação com o futebol e time do coração)
- 50 –Como você entende que essas opiniões afetam a relação de torcedores e clubes em uma sociedades?
- 51 –O que essas opiniões poderiam acrescentar para criar um ambiente futebolístico mais saudável e satisfatório para todos?

As interpretações das respostas concedidas, assim como a correlação com a base teórica que valida o circuito da cultura da recepção esportiva, são desenvolvidas no próximo capítulo.

6 A RECEPÇÃO DOS COMENTÁRIOS ESPORTIVOS NA CONTEMPORANEIDADE

Aqui, são apresentados os resultados empíricos da pesquisa, com elementos que explorem as condutas e os valores de recepção adotados pelos ouvintes dos comentaristas diários da Rádio Gaúcha. Considerando a problemática e os objetivos em questão, a presente análise é dividida em duas etapas. Em um primeiro momento, foram analisados os questionários dos ouvintes, conforme detalhado na metodologia, no intuito de apurarem-se as rotinas e as circunstâncias que retratem o contexto da sociedade contemporânea, tendo em vista as experiências simbolizadas, de acordo com a Era da Cultura Digital, conforme Santaella (2003). Além do mais, o perfil dos entrevistados, conforme a amostra coletada, é apresentado e discutido nesta etapa, baseando-se em dados dos questionários, buscas em redes sociais e em contatos prévios do pesquisador com os ouvintes, a fim de que se componha a amostra idealizada para as entrevistas em profundidade.

Na segunda etapa da análise, são apreciadas as entrevistas em profundidade, com a respectiva propensão dos significados das mensagens perante os ouvintes, conforme o aporte metodológico do Circuito da Cultura, de modo que estes resultados interpretativos encontrem-se organizados, seguindo a subdivisão em categorias temáticas – cada uma delas correspondente a um dos cinco eixos do circuito: produção, representação, identidade, regulação e recepção.

6.1 Perfil dos ouvintes torcedores

A amostra final do questionário e apresentada nesta dissertação foi de 19 ouvintes e coletada durante outubro de 2016 e outubro de 2017. Antes da explanação das práticas de recepção na Era da Cultura Digital – atendendo a um dos objetivos específicos desta pesquisa – é apresentado o perfil sociocultural dos ouvintes. A exploração de dados do cotidiano dos entrevistados e torcedores por parte do pesquisador permite-lhe uma interpretação mais profunda, e baseada em subsídios consistentes acerca da realidade esportiva, a respeito dos contextos e circunstâncias que direcionam a recepção. Além disso, esse contato indispensável com o ambiente de inserção social dos torcedores garante a imersão necessária ao espaço de recepção, a fim de que se prospecte a condução de entrevistas em profundidade melhores adequadas, linguística e culturalmente, às demandas e condições dos ouvintes.

Elementos como gênero, faixa etária, profissão, escolaridade, naturalidade e locais de residência propiciam uma identificação *a priori* destes torcedores e dos perfis mais recorrentes de audiência, de modo que os atributos relacionados diretamente à recepção, como seus níveis

de assiduidade e inserção ao ambiente radiojornalístico esportivo contemporâneo, complementam e aprofundam o universo comunicacional no espaço simbólico do esporte. A identificação prévia, com a deliberação e a interpretação de elementos sociais demográficos, admite o potencial de dimensionamento e abrangência do consumo radiojornalístico acerca do esporte, presente na sociedade contemporânea. A avaliação e a correlação de itens de identificação à recepção esportiva no rádio, sob a abrangência e validade de experiências da Era da Cultura Digital, conforme Santaella (2003), traz à tona a imposição de fenômenos sociais como a presença majoritária masculina na audiência, assim como a preponderância de faixa etária mais avançada entre os ouvintes e a diversidade de profissões e níveis de formação intelectual.

Em termos de identificação sociocultural, os ouvintes compreendem um perfil etário dominante de meia e alta idade, com mais notoriedade de recepção a partir dos 26 anos e assiduidade de audiência mais recorrente acima dos 40 anos de idade. O comportamento entende-se pelo histórico consolidado por um maior período de tempo de vida em envolvimento destes torcedores com seus clubes, resultando, assim, em uma rotina de recepção já estabelecida. Além disso, as gerações mais antigas possuem maior afinidade com o rádio, considerando a intensidade da relação interligada ao período em que a plataforma possuía maior ascensão e potencial de propagação sobre as massas, seguindo o cenário da Era da Cultura das Massas, conforme Santaella (2003), na mesma medida em que os cidadãos mais jovens admitem uma propensão midiática mais identificada com as mídias digitais conectadas pela internet.

A amostra adotada para esta pesquisa indica a presença de apenas duas mulheres entre 19 ouvintes estudados – sendo 12 colorados e 7 gremistas. A imensa maioria de homens dedicados ao acompanhamento de futebol e envoltos a torcidas clubísticas ainda é uma realidade contemporânea, mesmo que este cenário venha sofrendo pequenas transformações, na medida em que se expandem movimentos feministas e a igualdade de gêneros passe a ser uma exigência em distintos setores da sociedade. No entanto, a ligação histórica e cultural masculina com as audiências futebolísticas já assimiladas como práticas cotidianas, desde os tempos em que o rádio despontou como plataforma de comunicação, ainda indica que os homens compõem a grande maioria dentre os ouvintes, na medida em que as mulheres não compartilharam historicamente dessas experiências de recepção, pois, sua presença no campo de comunicação esportiva encontra-se em constante fase de consolidação e evolução.

Em relação à comparação do número de torcedores identificados com cada instituição clubística, foi observada a preferência pelo Internacional, em um espaço geográfico em que as

torcidas dos dois clubes travam imensas disputas e costumam admitir indicadores de percentual de torcedores bastante próximos. Contudo, variações são comuns e aceitas, tendo em vista que o ambiente da internet abriga livremente os dois grupos em circunstâncias e horários totalmente flexíveis e alteráveis, o que torna complexa uma medição mais assertiva e objetiva acerca do número exato de torcedores identificados com cada instituição. Neste caso, vale ressaltar que a amostra é, também, muito inferior ao número de adeptos aos clubes, o que torna válidos os diferentes índices de proporção referentes aos dados coletados, considerando o nível de proximidade entre o tamanho dos grupos pertencentes a cada uma das duas grandes agremiações do Rio Grande do Sul.

Nestas condições registradas, independentemente da recorrência quantitativa a respeito de cada atributo dos perfis traçados, o fator que une todos os ouvintes é a conectividade e a possibilidade de acesso constante à internet, na medida em que todos os torcedores pertencentes à amostra desta pesquisa foram encontrados e entrevistados por meio das redes sociais – sendo, assim, frequentadores das páginas da Rádio Gaúcha e dos próprios comentaristas. Esse comportamento reflete à tendência da comunicação na Era da Cultura Digital, em que as mídias estão convergidas, e as experiências de acesso aos meios são conduzidas por moldes digitais, subsidiados pela hiperconectividade, de modo que os ouvintes dos comentaristas da Rádio Gaúcha acompanham os conteúdos, reforçando seu potencial de audiência, também pela página do Facebook da emissora, Esportes GaúchaZH, ou por meio dos canais dos próprios comentaristas, pois alguns deles possuem página própria.

Em termos de localização geográfica, 13 ouvintes são residentes na Grande Porto Alegre, dois em Passo Fundo, um em Caxias do Sul, um em Recife, no estado de Pernambuco, e outros dois no estado de Santa Catarina. No entanto, todos eles mantêm o caráter de regionalidade e proximidade da audiência, no momento em que são torcedores de Grêmio e Internacional, e manifestam preferência por temáticas envolvendo os dois clubes, fato este que justifica e avaliza o direcionamento da produção jornalística ao valor-notícia da proximidade dos acontecimentos com a comunidade em que o público está inserido. Deste modo, considerando a resposta dos ouvintes e as abordagens produtivas prestadas pelos comentaristas, é possível afirmar que todos os ouvintes estão imersos à comunidade esportiva gaúcha, em que Grêmio e Internacional são os clubes de futebol posicionados no centro das discussões e das relações humanas futebolísticas que habitam o cotidiano social do espaço em questão, delimitado geográfica e culturalmente.

Considerando a formalização das tendências identificadas acerca da performance social dos ouvintes a partir dos atributos mencionados, segue abaixo o breve perfil pessoal de cada

um dos 19 ouvintes. No intuito de evitar a exposição desnecessária dos ouvintes, de modo que são apresentadas informações devidamente pessoais, a identificação dos torcedores é restrita ao nome e à letra inicial do sobrenome. As informações expressas são repassadas pelos próprios ouvintes, por meio dos questionários aplicados e de contatos prévios realizados pelo autor nas redes sociais.

O entrevistado 1, Francisco C. S., é torcedor do Internacional e possui mais de 40 anos de idade. Natural de Porto Alegre, é residente no Bairro Partenom, local da Zona Leste da cidade e comumente ocupado por classe média-baixa na capital gaúcha. Atualmente aposentado, atuou como vendedor e iniciou curso de formação em ensino superior, mas não completou.

Marlon M., ouvinte de faixa etária de 26 a 40 anos e torcedor do Grêmio, é o entrevistado 2. É natural de Canoas e reside no bairro Niterói na mesma cidade, localizada na região metropolitana de Porto Alegre. São bairro e cidade habitualmente ocupados por indústrias de diversos gêneros. Marlon atua como vendedor técnico e possui formação em curso superior e técnico, voltados para a área de engenharia.

O entrevistado 3, Marlon R, faz parte da torcida do Internacional e enquadra-se na categoria etária de mais de 40 anos de idade. É natural de Cacequi, município da Zona Central do Rio Grande do Sul. Reside em Porto Alegre há mais de 40 anos, onde é funcionário público e concluiu graduação em direito.

O entrevistado 4, Adavílson S. é torcedor colorado e situa-se na faixa etária de 26 a 40 anos, conforme questionário aplicado. É natural de Porto Alegre e residente no Bairro Restinga, um bairro periférico da Zona Sul do município. O ouvinte atua como vigilante no período noturno. Sua formação escolar apresenta o ensino fundamental completo.

O entrevistado 5, Maurício D., é torcedor do Grêmio e presente na faixa etária de 19 a 25 anos. Natural de Porto Alegre, reside no Bairro Intercap, local comumente habitado por classe média, na capital gaúcha. Atua na área administrativa empresarial, e é estudante do curso superior de administração de empresas.

O torcedor do Grêmio, Miguel C., de mais de 40 anos, é o entrevistado 6. É natural de Rio Pardo, município da região dos Pampas, no Rio Grande do Sul. Atualmente, é residente em Canoas, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre. No local, atua como professor de educação física, na Faculdade La Salle. Possui formação em mestrado.

O torcedor do Grêmio, Flávio B., é o entrevistado 7. Flávio é natural de Porto Alegre e se inclui na faixa etária de ouvintes de mais de 40 anos de idade. Atualmente, reside em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Neste município, atua como professor universitário em contabilidade, área de atuação onde possui o título acadêmico de doutor.

O entrevistado 8, torcedor do Internacional, Giorgi M. é adepto da faixa etária de 26 a 40 anos. Natural e residente em Porto Alegre, vive na Cavalhada, bairro nobre da Zona Sul da capital gaúcha. Trabalha como analista de sistemas e possui formação de ensino superior na mesma área de atuação.

O entrevistado 9, Gustavo V., é torcedor do Grêmio e situado na categoria etária de 26 a 40 anos de idade. Natural de Porto Alegre, o ouvinte reside no bairro Teresópolis, local habitualmente ocupado por classe média-baixa, na Zona Sul da capital gaúcha. Gustavo é webdesigner e apresenta formação de ensino superior em design.

O torcedor do Grêmio, Huillian V., classificado na faixa etária de 26 a 40 anos, é o entrevistado 10. É gaúcho, natural de Alegrete, município da Região Oeste do Rio Grande do Sul, às margens da fronteira com a Argentina. Atualmente, reside em Itajaí, na região do Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina. Nesta localidade, atua como vigilante no período noturno. Sua formação escolar vai até a conclusão do ensino fundamental.

O entrevistado 11, João Vítor P., é torcedor do Internacional e compõe a categoria de faixa etária situada entre 19 a 25 anos de idade. Natural de Porto Alegre, é residente do bairro Bom Fim, endereço da Zona Central de Porto Alegre, comumente ocupado pela classe média. Possui graduação em jornalismo e atua como assessor de imprensa na área corporativa.

Júlio A., torcedor do Internacional, de mais de 40 anos de idade, é o entrevistado 12. Natural de Porto Alegre, reside no bairro Jardim Leopoldina, habitado por classe média-baixa, na capital gaúcha. Trabalha como mestre de obras e apresenta escolaridade de ensino médio.

O entrevistado 13 é Júlio Cesar S., ouvinte torcedor do Internacional, com perfil etário de mais de 40 anos. É natural de Porto Alegre e reside no Bairro Jardim Carvalho, local periférico, localizado na Zona Oeste de Porto Alegre. Atua como vigilante no período diurno, e sua formação escolar consiste na conclusão do ensino médio.

O entrevistado 14, o ouvinte Lucas B., é torcedor do Internacional, e situa-se na faixa etária de 19 a 25 anos. Nasceu e reside em Porto Alegre, no bairro Jardim Lindóia, endereço nobre da Zona Norte de Porto Alegre. Possui atuação e formação superior como administrador de empresas.

O entrevistado 15, Cleiton O., torcedor do Internacional, é inserido na categoria de faixa etária de 26 a 40 anos de idade. Gaúcho, natural de São Gerônimo, reside nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, há cerca de seis anos, e atualmente mora em Recife, capital do estado de Pernambuco. Neste local, atua como vendedor de vestuário e possui formação concluída até o ensino médio.

O entrevistado 16, Edson R., é torcedor do Internacional e incluso na faixa etária de mais de 40 anos de idade. Nasceu e reside em Passo Fundo, cidade com cerca de 200 mil habitantes, conforme o IBGE, e localizada na Região Norte do Rio Grande do Sul. No município, atualmente aposentado, atuou como chefe de enfermagem em hospitais da região e possui formação em curso superior na mesma área.

A entrevistada 17, Elaine P., é a única mulher torcedora do Grêmio na amostra, e encontra-se na faixa etária de mais de 40 anos. A ouvinte é natural de Porto Alegre e residente em Ipanema, bairro nobre da Zona Sul da capital gaúcha. Elaine é estilista e possui formação com curso superior completo.

O entrevistado 18 é torcedor do Internacional e pertencente à faixa etária de 26 a 40 anos de idade. Paulo M. é natural e residente em Caxias do Sul, cidade localizada na serra gaúcha e uma das mais populosas no interior do estado. No município, trabalha como representante comercial, onde concluiu formação de ensino superior.

A entrevistada 19, Sarah R., é a representante feminina entre os torcedores do Internacional nesta amostra. Enquadrada na categoria etária de 26 a 40 anos de idade, é natural e residente de Passo Fundo, cidade localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul. A ouvinte também já viveu na capital gaúcha, onde formou-se em Relações Públicas e atuou na profissão.

Após a exploração de dados relacionados ao ambiente sociocultural em que os ouvintes estão inseridos – como gênero, faixa etária, localização geográfica e demográfica, formação e atuação profissional – surgem os primeiros subsídios para consolidar e compreender-se o espaço de recepção e seus desdobramentos, na medida em que estes cidadãos são pertencentes a determinadas ordens culturais, que conduzem seus diversos níveis de convivência, entre eles, a própria comunicação. Neste sentido, identificar faixa etária, locais de residência ou níveis intelectuais contribui para que se possa avaliar e compreender a consolidação de práticas e comportamentos que viabilizem a recepção como, por exemplo: circunstâncias, suportes e formatos mais adotados. Pois, é importante relembrar, que essas condutas de acesso às mensagens comunicacionais, estão diretamente relacionadas com as experiências sociais compartilhadas e conduzidas sob o amparo da cultura. Isso, porque, na perspectiva de entendimento dos Estudos Culturais, índices como nível etário, formação intelectual e localização geográfica interferem na acessibilidade a determinados suportes, frequência ou formatos na comunicação radiojornalística.

A partir da apresentação social dos ouvintes, já realizada anteriormente, é possível situar melhor as rotinas de recepção e seus desdobramentos. Deste modo, abaixo são relatadas as

respostas dos 19 ouvintes, naquilo que diz respeito, exclusivamente, aos comportamentos de recepção, constituindo dados para a primeira etapa de análise, correspondente às práticas de recepção perante a Era da Cultura Digital, conforme indica um dos objetivos específicos desta pesquisa. Os quadros abaixo apontam o time de futebol de cada ouvinte, comentaristas ouvidos, frequência, suporte, temáticas e formatos de preferência dos torcedores.

Quadro 1: Perfil do entrevistado 1

Entrevistado 1	Francisco C. S.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Pedro Ernesto Denardin, Felipe Gamba, Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Uma vez na semana
Suporte de audiência	Rádio Portátil
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Diálogo entre apresentador e comentarista

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 2: Perfil do entrevistado 2

Entrevistado 2	Marlon M.
Time de futebol	Grêmio
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba e Pedro Ernesto Denardin
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Rádio do carro e dispositivos móveis
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal, futebol nacional e futebol internacional
Formatos de comentários preferidos	Opinião de um profissional em tempo corrido

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 3: Perfil do entrevistado 3

Entrevistado 3	Marlon R.
Time de futebol	Internacional

Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Três a cinco vezes na semana
Suporte de audiência	Rádio do carro e dispositivos móveis
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 4: Perfil do entrevistado 4

Entrevistado 4	Adavílson S.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Cléber Grabauska
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Rádio Portátil
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Diálogo entre apresentador e comentarista

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 5: Perfil do entrevistado 5

Entrevistado 5	Maurício D.
Time de futebol	Grêmio
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Pedro Ernesto Denardin e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Rádio do carro e dispositivos móveis
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal e futebol nacional
Formatos de comentários preferidos	Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador; Diálogo entre comentarista e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 6: Perfil do entrevistado 6

Entrevistado 6	Miguel C.
Time de futebol	Grêmio

Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Pedro Ernesto Denardin, Cléber Grabauska e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Três a cinco vezes na semana
Suporte de audiência	Rádio do carro e dispositivos móveis
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal e futebol nacional
Formatos de comentários preferidos	Opinião de um profissional em tempo corrido; diálogo entre apresentador e comentarista

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 7: Perfil do entrevistado 7

Entrevistado 7	Flávio B.
Time de futebol	Grêmio
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba e Pedro Ernesto Denardin
Frequência de audiência	Uma vez na semana
Suporte de audiência	Rádio do carro
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 8: Perfil do entrevistado 8

Entrevistado 8	Giorgi M
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin, Cléber Grabauska e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Uma vez na semana
Suporte de audiência	Rádio do carro
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Diálogo entre apresentador e comentarista

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 9: Perfil do entrevistado 9

Entrevistado 9	Gustavo V.
-----------------------	------------

Time de futebol	Grêmio
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin, Cléber Grabauska e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Uma vez na semana
Suporte de audiência	Rádio do carro
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Opinião desenvolvida de acordo com questões enviadas por ouvintes como mensagens ou por whats app

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 10: Perfil do entrevistado 10

Entrevistado 10	Huillian V.
Time de futebol	Grêmio
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba e Cléber Grabauska
Frequência de audiência	Uma vez na semana
Suporte de audiência	Rádio portátil
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 11: Perfil do entrevistado 11

Entrevistado 11	João Vítor P.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Pedro Ernesto Denardin e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Aparelho de rádio tradicional
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 12: Perfil do entrevistado 12

Entrevistado 12	Júlio A.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Rádio do carro e aparelho de rádio tradicional
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 13: Perfil do entrevistado 13

Entrevistado 13	Júlio Cesar S.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Dispositivos móveis
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 14: Perfil do entrevistado 14

Entrevistado 14	Lucas B.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Três a cinco vezes na semana
Suporte de audiência	Rádio portátil
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Opinião de um profissional em tempo corrido

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 15: Perfil do entrevistado 15

Entrevistado 15	Cleiton O.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba e Pedro Ernesto Denardin
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Dispositivos móveis
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Diálogo entre apresentador e comentarista

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 16: Perfil do entrevistado 16

Entrevistado 16	Edson R.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Felipe Gamba e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	De três a cinco vezes na semana
Suporte de audiência	Rádio Portátil
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 17: Perfil da entrevistada 17

Entrevistada 17	Elaine P
Time de futebol	Grêmio
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin, Cléber Grabauska e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Dispositivos móveis, aparelho de rádio tradicional e rádio portátil
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal e futebol nacional

Formatos de comentários preferidos	Opinião de profissional em tempo corrido; Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador
---	---

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 18: Perfil do entrevistado 18

Entrevistado 18	Paulo M.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Pedro Ernesto Denardin e Maurício Saraiva
Frequência de audiência	Todos os dias
Suporte de audiência	Rádio do carro e dispositivos móveis
Assuntos esportivos de preferência	Futebol nacional
Formatos de comentários preferidos	Diálogo entre apresentador e comentarista; Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Quadro 19: Perfil da entrevistada 19

Entrevistada 19	Sarah R.
Time de futebol	Internacional
Comentaristas diários da Rádio Gaúcha ouvidos	Filipe Gamba
Frequência de audiência	Duas vezes na semana
Suporte de audiência	Dispositivos móveis
Assuntos esportivos de preferência	Dupla Gre-Nal
Formatos de comentários preferidos	Opinião desenvolvida de acordo com questões enviadas por ouvintes como mensagens ou por whatsapp

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

A partir do dimensionamento do cotidiano dos ouvintes torcedores, são elaboradas as categorias de análise das práticas e meios de recepção contemporâneos, a fim de que se contextualize e se proponha conceitos para a delimitação do universo de recepção esportivo no radiojornalismo, na inserção dos valores da Era da Cultura Digital. As indagações abordadas no questionário admitem o componente cotidiano do ato de recepção, delimitando e alçando, desta maneira, a construção de um ambiente simbólico na comunicação radiojornalística. Com

exceção da questão envolvendo “comentaristas ouvidos” e “assuntos esportivos de preferência”, todos os outros itens de averiguação consistem em meios e práticas de acesso que impulsionam e conduzem a recepção, em forma de viabilizar o contato com a mensagem. Diante desta realidade, os atributos frequência, suporte e formato de audiência são selecionados neste trabalho como as categorias temáticas delimitadoras e norteadoras das práticas de recepção dos ouvintes da Rádio Gaúcha.

A apuração das rotinas, abordadas nos questionários aplicados por meio das redes sociais, auxilia na deliberação de critérios para a seleção de ouvintes submetidos às entrevistas em profundidade. A adequação dos ouvintes aos comportamentos mais abrangentes na recepção conforme a Era da Cultura Digital, seguindo a análise apresentada a seguir, configura as condições mais apropriadas à prospecção e ao desenrolar das entrevistas em profundidade.

6.2 Ambiente digital e privado: interpretação das rotinas de recepção por meio de questionários

As dinâmicas culturais contemporâneas de recepção – abordadas no questionário e selecionadas para este trabalho, conforme a possibilidade de construir o perfil do ouvinte na era digital – correspondem ao suporte de audiência, frequência de audiência e formatos de comentários radiojornalísticos esportivos mais atrativos à recepção. Estas são as três categorias de análise construídas para a exploração dos primeiros resultados, subsidiados pela correlação e interpretação das entrevistas estruturadas em formato de questionário pré-concebido. Algumas questões aplicadas admitem mais de uma resposta, considerando a natureza da pergunta, como, por exemplo, canal ou formato de audiência, em que os ouvintes podem usufruir de mais de um hábito de recepção. A seguir, os questionamentos são melhores explicados e complementados com os índices de respostas dos ouvintes, organizadas em tabelas, além da interpretação das tendências conforme as eras da cultura da comunicação de Santaella (2003) e, em especial, do cenário da cultura digital na recepção radiojornalística esportiva.

6.2.1 Suporte de audiência

Essa questão implica em identificar os canais de audiência mais adotados pelos diferentes públicos ouvintes. Como possíveis respostas, foram disponibilizadas as seguintes opções: rádio do carro; dispositivos eletrônicos móveis (celular, tablets, etc); aparelho tradicional; rádio portátil. Estas alternativas distinguem e ilustram o ambiente cultural e

temporal em questão, tendo em vista que nas primeiras épocas do rádio, a única maneira possível de escuta era pelo aparelho fixo nas residências, tanto que na era da cultura das massas essa experiência, desfrutada de modo coletiva, tornou-se uma prática familiar, de acordo com Paula (2012).

Contudo, outras demandas da sociedade, impuseram-se, como a necessidade de mobilidade da recepção das mídias, que permitiu a audiência e consumo de conteúdo radiofônico no trânsito, em horários de deslocamentos diários, resultando em uma atualização mais constante. Em tempos mais recentes, a audiência pela internet em celulares tornou-se um novo canal de contato com os ouvintes, dinamizando e garantindo a possibilidade de recepção em diferentes circunstâncias diárias. Ao mesmo passo em que a segmentação e a prática individual de recepção radiofônica permitiram o movimento de diversificação e pessoalidade temática no enlace comunicacional do rádio, garantindo espaços distribuídos em programações diárias para maior número de correntes editoriais. Em linhas gerais, a abertura dos canais de distribuição do rádio e a inserção na internet consistiram em subsídios para direcionar a até então tradicional experiência de comunicação de massa a práticas também privadas, segmentadas, além de permitir maior regularidade de alcance em termos de frequência e períodos diários.

Desse modo, é possível admitir que os suportes de audiência são resultados de uma ordem cultural e permitem a evolução de muitos valores culturais de recepção, como, por exemplo, a coletividade, nível de personalização temática e possibilidades de contato com a mesma. Relembrando que Santaella (2003) qualifica todos esses atributos como construções da vivência social e cultural, estando habilitadas ao estímulo das condições técnicas e tecnológicas. A tabela 1 indica a natureza móvel do rádio, ao mesmo tempo em que diária e privada, na preferência dos ouvintes contemporâneos pela audiência por meio dos dispositivos eletrônicos e pelos aparelhos dos carros.

Tabela 1: Suporte de audiência

Respostas	Frequência de ouvintes
Rádio do carro	9
Dispositivos móveis (celular, etc)	9
Aparelho tradicional	3
Rádio portátil	5

Fonte: Questionário aplicado pelo autor

A pesquisa aponta que a maioria dos ouvintes acessa os comentários radiojornalísticos da Rádio Gaúcha por meio de dispositivos móveis ou pelos aparelhos de automóveis. Esses resultados ilustram a premissa de que na era da cultura digital, o rádio tornou-se um meio de

comunicação mais individual, pelo consumo privado permitido via internet e aplicativos, mas, também, consolidou-se como um dos veículos midiáticos mais acessíveis em circunstâncias rotineiras de circulação e deslocamento da sociedade. A audiência por dispositivos pode ser viabilizada discretamente, em diversos ambientes, por meio de fones de ouvidos. Até fevereiro de 2016, mais de 600 mil downloads foram realizados pelos aplicativos da Rádio Gaúcha para dispositivos móveis. A audiência também é muito comum no trajeto de um lugar a outro, nos milhares de automóveis que circulam nas cidades (Rádio Gaúcha, 2017).

6.2.2 Frequência de audiência

O cenário apontado implica na regularidade do padrão de audiência, e justifica o fato de os ouvintes escutarem rádio diariamente, diante dessas situações do cotidiano que contribuem para o consumo radiojornalístico, tendo em vista os deslocamentos e as atividades diárias que envolvem a recepção nessa plataforma. Isso também pode ser comprovado pelo fato de os comentaristas Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin e Maurício Saraiva manterem seus quadros nos horários das faixas de 7h às 8h, 12h às 13 e 17 às 18h, respectivamente, e possuírem maiores audiências, conforme as respostas dos próprios ouvintes a essa pesquisa. Fato este que deve ser entendido justamente por estes quadros ocuparem períodos do dia em que mais pessoas encontram-se nos trânsitos de deslocamento das rotinas diárias urbanas de chegadas e saídas dos compromissos. A própria emissora destaca como pico de audiência o horário das 17h, com escuta de 76446 ouvintes por minuto no esporte. As rotinas contemporâneas apontadas como a escuta no trânsito e em diferentes locais por meio dos aparelhos no carro e de aplicativos disponíveis nos dispositivos parecem constituir as principais justificativas para que a maioria dos respondentes escute rádio todos os dias da semana ou em boa parte dela, conforme a tabela 2 (RÁDIO GAÚCHA, 2017).

Tabela 2: Frequência da audiência

Respostas	Frequência de ouvintes
Não ouve	0
Uma vez na semana	5
Duas vezes na semana	1
De três a cinco vezes na semana	4
Todos os dias	9

Fonte: Questionário aplicado pelo autor

Além de representar o envolvimento do público com a temática esportiva e sua significação sobre o cotidiano gaúcho, vale ressaltar o dimensionamento dessa rotina perante a cultura digital, seguindo os parâmetros de Santaella (2003), admitindo o radiojornalismo esportivo como um segmento imerso na internet, de modo que sua recepção encontra-se

alinhada às demandas da sociedade atual e, seguindo os estudos de Paula (2012), mantém-se concomitantemente a outras atividades e compromissos habituais individuais da rotina nas grandes cidades. Nesse sentido, procede a premissa de que as relações comunicacionais e, no caso específico, o ato da recepção, pertencem a um universo cultural dominante, balizador dos fenômenos da vida humana, em sua complexidade como um todo.

6.2.3 Formatos de recepção

Assim como a rotina cotidiana e os valores difundidos em determinada sociedade ambientam e conduzem o perfil da recepção, materializando aparatos técnicos como o canal transmissor da mensagem, esses mesmos significados vigentes em dado espaço simbólico induzem o modelo linguístico e de encadeamento produtivo com que essa mensagem vai ser decodificada. Em outras palavras, essa perspectiva de leitura tange o que diz respeito ao formato de emissão mais apropriado às possibilidades de recepção contemporânea.

Retomando as incidências da era da cultura na comunicação, o formato da mensagem recebida condiz com as circunstâncias cotidianas e experiências adeptas a esse dia a dia, relembando o diagrama do Circuito da Cultura. Desse modo, é importante que se compreendam algumas das faces da cultura digital que emergem sobre o radiojornalismo, além das inúmeras possibilidades de acesso e multiplicidade de canais, como visto anteriormente.

Atenção, percepção e assimilação do radiojornalismo dependem de uma série de atributos relacionados ao cotidiano dos receptores. Mais do que os valores culturais e adesões a visões de mundo, os modos práticos de vivência já direcionam os contatos e a capacidade de decodificação das mensagens. Na sociedade atual, é indispensável considerar fatores como a simultaneidade de atividades no momento da recepção, o pouco tempo disponível entre os afazeres da rotina diária, além da dificuldade de concentração a respeito do conteúdo emitido, pois a recepção ocorre concomitantemente a outros afazeres. Além disso, no ambiente de recepção contemporâneo, disponibiliza-se uma abundância, nem sempre confiável, de conteúdos e recursos tecnológicos na concepção de cada abordagem discursiva. Se bem explorados, esses fatores devem consistir em subsídio para melhor concepção da mensagem, em termos de profundidade de ideias e organização discursiva da mesma, amparadas pelo potencial de atratividade e compreensão, resultando em formatos de emissão radiojornalísticos acessíveis.

Nesta etapa do questionário, indagou-se quais os formatos de emissão dos comentários esportivos preferidos pelos ouvintes, com as seguintes opções: opinião de um profissional em tempo corrido; comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador; diálogo

entre apresentador e comentarista; opinião desenvolvida de acordo com questões enviadas por ouvintes como mensagens ou por whatsapp. Todas estas possibilidades de comentários acompanham o padrão de emissão sonora dessa mensagem do gênero opinativo, conforme Barbosa Filho (2003) e Lucht (2009). A interatividade e possibilidade de enriquecimento da emissão em forma de diálogo, ressaltando mais de um posicionamento e conhecimento exploratório dos fatos abordados, são modelos de produção radiojornalísticos consolidados sob a luz das demandas da era da cultura digital na comunicação. Nesta questão, consideram-se mais de uma resposta a serem escolhidas, conforme a tabela 3.

Tabela 3: Formatos de recepção

Respostas	Frequência de ouvintes
Opinião de um profissional em tempo corrido	4
Comentário interativo, com participação de repórteres e apresentador	10
Diálogo entre apresentador e comentarista	7
Opinião desenvolvida de acordo com questões enviadas por ouvintes como mensagens ou por whatsapp	2

Fonte: Questionário aplicado pelo autor

As respostas dos ouvintes indicam preferência por comentários dialogados entre distintos agentes emissores, como o próprio comentarista, assistido de repórteres e apresentadores. Esse fenômeno remete a uma característica do radiojornalismo, teorizada por Barbosa Filho (2003), que é a dinâmica de velocidade e agilidade nos discursos sonoros, resultando na diversidade de vozes e, com isso, mais atratividade na mensagem. Essa premissa se aplica muito ao contexto contemporâneo de múltiplas atividades – como direção de um carro, participação em aulas, palestras ou uso de computadores – em que um diálogo com diferentes composições sonoras tende a prender maior atenção ao significado que a mensagem falada está transmitindo. Tanto que outros pesquisadores de rádio como Lucht (2009) e Jung (2011) ressaltam que mensagens curtas são mais aptas a manter o ouvinte atento em maior proporção de tempo.

Paralelamente a esses critérios de conexão sonora das mensagens, pesquisa de Farina (2015) apontou maior encadeamento discursivo nos produtos concebidos por maior número de agentes, considerando, assim, a pluralidade emissora de enunciação e, diante disso, maior riqueza em visões de mundo difundidas, além de mais precisão no domínio do conhecimento técnico informativo de determinada área temática como o esporte ou, mais especificamente, o futebol.

Em um universo em que a internet permite um nível incalculável de acesso a conteúdo de qualquer assunto cotidiano aos ouvintes, a forma mais próxima de garantir um mínimo de domínio especializado do tema em condições pioneiras e mais originais é a conexão de diferentes visões e, especialmente, de distintos meios de atualização e busca do conhecimento esportivo diário. Por isso, mais do que a atratividade na recepção, a complementaridade dessas informações de repórteres, apresentador e comentarista pode ser a única alternativa a transmitir aos ouvintes abordagens originais e agregadoras no rádio, diante dos incontáveis grupos de conteúdo e versões mais completas, já publicados na rede de computadores.

Nesse sentido, a unificação de forma e conteúdo em formatos de comentários dotados de diálogo interativo entre os emissores parece ser a opção mais próxima a preencher as lacunas de reflexão necessárias ao ouvinte, pois, a relação de ideias e informações detalhadas ainda admite potencial para garantir versões originais e complementares, diante de um ambiente digital rico em quantidade, mas nem sempre em qualidade na correlação dos argumentos ao dia a dia cotidiano. Dado essas condições, o juízo de valor dialogado, relacionando as informações e não apenas divagando-as, apresenta maior propensão a contribuir para a sociedade, na medida das condições de escassez de tempo, simultaneidade de atividades e enfraquecimento das relações humanas. Se as vidas diárias da pós-modernidade, referida por Buber (2004), estão cada vez mais capitalistas e voltadas ao intuito comercial – até mesmo a recepção comunicacional da cultura digital ocorre em circunstâncias privadas, – mensagens mais humanizadas e dialogadas podem constituir um maior significado reflexivo às experiências cotidianas, coletivas e sociais.

6.3 Os valores da recepção interpretados pelo Circuito da Cultura, conforme análise das entrevistas em profundidade

Averiguadas as práticas que alçam os procedimentos técnicos e rotineiros adequados a emergir o contato dos ouvintes às mensagens de comentários esportivos, é chegado o momento de aprofundar os valores simbólicos que permeiam essa recepção, considerando o suporte dos desdobramentos contextuais anexos ao ambiente contemporâneo de inserção. Neste sentido, a presente pesquisa evoca o aporte metodológico do Circuito da Cultura, na perspectiva de compreender a produção de sentido circunscrita nas opiniões incorporadas pelos ouvintes, a partir de elementos imateriais conduzidos pela cultura e pela consolidação das relações sociais desenvolvidas.

A caracterização e o teor de visões de mundo esportivas desenvolvidas a partir da opinião pública divagada são pontuados por momentos habilitados à identificação e ao norteamo de

ordens culturais. A interligação do Circuito da Cultura e suas fases apresenta a possibilidade de indicar os comportamentos e, especialmente, os significados de recepção em uma determinada área, como o radiojornalismo esportivo, por meio da investigação do processo de comunicação e dos ambientes em questão, a partir da análise dos valores culturais que personalizam os cinco eixos teóricos: produção, representação, identidade, regulação e consumo. Ou seja, o panorama de pesquisa das opiniões esportivas, onde o centro da problemática encontra-se na recepção, averigua as dimensões do processo comunicacional e cultural, por meio de uma perspectiva mais completa e enriquecedora, no sentido em que as outras quatro fases do Circuito da Cultura são aprofundadas e interferem na construção dos sentidos simbólicos conferidos pelas mensagens sobre os ouvintes.

Em termos práticos, as configurações do ambiente cultural em cada um dos outros quatro eixos são subjetivadas a partir do relato dos ouvintes, por meio da aplicabilidade da técnica de entrevista em profundidade, quando estes torcedores abordam temáticas que caracterizam suas origens e, mais especificamente, seus modos de imersão ao universo esportivo. Esses aspectos de abordagem comportamental são compreendidos por meio dos seguintes conceitos teorizados por Du Gay. et al (1997): representação, identidade e regulação.

O eixo de produção também é explorado, pois suas práticas e técnicas adotadas interferem diretamente na atribuição simbólica da recepção. As informações e procedimentos analíticos deste momento do processo comunicacional são complementados com os resultados obtidos e enfoques adotados na pesquisa de Farina (2015), onde se investigou as condições de construção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha.

Por fim, chega-se ao momento primordial da análise, onde se verificam os modos de posicionamentos e condutas futebolísticas dos ouvintes, a partir do teor dos discursos opinativos recebidos e dos valores socioculturais mais simbólicos nesta produção de sentido. O eixo da recepção indica as reações e os valores pessoais e subjetivos adotados na leitura dos comentários e a consequente adesão a determinadas versões da realidade, com a disseminação ou não de visões habilitadas a interpretar a vida humana universal e, mais em especial, o universo esportivo. A complexidade e inclinação contextual dos elementos envolvidos na compreensão deste processo justifica a necessidade do aprofundamento prévio de conceitos de identidade, representação e regulação, pois estes outros eixos agregam ângulos a serem visualizados no momento de recepção.

A caracterização dos cinco eixos da cultura esportiva – até o momento de se compreender o posicionamento dos receptores, seguindo objetivo principal desta pesquisa – é subsidiada pelos registros e perfis de interpretação dos ouvintes, integrantes do ambiente de recepção,

compilados a partir das entrevistas em profundidades. Por isso, os torcedores selecionados para esta etapa estão interligados com as práticas e níveis de rotinas – averiguadas no questionário prévio – preponderantes na formatação de um determinado espaço de recepção. Ou seja, são aqueles ouvintes cujas respostas dos questionários se enquadrem entre as opções dos questionários mais repetidas.

O nível de assiduidade, mensurado na categoria frequência de audiência, na análise do questionário, é um dos mais considerados para a seleção dos ouvintes submetidos à entrevista em profundidade. Isto, porque, além de a audiência regular durante todos os dias da semana corresponder à resposta mais aderida e, assim, representar um comportamento mais assegurado e remetido aos ouvintes da Rádio Gaúcha – a frequência elevada de audiência aumenta o potencial de inserção desses ouvintes ao espaço simbólico de recepção e, por conseguinte, estão mais envolvidos com as temáticas esportivas e adeptos a condutas socioculturais recorrentes ao universo esportivo. Como a segunda resposta desta questão – sendo menos repetida apenas do que a audiência em todos os dias da semana (nove ouvintes) – foi de “uma vez na semana”, com cinco ouvintes adeptos a esta rotina, foi selecionado um ouvinte desta opção de rotina semanal para a entrevista.

As outras categorias temáticas avaliadas nos questionários também foram consideradas no momento de se prospectar ouvintes para as entrevistas em profundidade, de modo que se priorizavam ouvintes adeptos a práticas mais corriqueiras na predominância da cultura digital. Como, por exemplo, receptores dos comentários esportivos por meio de suportes móveis e com interesse preferencial em formatos compostos por mais de um agente emissor.

No entanto, vale a ressalva de que, mesmo com a delimitação de critérios técnicos bem justificados, a escolha dos ouvintes para as entrevistas também teve de adequar-se às condições de disponibilidade dos respondentes dos questionários em participar das entrevistas em profundidade, na medida em que nem todos os ouvintes manifestaram interesse ou viabilidade em colaborar com esta etapa da pesquisa. Sendo assim, o investigador procurava os ouvintes que mais se adequavam aos critérios mencionados. Contudo, com eventuais negativas, se buscava os outros respondentes mais próximos do perfil das rotinas de recepção enquadradas na cultura digital. Percorridos esses passos, são elencados abaixo os seis ouvintes submetidos às entrevistas em profundidade, sendo três deles torcedores do Internacional e três torcedores do Grêmio, pois a busca por um mesmo número de ouvintes de cada um dos dois times também consistiu em um parâmetro adotado.

O entrevistado 1, Francisco S., admite hábito de audiência de uma vez por semana. Por mais que não seja a resposta mais repetida, é a segunda com mais adesão, fato que justifica a

escolha de um ouvinte que compartilhe desse nível de frequência. Além do mais, o torcedor do Internacional também admite preferência pelo formato de comentário emitido em diálogo entre apresentador e comentarista, integrando-se, assim, ao dinamismo de discursos e concomitância de atividades da Era da Cultura Digital.

O entrevistado 2, Marlon M., compartilha do hábito de audiência diária dos comentários e do acesso às mensagens por suportes móveis, como dispositivos de celulares e *tablets* ou aparelhos de automóveis, duas práticas comuns da recepção contemporânea, amparada pela validade da cultura digital.

O entrevistado 3, Marlon R., admite como hábito a audiência de três a cinco vezes semanais, valendo-se de suportes móveis como aparelho do carro e dispositivos digitais, além de optar por formatos interativos, em que se envolvam repórteres, apresentador e o próprio comentarista. Respostas estas que mantém o ouvinte integrado aos comportamentos e rotinas mais regulares, conforme as respostas da pesquisa e a abrangência da cultura digital contemporânea.

O entrevistado 4, Adavílson S., foi um dos selecionados, considerando a frequência diária de audiência, além de manifestar preferência por formatos de diálogos entre apresentador e comentarista – a segunda resposta mais recorrente entre os 19 entrevistados na categoria de formatos. Esses comportamentos refletem a expressão de perfil dominante na cultura digital.

O entrevistado 5, Maurício D., ouve os comentaristas da Rádio Gaúcha, durante todos os dias da semana, em suas veiculações diárias, acessando as mensagens pelo aparelho do carro e por dispositivos móveis. Também manifesta preferência pela interatividade nos comentários produzidos com a participação de mais de um agente emissor. O perfil de recepção deste ouvinte reflete em todas as categorias analisadas do questionário, as práticas contemporâneas mais vivenciadas no ambiente de recepção da Era da Cultura Digital.

O entrevistado 6, Miguel C., é ouvinte dos comentários de três a cinco vezes na semana, acessando, também, pelo rádio do carro e por dispositivos móveis. Quanto ao formato, manifesta preferência pelo diálogo entre apresentador e comentarista, mas, também, pelo formato tradicional de emissão de um profissional em tempo corrido. Suas rotinas também se inserem nos comportamentos mais propícios ao perfil contemporâneo idealizado, mesmo que se observem eventuais variações.

A partir da adequação dos ouvintes selecionados aos critérios de rotinas de recepção contemporâneos – apurados por meio da apreciação dos questionários, em vista dos conhecimentos teóricos estudados – garante-se os subsídios para a análise de produção de sentido da recepção aos comentaristas esportivos diários da Rádio Gaúcha, seguindo o aporte

metodológico dos cinco eixos do Circuito da Cultura, teorizado por Du Gay et al. (1997). Abaixo, segue a contextualização simbólica e conceitual dos momentos do circuito da cultura da recepção esportiva, mediante aprofundamento exploratório das seis entrevistas em profundidade, quando se aplica a validade teórica de todos os elementos que permeiam a delimitação e a formalização das ordens culturais. O primeiro eixo abordado é o da produção, quando adotam-se preceitos técnicos do jornalismo opinativo, seguidos de descrição e análise dos métodos de produção e emissão dos comentários, já apontados em pesquisa anterior.

6.3.1 O eixo da produção e os comentários esportivos da Rádio Gaúcha

O Circuito da Cultura, como aporte teórico metodológico, conforme preposição de Du Gay et al (1997), prevê a interligação de todos as suas esferas, na correspondência de determinados valores culturais, no intuito de assimilação de fenômenos da sociedade. Dentro desta perspectiva, se vislumbra a análise de uma determinada área – como a produção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha – vinculada a outras etapas da composição de uma ordem sociocultural. Neste sentido, a cultura da produção está, necessariamente, atrelada às demandas da sociedade e suas relações sociais e comunicacionais decorrentes – fato que se observa no polo oposto, pois a visualização mais abrangente do processo depende da contextualização plena do ambiente e suas distintas atribuições. É por este motivo que o Circuito da Cultura, com a exploração aprofundada de seus eixos, é admitido como um dos caminhos mais assertivos na compreensão dos significados da recepção nesta pesquisa, de forma mais agregadora e afinada com os fenômenos transformadores da sociedade.

Diante desta premissa, situa-se a função de produção de bens, insumos e ideias como atividades conectadas e inseridas culturalmente aos mecanismos de ordens que subsidiam comportamentos e reações institucionais públicas e particulares. No caso específico deste trabalho, remetem-se os comentários esportivos da Rádio Gaúcha como discursos da produção comunicacional jornalística, quando os produtores também podem ser reconhecidos como emissores, assim como os consumidores como receptores. Deste modo, o Circuito da Cultura, empregado como aporte de análise desta pesquisa, aplica-se a um processo comunicacional, em que os outros três eixos do aporte instrumental cultural auxiliam e interferem na consumação dessa prática de troca de mensagens.

Como resultado da produção comunicacional midiática e, seguindo os passos do Circuito da Cultura, estando conectados com outros fenômenos de abrangência universal, os comentários esportivos da Rádio Gaúcha são pessoalizados com técnicas propícias da profissão jornalística e com a finalidade de produto opinativo, conforme a classificação dos gêneros

jornalísticos, por Marques de Melo (2010). O perfil da mensagem resultante dos mecanismos de produção está diretamente relacionado com o teor objetivo da mesma e, neste caso, toma como parâmetro as aptidões do compromisso jornalístico direcionado ao retrato do cotidiano esportivo e, em especial, dos fatos futebolísticos, seguindo a relevância cultural das temáticas demandadas e compartilhadas pela sociedade contemporânea. Desta forma, as mensagens emitidas pelos quatro profissionais da Rádio Gaúcha obedecem ao teor opinativo de esclarecer e interpretar fatos do cotidiano esportivo, com argumentos e versões que guiem o público em seu entendimento acerca das temáticas refletidas. Por isso, recebem a classificação direcionada ao formato comentário, do gênero opinativo, conforme Barbosa Filho (2003) e Lucht (2010).

A partir das referências teóricas que embasam a produção jornalística opinativa e o perfil técnico dos comentários – com atributos do ofício radiojornalístico como busca de informações, formatos de emissão e veiculação e coerência dos argumentos – esse eixo do Circuito da Cultura descreve e analisa as rotinas dos quatro comentaristas da Rádio Gaúcha: Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin, Cléber Grabauska e Maurício Saraiva.

Para tanto, é necessário enfatizar a relevância tanto desses profissionais quanto da própria Rádio Gaúcha, emissora pela qual veiculam seus discursos. Como já mencionado e registrado neste trabalho, a Rádio Gaúcha detém 87% de audiência no segmento esportivo e destina 9 horas diárias de sua programação à mesma temática em questão. Diante destes fatos, é natural que o veículo jornalístico se afirme como a principal referência na cobertura esportiva entre as rádios do Rio Grande do Sul, tanto pela visibilidade e capacidade de mobilização dos receptores em torno da cultura futebolística quanto pela credibilidade do jornalismo esportivo. O Grupo RBS, detentor da Rádio Gaúcha, é uma das empresas de comunicação mais conceituadas no Brasil e a mais valorizada na Região Sul do país, considerando o nível de investimento profissional nas principais plataformas – como rádio, televisão, jornal impresso, internet – e a grande reputação consolidada sobre seus públicos, ainda que invariavelmente a empresa seja alvo de críticas e questionamentos bastante comuns no cotidiano contemporâneo.

Rotinas de trabalho e produção são metodizadas, enquanto a base tecnológica sofre uma constante modernização. Assim, concorrer identificando por meio de sondagens de mercado e explorando as fraquezas do adversário torna-se norma. A busca do lucro transcende o momento imediato e vai sendo construída ação após ação. Por fim, a presença constante em entidades e fóruns deliberativos no Rio Grande do Sul, no Brasil e no exterior confere à RBS a marca de protagonista privilegiada na construção e continuidade de indústrias culturais não só no estado, mas também em Santa Catarina, onde o grupo instala-se a partir de 1979. Todos estes fatores ajudam a compreender a barreira que a Rede Brasil Sul vai impondo à concorrência à medida que fortalece a sua participação em diversos segmentos, ao longo de um processo no qual o grupo alia “o senso de exploração das condições sociais que o meio brasileiro

oferece para a acumulação de capitais com a obstinação pelo emprego de técnicas desenvolvidas de produção” (FERRARETTO, 2007, p. 214 / 215).

As outras três rádios de Porto Alegre, que atuam no setor de jornalismo e esporte, são Bandeirante, Guaíba e Grenal – esta última trabalha apenas com abordagens futebolísticas. Os processos produtivos, em termos de formatos de programas e enfoques jornalísticos, não estão tão distantes dos adotados na Rádio Gaúcha, mesmo que em nível técnico menos profissional e especializado. No entanto, o investimento em infraestrutura e qualificação jornalística muito inferior afasta estas emissoras da credibilidade perante públicos e anunciantes, fato que mantém o protagonismo da Rádio Gaúcha no estreitamento e fortalecimento das relações entre clubes de futebol e torcedores. Algumas das outras emissoras, devido às dificuldades financeiras, em vista da crise que assola o setor comunicacional, têm por hábito recente investir pouco em contratação de profissionais jornalistas, concedendo espaços de emissão a estagiários ou profissionais sem a devida graduação em seus mecanismos de produção – entre eles, os comentários esportivos. Este fato distancia estes veículos do protagonismo jornalístico no Rio Grande do Sul, contribuindo para a sustentação quase monopolizada da audiência da Rádio Gaúcha, diante da comparação com os baixíssimos índices das outras emissoras que atuam no segmento de jornalismo e esporte (CADENA, 2016).

Tendo em vista o cenário jornalístico de protagonismo na atualização e capacitação das técnicas de produção exercidas pela Rádio Gaúcha, a repercussão das atuações dos comentários esportivos acaba atingindo maior volume, na mesma medida em que a audiência destes produtos é extremamente superior às opiniões provindas das emissoras concorrentes. Analisando este panorama, percebe-se uma intensa mescla de críticas, elogios e questionamentos, na medida em que estas opiniões situam-se no centro das discussões do futebol gaúcho. Fato este que pode ser compreendido pelo reconhecimento por parte dos ouvintes ao profissionalismo e exercício da função jornalística e suas técnicas de mediação social, mesmo que o teor argumentativo e ideológico destes discursos alterne níveis de aceitação e contestação.

Eles são bastante sensatos e as opiniões não variam muito. Isso é muito interessante. Porque quando começam a mudar muito de opinião sobre certo aspecto é um momento crucial para se perder a credibilidade. Então, o que me chama muito atenção nos comentários da Rádio Gaúcha é a sensatez (ENTREVISTADO 2).

O relato deste ouvinte, elencado na amostra da pesquisa como o entrevistado 2, retrata o modo como a Rádio Gaúcha se destaca na concepção de uma visão de referência na produção opinativa, dispensando a análise do mérito dos discursos, mas, afirmando-se como um veículo jornalístico valorizado no segmento, mesmo que ainda não se discuta acerca da assertividade

das técnicas de juízo de valor pelas quais os profissionais apreciam e interpretam os fatos futebolísticos da atualidade. A partir dos depoimentos deste e de outros ouvintes entrevistados, percebe-se o reconhecimento da produção opinativa da Rádio Gaúcha como atividade de legítimo teor jornalístico, dentro de suas habilidades, mas, especialmente, como a emissora de rádio de Porto Alegre incumbida das atribuições de aproximação da temática futebolística com o cotidiano cultural das relações que estes torcedores constroem no meio esportivo. Isto ocorre, na medida em que os comentários emitidos por estes jornalistas são referências nas análises e debates públicos entre torcedores, quando evoca-se a necessidade de interpretação dos acontecimentos esportivos recorrentes no Rio Grande do Sul. Deste modo, a representatividade que as audiências dos comentários da Rádio Gaúcha detêm no segmento de opinião esportiva, e em seus desdobramentos interpretativos, justifica a posição desta emissora como protagonista no processo de comunicação abstraído do universo cotidiano futebolístico, tornando-se, assim, a principal referência jornalística para uma pesquisa de produção e recepção aos comentários esportivos no estado.

Tomando como parâmetro os níveis de conexão entre a produção dos comentários e as avaliações das audiências, é importante aprofundar os modelos jornalísticos opinativos adotados pela Rádio Gaúcha, mas, especialmente, o alinhamento destas técnicas com as demandas e referências culturais dos públicos e com as exigências da contemporaneidade expressa na cultura digital. O critério rotineiro de produção opinativa mais indispensável é a atualização e busca por informações dos acontecimentos rotineiros do esporte, atributo este desempenhado por variados meios de informação pelos diferentes comentaristas, considerando o perfil e demandas direcionadas à faixa de horário ocupada. O ex-comentarista e ex-apresentador da Rádio Gaúcha, Sílvio Benfica, atualmente aposentado, resume a importância do principal afazer cotidiano de um comentarista esportivo.

Hoje em dia, tese sem informação, não se completa. Não adianta ter só a tese, porque uma informação ali adiante pode quebrar essa tese. Pode anular, digamos assim, essa tese. O pré-requisito básico: jornalista precisa estar permanentemente bem informado (BENFICA, 2015).

Outras fatores norteadores da produção opinativa como tempo médio, interatividade e modalidade de emissão – se é transmitido ao vivo ou gravado, no estúdio ou em outro local – dependem do alinhamento do comentário à dinâmica radiojornalística exercida no programa a que este espaço de opinião está inserido (LUCHT, 2010).

Neste sentido, os quatro comentaristas diários da emissora ocupam distintos espaços, com formatos diferenciados e adaptados aos programas veiculados, conforme suas dinâmicas e perfis adequados às faixas de horário em questão. Alguns programas apresentam o formato de radiojornal, conforme classificação de Lucht (2010) e, por isso, são adeptos a conteúdos noticiosos de várias editorias, demandando quadros jornalísticos com maior seriedade, interferindo, assim, no teor dos próprios comentários e de sua engrenagem junto ao programa. Já outros produtos apresentam maior informalidade, na medida em que são compostos por abordagens apenas esportivas, o que angaria espaços para comentários mais descontraídos e irreverentes.

No quadro abaixo, são elencados as seis inserções diárias – previstas na programação semanal, de segundas a sextas-feiras – de comentários esportivos da Rádio Gaúcha, distribuídas entre os quatro jornalistas: Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin, Cléber Grabauska e Maurício Saraiva. Nesta classificação, enquadram-se apenas as modalidades de opiniões caracterizadas nos formatos comentários, conforme classificação de Lucht (2009), distinguindo mensagens em que o agente emissor confere, periodicamente e por exercício profissional, juízo de valor dos acontecimentos factuais. Sendo assim, não está incluído o tradicional programa de debates Sala de Redação, considerando que muitos dos debatedores não são jornalistas e as opiniões, deste modo, não se enquadram em uma função cabível do ofício jornalístico, assim como as análises veiculadas nas jornadas esportivas, em que não se obedece a uma periodicidade prévia e cotidiana.

Quadro 20: Comentários esportivos da Rádio Gaúcha

Programa jornalístico	Comentarista	Horário do comentário
Gaúcha Hoje	Filipe Gamba	7h50
Gaúcha Atualidade	Pedro Ernesto Denardin	9h
Esportes ao meio dia	Pedro Ernesto Denardin	12h10
Gaúcha +	Cléber Grabauska	14h50
Hoje nos esportes	Maurício Saraiva	17h45
Esporte & Cia	Cléber Grabauska	1h30 e 2h30

Fonte: Rádio Gaúcha

A seguir, são melhores aprofundadas as características jornalísticas dos referidos espaços de comentários, realçando a afinidade destes modelos à recepção contemporânea, considerando a perspectiva da cultura digital e das condutas comunicacionais cotidianas, como teorizado no

decorrer deste trabalho. O perfil produtivo é especificado, seguindo a divisão dos espaços entre os quatro comentaristas.

6.3.1.1 Comentários de Filipe Gamba

Filipe Gamba é o titular do espaço de comentário esportivo veiculado no programa Gaúcha Hoje, desde o início de 2017, quando o então responsável pelas referidas funções, Sílvio Benfica, aposentou-se, após mais de três décadas de serviços prestados à Rádio Gaúcha. O novo comentarista é oriundo das atividades de reportagem, ocupações que lhe garantiram uma razoável experiência e maior convívio com os desdobramentos especializados do futebol. Conforme o teórico Beltrão (1980), o histórico exercido como jornalista profissional, na abordagem de um mesmo universo temático, como o esporte, subsidia o agente de opinião, no sentido em que se sobressaem distintos ângulos de conhecimento e domínio do assunto especializado, capacitando, assim, um potencial comentarista para as possibilidades de interpretação e leitura dos fatos, como determina os parâmetros desta natureza de emissão. Na avaliação acerca das qualificações dos comentaristas da Rádio Gaúcha, os próprios ouvintes reconhecem as virtudes propiciadas pela experiência. No entanto, não deixam de destacar a necessidade da mescla desta característica ao domínio especializado dos fatos futebolísticos como alternativa para o sucesso dos emissores em uma interpretação assertiva e agregadora da realidade esportiva.

Experiência conta muito neste departamento de opinião. Embora, alguns novos comentaristas tenham vindo com bastante capacidade técnica e boa leitura de informações e não tenham tanta experiência. Também dou credibilidade para estas pessoas, embora já fazendo uma análise delas. Mas a experiência, com certeza, conta muito neste ponto (ENTREVISTADO 2).

No caso do comentarista Filipe Gamba, o convívio do jornalista com a temática se notabiliza em sua atuação como repórter, funções que lhe garantem o maior domínio das técnicas de busca de informações no contexto digital contemporâneo, na medida em que este é o principal atributo para a afirmação de um comentarista, como apontado pelos próprios profissionais. Mesmo que o nível de experiência na emissão de um comentário seja muito menor do que o dos outros comentaristas reconhecidos na praça, e donos de currículo de anos de trajetória nesta função, o fato de Gamba estar mais afeiçoado à geração de repórteres habilitados a busca de informações no ambiente da cultura digital de produção lhe possibilita sanar uma das lacunas na emissão de comentários esportivos, que é justamente a limitação na

capacidade de se buscar novas informações e conhecimentos especializados sobre futebol no contexto contemporâneo, como apontado em pesquisa anterior (FARINA, 2015).

O fato de o próprio ouvinte entrevistado neste trabalho reconhecer este potencial no comentarista emergente comprova ainda mais esta necessidade indicada na pesquisa de 2015, no intuito de se qualificar a amplitude argumentativa e interpretativa dos comentários esportivos, centrando-se em rotinas de atualizações menos limitadas e mais afinadas com a diversidade e complexidade das demandas futebolísticas, enaltecidas pela conectividade digital na internet e mídias derivadas. Ou seja, Filipe Gamba pode enquadrar-se nesta nova safra de comentaristas esportivos que experimentaram a função de repórteres na emergência dos meios digitais e, assim sendo, parecem estar mais adaptados a uma rotina de prospecção de novas fontes e técnicas informativas nestas novas mídias, buscando ampliar as visões jornalísticas opinativas tradicionais – reduzidas a um escopo de busca de conhecimento muito mais restrito. Não é à toa que a própria Rádio Gaúcha vem buscando a adequação de seus comentaristas a essa nova realidade, na medida em que ícones da função – como Ruy Carlos Ostermann, Nando Gross, Wianey Carlet e Sílvio Benfica – deixaram o veículo. No entanto, cabe-se ressaltar que os profissionais em fase de busca de maturidade nesta função ainda carecem do potencial de leitura dos acontecimentos estabelecido com a vivência das circunstâncias e consolidação de visões avalizadas de se retratar o mundo, como já teorizou Beltrão (1980), ainda que os profissionais mais antigos possuam um domínio e expansão de informações executados em velocidades e contextos mais restritos do que nos dias atuais.

Além da qualificação técnica dos comentaristas, o alinhamento com a cultura institucional e a afinidade com os valores profissionais e sociais adotados pela empresa é outro atributo a ser observado na elaboração cotidiana de segmentos opinativos, enaltecendo, ainda mais, a necessidade de um maior período de serviços prestados pelo jornalista ao referente veículo, para que se consolide em um comentarista bem apropriado das incumbências do espaço emissor. Isto ocorre corriqueiramente para que os profissionais respeitem a linha editorial da emissora, obedecendo a normas discursivas, seleções de pauta e abordagens da emissora – fator este que pode ser resumidamente ilustrado pela seleção dos critérios de noticiabilidade adotados, conforme Pena (2013). Na Rádio Gaúcha, é mais do que sabido que a prioridade temática no esporte volta-se para assuntos que envolvam, inevitavelmente, os clubes de futebol Grêmio e Internacional – denominados editorialmente pelo veículo e reconhecidos pelo público, como Dupla Gre-Nal. A escolha destas pautas justifica-se por critérios noticiosos como proximidade com o cotidiano da comunidade, relevância para o público receptor e sentimento regionalista de pertencimento ao objeto retratado entre os ouvintes. A assertividade da escolha e dos motivos

da mesma, levantados pelos próprios comentaristas na pesquisa de 2015, se confirma na análise deste estudo de recepção, na medida em que todos os ouvintes entrevistados nos questionários demonstraram preferências por esta categoria de assunto. É um exemplo que mostra a conexão e abrangência dos valores de predominância socioculturais entre os polos de produção e recepção, seguindo as dinâmicas do Circuito da Cultura.

No caso de Filipe Gamba, o profissional é integrante da equipe de esportes da Rádio Gaúcha, desde 2009, onde atua como repórter das jornadas esportivas e da cobertura do dia a dia, além de ser apresentador do programa Sábado Esportes. Estes atributos mostram a total correspondência da atuação do jornalista com o posicionamento editorial adotado pela emissora, na medida em que toda a sua atuação como repórter se valia prioritariamente em coberturas de Grêmio e Internacional. Isto remete ao profissional o entendimento necessário das pautas e níveis de enfoque que deve abordar nos comentários, de modo que já está habituado à cobertura factual adotada pelo veículo, à qual consiste no mesmo nível de conduta editorial a ser exercido nos comentários. A consonância da vivência do comentarista com os níveis de abordagens e busca de informações centradas na temática Dupla Gre-Nal já lhe traz a filtragem de fontes que possam lhe trazer conhecimentos e versões de fatos necessários para subsidiar os comentários, na medida em que este comentarista deva ter acumulado um volume suficiente destes dados e relações em seu período de repórter, ainda que as transformações e demandas contemporâneas da sociedade apontem pela necessidade de ampliar este leque, como observado anteriormente. Também é importante lembrar que a trajetória deste comentarista como repórter é desempenhada neste ambiente de maiores exigências e especialização dos públicos em temas como o futebol, e em que o nível de formação dos repórteres já é atingido por este fenômeno e pela conseqüente inserção da cultura digital na atividade jornalística.

O modelo de veiculação do comentário transmitido no programa Gaúcha Hoje apresenta um caráter de recuperação de informações do dia anterior para posterior correlação e interpretação das mesmas, na medida em que o espaço de opinião é transmitido em uma faixa de horário onde ainda existem poucas novas informações sobre o novo dia que começara há poucos instantes. O próprio programa Gaúcha Hoje tem como missão inicial a atualização dos ouvintes sobre os últimos acontecimentos da noite e dos fatos mais impactantes do dia anterior, resumindo ao público os principais destaques que eventualmente não puderam ser acompanhados. Classifica-se em um formato de radiojornal, em que são veiculadas as sínteses das principais notícias do dia anterior, aliadas à prestação de serviços como informações de trânsito, previsão do tempo, entre outros atributos que contribuem para a atualização periódica cotidiana dos ouvintes.

A vocação de Filipe Gamba para a reportagem, e o fato de ainda desempenhar esta função, lhe credencia a admitir o nível de informação exigido pela emissora acerca das abordagens editoriais envolvendo a dupla Gre-Nal – que destacam-se entre os temas com relevância atribuída na produção do referido comentário, veiculado às 7h50, no programa Gaúcha Hoje.

O programa em questão tem início diariamente às 5h, estendendo-se até às 8h, e o horário de veiculação do comentário esportivo parece obedecer uma estratégia de relação com os públicos e suas experiências cotidianas, conforme a própria análise das rotinas de recepção desta pesquisa demonstrou. Esta conduta subentende-se pelo fato de esta faixa horária remeter em um dos principais períodos de deslocamentos nas rotinas das grandes cidades como Porto Alegre. E como já apontado anteriormente, a audiência esportiva em volume regular e intenso insere-se na rotina dos torcedores, especialmente, adaptando-se ao caráter móvel do radiojornalismo, cada vez mais personificado com as audiências nos automóveis, durante as situações de deslocamentos para os compromissos cotidianos de um ambiente urbano da contemporaneidade. Neste sentido, um produto de amplo potencial de atrair maior número de ouvintes – considerando a dinâmica de rotatividade da audiência comum no radiojornalismo – admite a veiculação em uma faixa de horário mais propícia ao convívio diário de mais elevada quantidade de receptores, na medida em que o período diário próximo às 8h, consiste em um dos picos de audiência no radiojornalismo e no esporte, pelo turno da manhã, segundo o IBOPE.

Estas constatações são ratificadas pelos ouvintes, nas preferências pela audiência móvel, privada e diária, demonstradas nos questionários, mas, enaltecidas pelos torcedores submetidos a entrevistas em profundidade – quando os mesmos manifestam a necessidade de acompanhar diariamente opiniões e informações sobre seus times e, especialmente, adaptando essa demanda às possibilidades de audiência móvel, no momento em que se deslocam rumo a seus compromissos. O Entrevistado 6 relata o interesse em acompanhar este perfil de comentário no percurso decorrido ao seu trabalho diário por considerar que são elencadas estatísticas e análises posteriores e prévias às partidas com projeções do contexto futebolístico ampliado. “Segue um estilo mais sensato e concreto, projetando a situação que está por vir. É também uma análise estatística do que ocorre com a dupla”, afirma, referindo-se a abordagem de comentário adotada no quadro ocupado por Filipe Gamba.

Esse perfil opinativo – e, ao mesmo tempo, sintético dos fatos cotidianos da dupla Gre-Nal, como os próprios torcedores observam – é desencadeado a partir de um diálogo com o apresentador do programa, Antônio Carlos Macedo, que introduz o comentário e, invariavelmente, complementa as observações do comentarista, transformando o quadro em uma espécie de diálogo, com mescla de informações e interpretações acerca dos recortes

temáticos selecionados. Deste modo, o apresentador é, muitas vezes, quem parece exercer a função de escolha das pautas, na medida em que estas são enunciadas a partir de questionamentos direcionados ao comentarista.

Este formato, com interatividade entre comentarista e apresentador, é um dos preferidos, segundo as rotinas de recepção analisadas por meio do questionário aplicado aos ouvintes neste estudo. Isto se entende pelo fato já explicitado de este formato ser mais flexível à simultaneidade de atividades, bem acentuada na medida em que muitos dos ouvintes deste horário estão dirigindo seus automóveis. Neste caso, uma conversa, com quebra de vozes – seguindo uma característica necessária para manter a o dinamismo e a boa assimilação dos ouvintes às mensagens do rádio, conforme Barbosa Filho (2003) e Jung (2011) – está mais apta a conservar a atenção dos torcedores, na medida em que o nível de concentração destes também está direcionado a outros afazeres.

O tempo de duração do comentário de Filipe Gamba é de aproximadamente quatro minutos, se excedendo um minuto a mais do que a média ideal de três minutos para a boa compreensão e assimilação de um comentário radiojornalístico, conforme Barbosa Filho (2003) e Lucht (2009). Habitualmente, as entradas de Filipe Gamba no ar ocorrem por telefone, com discursos de improviso, mesmo que o comentarista já tenha uma prévia noção das pautas a serem abordadas no comentário, seguindo a linha editorial da emissora e, sendo assim, buscando a recuperação dos fatos do dia anterior, a partir de uma visão interpretativa. Mesmo que o tempo de duração do comentário esteja próximo do ideal, seguindo as proposições teóricas referenciadas, o fato de a mensagem abordar mais de um assunto da dupla Gre-Nal prejudica a consistência dos argumentos e amparo técnico para as versões adotadas. Isto também se torna mais nítido com a limitação editorial dos comentários aos enfoques noticiosos transmitidos pela própria Rádio Gaúcha. Este fator ilustra o domínio contextual dos temas futebolísticos muito restritos ao universo da dupla Gre-Nal, com poucas possibilidades de expansão transcendente e mais exploratória aos desdobramentos da delimitação geográfica do Rio Grande do Sul (FARINA, 2015).

O comentário esportivo de Filipe Gamba não possui patrocinador específico e, assim, admite suas chamadas veiculadas aos mesmos anunciantes âncoras do programa Gaúcha Hoje, que são: Panvel Farmácias, Lojas Colombo, Tumelero, Café 3 Corações e Net. Estas marcas possuem abrangência no estado do Rio Grande do Sul e anunciam seus produtos e serviços também em outros espaços da Rádio Gaúcha e de outras emissoras de rádio e televisão da região. Este fenômeno demonstra a afinidade destas empresas com o cotidiano gaúcho, como a própria dupla Gre-Nal e seus torcedores, tendo em vista que são marcas que prospectam muitos

clientes envolvidos com a audiência de mensagens esportivas, ressaltando que a publicidade não está desvinculada do teor jornalístico e da prospecção de categorias de recepção da produção jornalística.

O quadro abaixo resume as principais técnicas e elementos da cultura de produção que norteia o comentário de Filipe Gamba, de modo que muitas destas informações são resultados de pesquisa anterior realizada pelo mesmo investigador deste estudo.

Quadro 21: Análise do comentário de Filipe Gamba

Crítérios de análise	Comentarista Filipe Gamba
Busca por informações	Rádio Gaúcha, fontes pessoais do repórter e internet
Tempo de duração	Média de 4 minutos
Modalidade de emissão	Ao vivo e por telefone. Eventualmente no estúdio.
Formato de veiculação	Comentário vai ao ar em um único período do programa, por volta das 7h50, em tempo corrido. Frequentemente, o apresentador sugere as pautas referentes a Grêmio e Internacional, questionando o comentarista sobre as mesmas. Em algumas ocasiões, o comentário torna-se um diálogo, com o apresentador emitindo seu ponto de vista e complementando o discurso de Gamba. Ideias centrais que se sobressaem são as do próprio comentarista. Discursos normalmente de improviso
Interatividade	Apenas com o apresentador.
Coerência dos argumentos	Ocorrem quando existe uma única pauta, especialmente, quando tratam do jogo da noite anterior. Nesses casos, existe um volume de informação que sustente argumentos capazes de construir uma opinião. Na maioria das vezes, quando os

	comentários abordam três ou quatro assuntos, as informações são escassas e insuficientes para amparar um raciocínio lógico. O fato de Filipe Gamba ser oriundo da reportagem aumenta o potencial de coerência, ainda que as informações necessitem ser melhores aprofundadas e encadeadas, estando ao amparo da capacitação e da experiência do jornalista. Ouvintes enalteceram a presença de análises com mais estatísticas, o que fortaleceria a coerência.
Anunciantes	Patrocinadores âncoras do programa Gaúcha Hoje: Panvel Farmácias, Lojas Colombo, Café 3 Corações e Net.

Fonte: Farina (2015)

Na sequência da apresentação e descrição do eixo de produção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, são apresentados os espaços ocupados por Pedro Ernesto Denardin.

6.3.1.2 Comentários de Pedro Ernesto Denardin

O jornalista Pedro Ernesto Denardin é um dos principais ícones não apenas da Rádio Gaúcha, mas, do jornalismo esportivo de todo o Rio Grande do Sul, tamanha a repercussão e margens de identificação de seus discursos com os torcedores de Grêmio e Internacional. Tanto é verdade, que participa também de ações de marketing e recentemente criou-se o estereótipo de “Homem Gre-Nal” a respeito da imagem do jornalista perante as torcidas gaúchas, que caracterizou-se pelo empenho em mobilizar e despertar a paixão em adeptos dos dois grandes clubes do Rio Grande do Sul (RÁDIO GAÚCHA, 2018).

É o narrador titular da Rádio Gaúcha há mais de 20 anos e já ocupou o cargo de chefia do departamento de esportes da emissora. O prestígio e a relação institucional com o veículo são os fatores que parecem lhe garantir a titularidade em dois espaços de comentários diários: no programa Gaúcha Atualidade, que vai ao ar das 8h10 às 9h30; e no Esportes ao meio dia, transmitido das 12h às 12h50. Esta realidade retoma a premissa de Beltrão (1980), que enfatiza a experiência e a reputação jornalística como atributos tradicionais para a consolidação de um

agente emissor de comentários. Este critério de enquadramento nas funções opinativas é tão padronizado no meio jornalístico que as próprias emissoras e os profissionais adotam esta requisição como método da cultura institucional de produção, como o próprio Denardin refere, ao citar as trajetórias de Ruy Carlos Ostermann e de Lauro Quadro, dois dos maiores comentaristas do Rio Grande do Sul.

Para dar opinião, tu deves ter uma certa grife, um tempo de profissão. Porque se pegas uma pessoa que não tem muita identificação com o público, a opinião dele não chega a ter muita relevância. Vou te dar dois exemplos: o Ruy e o Lauro, que foram os grandes comentaristas nos últimos tempos. Foram pessoas identificadas com o grande público e, a partir daí, a opinião deles sempre teve relevância. Então, ter a grife, é a primeira coisa. A segunda é: quanto mais tempo tu tens de profissão, mais tu dominas os assuntos. Então, tu consegues lembrar coisas históricas, que tu já passaste, que são parecidas ou diferentes, e tal. Então, tu tens uma bagagem melhor para exercer a ideia do comentário (DENARDIN, 2015).

Esta identificação é realmente notória perante os ouvintes entrevistados, já que mesmo os críticos e discordantes dos modelos de atuação do profissional acabam por reconhecer a capacidade de mobilização em seus discursos. Tanto que a característica de construção de mensagens dotadas de elementos relacionados à paixão e comportamento motivacional dos torcedores é uma das técnicas mais observadas pelos ouvintes, ainda que existam eventuais ressalvas à consistência das opiniões e conexão com a realidade aprofundada do universo futebolístico. “Ele é muito motivacional e sensacionalista. Mas tem opiniões meio súbitas. Nas análises táticas, às vezes, parece não trazer tanto conhecimento”, afirma o Entrevistado 1.

A análise técnica da coerência dos argumentos desenvolvida para a pesquisa deste autor em 2015 apontou situações parecidas com esta relatada pelo ouvinte, na medida em que eram expostas ideias objetivas de futebol, no entanto, boa parte destes discursos carecia de maior embasamento e volume de informações que embasassem os argumentos. Em muitos casos, o comentarista mostrava-se incisivo nas convicções, que poderiam até ser aceitas pelos receptores, mas não detinham um panorama mais aprofundado do objeto retratado para que estes pudessem refletir e interpretar melhor a partir de um maior nível de amplitude do fato abordado. Segue abaixo o exemplo de uma análise a respeito de um dos comentários de Pedro Ernesto Denardin, veiculado no dia 21/08/2015 e adotado como uma unidade do corpus da pesquisa de Farina (2015).

Denardin classificou a atuação do Internacional como muito superior às anteriores, e utilizou argumentos como a evolução das individualidades da equipe, o fato de o time não sofrer gols há três jogos e de o goleiro Alisson não ter sido o melhor jogador em campo, também, há três partidas. Esses números já apresentam um panorama genérico

da melhora da equipe, no entanto, estatísticas da partida utilizada, como posse de bola, chances de gols, oportunidades do adversário, poderiam ilustrar ainda melhor esses argumentos levantados por Denardin, tornando o cenário ainda mais visível na ótica dos ouvintes (FARINA, 2015, p. 111).

No entanto, o próprio profissional reconhece como prática requisitória a um bom comentário, o embasamento em informações que subsidiem a legitimidade das ideias expostas. Contudo, o discurso pregado como conduta ideal para a elaboração de comentário esportivo não se corresponde com a realidade, na medida em que as análises detectaram escassez de embasamento informativo em muitas das mensagens e, sobretudo, a ausência de profundidade nos argumentos empregados, como detectado no relato apresentado acima.

Eu trabalho muito com a informação. Eu prefiro trabalhar com a informação e não com a tese solta, uma coisa muito abstrata. Prefiro dar opinião em cima de um fato e esse fato ter uma relevância. Sobretudo, conseguir um texto que tenha a ver com a justificativa do que estás dizendo (DENARDIN, 2015).

Essa contradição entende-se pela aparente pouca atualização das rotinas dos profissionais, especialmente, no que tange os comentaristas mais antigos, como Denardin, de modo que a busca de informações do referido jornalista não parece adaptada à velocidade de circulação de notícias da contemporaneidade, em níveis instantâneos, como indicam padrões emergentes das práticas comunicacionais da Era da Cultura Digital, conforme Santaella (2003) e Levy (2004). No momento em que as demandas da sociedade se transformam, como ocorreu, por exemplo, com a emergência dos novos perfis dos processos comunicacionais deliberados pelo ambiente digital, exige-se que os comentaristas incorporem, integralmente, estas condutas – fenômeno este que ainda está em fase de amadurecimento, considerando as rotinas dos comentaristas da Rádio Gaúcha e de muitas outras emissoras.

A própria seleção de pautas praticamente restrita a assuntos da dupla Gre-Nal também ilustra este cenário, pois abrangem um domínio de conteúdo acerca de um universo muito limitado, o que trava a disseminação do conhecimento e circunstâncias da temática futebolística que imperam nos dias atuais. Mesmo que a preferência do público seja por estes temas, a função jornalística – além de aproximar a audiência a fatos ocorridos no próprio espaço de inserção – também é difundir o nível de informação e reflexão acerca da realidade retratada em perspectiva mais ampliada, desenvolvendo analogias de temas mais abrangentes do futebol a objetos de interesse público para os consumidores do esporte, o que suscitaria a contradição com o critério jornalístico predominante na Rádio Gaúcha, da proximidade dos assuntos abordados.

Exemplificando melhor essa realidade, em um ambiente contemporâneo globalizado e com fronteiras tão expandidas, não acresceria aos ouvintes o fato de estarem situados em um universo simbólico e temático restrito aos desdobramentos da dupla Gra-Nal, de modo que o conhecimento acerca da representação social que norteia o futebol poderia ser muito melhor construído caso se aprofundasse outras esferas referenciais do futebol contemporâneo – como os acontecimentos futebolísticos nacionais e internacionais, na medida em que nestas abordagens se ampliem os fatores de conhecimento e inserção social do esporte. Esta expansão de enfoques que qualifiquem a representação do futebol em uma dimensão expandida e menos alienada territorialmente seriam funções do comentarista. No entanto, para que se exija esta disposição de atuação, seria necessário que os próprios jornalistas apresentassem horizontes mais explorados em suas visões de mundo. O que não ocorre, considerando que eles mesmos foram formados em um ambiente menos globalizado, em que contavam com menor nível de proliferação de informação e conhecimento, não admitindo a mesma velocidade de circulação da realidade e disseminação intelectual dos fatos do que nos tempos atuais. Este parece ser um dos motivos que impedem uma maior profundidade nas opiniões de Denardin (FARINA, 2015).

Nos dois espaços de comentários ocupados por Pedro Ernesto Denardin – nos programas Gaúcha Atualidade e Esportes ao meio dia –, a opinião não apresenta nenhum mecanismo de interatividade, seja com apresentador e repórteres ou mesmo com ouvintes. O comentarista é quem define e desenvolve suas mensagens comunicativas de acordo com seu raciocínio exclusivo. Estas condições desfavorecem a coerência das opiniões e o compromisso jornalístico das mesmas, na medida em que as informações não recebem possibilidade de complementação e aprofundamento, além de serem escassas, em muitas ocasiões. Este perfil parece ser ultrapassado na contemporaneidade, na medida em que a interatividade e abundância de informações no embasamento de novas interpretações parecem consistir nas melhores alternativas a atender as demandas de uma sociedade global, em que os ouvintes estão cada vez mais especialistas em temáticas segmentadas como o esporte, tendo em vista a disseminação do conhecimento. A apreciação das entrevistas em profundidade ilustra este comportamento das audiências, em que muitos dos ouvintes buscam nos comentários, além da representação passional do esporte, o domínio completo da esfera futebolística. “O comentarista tem que ter o conhecimento prévio e um bom embasamento. Especialmente ter um bom conhecimento de futebol”, ressaltou o Entrevistado 6.

Nesse sentido, a interatividade na concepção de um comentário contribui em agregar os níveis de assimilação e empatia da mensagem jornalística, na medida em que a mescla de discursos de distintos emissores apresenta maior volume informativo e, conseqüentemente,

desperta um maior nível de embasamento e construção assertiva da realidade social e esportiva, diante da correlação dos argumentos.

Os comentários de Denardin admitem duração de cerca de dois minutos, nos dois programas em que são veiculados – fator que também justifica a pouca profundidade dos argumentos, na medida em que não há tempo suficiente para divagar com mais desdobramentos acerca das abordagens selecionadas. Como os dois comentários ocorrem em horários próximos – 9h e 12h10 – as temáticas não variam muito, excetuando-se quando ocorrem acontecimentos impactantes no futebol e, especialmente, na dupla Gre-Nal, neste meio tempo.

O principal anunciante nos espaços de comentários de Denardin é: Zé Pneus Goodyear, empresa do setor automotivo, com circulação no próprio Rio Grande do Sul. É um segmento de serviços bastante influente no público masculino, o que justifica seu patrocínio em comentários esportivos, considerando o perfil da audiência, de modo que a maioria dos ouvintes do esporte são homens. O comentarista, entretanto, vale-se de seu grande prestígio para desempenhar técnicas de merchandising em alguns comentários, quando o próprio jornalista divulga os serviços e produtos deste ou de outros anunciantes, relatando eventuais situações em que ele mesmo estivesse desfrutando destes produtos. O quadro abaixo resume os principais atributos dos comentários de Pedro Ernesto Denardin.

Quadro 22: Análise do comentário de Pedro Ernesto Denardin

Critérios de análise	Comentarista Pedro Ernesto Denardin
Busca por informações	Internet, jornais impressos e assistindo aos jogos.
Tempo de duração	Média de 2 minutos e meio.
Modalidade de emissão	Ao vivo, do estúdio.
Formato de veiculação	Ocorre em tempo corrido, com pautas totalmente escolhidas pelo comentarista, sem interferência do apresentador ou qualquer outro agente.
Interatividade	Apenas com o apresentador.
Coerência dos argumentos	Discurso mais pautado na emoção, o que resulta na ausência de argumentos racionais, gerando contradição com o que Denardin relatou em sua entrevista, quando defendeu o uso de informações

	prioritariamente. Ideias claras, porém, não são bem fundamentadas. Quando tratou de uma única pauta, após noite de jogo, apresentou mais argumentos.
Anunciantes	Zé Pneus Goodyear

Fonte: Farina (2015)

A seguir, são explorados os padrões de emissão do comentário diário de Cléber Grabauska, conforme proposição teórica do eixo de produção, seguindo o aporte metodológico do Circuito da Cultura, de Du Gay et al. (1997).

6.3.1.3 Comentários de Cléber Grabauska

Cléber Grabauska ingressou no segmento de opiniões esportivas da Rádio Gaúcha, em 2013, após atuar por mais de 20 anos como plantão esportivo na emissora. Um dos fatores que direcionou Grabauska para esta função parece ser o alinhamento com a cultura institucional da emissora, além da vasta experiência jornalística, desenvolvida, especialmente, nas coberturas da própria Rádio Gaúcha, considerando que o profissional já ocupou cargos de alto escalão no veículo em questão e, sendo assim, sempre manteve-se bastante afinado com diretrizes e valores que norteiam o compromisso jornalístico desta empresa. A exemplo de outros profissionais, Grabauska faz valer a experiência de atuação nos microfones da rádio e no próprio jornalismo esportivo para desenvolver o senso crítico e interpretativo necessário requisitado ao deliberar juízo de valor dos fatos do cotidiano, seguindo os preceitos teóricos da função, conforme Beltrão (1980) e Marques de Melo (2003).

A grande diferença de Grabauska para muitos outros profissionais do meio, que no amadurecer de suas carreiras ingressam no segmento opinativo, é que o jornalista referido não é oriundo da reportagem como os demais e, sim, das atividades de plantão esportivo, realizando o monitoramento dos acontecimentos nacionais e mundiais do esporte, em especial de placares de partidas e, também, retratando as situações das tabelas de jogos, com dados numéricos e quantitativos dos campeonatos. Este perfil de atuação por um longo período reflete em distintas habilidades aplicadas à concepção dos comentários, quando da comparação com profissionais egressos da reportagem. Enquanto os jornalistas que percorrem o caminho tradicional e executam a busca de informações de fontes primárias e secundárias que viabilizem um cenário futebolístico, o enfoque diferenciado de Grabauska sempre foi o trato com os números e estatísticas. O domínio desta técnica pode trazer muitas informações preciosas para embasar

argumentos e versões interpretativas de determinados fatos, no entanto, o desdobramento mais humanizado do contato com as fontes e com um cenário subjetivo, cuja leitura e construção simbólica é tarefa do repórter, pode trazer elementos mais dinâmicos e expandidos quanto a dimensão de um dado contexto futebolístico. Contudo, deve se ter muita cautela ao distanciar Grabauska das tarefas de reportagem, porque mesmo que este não tenha exercido esta função constantemente na Rádio Gaúcha, sempre conviveu diariamente em uma redação com a constante busca por informações e, pela formação no ofício jornalístico, essas atividades não lhe são pouco familiares. O que se pode afirmar é que não possui a mesma desenvoltura constituidora dos fatos cotidianos que outros repórteres acabam admitindo diante da habilidade amadurecida com as práticas do dia a dia. Grabauska resume a sua trajetória no jornalismo esportivo até garantir as credenciais que lhe alçaram à categoria de jornalista opinativo da Rádio Gaúcha.

O produtor é o começo de tudo. Depois, a reportagem já é um amadurecimento desse produtor. O cara que começa a ter mais desenvoltura e contato com as fontes. E o comentário, digamos assim, é o top dessa evolução. Vem lá novinho, vai amadurecendo e quando fica um máster, um sênior, tu adquire uma tranquilidade, conhecimento e bagagem, que te dão aí os pré-requisitos para ser comentarista. E dessas funções todas básicas da jornada esportiva, a mais diferente de todos é narrador esportivo, é uma espécie em extinção. Essa aí eu coloco a par. E o plantão de estúdio, digamos assim, é muito mais organização e gerenciamento de dados e busca de informação, investigação e opinião. E eu estava justamente do outro lado, fui plantão de estúdio durante muito tempo, um cara que trabalhava muito mais na retaguarda, sem ser produtor. Então, digamos assim, eu tenho uma atrofia em relação a essa evolução natural. E eu não segui a linha esportiva normal, daqueles que se criam e se transformam em comentaristas (GRABAUSKA, 2015).

Essas rotinas de amadurecimento profissional são as principais bases técnicas do jornalismo para desenvolver o senso de juízo de valor adequado ao segmento opinativo, neste sentido, alinha-se a rotina de Grabauska ao nível de qualificação em suas técnicas de processamento dos comentários. No caso específico do comentarista em questão, uma das condutas resultantes de sua trajetória jornalística desvinculada da reportagem é a pouca diversificação em termos de prospecção de fontes de informação, na medida em que o próprio jornalista admitiu que sua rotina de atualização diária dos fatos esportivos resume-se aos conteúdos veiculados pela Rádio Gaúcha, o que lhe confere uma visão de futebol restrita e limitada a desdobramentos da dupla Gre-Nal. A pouca convivência com uma versão mais dinâmica e conceitual do futebol – de modo que seu enfoque de abordagem no plantão esportivo sempre foram os números estatísticos – parece ser o fator responsável pela ausência de

aprofundamento e contradições detectadas em alguns comentários, conforme análise de Farina (2015).

No espaço destinado ao Grêmio, o comentarista relembra o grande momento e as credenciais da equipe como posicionamento e postura dentro de campo – sem nomeações individuais – a fim de justificar a percepção de possibilidade de vitória do Grêmio contra o Atlético-MG que, segundo concepções do próprio jornalista, seria fundamental na disputa pelo título, tamanha a grandeza do jogo devido a posição e elencos que dispõem as equipes no campeonato. No entanto, é identificada uma incoerência lógica, já que o comentarista afirma que um empate seria bom resultado, dado as dificuldades do jogo. Essa premissa é destruída pelo próprio comentarista, quando diz acreditar nas possibilidades do Grêmio e, principalmente, quando afirma que a vitória seria o resultado ideal se o clube quisesse brigar pelo título. Com essa contradição, a mensagem torna-se, além de incoerente, pouco clara e não contributiva para os ouvintes, já que os significados são conflitantes e, com isso, inválidos racionalmente na orientação do conhecimento do dia a dia dos ouvintes, o que compromete a credibilidade do senso opinativo do comentarista (FARINA, 2015).

Estes fatores observados são compreendidos pela falta de experiência do comentarista no setor opinativo e, especialmente, pela necessidade contemporânea de inserção a um ambiente digital em que a velocidade da circulação de informações é muito maior do que a praticada no período da formação profissional deste e de muitos outros comentaristas, como já apontado. As carências e a pouca coerência de argumentos também são percebidas pelas audiências, a ponto que estas mensagens não despertem tanta atenção e identificação nos torcedores como no caso dos outros comentaristas, correspondendo, assim, a uma atividade jornalística ineficaz, dentro de suas atribuições. “As opiniões do Cléber não são completas, ele não dá um término melhor da ideia proposta dentro daquela análise tática”, avaliou o Entrevistado 1.

A observação relatada pelo ouvinte condiz com a análise técnica da coerência opinativa desenvolvida por este mesmo autor, em que os argumentos não são bem construídos, na medida em que carecem de subsídios informativos no sentido de formatação das ideias, expondo as opiniões produzidas a muitas contradições e versões superficiais na leitura interpretativa dos fatos cotidianos. Deste modo, a fragilidade jornalística destes discursos, identificada na análise da produção, também é visualizada na assimilação dos significados das mensagens pela recepção, enaltecendo, assim, a necessidade de alinhamento dos atributos produtivos com a cultura do público esportivo e a suas demandas, seguindo os parâmetros de análise do Circuito da Cultura.

É possível que este baixo nível de consistência, ressaltado nas opiniões, seja uma das justificativas para os comentários de Grabauska estarem alocados em dois programas alheios aos períodos horários em que um maior número de receptores mantém os suportes emissores

de rádio conectados. O programa Gaúcha + é transmitido das 14h30 às 16h30, enquanto o Esporte & Cia vai ao ar das 0h às 3h, ocupando parte da madrugada (RÁDIO GAÚCHA, 2018).

O comentário veiculado no programa Gaúcha +, por volta das 14h50, possui média de três minutos de duração e insere-se em um produto da programação onde são retratados e refletidos inúmeros assuntos do dia a dia. Deste modo, não consiste em um programa exclusivo da editoria de esportes e, por isso, o público de audiência do comentário admite perfil variado, não sendo composto majoritariamente por torcedores assíduos e identificados essencialmente com a cobertura esportiva. Por esta razão, a pluralidade da audiência é mais acentuada e o referente comentário conecta-se com diferentes realidades e aptidões culturais, demandando, assim, uma maior necessidade de contextualização e volume informativo dos eventos esportivos, na medida em que este público pode, recorrentemente, não estar a par dos fatos futebolísticos interpretados. O caráter de informações utilizadas não é o mais preciso, com a restrição de fontes concentradas na reportagem da própria Rádio Gaúcha, como observado anteriormente. No entanto, este parece ser um espaço mais adequado a análises futebolísticas mais superficiais e não tão profundas e especializadas, se comparando com a veiculação em programas exclusivos de esporte. Isto porque o público ouvinte, por não ser tão identificado e familiarizado com a temática, não necessita de tanto aprofundamento e, conseqüentemente, está mais propenso a não perceber e manifestar certas demandas acerca das versões apresentadas, na medida em que não está imerso a esta realidade, diferentemente do que ocorre com os torcedores mais assíduos e inseridos em uma comunidade social esportiva.

O comentário segue o padrão tradicional ao posicionamento editorial da Rádio Gaúcha, sendo composto rigorosamente por duas categorias temáticas: Grêmio e Internacional. Eventualmente, quando se ocorrem outros fatos de muita relevância no futebol nacional e mundial, estes são abordados. Os discursos são iniciados a partir de questionamento dos apresentadores Kelly Matos, Diogo Olivier e Leandro Staudt. Eventualmente, é realizada uma segunda pergunta, delimitando a divisão entre Grêmio e Internacional. O comentário é transmitido direto do estúdio e com mensagens de improviso, mas, obedecendo às pautas esportivas veiculadas na emissora (RÁDIO GAÚCHA, 2018).

O espaço de Grabauska no Gaúcha + não possui patrocinadores próprios e é apresentado em meio a mensagens publicitárias dos anunciantes âncoras do programa: Sindilojas Porto Alegre; Qualitem CCGL. A primeira marca representa o Sindicato de Lojistas de Porto Alegre e a segunda uma fábrica de leite. Como visto, correspondem a organizações com diferentes cunhos sociais, não prospectando diretamente a audiência dos ouvintes do esporte, mas que abrangem e atuam sob diferentes demandas da esfera de convivência urbana.

Cléber Grabauska também ocupa o quadro “Bola na Rede”, transmitido no programa Esporte & Cia, por volta da 1h e 5 minutos. Este comentário admite um perfil bastante diferenciado dos tradicionais, na medida em que é emitido com duração média de 11 minutos, extrapolando totalmente o tempo delimitado como adequado para o formato de comentário esportivo jornalístico, conforme Barbosa Filho (2003) e Lucht (2009). Isso se compreende pelo perfil da plataforma na madrugada, em que a audiência e a valorização comercial dos produtos são muito reduzidos e, com isso, diminui-se a necessidade de obedecer a padrões técnicos produtivos que legitimem a assertividade do compromisso jornalístico conforme os melhores modelos de assimilação da recepção. Por esta razão, a análise de Farina (2015) descartou a análise deste quadro de comentário, na medida em que não se apresentavam os parâmetros jornalísticos suscetíveis a uma análise seguindo os critérios que norteiam a profissão.

Considerando o contexto relatado, é apresentado um resumo da análise do comentário de Cléber Grabauska, baseando-se na pesquisa de Farina (2015), e complementado com as observações da recepção.

Quadro 23: Análise do comentário de Cléber Grabauska

Crítérios de análise	Comentarista Cléber Grabauska
Busca por informações	Rádio Gaúcha.
Tempo de duração	Média de 3 minutos.
Modalidade de emissão	Ao vivo, do estúdio.
Formato de veiculação	Tempo corrido.
Interatividade	Ocorre com questionamento inicial da primeira pauta a ser tratada sobre Grêmio ou Internacional. Eventualmente, os apresentadores realizam uma segunda pergunta para introduzir a próxima categoria temática a ser abordada.
Coerência dos argumentos	Ocorrem contradições em um mesmo comentário, enfraquecendo a opinião. Pouco aprofundamento no panorama do campo de jogo, gerando poucos subsídios para construir um cenário mais concreto sobre os fatos e jogos comentados, o que

	causa inconsistência em muitas opiniões. Os ouvintes entrevistados reconhecem a superficialidade das opiniões, não conseguindo identificar a correspondência com a realidade futebolística de campo nas ideias levantadas. Dificuldades parecem ser fruto da pouca diversidade de fontes de informação consultadas, apesar do entendimento do profissional da necessidade de atualização.
Anunciantes	Patrocinadores âncoras do programa Gaúcha +: Sindilojas Porto Alegre; Qualitem CCGL.

Fonte: Farina (2015)

Na sequência do trabalho, seguem as observações acerca dos comentários de Maurício Saraiva, encerrando a análise descritiva do eixo da produção, diante do circuito da cultura da recepção esportiva.

6.3.1.4 Comentários de Maurício Saraiva

Maurício Saraiva é profissional do Grupo RBS há aproximadamente duas décadas, admitindo o perfil de jornalista multiplataforma, de modo que desempenha diferentes funções em distintos meios de comunicação – como rádio, televisão e internet. Sua trajetória se desenvolveu em maior parte na televisão. Primeiro, em atuações como repórter e apresentador e, posteriormente, como comentarista da RBS TV – emissora do Grupo RBS e que possui os maiores índices de audiência no Rio Grande do Sul. Já consolidado no segmento de opinião esportiva, ingressou no quadro de comentaristas esportivos da Rádio Gaúcha em 2014, após a saída de nomes importantes como Ruy Carlos Ostermann e Nando Gross. Passou a atuar nas jornadas esportivas e a ocupar a titularidade do espaço de opinião veiculado no programa Hoje nos Esportes, apresentado por Luciano Périco. Entretanto, a carreira de Maurício Saraiva não se resume ao jornalismo esportivo gaúcho, pois, frequentemente, participa da programação da Rede Globo e, mais, especificamente, do canal Sportv, como comentarista de mesas de debates e de transmissões de partidas futebolísticas. Saraiva também é adepto de carnaval e samba, o

que pode ser percebido em seus comentários, quando, muitas vezes, mescla elementos da paixão futebolística com expressões musicais e culturais (PORTAL MÍDIA E ESPORTE, 2014).

A participação de Saraiva como comentarista no programa Hoje nos Esportes ocorre de uma maneira totalmente diferenciada dos espaços de opinião tradicionais na Rádio Gaúcha. O comentarista atua com inserções opinativas – cada uma com duração média de um minuto e meio – fragmentadas, no período das 17h45 às 18h50. Nestas condições, cada discurso do comentarista é veiculado em linguagem totalmente informal e irreverente na sequência dos boletins diários da dupla Gre-Nal, emitidos pelos repórteres, e, também, posteriormente a enunciados do apresentador e a mensagens lidas de ouvintes – enviadas por aplicativos disponíveis em dispositivos móveis, como WhatsApp.

A composição do programa caracteriza uma hibridização dos formatos jornalísticos, considerando que todos eles dialogam e se complementam. A mescla de categorias de mensagens, conforme classificação dos gêneros radiojornalísticos por Lucht (2009), envolve os seguintes formatos e gêneros, respectivamente: boletim, do gênero informativo; comentário, do gênero opinativo; testemunhal emitido pelo apresentador, do gênero opinativo; mensagem de ouvintes, do gênero opinativo.

Este estudo detém-se à análise de recepção dos comentários, por isso, são retomados os procedimentos que o originam, considerando que, neste caso, este formato de mensagens ocorre com a complementação do teor opinativo exposto pelo comentarista a discursos informativos e opinativos de outros agentes emissores – como apresentador, repórteres e ouvintes. Como já apurado na análise publicada em pesquisa anterior, a inserção de depoimentos informativos de outros núcleos, sejam profissionais ou ouvintes, qualifica a capacitação jornalística do comentário perante a sua finalidade e abrangência sobre a recepção. O próprio Saraiva reconhece a eficácia deste formato, diante de seus compromissos com o público de audiência.

O contexto fica enriquecido porque o ouvinte tem ao mesmo tempo: o apresentador, que está bem informado, que é o Luciano; os repórteres que tão trazendo informação e, às vezes, têm um bastidor, lá dos estádios e centros de treinamento; e o comentarista, que está repercutindo e projetando tudo isso. O conjunto dessa obra é interessante e informativo. Então, enriquece o programa (SARAIVA, 2015).

O fato de a opinião habitualmente discorrer sobre os acontecimentos rotineiros retratados pelos repórteres, após o compilado de informações registradas por estes jornalistas que acompanham o dia a dia da dupla Gre-Nal, subsidia o teor argumentativo interpretado por Saraiva, que ainda é correlacionado com observações e leituras do apresentador e de ouvintes, admitindo maior pluralidade e consistência das ideias na correspondência com a realidade

abordada. Este comentário em forma de diálogos, com a participação de outras categorias de emissores, estreita os laços com os receptores, de forma que estes recebem maior volume concreto de informações e, com isso, estão aptos a compreender melhor a dimensão do comentário apresentado. Além disso, muitas das ideias ou observações incluídas na produção dos argumentos que sustentam o comentário são provenientes dos próprios ouvintes, o que torna mais nítida a inserção da realidade de interpretações dos significados esportivos assimilados pelo público na atuação jornalística, fortalecendo o princípio da convergência em um ambiente da cultura digital, como propõe Paula (2012).

A percepção da audiência quanto ao nível de inserção à realidade a partir da leitura do comentário – permitida pela assimilação de formatos com maior profundidade informativa e pela demanda de elementos que lhe conectem com a interpretação dos fenômenos esportivos sob um ponto de vista acessível aos ouvintes – é correspondida quando boa parte dos receptores opta pela preferência de formatos interativos com a participação de repórteres e apresentadores. Este comportamento foi percebido pelo fato de a maioria das respostas dos questionários aplicados neste estudo indicar a referida alternativa de audiência quanto ao formato de comentário. Nestas condições, os ouvintes demonstram encontrar suas demandas comunicacionais melhores atendidas, acerca da composição da realidade e de consequente viabilidade de leitura, conforme admitiu o Entrevistado 2.

Muitas vezes essas opiniões convencem mais. Conforme tu tenhas um comentarista, com narradores, que tenham uma credibilidade, a opinião delas conversando junto convence mais. Acho interessante todo tipo de troca de informações. Quando começam a abordar um assunto, alguém vem com determinada informação sobre ele, outro vem com outra. A facilidade de se surgirem informações é bem maior (ENTREVISTADO 2).

Além da maior eficácia do comentário caracterizada neste perfil de formato, atributos pessoais de Saraiva também parecem fortalecer e diferenciar o teor de suas opiniões, tendo em vista a abrangência maior nos mecanismos e vertentes de conhecimentos temáticos futebolísticos adotados nas atualizações diárias de informações por parte do jornalista no dia a dia. O jornalista se destaca por não manter sua rotina restrita à apreciação das fontes limitadas ao contexto diário da dupla Gre-Nal, de modo que amplia seus horizontes de conhecimentos a fenômenos referenciais do futebol contemporâneo, estudando e se especializando constantemente sobre os aspectos do jogo e suas transformações. Conforme análise de pesquisa anterior, este perfil o diferencia de muitos de seus colegas da Rádio Gaúcha, que direcionam todas as suas vertentes de notícias e embasamento a fatos da dupla Gre-Nal, resultando em

comentários de menor qualificação jornalística em suas atribuições de leitura e decodificação do cotidiano, considerando uma visão mais macro do universo esportivo.

E o que eu faço questão é de não ser o sujeito que fica especializado em Inter e Grêmio, porque o futebol hoje é muito maior do que isso, até nas pessoas acompanhando na televisão. Tem o Bayern de Munique, o Barcelona, o Real Madrid, eles gostam de ver o futebol internacional. Seleção brasileira é uma obrigação nossa, saber como está o São Paulo, como está o Flamengo, os times que vão enfrentar Grêmio e Internacional. As outras séries: o Brasil de Pelotas, o Lajeadense, o Juventude que ficou de fora, o Ypiranga de Erechim que está tentando subir para a Série C. São todas essas informações que você tem, ou pela rádio, ou pela tv, ou pela internet. O comentarista, nesse sentido, vira um sujeito permanentemente conectado (SARAIVA, 2015).

Por mais que os ouvintes admitam claramente sua preferência pelas temáticas da dupla Gre-Nal, conforme aplicação e análise do questionário, um nível de conhecimento com mais referências sobre o contexto contemporâneo que emerge sobre o universo futebolístico não deixa de ser reconhecido positivamente, pela simples razão de que esses elementos contribuem para dimensões mais ampliadas a respeito da potencialidade e de implicâncias do esporte.

Além da análise precisa e contextualizada dos fatos rotineiro, a consistência e a coerência dos comentários, com expressões de domínio mais especializado do futebol permite que os ouvintes identifiquem um posicionamento e convicção regular nas proposições expostas nos comentários, diferentemente do que ocorre com muitos outros profissionais, em que se observa pouco compromisso com um modelo de leitura da realidade moldada por convicções embasadas. O Entrevistado 3 visualiza uma ideia de jogo de futebol bem nítida expressa pelo comentarista. O posicionamento em relação aos modelos de atuação futebolística é tão visível e embasado por elementos passíveis de concretização na aplicabilidade prática do futebol que o ouvinte sente-se apto a compartilhar deste ângulo adotado na interpretação do esporte.

O Maurício tem uma grande qualidade em matéria de opinião. Ele é ofensivista e tem um pensamento sobre futebol. São boas as opiniões dele. É uma opinião com personalidade, pois ele mantém uma coerência nas opiniões. Gosta de times mais ofensivos. Prefere volantes que joguem e não só marquem. Eu gosto destas opiniões (ENTREVISTADO 3).

Mais do que o teor dos significados dos discursos deste e dos outros comentaristas perante a recepção, que serão mais aprofundados no eixo de representação, no presente espaço vale como destaque a observação de técnicas produtivas que qualifiquem a emissão argumentativa, o que se desdobra mediante interpretações resultantes de ideias convictas e subsidiados por fatos e especialização sobre futebol, como parece ser o caso de Saraiva. Mais do que uma modalidade de discurso, a rotina de acesso e disseminação de referências de

atualização futebolística em uma perspectiva mais ampliada corresponde a um processo produtivo adotado pelo referido comentarista.

É bastante sensato. Ouvimos ele na tv e no rádio. E a opinião dele é reta como uma flecha. Sabemos que ele vai seguir aquele padrão. Ele coloca aquela opinião em vários momentos. Quando ouve novamente, sabe que ele vai seguir aquela linha, não sai da convicção dele. Não muda muito, a não ser que tenha um dado novo ou algo excepcional (ENTREVISTADO 6).

Outra técnica empregada na produção, condizente com o formato interativo veiculado, é a informalidade nos diálogos entre o comentarista com repórteres e apresentadores e observações dos ouvintes, admitindo um teor lúdico comum à prática do jornalismo esportivo, conforme Barbeiro e Rangel (2013). Este perfil de emissão reflete a dimensão cultural com que o futebol se manifesta no cotidiano, o que parece aproximar a mensagem das especificidades do dia a dia da recepção e de seus comportamentos sociais, de modo que os temas esportivos são ilustrados com irreverência e mescla a outros assuntos, como carnaval e samba, a exemplo do que ocorre nas vidas diárias dos cidadãos envolvidos com o jogo em questão.

Ele gosta de apostar aquela água mineral sem gás com os colegas dele. Isso torna as opiniões mais consistentes e, também, mais leves. Recebem convidados de vários times, às vezes ex-jogadores. A música é baseada no *play list* de um ou outro conhecido do meio futebolístico gaúcho (ENTREVISTADO 6).

Essa ludicidade expressa no comentário admite consonância com o patrocínio publicitário da marca Vinhos Jota Pe, uma empresa vinícola de circulação no Rio Grande do Sul, na medida em que este segmento comercial propõe um produto enquadrado a circunstâncias de entretenimento, correspondendo-se, assim, com o viés esportivo habitual no desenrolar das relações sociais e sua reprodução nos espaços de comentários, mesmo que o tom das mensagens incorpore variações em decorrência dos acontecimentos diários. Este anunciante é exclusivo às inserções dos comentários de Maurício Saraiva no programa. As entradas no ar do comentarista são executadas a partir de um estúdio da Rádio Gaúcha, instalado na sede da RBS TV, no morro Santa Tereza, em Porto Alegre. Consiste em um local diferenciado de estúdio e redação tradicionais da Rádio Gaúcha, localizados na Avenida Ipiranga. Isso ocorre pelo fato de o comentarista desempenhar boa parte de suas funções na sede da emissora de televisão, devido a seu compromisso com participações na programação da RBS TV. A seguir, segue a síntese dos principais tópicos que embasam a produção do comentário de Maurício Saraiva.

Quadro 24: Análise do comentário de Maurício Saraiva

Critérios de análise	Comentarista Cléber Grabauska
-----------------------------	--------------------------------------

Busca por informações	Rádio Gaúcha, RBSTV e internet. Busca informações sobre outros temas esportivos, além de Grêmio e Internacional.
Tempo de duração	Média de um minuto e meio para cada inserção. Ocorrem várias entradas do comentarista, durante uma hora e vinte minutos de programa.
Modalidade de emissão	Ao vivo, em estúdio da Rádio Gaúcha instalado no morro Santa Tereza, na RBSTV.
Formato de veiculação	Comentários fragmentados, veiculados após os boletins e principais destaques informativos. Em muitos momentos, conversa mais informal com os outros integrantes do programa.
Interatividade	Comentarista dialoga constantemente com o apresentador, repórter e ouvintes, pautando suas colocações pelos elementos trazidos por esses outros interlocutores e, muitas vezes, complementando seu raciocínio com informações dos demais participantes.
Coerência dos argumentos	Ocorre com maior frequência pela possibilidade de pauta única em cada inserção e, especialmente, pelo compilado de informações trazidas no programa que tornam viável um raciocínio bem elaborado e sustentado pelos fatos já narrados e suscetíveis à análise do comentarista. Pautas factuais e, por isso, bem apuradas, facilitando a construção de argumentos aprofundados e posterior encadeamento. Os ouvintes manifestaram

	<p>preferência por essa dinâmica de formato, reconhecendo maior disposição de informações nestas condições.</p> <p>Busca por novas fontes de informação do comentarista também agrega na exposição e consistência de ideias atuais, mesmo que eventualmente ainda exista carência de argumentos em algumas ideias. Essa rotina admite conhecimentos especializados e atualizados, a ponto que os ouvintes entrevistados destacam a convicção permanente do comentarista nas análises desenvolvidas.</p>
Anunciantes	Vinhos Jota Pe

Fonte: Farina (2015)

As devidas observações encerram a averiguação da etapa de produção do Circuito da Cultura, com a análise e a descrição das rotinas de elaboração dos comentários desempenhadas pelos comentaristas. A seguir, segue a análise dos discursos dos mesmos, amparadas pela leitura dos ouvintes, na proposição do eixo de representação, prosseguindo a composição do circuito da cultura da recepção esportiva.

6.3.2 O eixo da representação e a leitura dos discursos dos comentaristas

Como refletido no capítulo teórico, os fenômenos do cotidiano e decorrentes versões do mundo são interpretados e vivenciados de diferentes maneiras, conduzidas pelos valores e denominações socioculturais compartilhadas por cada indivíduo, de modo que desenvolva sua leitura e discernimento de todo o entorno que o cerca. Em suma, se sobressaem modos de se visualizar o universo que são, ao mesmo tempo, resultados das identidades consolidadas e elementos formadores de novas identidades, caracterizando as transformações e disseminações culturais. Este processo abrange o momento das representações, durante o Circuito da Cultura.

Na relação com o processo comunicacional da recepção dos comentários esportivos, a representação orienta a leitura das mensagens dos comentaristas pela audiência e contribui com a construção dos significados, sendo desenvolvidos e organizados conforme a inserção dos ouvintes em determinadas realidades, com a preponderância de identidades que moldam seus

valores. Neste sentido, o discurso do comentarista só adquire sentido no momento da decodificação desta mensagem, realizada no momento da representação do que está sendo expresso.

Retomando o processo de representação descrito por Hall (2016) na análise das percepções dos discursos dos comentaristas pelos ouvintes, subdivide-se essa etapa em significantes e significados, responsáveis pela possibilidade de compartilhamento social da leitura dos comentários. Os significantes são termos linguísticos, admitindo o reconhecimento da mensagem por meio de convenções adotadas pelo comentarista, não apenas da linguagem verbal, mas da identificação a outros atributos do próprio meio rádio, como a linguagem sonora e seus formatos de expressão. Recuperando a proposição de Menezes (2012), os ouvintes estão conectados ao comentário por meio de um ambiente sonoro e somente com a adesão a assimilação das mensagens neste modelo linguístico é que se atribuem significados acerca dos ideários contidos nos discursos. Deste modo, os significantes da representação dos discursos correspondem a aspectos linguisticamente compartilhados que permitem a leitura dos significados imersos às mensagens e a forma como eles produzem sentido rente à realidade de determinado ouvinte.

Já os significados presumem o valor simbólico do que está sendo proferido nos discursos, sempre em consonância com conceitos próprios já assimilados pela realidade. Este elemento da cadeia de representação não se limita apenas a uma interpretação racional da mensagem dos comentaristas de acordo com os atributos intelectuais que o receptor dispõe. Pelo contrário, é onde se enquadram os sentimentos e atrações simbólicas deliberadas pelos ouvintes, determinados pela inerência de valores e formas de conduzir a realidade, já incorporados ao repertório próprio do sujeito, como, por exemplo, a paixão pelo clube a qual torce ou o sentido que o futebol apresenta em seu cotidiano.

Inseridos nos valores habilitados a produzir sentido ao cotidiano de experiências humanas, encontram-se as narrativas míticas, formas próprias de se atribuir significado aos desdobramentos da vida humana, mas, que extrapolam a materialidade racional na concepção de um modo de enxergar as ocorrências mundanas. Armsrong (2005) e Eliade (1992) alçam à seara do pensamento mítico, as reações sentimentais e que despertam a religiosidade do ser humano, no sentido de remeter significações do mundo real a crenças que não sejam compreendidas apenas pela ligação científica das versões que embasam a vivência humana. Invariavelmente, a representação que o futebol admite perante os torcedores mais envolvidos com o fenômeno cultural provocado envolve contornos míticos, na medida em que transcende a origem literal do esporte e evoca sentimentos e maneiras de vivenciar seus desdobramentos

voltados a crenças despertadas por sentidos particulares, no que tange as experiências com o futebol. Sendo assim, muitos dos significados interpretados e compartilhados nas mensagens dos comentaristas, conforme o conceito teorizado por Hall (2016), estão sujeitos a se formarem por narrativas míticas, dentro de suas esferas de valores alusivas à relação com o futebol na sociedade.

Mesmo o envolvimento com o futebol e o significado passional do mesmo tendem a variar na representação dos discursos para os ouvintes, considerando as identidades pessoais destes receptores, na medida em que alguns possuem maior afinidade com as questões de natureza cultural futebolística – como aspectos do jogo – e outros com instituições clubísticas. Todas essas peculiaridades interferem na leitura da mensagem, pois, instigam a proposição que este discurso remete à vida dos ouvintes, em vista da maneira como incorporam em seu cotidiano o envolvimento futebolístico, até mesmo no despertar das emoções, de modo que alguns são mais passivos e outros mais evasivos.

Na análise das entrevistas em profundidade, transpareceram algumas representações dos discursos, que se notabilizam pela abrangência de valores identitários como a relação clubística e afeição ao futebol e seus aspectos próprios de expressão cultural, como entendimento tático, bastidores e emoção nos acontecimentos de campo. Estes princípios, movidos pela passionalidade com a temática, direcionam os significados das representações, enquanto a linguagem esportiva e própria do rádio traduzem os sentidos inerentes, consistindo nos significantes.

O entrevistado 4, torcedor do Internacional, e o entrevistado 5, torcedor do Grêmio, apresentaram uma leitura dos comentários sob um ângulo que reivindicasse os interesses dos dois clubes, respectivamente. Os dois ouvintes indicaram a representação dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, resumida a uma interpretação de que os seus clubes são perseguidos e alvos de críticas injustas dos comentaristas e de todo o Grupo RBS, reiterando a percepção de que existe uma orientação da empresa a confrontar os interesses endossados pelas suas paixões às respectivas agremiações. O fato curioso e que relaciona as representações destes dois ouvintes é que ambos admitem uma leitura muito semelhante, na medida em que acusam a instituição jornalística de adotar conduta favorecedora ao clube rival, no entanto, com as cores clubísticas inversas em cada um dos casos. Enquanto o entrevistado 4 percebe um favorecimento ao Grêmio nos comentários esportivos da emissora, o entrevistado 5 entende que os jornalistas evitam criticar o Internacional de modo mais incisivo.

Os dois ouvintes fazem-se entender da linguagem esportiva, identificando os conceitos futebolísticos que permeiam o jogo dentro de campo, como aspectos técnicos, táticos,

comportamentos dos profissionais do futebol e regras de arbitragem. Deste modo, pode concluir-se que eles estão conectados à mesma realidade simbólica por meio destas convenções do campo, traduzidas ao processo de representação como os significantes.

O entrevistado 4 reconhece as atuações futebolísticas muito em conta dos lances de caráter físico e a partir deste perfil linguístico convencionado entre os entendedores de futebol, sua capacidade de leitura desenvolvida instintiva e culturalmente lhe propõe a versão de significados de que os desempenhos de seu clube são desfavorecidos pela análise dos comentaristas da Rádio Gaúcha. Isto porque ele entende que estes profissionais são torcedores ou adeptos ao rival Grêmio e, assim, compartilham de um desprezo ao Internacional.

É uma peleia a disputa de bola, acho que eles têm que guerrear. Os comentaristas falam que não foi falta em cima do D`Alessandro. Daí tu vais ver e foi. Falam que não foi falta em cima do Luan. A mídia em maioria do Grêmio. Eles querem puxar. E sempre puxam para o lado do Grêmio. Saraiva é gremista. Pedro Ernesto é gremista. Quase todos são gremistas (ENTREVISTADO 4).

Essa visão representativa do significado dos discursos dos comentaristas está diretamente vinculada ao envolvimento que este torcedor tem com o seu clube. E, por isso, em um ambiente de disputas como é o futebol, a leitura de jogo que mais lhe desperta é aquela que se baseia nos desdobramentos e na defesa de seu time em qualquer circunstância sujeita a questionamentos, valendo-se da passionalidade de um significado representativo totalmente moldado pela ligação que suas experiências de vida desenvolveram com determinada agremiação. Esse mesmo comportamento estimulado por valores sentimentais que despertam significado de interpretação dos discursos buscando uma reivindicação instintiva das demandas do time também é compartilhado pelo entrevistado 5, de modo que desta vez, a representação descreve uma mídia que desfavorece as atividades praticadas no Grêmio e preserva quaisquer problemas do Internacional. Como significantes que propiciam a construção deste significado, estão as linguagens de bastidores futebolísticas como ambiente de vestiário, que permitem a assimilação destes discursos, conforme o nível de compartilhamento do entendimento de jargões e termos circunstanciais na prática do esporte.

Se tu pegares mídias como a Rádio Gaúcha, do Grupo RBS, percebe que ela puxa para o lado vermelho, sim. O Colorado vai dizer que não. Mas com o Grêmio, as matérias e opiniões são tendenciosas, com vários jornalistas. Falavam que dentro do Grêmio estavam ocorrendo inúmeros problemas e o clube estava rachado (ENTREVISTADO 5).

Este ângulo de pensamento e interpretação dos acontecimentos do futebol gaúcho transparece uma modalidade de representação movida pela paixão ao clube, em que este

sentimento compartilhado por torcedores induz a leitura dos fatos e, conseqüentemente, dos comentários, de acordo com os mecanismos instintivos que conduzem a ligação com os clubes, pois esta relação é pouco passível de explicação fundamentada na racionalidade dos objetos esportivos em questão. Este comportamento pode ser percebido nos torcedores, quando o entrevistado 4 afirmou que independentemente do teor e da proporção de um acontecimento futebolístico, ele assume a defesa do clube do qual é adepto – no seu caso, do Internacional – alheamente a uma avaliação fundamentada dos fatos. “Eu puxo para o lado do meu time. Se um jogador do meu time caiu na área, mesmo sendo ou não sendo, para mim foi pênalti”, ressaltou.

O entrevistado 5 também parece compartilhar deste mesmo comportamento, mesmo que de modo inconsciente, na medida em que reivindica veementemente das análises produzidas pelos comentaristas sobre o Grêmio, incorporando sempre postura e leitura programadas a defender seu clube de avaliações consideradas desproporcionais e tendenciosas contra as aspirações do time.

O Pedro Ernesto Denardin, no passado, batia muito nos dirigentes do Grêmio, dizendo que o clube sempre contratava mal. E torce para que tudo dê errado para manter a sua opinião. E eu não concordava com isto. Um dirigente do Grêmio, que trabalhava bem, trouxe jogadores que não eram tão renomados e estavam encostados em clubes do Brasil e deram certo depois. Mas o comentarista para manter a tese dele, bate, bate e fica um bom tempo persuadindo para que sua projeção aconteça (ENTREVISTADO 5).

Os significantes empregados que viabilizam esta interpretação consistem em linguagens do planejamento futebolístico, conhecidas tanto por comentarista quanto pelo ouvinte, por isso, a possibilidade de entendimento da mensagem pelo receptor, mesmo que em tom de discordância. No entanto, a posição do ouvinte parece pautar-se pela postura passional de incorporar os princípios da crença clubística, desconectando-a de uma análise mais racional e minuciosa sobre os pontos discutidos pelo comentarista nos momentos determinados. Para se ter uma ideia das semelhanças e proporcionalidades invertidas das avaliações sobre os comentaristas, o entrevistado 4 manifesta a mesma versão do entrevistado 5 a respeito dos comentários de Pedro Ernesto Denardin, com a simples troca de lugar entre os dois clubes. “Esse é gremista e sempre puxa para o Grêmio, independente do adversário que enfrentam”, relatou. Estas contrariedades de posições extremas, alçadas a um mesmo teor argumentativo, ou seja, que se ampara na ideia de perseguição a um clube e defesa de outra escapa de uma interpretação mais fundamentada do contexto. Isto se percebe porque estes ouvintes não aprofundam o tema a ser refletido pelos jornalistas e apenas reproduzem uma conduta de

torcedores descontentes e fieis na defesa de seu time, reiterando o comportamento de apoio incondicional que o entrevistado 4 admitiu dedicar ao Internacional. É importante constatar que os próprios comentaristas nem sempre colaboram com a possibilidade de oferecer representações mais conectadas com a realidade, na medida em que a análise da produção identificou escassez de informações e maior exploração do contexto, como no caso, por exemplo, de Pedro Ernesto Denardin.

Essas posturas adotadas pelos receptores na representação dos discursos dos comentaristas, e dos consequentes desdobramentos das realidades futebolísticas, admitem contorno mítico, pois manifestam uma alternativa de significar suas experiências cotidianas de acordo com suas crenças e movimentos passionais, transcendendo a essência racional dos objetos de análise do esporte. Deste modo, a interpretação do discurso dos comentaristas ou dos fatos de campo se embasa pelo sentido afetivo que determinado clube lhe representa e, não, pela ligação e abrangência científica que aquele acontecimento ou versão mantêm com o universo materializado. Exemplificando, pouco importa para o entrevistado 4 se determinado lance de futebol foi pênalti ou não, de acordo com as regras do jogo. Para ele, com tantos sentimentos envolvidos com o Internacional, a determinada ocorrência de jogo consistiu em pênalti porque o instinto emotivo que o conduz nesta situação indica esta opção tamanha a crença e afeição a seu clube, obedecendo ao estímulo mítico deste significado. É o mesmo caso do entrevistado 5, quando defende incondicionalmente as atuações do planejamento do Grêmio nas contratações e desempenhos, pouco se importando com os argumentos de Denardin. A crença mítica que o clube detém na produção de sentido em sua vida constrói esta representação.

Estes exemplos podem ser melhores compreendidos retomando-se a analogia de Eliade (1992) quando da veneração de humanos a pedras e árvores. Para o autor, nestas circunstâncias, estes símbolos não representam nem pedra nem árvore e, sim, uma reprodução do sagrado e da religiosidade que confere sentido à vida humana. Esta mesma comparação de expressões míticas, guardadas as proporções, pode ser feita com os casos dos entrevistado 4 e entrevistado 5. Para eles, sua relação com Grêmio e Internacional não está resumida à figura de torcedores de futebol e, sim, representam um nível afetivo e de religião muito maior, que produz sentido em suas experiências. Esta simples analogia ajuda a compreender os comportamentos, de contorno irracional, relatados pelos torcedores, mesmo que ainda seja um desafio desvendar todas as origens de formação desta paixão disseminada.

No entanto, pode-se atribuir certos símbolos da relação passional clubística à representação que o futebol admite perante os torcedores. Estes fenômenos podem ser melhores

compreendidos na averiguação das identidades que orientam a atividade futebolística, mas já expostos nas representações dos discursos dos comentaristas acerca do esporte em questão.

Todos os entrevistados tornaram nítidas as suas relações com o futebol, não apenas por reconhecerem os significantes de representação dotados da linguagem esportiva, mas, pelo fato de esta conexão cultural lhes proporcionar a imersão a um ambiente simbólico que é o futebol e, sendo assim, apresentando desdobramentos peculiares percebidos nas representações dos discursos.

A análise de representações dos discursos evidenciou a identificação dos ouvintes com atributos culturais deste esporte e, mais do que isso, indica neste reconhecimento em termos de compartilhamentos de representações e identidades a origem da disseminação dos valores míticos que conduzem os casos de intensas paixões clubísticas relatadas.

Tudo se inicia pela representação que o futebol admite em uma comunidade simbolicamente construída. Primeiramente, como já apontado, são socializados os significantes que evocam a linguagem técnica do esporte, como atributos técnicos, físicos, bastidores e dos rituais de torcida. Contudo, por trás destas denominações convencionadas linguisticamente existe um significado em sua assimilação que parece ultrapassar as diretrizes técnicas esportivas. A maneira com que o futebol propicia a produção de sentido pode ser alusiva a significações míticas que admitem diferentes contornos nas experiências humanas que os seres envolvidos vivenciam. A própria assimilação dos comentários, por meio de sua leitura e de seus componentes de recepção, aponta para esse perfil de significados, em que os receptores imergem explicitamente suas vidas ao campo de jogo, tamanha a relação cotidiana que se impõe.

Quando perguntado sobre os elementos do jogo que mais lhe chamam atenção nas abordagens das opiniões dos comentaristas adotados como corpus neste estudo, o entrevistado 4 relatou que considera o futebol “uma peleia brava em cada disputa de bola”. E ainda complementa afirmando que “acha bonito os jogadores guerrearem corpo a corpo, sem caírem no chão”. Esta percepção confere uma representação, deliberada pelas colocações nos discursos dos jornalistas, que classifica o futebol como uma disputa, em que se resolvem com confrontos e os torcedores estão ali para participar destes duelos, apoiando os atletas de seu time, admitidos como heróis, em um sentido absolutamente mítico, remetendo à conceituação de Rúbio (2001). Essa representação é tão contundente que, na maior parte das avaliações dos comentaristas, o ouvinte concentra a atenção para disputas físicas, em que ocorrem sinalizações da arbitragem. “Teve um lance de pênalti e o comentarista disse que foi pênalti. E eu assisto no dia seguinte

pela televisão para ver e ter certeza. Se foi, eu achei que foi eu concordo. Mas se veio de algum comentarista gremista, eu confio menos”, ressaltou o entrevistado 4.

Quando o entrevistado 5 reivindica a defesa do Grêmio perante as avaliações consideradas injustas da imprensa, está mantendo um teor conflitante, em que se ilustra um campo de batalha das relações futebolísticas no Rio Grande do Sul. Esta leitura interpretativa do comentário e da significação do futebol, com contornos míticos, ratifica a representação de que o futebol é, além de um esporte, um campo de disputa entre diferentes cores institucionais de afeição, com a condução de comportamentos passionais. Em seus relatos, o ouvinte em questão sugere a necessidade do Grêmio de se precaver e tomar providências contra a imprensa, na medida em que veículos do Grupo RBS admitem posicionamento a favor do Internacional, desempenhando a defesa do adversário nesta batalha simbólica que é o futebol do Rio Grande do Sul.

O Pedro Ernesto chamou muitos gremistas de marginais devido ao episódio de quebra de cadeiras nos grenais, no entanto as duas torcidas fazem isso e infelizmente é normal. Tem muitos gremistas que eu conheço que acham que o Grêmio deveria cortar, não deveria deixar a Gaúcha e a RBS entrarem lá, porque olha o que eles falam e são tratados a pão de ló. Por dinheiro (ENTREVISTADO 5).

O grande perigo destas representações eminentemente passionais deste duelo simbólico é a possibilidade de se concretizar a hostilidade e a violência na relação entre as torcidas, o que ocorre em muitos casos, a exemplo do que o próprio ouvinte constatou, considerando normais estes comportamentos. Isto ocorre pela representação já consolidada e negativamente materializada deste cenário de disputa entre as torcidas rivais, quando em casos mais extremos, descamba para a violência e a intolerância. No caso do futebol gaúcho, a polarização em duas grandes forças – Grêmio e Internacional – acirra ainda mais os ânimos do confronto simbólico, na medida em que o sucesso e o fracasso de cada uma das agremiações estão alinhavados diretamente ao desempenho da outra, resultando neste panorama da rivalidade de disputas. Isto pode ser percebido tanto nos discursos dos comentaristas quanto nas avaliações dos ouvintes, pelo fato de a representação acerca do cotidiano de cada um dos clubes estar ligada aos desdobramentos do outro, como no caso dos entrevistados que interpretam os comentários comparando as abordagens críticas de seu clube ao teor dirigido ao rival (ESPORTE INTERATIVO, 2018).

Os torcedores são tão integrados a este fenômeno de representação, a ponto que visualizam as condutas violentas, criticando-as e inserindo as opiniões jornalísticas neste ambiente de acirramento das relações entre torcedores de Grêmio e Internacional. O significado

de identificação com as cores clubísticas, disseminando a defesa da instituição acima de qualquer obstáculo, é uma realidade bruta e reconhecida pelas instituições sociais, ao mesmo passo que a mídia também é responsabilizada por mediar e, de certa maneira, criar condições para a existência deste ambiente negativo, dependendo da maneira como conduz a relação e a evolução de representações do futebol entre as torcidas. O entrevistado 1, como integrante deste grupo social que abrange e conecta os torcedores, expõe o seu ponto de vista acerca destes comportamentos e reflete sobre as consequências negativas que a representação mítica do futebol pode gerar.

Tem muitos torcedores que brigam por causa de futebol. Acabam se matando. As opiniões podem contribuir para isso porque são muitas posições adversas. Se fossem todas opiniões iguais não teria problema. Nas opiniões adversas, torcedores acabam se enfrentando. Às vezes, acaba em tragédia, podendo até levar a morte. Então, são coisas negativas da opinião e do futebol (ENTREVISTADO 1).

A condução das instituições midiáticas – entre elas a produção opinativa – na formação e reconstrução de representações é tão abrangente, de modo que tanto os veículos de comunicação se dedicam a campanhas com o intuito de propagar a paz no esporte quanto os receptores reconhecem estas ações. É neste sentido que as representações circulam entre a produção e a recepção, sendo afetadas por suas necessidades de alteração conforme as demandas e distorções comprometedoras nos comportamentos da sociedade, como no caso do combate ao extremismo e prevenção à violência no futebol. Isso apenas ocorre pela dimensão que a representação do futebol admite, permitindo a assimilação, ainda que não tão profunda – devido à complexidade e sentido mítico que transcende as análises racionais – deste ambiente passional e das devidas transformações culturais necessárias. Esta leitura, amparada pelos significantes compartilhados das linguagens e parâmetros esportivos, é compreendida pelos ouvintes nas avaliações dos discursos dos comentaristas, ao pregarem a representação da paz no esporte, em uma atitude de correção dos rumos. O entrevistado 6 reconhece o esforço da imprensa em tentar conter a violência de torcedores extremistas.

São importantes essas campanhas, de respeitar as mulheres como fizeram. E, também, claro, a torcida adversária. Porque se existe futebol é porque tem o rival ali. Porque se não tivesse rival, não teria o porquê. Os jogadores também se respeitam, muitos de clubes rivais se conhecem. E os torcedores que não conhecem o outro lá, vão estar banalizando a coisa, com violência e provocação (ENTREVISTADO 6).

Para se compreender melhor esta representação passional já cotidianamente alinhavada na recepção dos ouvintes e abordagens dos comentaristas sobre o futebol e os rumos que o

esporte tomou na contemporaneidade – considerando o poderio da internet de disseminar rivalidade e ódio no ambiente da cultura digital – é necessário buscar significados e significantes mais generalistas que justifiquem a relação de muitos cidadãos com o campo cultural em questão. Se o fanatismo passional e extremista se desenvolve, conforme essa representação mítica apresentada, é porque antes disso, o esporte construiu um vínculo com muitas esferas da sociedade, instituindo maneiras de se analisar e se imergir ao jogo, diante das versões opinativas que impulsionam determinado caráter de expressão pública.

O que se pode perceber pelo relato dos ouvintes, de uma forma geral, a respeito de suas preferências de comentários, é uma afinidade muito forte com os desdobramentos do campo de jogo, que são inúmeros – abrangem procedimentos táticos, disputas físicas, ambiente de espetáculo desenvolvido e emoções no desenrolar de cada acontecimento. Esta engrenagem de fatores parece transportar os ouvintes a um espaço especial de convivência, onde se desenvolvem relações com seus semelhantes e idolatrias aos seus heróis – no caso, aos jogadores, os artistas do espetáculo – seguindo premissa de Rúbio (2001). E como consequência de todo o carregamento emocional que é despejado neste espaço, surge a defesa incondicional das diferentes cores por cada torcedor, resultando em disputas calorosas dentro e fora de campo, como já aprofundado acima.

Toda a ilustração apresentada deste cenário de relações e experiências socioculturais, com a manifestação de muitos sentimentos, só pode ser melhor conferido se identificado sob a categoria de narrativas míticas, em que a significação transcende a essência e denominação literal dos objetos, onde o futebol e suas possibilidades de interpretação adotam contextos de uma realidade própria. Este fenômeno enfatiza os diferentes significados possíveis de representações de um mesmo objeto ou acontecimento, como propôs Pesavento (1995).

É neste espaço referido que o entrevistado 3 ingressa diariamente quando opta pelo consumo de opiniões de futebol, em que manifesta preferência por conteúdos específicos deste campo simbólico, mas, ao mesmo tempo, materializado como esporte. O ouvinte manifesta o interesse primordial em dados e fatos oriundos do futebol, talvez mesmo sem ter a certeza de que representem para ele muito mais do que isto, tamanha a intensidade da produção de sentido que o campo simbólico esportivo ocupa em seu repertório cultural.

Em um primeiro momento, gosto da análise tática. Saber como o time está posicionado. Se o jogador que está fazendo a coisa certa em campo e como está a movimentação do jogo. E também aquela coisa de ter a capacidade de ver se o jogador está produzindo, se tem que tirar um, botar o outro. Se está mal posicionado, sai da ponta, vai para o meio (ENTREVISTADO 3).

As atribuições táticas mobilizam a linguagem disseminada em significantes socializadores do esporte, assim como a validação de muitos significados referentes ao campo de jogo e compartilhados pelos comentaristas, consistindo em uma troca comunicacional de representações que envolvem as dimensões que o futebol incorpora, como retratado anteriormente. O público atrelado a este espaço simbólico reconhece estes elementos e experimenta das mesmas vibrações que envolvem todas as implicâncias das partidas e seus contextos. É neste sentido que pode se delimitar de maneira mais abrangente e representativa a característica principal dos ouvintes entrevistados neste estudo que é o envolvimento com o esporte e seus acontecimentos, ou seja, compartilham de significados de representações que incorporam o ambiente mítico que emerge sobre o futebol, como apresentado anteriormente. “Eu gosto muito de dados e fatos, mas nunca esquecendo que o futebol é uma paixão. Me sinto mexido com estes sentimentos de paixão”, afirmou o entrevistado 1.

As referidas representações dos discursos dos comentaristas, com as devidas conotações dos significados esportivos, podem ser melhores compreendidas com a exploração das identidades resultantes deste processo e que movimentam as transformações culturais, seguindo a lógica do Circuito da Cultura. Deste modo, na sequência do trabalho, são apresentadas as principais identidades dos ouvintes, relacionadas aos níveis de inserção a um ambiente simbólico de relações que se moldam conforme as práticas futebolísticas.

6.3.3 O eixo da identidade e a formação de torcedores de futebol

A próxima etapa do circuito da cultura da recepção esportiva diz respeito aos traços peculiares do ambiente que ressaltam as identidades presentes, considerando perfis e experiências de vida dos integrantes deste espaço. No caso deste estudo, as identidades aplicam-se à formação de torcedores, com o objetivo de entender valores que conduzem e são despertados pelas representações das mensagens dos comentaristas esportivos, conforme os significados e significantes futebolísticos compartilhados.

Retomando a dimensão do conceito de identidade para os procedimentos analíticos aqui executados, a autora Escosteguy (2010) indica os posicionamentos e visões de mundo, relacionados a uma contextualização histórica, como formas de respaldar comportamentos e as referidas bases culturais. Neste sentido, esta etapa do Circuito da Cultura investiga as experiências pessoais e os modos de vidas dos entrevistados que se relacionem com os comentários esportivos e com suas abordagens futebolísticas retratadas. Em suma, a vivência e os traços comportamentais históricos dos torcedores na assimilação do esporte são fatores de identificação dos torcedores com o futebol, referenciando os níveis de características que

conectam os sujeitos envolvidos cotidianamente diante da ordem cultural abrangida pela comunidade futebolística.

Hall (2003) caracteriza a delimitação das identidades perante as imposições das diferenças entre os distintos grupos sociais, considerando os mecanismos de representações e meios como os indivíduos se inserem no cotidiano humano diante de tantos outros modelos de comportamentos admitidos pela sociedade. Este fenômeno pode ser aplicado para se compreender o perfil dos torcedores de futebol, na medida em que estes apresentam atributos e rituais de significação inerentes ao esporte específicos, visualizando este campo cultural diferentemente de sujeitos que não apresentam identificação com o mesmo.

Para se consumir as identidades do meio esportivo, surge como primeiro passo a herança de valores de afinidade clubística, na transmissão e evolução dessas identidades no decorrer das gerações sociais. Com o passar dos anos, novos indivíduos que nascem vão incorporando o perfil delineado pela relação com o futebol e os fatores passionais agregados, sempre moldando a dimensão destes ambientes em consonância com as ordens culturais que se apresentam.

De certa forma, é possível atribuir a formação de identidades esportivas nos cidadãos, no que tange a adesão ao hábito de torcer a determinado clube, a partir da inserção a representações e convívios sociais já consolidados em torno do esporte, integrando-se a partir de grupos de mediação de valores e condutas, conforme Martín-Barbero (2008). Dentro dos parâmetros refletidos sobre a formação das identidades de torcedores, o entrevistado 3 resume como se instituiu a sua relação com o Internacional.

Quando eu nasci, o meu pai já era colorado. E, por isso, eu sempre fui colorado. Veio de pai para filho. Sempre gostei de futebol. E a partir daí essa relação com o clube só foi crescendo, sempre fui muito ligado ao time. Quando eu me mudei para Porto Alegre, na década de 1970, quando eu tinha cerca de 13 anos, começou a aumentar essa relação. Foi na melhor fase do Inter e quando eu comecei a frequentar o estádio. Estive presente em todas as grandes conquistas dos anos 70 (ENTREVISTADO 3).

O relato do ouvinte demonstra a participação da referência familiar de seu pai na formação de sua identidade como torcedor do Internacional e, assim, a incorporação da cultura futebolística ao seu cotidiano, ressaltando que a identificação crescia diante da trajetória de conquistas do clube dentro das competições esportivas, na fase da adolescência, um período comum em que se constroem os princípios que sustentam a personalidade humana. A realidade apontada representa um processo bastante comum na transmissão das heranças de comportamentos futebolísticos entre as diferentes gerações. A família e a repercussão midiática e comunitária que os clubes e seus patrimônios culturais admitem socialmente acabam por

propiciar a disseminação desses valores na reprodução e expansão destes grupos de torcedores. Deste modo, essas identidades se difundem a ponto que muitos dos comportamentos passam a adquirir contornos inconscientes e pouco compreendidos sob um ponto de vista científico, tamanha a expressão sentimental e irracional que muitas condutas de torcedores adquirem. Neste sentido, as propensões identitárias de torcedores já se conduzem conforme a atuação dos imaginários que as subsidiam, seguindo as teorias dos arquétipos de Jung (2000).

O entrevistado 5, torcedor do Grêmio e pertencente a uma geração mais nova, também desempenhou um caminho parecido com o percorrido pelo entrevistado 3, na formação da identidade de torcedor – sendo despertada primeiramente no convívio familiar e posteriormente exposta à incorporação de condutas da sociedade, que emergem sobre o repertório cultural e inconsciente que norteia o caráter passional do futebol.

Minha relação com o Grêmio começa desde pequeno, o pai é gremista, mas nunca foi tão fanático. Depois de uma certa idade, com 6 ou 7 anos, quando entrei numa pré-adolescência, comecei a me identificar, ter as roupas do time, camisetas. E comecei a pedir para o pai para ir ao estádio, na época, o estádio Olímpico. Ele me levava e eu fui gostando. Fui crescendo, ficando mais independente. E ali pelos 17 e 18 anos é que fui ficar mais aficionado pelo time e ir mais em jogos e comprar os produtos do clubes. Isso ocorreu de uns cinco ou seis anos para cá (ENTREVISTADO 5).

A origem familiar do torcedor é continuada e ampliada sob o amparo cultural de rituais de significação disseminados na sociedade, como o uso de vestimentas do clube e presenças constantes em partidas, de modo que essas práticas consistem em um processo de produção de sentido de caráter mítico, conforme Armstrong (2005). Estes rituais são compartilhados pela cultura, mas, especialmente, produzem significados no imaginário de sentimentos, conforme crenças e afeições, por vezes, inconscientemente, que a rotina de torcedor remete sobre a vida humana, seguindo ideias de Jung (2000).

As práticas, envolvendo objetos ou ações que se remetem ao futebol acabam por adquirir uma conotação muito ampla e afetiva de significados, tamanha a significação mítica que o futebol pode desempenhar em determinados espaços sociais. Para ilustrar esta dimensão, o entrevistado 1, torcedor do Internacional, admite que foi quando presenteado por acessórios do futebol e do clube, que despertou-se a identificação sentimental com o clube, ainda intensificada pela referência familiar de sua tia, intervindo na maneira como enxergaria o mundo e, mais especificamente, o futebol.

Sou colorado desde a infância. Até os sete anos de idade eu não tinha time, não tinha escolhido nenhum e torcia pela seleção brasileira. Aí uma tia minha me deu uma bola do Inter, com uma camiseta também, daí comecei a me afeiçoar ao Internacional e

fiquei colorado. Em um período da minha vida foi muito forte essa paixão (ENTREVISTADO 1).

Diante dos depoimentos dos ouvintes, destaca-se a consolidação da família como grupo de influência na emergência de valores ligados ao futebol, consistindo em um dos principais agentes de mediação cultural, seguindo a teoria de Martín-Barbero (2008). A partir das principais referências sociais, principalmente da família, os indivíduos incorporam características e modos de produzir sentido em sua existência, a exemplo dos comportamentos que estimulam a atuação de torcedores de futebol. A trajetória do entrevistado 6 também acompanha esta premissa, de modo que o ouvinte – natural de Rio Pardo, cidade do Rio Grande do Sul – herdou a identidade gremista de seus familiares, de modo que a afinidade com o clube se ampliava no decorrer das gerações.

O Grêmio surgiu em mim pela minha família. Quando eu tinha 12 anos, minha irmã veio morar em Porto Alegre. E foi nesta ocasião que tive a primeira visita ao Estádio Olímpico, na final do Campeonato Brasileiro, de 1982, contra o Flamengo. Já era torcedor. Era uma coisa de família, de pai para filho. Minha mãe também era gremista, todos são gremistas lá em casa. Com 12 e 13 anos acompanhei as principais conquistas do Grêmio: Campeonato Brasileiro, Campeonato Mundial. E, assim, a paixão só foi aumentando (ENTREVISTADO 6).

A notoriedade da relação passional com o Grêmio e da identificação cultural com o futebol pode ser presumida na medida em que este torcedor escolheu uma profissão ligada a esta área – cursando Educação Física e trabalhando, inclusive, no próprio Grêmio, como professor das categorias de base do clube. Ou seja, a identidade vinculada ao Grêmio, de origem familiar e amparada pelas representações sociais convencionadas da significação mítica do futebol, lhe proporcionou vocações profissionais, a exemplo do que ocorre com muitos jovens que experimentam a tentativa de ingressar em uma carreira de jogador de futebol ou outra ocupação no meio esportivo, diante do grande repertório cultural que mantém o apreço a esta atividade.

É neste ponto que se reflete sobre a significação que o futebol abrange na sociedade e nos cidadãos de forma geral, buscando-se compreender as experiências e as ideias que justificam os comportamentos relacionados ao esporte. Uma das primeiras reações que surgem na relação dos torcedores com o futebol, embora não seja a única, é a paixão por seus clubes. Todos os ouvintes entrevistados reconhecem e dizem serem adeptos deste sentimento, embora não obtenham conclusões que reconheçam a origem material desta passionalidade exacerbada.

O Grêmio para mim acaba sendo uma ideologia. Pessoas que não muito interessadas em futebol não conseguem entender como existe um amor tão grande aí. Mas é uma

paixão que aparece de várias formas a ponto de interferir no meu dia a dia. Quando o time ganha, tu estás feliz, quando o time perde ficas mais triste. Ele é um grande influenciador no teu dia. É um amor sem explicação (ENTREVISTADO 2).

O entrevistado 4, vigilante e natural de Porto Alegre, também tenta compreender como se formou essa paixão, mas não encontra nenhuma resposta concreta, a não ser uma razão que se relacione com o destino humano, ratificando uma religião com o sagrado, correspondendo às proposições míticas da existência humana, defendidas por Armstrong (2005) e Eliade (1992). “É uma coisa que não tem explicação. Eu acho que a pessoa já nasce com um time para torcer”, avaliou o Entrevistado 4.

Observa-se certa carga emocional nestes torcedores até quando conversam sobre seus times durante as entrevistas e tentam discernir sobre os sentimentos direcionados aos clubes. A força instintiva e pouco racional destas emoções impede maiores teses explicativas. A única certeza é da intensidade desta paixão e de sua interferência nos cotidianos. “Eu até nem sei explicar isso. Porque, como dizem, o futebol é uma paixão. Mais profundo, eu não consigo entender as razões”, afirmou o Entrevistado 1.

Os ouvintes incorporam o caráter passional, também ao alterarem seu humor no dia a dia ou mesmo agir na defesa de seu time quando se sentem afetados, desenvolvendo analogia com circunstâncias de disputa por determinados espaços na sociedade futebolística em formas de conflitos de posições clubísticas, conforme as representações elencadas anteriormente.

Se falar mal eu não deixo de entrar em uma discussão. Se estou em um grupo ou pessoalmente e a pessoa denigre ou “toca uma corneta” como costumamos dizer no ditado popular, eu não fico quieto. Discuto com civilidade, sem ofensas, mas, não entra em um ouvido e sai no outro. A pessoa fala, entramos em discussão e eu tento defender o clube, mesmo não ganhando nada por isso (ENTREVISTADO 5).

Se estas ações não admitem uma compreensão científica que desdobre o vínculo sentimental de torcedores com seus clubes, o inconsciente arquetípico, idealizado por Jung (2000), pode justificar alguns atos baseados no instinto, como a relação com o clube e suas condutas de afeto e defesa deste significado passional, representando analogias com outras formas de amor e crença da vida humana. São significados incorporados pela cultura, com origens e reprodução sentimentais, e que estabelecem sentido na vida dos indivíduos, mas escapam de uma denominação concreta, de modo que todas as reações do âmbito da paixão no futebol obedecem à condução do imaginário. É nesta lógica que o autor define identidades inconscientes, com as relações entre sujeitos que reagem de forma semelhante em determinadas

circunstâncias, por meio de instintos que impulsionem emoções – neste caso, relacionadas a símbolos de muito afeto, como os clubes de futebol.

Quando os torcedores participam de rituais ou experiências nas rotinas de seus clubes – como presença em jogos, vestimentas de roupas com as cores dos times e acompanham diariamente informações e opiniões das equipes – essas atividades desenvolvem um significado especial na vida desses cidadãos, que não se resumem ao caráter esportivo. Os próprios ouvintes não conseguem identificar e explorar melhor as razões destes comportamentos, apenas visualizam a importância que a paixão clubística assume diante da dimensão que o futebol impõe em suas vidas.

O entrevistado 5 relata que este instinto passional que o vincula ao Grêmio esteve presente em uma data muito especial da sua vida, o dia do nascimento do seu filho. No dia seguinte, ocorreu um clássico Gre-Nal, com uma vitória marcante por 5 a 0 sobre o Internacional e, para o torcedor, a coincidência temporal significou muito, com a possibilidade de transmitir a alegria para seu herdeiro, mesmo sem conseguir compreender as dimensões que ultrapassam o futebol que este significado clubístico pode atribuir.

Meu filho nasceu no dia 8 de agosto de 2015. No dia 9 foi a data do Gre-Nal e óbvio que se não tivesse tido este acontecimento eu estaria no estádio. Foi o dia que o Grêmio ganhou de 5 a 0, naquele Gre-Nal histórico. E eu estava no hospital com o filho e coloquei a camisetinha nele, com um dia de vida. Foi o primeiro jogo da vida dele. Tirei fotos e me marcou muito este momento (ENTREVISTADO 5).

A breve história relatada transmite orgulho para o pai, na medida em que consegue repassar parte de seu repertório sentimental, relacionado ao Grêmio, a seu herdeiro biológico. E deste modo, vai se desenvolvendo um ser humano em formação, com instintos emotivos semelhantes na concepção de afinidade ao Grêmio, conforme a referência familiar exposta. O próprio entrevistado 5 admite que tem como pretensão absoluta o desejo de que seu filho se torne um adepto torcedor do Grêmio, assim como ele. Este fenômeno ilustra a preponderância da identidade clubística de origem familiar na escolha do clube e na assimilação de comportamentos comuns à figura do torcedor. É no momento de formação das personalidades, que os indivíduos providos de ambientes atrelados a valores clubísticos e futebolísticos passam a incorporar a identidade de determinadas agremiações e o instinto passional em seu repertório sociocultural. Esses atributos adquiridos por meio do contato com o meio de origem vão se disseminando, conforme a ordem cultural e o compartilhamento de visões simbolizadas pelo imaginário, estabelecendo, assim, vínculos subjetivos com os clubes de futebol, mas, que moldam muitos comportamentos estereotipados da esfera esportiva – entre eles os rituais de

torcidas, como as vestimentas e presença frequente em estádios de futebol ou locais voltados a esta atividade.

Muitas vezes, os vínculos de identidade com os clubes herdados dos familiares podem começar a ser construídos antes mesmo do nascimento. É o caso do entrevistado 4, torcedor do Internacional, que recebeu o nome de Adavílson em homenagem a um jogador que vestiu a camisa do clube na década de 1950. O significado que o Internacional abrange em sua vida é tão grande que o ouvinte chega a declarar que o amor que sente pelo clube é semelhante ao sentimento que detém sobre a sua própria mãe.

Esta é uma das reproduções práticas das narrativas míticas no esporte, na medida em que o clube deixa de ser reconhecido como um time de futebol e admite o significado sentimental de um familiar ou ser humano muito próximo, recebendo todo esse amor. Ou seja, o Internacional admite a significação de uma crença sagrada que requer toda uma devoção, semelhando-se com os rituais destinados a instituições divinas. É nesse sentido que autores como Armstrong (2005) e Eliade (1992) classificam o mito como uma invocação a crenças alinhadas ao sagrado, responsáveis por produzir significados na vida humana. E o clube de futebol adquire esta conotação, tendo em vista a dimensão e amplitude de seus valores, que em momento algum se restringem às convenções literais do futebol, com símbolos e versões de ideias apenas limitadas ao esporte.

No entanto, para que o clube admita todo este valor simbólico, é necessário que se recorra a uma trajetória histórica e contextual que elevem os ideários clubísticos a este patamar habilitado a delimitar muitas identidades contemporâneas. E para isso, mesmo com a significação mítica e suas conotações simbólicas na construção de narrativas de significação a muitos modelos de vida, é importante parametrizar as origens de essência destas instituições para que se compreenda como estes valores se difundiram na cultura brasileira e mundial esportiva. Nestas condições, deve-se considerar o espaço simbólico que o futebol admite nas sociedades contemporâneas. Por mais que muitos dos instintos passionais em relação às agremiações clubísticas transcendam à esfera material do futebol e suas disputas de campo, é relevante refletir sobre como a adesão e afeição a este esporte se difundiu de modo a proporcionar conjuntos de identidades clubísticas. Isto pode ser confirmado pelo fato de a validade destes fortes níveis de afinidade com os clubes só existir se amparados a um contexto cultural que os mantenha. E este ambiente é moldado pelo próprio futebol, não apenas como esporte, mas como um jogo que impõe muitos significados de entretenimento, mas, especialmente, culturais, que conferem estímulos a experiências cotidianas que impõem

sentimentos e prazeres na perspectiva de inserção dos indivíduos a este mundo à parte, com espaços de sua rotina direcionada aos desdobramentos simbólicos deste jogo.

Deste modo, é possível afirmar que os torcedores só desenvolvem este apreço cultural e instintivo com um clube de futebol porque também é envolvido com o esporte como um todo. Mas não necessariamente na representação denotativa de um esporte e, sim, em um grande campo de ideias e princípios de compartilhamento coletivo – que envolve, negócios, espetáculo, entretenimento e disputas pessoais. Todas estas vertentes e muitas outras são aglomeradas nos limites de abrangência do futebol e, assim, recebem seu potencial de significação sobre a sociedade, de modo que a torcida extrema e apaixonada a um clube é apenas um dos níveis de conduta – e, talvez, o que mais destine intensidade aos frequentadores do meio. O entrevistado 3 conseguiu situar a sua paixão ao Internacional como um resultado de sua integração ao universo futebolístico.

Para mim é um lazer. Sou muito ligado à bola, gosto de futebol. Às vezes, brinco com a minha esposa e digo “não é só futebol, é mais do que futebol”. A pessoa se relaciona com aquilo e a vitória do clube passa a ser a sua vitória também. Esse, para mim, é o sentido maior do futebol. Estando ligado ao clube, tu fazes parte daquilo ali (ENTREVISTADO 3).

Esta versão explicitada pelo entrevistado 3 pode ser válida para todos os outros ouvintes abordados, na medida em que todos eles são familiarizados com contexto, linguagem e outros desdobramentos de rituais que envolvem o esporte, estando inseridos neste ambiente. Parte dos entrevistados reivindica a defesa dos interesses de seus clubes, demonstrando todo o sentimento que nutrem por eles. No entanto, para que consigam expor suas demandas e incorporarem o posicionamento de determinada instituição, reagindo emotivamente, é necessário que sejam integrantes deste meio, de modo que os acontecimentos se conectem com seus cotidianos ou mesmo com suas aptidões de entretenimento e culturais.

Este cenário remete à abrangência de identidades culturais coletivas que norteiem uma comunidade de torcedores que admitem relações e reações passionais mediante um espaço de dimensões bastante complexas que é o futebol, concentrando questões comerciais, culturais, esportivas e de entretenimento. Estes indivíduos convivem e se reproduzem compartilhando as relações com seus clubes perante a emergência de um campo de jogo, em que se aglomeram princípios que direcionam a relevância do esporte, de modo que muitos destes valores e sentimentos decorrentes se viabilizam pelas narrativas míticas, na medida em que neste espaço se permitem disputas, heróis e o preenchimento por crenças que religam estes torcedores a emoções, atribuindo sentido a suas vidas. Como muitos dos entrevistados enfatizaram, muitas

relações com outros cidadãos eram mantidas por meio do esporte, seja em diálogos, discussões ou grupos de torcidas. Esse contato entre diferentes sujeitos, por meio de ideias e sentimentos que os unem, reforça a prospecção de comunidades e convivência social por meio da identidade coletiva do futebol.

Essa identidade permanente que reúne torcedores de futebol se converge com as representações apresentadas, em que os discursos dos comentaristas eram interpretados por meio de sentimentos que elevam o esporte ao mesmo tempo, a campos de batalha, mas, também, a ideias e modos de vida que torna digna e válida a existência.

Concluída a apresentação das principais vertentes de identidades culturais no esporte, subsidiadas pelas representações que interagem sobre a recepção, chega o momento de averiguar as regulações sociais, mais especificamente, as normas que dão viabilidade a todo o processo de comunicação e suas implicâncias culturais.

6.3.4 O eixo da regulação e os parâmetros da recepção

O momento da regulação no Circuito da Cultura, de Du Gay et al (1997), abrange as normas e convenções sociais que amparam as procedimentos e experiências relacionados a determinados processos, como, no deste estudo, a recepção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha. Neste sentido, observando o caráter da plataforma rádio e os níveis de interatividade e convergência que as mídias estabelecem na contemporaneidade, surgem e se moldam padrões que facilitam o reconhecimento e a viabilidade do processo de comunicação, diante de um cenário de identidades e representações ligadas ao esporte, como visto anteriormente.

Para se ater a essas regulações, é importante se identificar as ferramentas de produção, alinhadas às possibilidades técnicas e caracteres de identidades que consumam a recepção e as condições de leitura da mensagem, não apenas em uma perspectiva tecnológica, mas sob um ponto de vista voltado para as disposições socioculturais. De um modo geral, é possível afirmar que a primeira etapa de análise deste estudo já encontrou muitos destes padrões socioculturais que orientam a recepção, quando da investigação das principais rotinas de recepção, na avaliação de suportes, frequência e formatos, como apresentado anteriormente.

No ambiente da cultura digital, o rádio deixa de ser apenas uma plataforma que conecta os ouvintes por meio de uma ligação a um ambiente sonoro, requerendo-se o sentido principal da audição, conforme Menezes (2012). Nesta nova perspectiva cultural, em que as mídias se complementam, como aborda Paula (2012), o contato com o rádio passa a permitir a utilização de novos recursos além da audição e, acima de tudo, maior interatividade do rádio com seus

públicos de audiência. O ouvinte acessa os conteúdos por novos suportes móveis e, também, por novas ferramentas de inteligência, como sugere Levy (2004), na medida em que os ouvintes valem-se de recursos textuais e visuais para a recepção. Estas são as possibilidades que o ouvinte adquire com a inserção ao ambiente digital e a emergência de suas diretrizes comunicacionais, em que o contato dos ouvintes com as mensagens pode ocorrer pelo rádio e, também, por reproduções e ferramentas de interatividade disponíveis nas redes sociais. Neste caso, além de ouvir os comentários, os ouvintes estão aptos a opinar sobre os conteúdos consumidos e interagir com outros torcedores, desenvolvendo uma comunidade virtual em que se sobressaem as identidades esportivas por meio de alternativas comunicacionais que envolvem envio de comentários textuais ou mesmo vídeos e imagens fotográficas que podem complementar o embasamento das discussões.

Como resumo das rotinas de recepção, alinhadas às regulações contemporâneas, percebe-se um acesso diário, móvel e privado pelos ouvintes, em que a regularidade insere a audiência dos comentários na rotina destes receptores, de modo que dispõem de muitos recursos tecnológicos para facilitar este acesso de uma maneira personalizada e que esteja de acordo com as demandas particulares. Como muitos dos ouvintes informaram em entrevista em profundidade, existe um hábito comum em relacionar o teor dos comentários com o ato de assistir aos jogos, refletindo sobre estas posições, com a complementação das imagens e outras fontes de informações disponíveis na internet.

Neste sentido, uma convenção social contemporânea e muito importante para os resultados desta pesquisa é o apoio quase que irrestrito de imagens sobre as partidas de futebol analisadas pelos comentaristas. Isso é possível diante do grande aumento do nível de transmissões de jogos e da conseqüente viabilidade de se acompanhar praticamente todos os confrontos de interesse de cada torcedor. Mesmo com a concordância ou discordância com as opiniões veiculadas, o ouvinte possui muito mais subsídio para questionar as posições dos comentaristas e desenvolver suas próprias versões dos acontecimentos, conforme seus níveis pessoais de percepção e seletividade aos fatos, além do conhecimento dos desdobramentos futebolísticos. O entrevistado 3 enfatiza a sua necessidade de assistir a todos os jogos, de forma com que as imagens lhe levem a um maior entendimento dos comentaristas, podendo assim compreender e assimilar melhor as versões dos comentaristas.

Quando tu estás vendo, tem uma visão diferente. Eu vejo todos os jogos. É difícil apenas escutar. Hoje em dia, qualquer jogo tem transmissão. Eu vejo com suspeita um comentário sem ter visto o jogo. Não é a mesma coisa. Não tem a mesma realidade do que se eu olhar na TV (ENTREVISTADO 3).

Nesse sentido, a complementação do processo comunicacional esportivo com audiência do rádio a imagens de televisão torna-se uma convenção social já estabelecida, principalmente para os espectadores muito envolvidos com a identidade futebolística, pois, o acesso a imagens, complementado com as ideias do comentarista admite um maior nível de inserção à realidade dos desdobramentos deste campo simbólico que é o futebol. O entrevistado 4 e o entrevistado 6 informaram a preferência pelas transmissões e comentários esportivos do rádio do que os veiculados na televisão. No entanto, não abrem mão da imagem das partidas pela necessidade que tem de desenvolver suas próprias opiniões e eventualmente discutir os lances de campo. Além disso, entendem que a transmissão do rádio pode distorcer a veracidade dos lances, devido ao emprego de uma dose mais elevada de emoção, apesar de preferirem os retratos desta plataforma por se sentirem mais integrados ao ambiente de jogo e das torcidas, proporcionados pelo radiojornalismo esportivo. Assim, o ambiente de comunicação sonora, conforme proposição de Menezes (2012), como forma de significação e mediação do sentido do futebol, é ampliado a recursos imagéticos, que complementem estes valores simbólicos.

Se o apelo à imagem já é uma tendência do futebol bastante caracterizada para o maior discernimento da realidade, tanto por produtores quanto por receptores, a interatividade vem sendo uma das novas normas comportamentais que permeiam este processo, tanto com espaços maiores para ouvintes nas transmissões, como também, para discussões e fortalecimento de comunidades virtuais entre os próprios torcedores. A própria Rádio Gaúcha ampliou os canais de contatos com os torcedores, consolidando cada vez mais, a ferramenta do aplicativo Whats App como meio de interatividade entre os ouvintes e os responsáveis pela produção das mensagens (RÁDIO GAÚCHA, 2018).

Os canais ampliam a possibilidade de retorno dos públicos aos produtos da emissora, aproximando-a de seus ouvintes, mas, também, proporcionando maior senso crítico e requisitando maior capacitação aos comentaristas, pois, estarão em contato com torcedores, muitas vezes afetados pelos comportamentos passionais e, também, mais especializados em futebol, diminuindo a distância do repertório intelectual de produtores e receptores.

A maior interatividade também parece acalorar ainda mais eventuais conflitos e discussões, acirrando ânimos, na medida em que estão todos permanentemente conectados, com comentaristas mais expostos a críticas e ofensas, no mesmo nível em que mais elementos são encontrados para descaracterizar suas opiniões. Neste sentido, provocações de torcedores são proliferadas em maior velocidade, assim como eventuais falhas no trabalho dos comentaristas são mais facilmente divulgadas e capazes de encadear crises no meio esportivo.

O entrevistado 2 e o entrevistado 6 admitem estarem constantemente conectados às redes e inseridos em grupos ou comunidades que alimentam discussões esportivas, obedecendo a esse parâmetro convencionado como uma prática bastante comum entre os torcedores com identidades futebolísticas afloradas. O entrevistado 5 ressaltou que se envolve em discussões presenciais ou em redes sociais, quando sente que seu clube é atingido, desempenhando uma postura habitual para a maioria dos torcedores.

A grande diferença que essas condutas próprias à cultura digital propiciam é o aumento do nível de proporção dos teores das relações futebolísticas. Assim como a vibração com as vitórias são mais explícitas, os embates e discussões tomam o mesmo caminho em um ambiente digital, com interação instantânea. Por isso, as identidades e representações do esporte, ilustradas anteriormente, admitem uma dimensão de compartilhamentos e significações muito maiores.

Diante destas breves condutas de regulação social da comunicação radiojornalística esportiva e da exploração dos eixos de produção, identidade e representação, é alcançado o momento de refletir sobre os significados e posicionamentos da recepção perante as mensagens de comentários esportivos da Rádio Gaúcha.

6.3.5 O eixo da recepção e a concretização do processo

Após a investigação de circunstâncias culturais que interagem sobre a materialização do processo de comunicação e o conseqüente desencadeamento dos sentidos imersos a ele, é possível avaliar a construção de posicionamentos dos receptores, a partir da exploração do ambiente a que estão vinculados. Esta é a etapa central e conclusiva, diante de problema e objetivos traçados para este estudo, na medida em que a averiguação dos elementos culturais dispostos nos outros eixos expõem as condições e condutas próprias da recepção neste processo, revelando seu perfil de inserção a um contexto comunicacional e cultural mais amplo devido à interligação dos momentos que validam determinadas ordens culturais.

Para isto, é importante situar brevemente o polo da recepção comunicacional como momento do Circuito da Cultura, proposto por Du Gay et al (1997). Embora já apresentados os parâmetros teóricos que fundamentam o percurso metodológico percorrido por esta pesquisa, é válido recuperar sinteticamente como a ato da recepção em um processo de comunicação pode ser amparado pelo Circuito da Cultura.

No referido circuito, os eixos de produção e consumo de artefatos e bens que atendem à sociedade são diretamente interligados, devido às demandas e transformações de ordem cultural que permitem esta conexão entre o que é produzido e o modo e razões que viabilizam

este consumo. Neste sentido, é indispensável considerar as representações, identidades e regulações culturais como etapas condutoras e integradoras desta correspondência. Assim, o papel e as ações dos consumidores só podem ser melhores compreendidos se verificadas as outras vertentes que fundamentam esta relação de implicância sociocultural.

O Consumo como momento específico, na presente proposição, pressupõe a existência de agência humana. Isso implica em incorporar também o que as pessoas vão fazer com tais artefatos ou produtos após sua circulação no mercado. Ou seja, esse momento está afinado com o exame do papel das práticas de consumo na produção de – novos – sentidos/significações ou, em outros termos, com a observação dos “atores em ação”. É dessa forma que a produção e o consumo não se configuram como esferas separadas, mas sim são mutuamente constitutivas (ESCOSTEGUY, 2009, p. 10).

Na presente pesquisa, o eixo de consumo corresponde diretamente à recepção, abrangendo a atuação dos ouvintes perante a audiência dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha. Deste modo, todos os elementos apresentados nos outros eixos valem como subsídio para que se compreenda melhor os comportamentos dos ouvintes na assimilação das mensagens veiculadas pelos comentaristas, na medida em que já são conhecidas as identidades, representações e regulações que imergem estes torcedores a um universo esportivo. Sendo assim, estes valores culturais são aqui refletidos e discutidos, considerando os posicionamentos detectados nos ouvintes, na ilustração de um cenário de recepção aos comentários esportivos.

As representações esportivas dos ouvintes, quanto à leitura das mensagens dos comentários esportivos e vínculos com o esporte, indicam que estes compreendem os discursos e se posicionam sobre os mesmos, levando em conta o nível de conhecimento e profundidade que eles destinam sobre as temáticas futebolísticas, especialmente, a dupla Gre-Nal. As identidades demonstraram o grande apego dos torcedores com os desdobramentos futebolísticos, de modo que eles estejam imersos a uma realidade mediada pelos significados deste esporte.

Considerando os depoimentos dos ouvintes em entrevistas em profundidade, percebeu-se a preferência e o aumento do nível de concordância com as opiniões dos comentaristas da Rádio Gaúcha, quando estes imergem seus discursos ao campo simbólico futebolístico, levantando detalhes das disputas de jogo, como as análises táticas e estatísticas, empregando uma linguagem já conhecida e compartilhada pelos ouvintes envolvidos com a temática e, assim, familiarizados a esta comunidade esportiva.

Para os torcedores, estes discursos disseminam suas identidades, na medida em que estimulam o despertar de sentimentos, não apenas no afeto a seus clubes de coração, mas, também, na afinidade que constroem com o futebol e seus desdobramentos. Por esta razão, os

entrevistados elogiaram as opiniões que retratam as rotinas e as minúcias do esporte, de um modo que estas mensagens parecem contribuir com a disseminação do vínculo dos ouvintes com a esfera futebolística. Este comportamento verificado ratifica a proposição de Escosteguy (2009) de que as identidades configuram um momento indispensável na consolidação da recepção.

A identidade como momento crucial no circuito da cultura é um forte indicativo para livrar-se de uma referência estrita à recepção/receptor. Na abordagem em discussão, trata-se de um processo muito mais amplo e complexo que diz respeito aos atores sociais e à configuração de modos de ser (ESCOSTEGUY, 2009, p. 12).

O entrevistado 1 ressaltou a maior compreensão e o apreço a mensagens que apresentem análises táticas. O entrevistado 2 manifestou interesse em conteúdos que lhe transportem ao calor dos jogos e acontecimentos esportivos. O entrevistado 3 demonstrou preferência a comentários que ilustrem um cenário completo das partidas de futebol, com desempenhos táticos, movimentação e estatísticas. O entrevistado 4 salientou a empatia que constrói com os comentários que ressaltam as disputas físicas do futebol. O entrevistado 5 tornou nítido o interesse em dados dos jogos, além de desdobramentos que dizem respeito a um ambiente mais macro envolvendo o planejamento e questões de gestão dos clubes de futebol. O entrevistado 6 admite afinidade com as projeções e diagnósticos a respeito de partidas e dos clubes especificamente.

Todos estes posicionamentos e categorias de mensagens que mais atraem estes torcedores estão alinhavados a um significado não apenas técnico do futebol, mas que simboliza o pertencimento a um amplo contexto que envolve diferentes aspectos em suas rotinas e, desta forma, abrangendo e nortando o cotidiano dos cidadãos envolvidos com este esporte. Esta significação toda é permitida pela deliberação de sentimentos que acabam por estabelecer relações de afeto entre torcedores e clubes de futebol, aumentando a dimensão cultural e passional que envolve as relações admitidas perante o vínculo com o esporte.

Esta forma de recepção dos ouvintes, com os níveis de assimilação e preferência demonstrados, parece de acordo com o caráter que o futebol admite na realidade contemporânea, tendo em vista todos os significados de identidades abordados. Isto porque o futebol possui tanta complexidade em suas atividades, envolvendo fins passionais, comerciais, técnicos, competitivos e de entretenimento, que suas delimitações não são alcançadas pelo simples enquadramento a uma função esportiva. E este perfil parece, de forma geral, ser bem incorporado e consentido por produtores e receptores, ainda que não tenham a exata noção da natureza complexa e profunda que evoca este fenômeno. Neste caso, mesmo que os

responsáveis pela produção jornalística, em muitas ocasiões, compartilhem deste significado cultural do futebol, nem sempre conseguem se posicionar a altura de satisfazer os ouvintes a ponto de manter a linha de inserção constante destes torcedores com a realidade futebolística, considerando os fenômenos e as implicações da contemporaneidade.

Lacunas na produção de comentários esportivos da Rádio Gaúcha e a ausência de consonância com a realidade e as possíveis demandas dos receptores foram detectadas incipientemente na pesquisa de Farina (2015), quando as opiniões não apresentavam a profundidade e coerência necessárias no volume técnico de domínio de conhecimento e informações que traduzissem uma versão da realidade mais condizente com os fatos e os detalhes que incidem sobre o cotidiano futebolístico. Neste sentido, percebeu-se a escassez de versões dos fatos melhores fundamentadas e compostas por maiores níveis de conhecimento e encadeamento dos argumentos, de modo que não correspondiam a uma realidade mais explorada e aprofundada sobre os acontecimentos dos campos de futebol, seguindo a premissa de autores como Tavares (2011) e Oliveira (2009). Em suma, o conjunto de fontes de informações e dados disponíveis para o subsídio de análises era insuficiente para fundamentar muitas das versões dos comentaristas, especialmente, quando os formatos não eram mesclados à interatividade, como no caso, dos comentários de Maurício Saraiva.

Neste estudo de recepção, os ouvintes manifestam preferência e despertam demandas por inserção de dados e informações nos discursos opinativos, a fim de que estejam mais seguros e conectados ao cotidiano real do desenrolar de acontecimentos de futebol. Como percebido, com a análise de representações e identidades, isto ocorre pela necessidade que eles admitem de estarem inseridos integralmente neste campo simbólico do futebol que, para eles, conferem um significado muito maior do que a prática esportiva. O posicionamento tático das equipes, as disputas físicas de cada lance ou as emoções despejadas pelas torcidas consistem em fatores que propiciam a decodificação pelos receptores de forma integrada com a sua realidade de pertencimento. Ou conforme o modelo de Hall (2003), estas categorias de textos discursivos são consonantes com as rotinas vivenciadas pelos torcedores, de acordo com o valor simbólico que o futebol admite nas experiências destes indivíduos, integrando-os ao universo coletivo e pessoal. As significações míticas de Armstrong (2005) e Eliade (1992) e os arquétipos do inconsciente de Jung auxiliam na analogia do futebol a um cenário muito mais amplo em que envolve muito sentimento em suas relações.

Por todas estas razões elencadas é que justifica-se a necessidade dos ouvintes de consumirem opiniões que tragam maior profundidade e possibilidade de imersão a este ambiente simbólico que é o futebol. E, neste caso, comentários pouco fundamentados ou que

não se imergem na riqueza de valores e conhecimentos do esporte, não estão aptos a atender estas demandas. Deste modo, é possível afirmar perante a análise do circuito da cultura da recepção esportiva que os comentários dotados de maior coerência opinativa, conforme pesquisa de Farina (2015), são mais suscetíveis a satisfazer as necessidades e permitir a assimilação dos ouvintes, no intuito de dimensionar sua audiência ao teor de profundidade das opiniões, lhes transportando à realidade simbólica que o futebol lhes proporciona, conforme os amplos significados míticos e sentimentais que este esporte induz em suas vidas.

Tanto é válida esta premissa que os ouvintes manifestaram descontentamento com comentários que, para eles, não estavam suficientemente embasados em bons argumentos ou dados que garantam a validade das versões expostas. “É necessário ter uma racionalidade mais técnica, com a estrutura das equipes, dosada com as emoções e o calor do jogo”, afirmou o entrevistado 2.

Pedro Ernesto Denardin é um dos comentaristas mais questionados, quanto à falta de embasamento e conseqüente distanciamento desta realidade simbólica, com suas diversas disputas e estratégias de direcionamento emotivo que o futebol invoca sobre a sociedade a qual está vinculado. O entrevistado 1, entrevistado 4 e entrevistado 5 contestaram as opiniões deste comentarista, alegando razões muito parecidas, como a falta de conhecimento, impulso e excesso de sensacionalismo para com um ou outro clube. Contudo, a profundidade do que ocorre nos jogos é pouco apresentada, não viabilizando a inserção dos torcedores a este ambiente futebolístico de significação mítica que tanto lhes cativa. O entrevistado 3 afirma que as opiniões de Denardin se limitam a conclusões consideradas “óbvias”, o que ressalta a ausência de reflexão e maior exploração por distintos ângulos na composição de determinado panorama interpretativo.

Por outro lado, os ouvintes demonstraram concordar e assimilar melhor os comentários de Maurício Saraiva. Como já apontado anteriormente, este fenômeno ocorre devido ao formato híbrido, conforme Lucht (2009), em que o comentarista vale-se da participação de repórteres, apresentadores e ouvintes com requintes informativos que complementam a versão dos objetos retratados, com maior riqueza de embasamento dos argumentos, seguindo as referências do futebol que emergem sobre a sociedade. Neste sentido, este perfil de comentário se enquadra mais às identidades esportivas verificadas, pois, traz aos ouvintes a especialização demandada e desejada a respeito deste segmento. Assim, o público desperta maior possibilidade de compreensão e de agregar estas versões interpretativas a seu cotidiano prático, em consonância com a veracidade dos acontecimentos e dinamismo dos significados sentimentais e de inserção à sociedade que o futebol adquire.

Como observado no eixo de regulação, a proporção desta identidade de plena vivência de muitos indivíduos, em torno de desdobramentos e características do futebol, foi intensamente elevada, diante dos inúmeros recursos da cultura digital, que permitem um envolvimento com a temática ainda maior, além de possibilitar aos ouvintes um alto nível de especialização no tema. Neste sentido, muitos comentaristas de gerações e repertório jornalístico anteriores à ascensão do ambiente digital não conseguiram acompanhar este nível instantâneo de atualização e captação de conhecimentos do meio, o que torna suas possibilidades de discursos incompatíveis com a capacitação dos ouvintes e a incorporação dos significados futebolísticos aos seus modos de vida. Neste sentido, a identidade cultural dos ouvintes relacionada à forma generalista e regular com que se relacionam nas comunidades esportivas demanda dos jornalistas um nível de conhecimento e vivência cultural mais elevado, requisitando uma atuação jornalística, mais rigorosa, no que tange a exploração profunda de todas as implicações sociais deste esporte, com maiores e mais assertivas técnicas de recrutar informações em um ambiente da cultura digital.

Neste sentido, mais do que ratificar as tendências identificadas por Farina (2015), amplia-se a dimensão das necessidades de direcionamento de comentários consonantes com a realidade discernida não mais pela associação ao compromisso jornalístico, mas, sim, pelo rumo das identidades e representações que este público mantém com o esporte, considerando os atributos do campo de futebol como fatores de decodificação das mensagens e de vinculação ao entorno social. Isto porque as disputas esportivas e seus elementos recheados de sentimentos e reações típicas de espetáculos artísticos e culturais consistem em um modo personalizado de dar valor às experiências do dia a dia, enaltecendo as relações humanas, quando dos embates e vínculos de torcedores, sempre conduzidos pelo futebol. Sempre lembrando que o futebol já está impregnado no inconsciente de muitos indivíduos, seguindo as proposições do imaginário arquetípico de Jung (2000), com reações instintivas que expandem este espaço e reproduzindo a abrangência desta identidade. Assim, as relações humanas em torno do futebol suscitam um perfil totalmente ritualista e endereçado no conhecimento mítico, podendo estabelecer a analogia à religiosidade de Armstrong (2005), em que busca-se a significação perante as reproduções de um universo sagrado e imaterial, que neste caso corresponde ao mundo à parte que este esporte representa.

Por isso, quando se avalia a necessidade de a produção corresponder melhor os significados das identidades dos públicos rentes ao esporte referido, não se busca a distorção da realidade com narrativas apenas pautadas pela emoção e sem credibilidade. Pelo contrário, requer-se a apresentação deste jogo de forma profunda, na medida em que as narrativas se

compatibilizem com o significado mítico das identidades e representações que o esporte constrói, abrangendo e contribuindo diretamente nas relações dos torcedores imersos aos desdobramentos deste jogo.

Entre os significados apontados na relação afetiva e mítica que o futebol contempla sobre a sociedade, existe um que se apresenta de maneira mais intensa: a paixão clubística. Ou seja, a relação puramente sentimental de torcedores com os clubes aos quais aderiram, na maior parte das vezes, por influência da família, como demonstrado no eixo de identidade. Essa relação de torcedores e clubes, inserida entre as possibilidades de significação que conduzem o espaço simbólico do futebol perante a vida social, também admite suas interferências na recepção das mensagens.

Como visto anteriormente, a recepção é mais bem estabelecida perante as mensagens que enfocam a realidade futebolística detalhada e circunstanciada, com a riqueza de fatos e atributos que compõem a viabilidade de um jogo de futebol. Entre estes fatores, está indispensavelmente o envolvimento de torcedores com seus clubes, na medida em que a dimensão deste sentimento e sua representatividade no esporte são fundamentais para preservar a viabilidade do mesmo em todas as esferas da sociedade. Deste modo, as mensagens jornalísticas não podem desprezar este engajamento do público que move e sustenta a atividade e, por isso, devem buscar a maior responsabilidade possível com torcedores e agremiações, na medida em que qualquer discurso mal construído pode se tornar mais facilmente um alvo da passionalidade dos torcedores.

Foi percebido que, além da interferência do nível de construção da mensagem, os torcedores assimilam os discursos sendo impulsionados pelas reações sentimentais, considerando o juízo de valor dos comentários a respeito de seus clubes. Isto porque estão muito envolvidos com o futebol e, deste modo, incorporam a defesa dos interesses do clube pelo qual torcem, como se esta instituição representasse o amor de um ente querido, como referiu o entrevistado 4, ou de uma ideologia, como constatou o entrevistado 2. As identidades futebolísticas apontam o esporte como um meio de disputas e duelos entre diferentes agremiações. É neste modo de significar que os torcedores descarregam mais devoção a seus clubes, pois, incorporam a figura de um soldado ou guardião que se entrega em qualquer circunstância para defender a instituição, na analogia de uma corrente ideológica da qual é membro.

Nesta perspectiva, o entrevistado 4 e o entrevistado 5, torcedores do Grêmio e do Internacional, respectivamente, contestam muitas opiniões que, para eles denegrem seus clubes. Os dois ouvintes acusam a Rádio Gaúcha de favorecer o rival, de modo que ressaltam que as

críticas dos comentaristas ao seu clube é desproporcional em benefício do time rival. A visão dos dois entrevistados é literalmente a mesma, apenas com as cores clubísticas invertidas. Ambos imaginam que o Grupo RBS tenha interesses próprios em prejudicar seu time.

Esse modelo de recepção, em que o ouvinte já está imerso ao ambiente futebolístico, traz a ideia de que o sentimento por seu clube gera reações instintivas de defesa do time e, por isso, incorporam um posicionamento sentimental e clubístico na análise futebolística em vista da interpretação e da aceitação da realidade. Por mais que compreendam todos os procedimentos do jogo, sua seletividade e instintividade, de origem inconsciente e de formação cultural, são tão alinhadas com a crença no clube, que absorvem este comportamento, incidindo, assim, na leitura do texto recebido, em conformidade com seus princípios, resultando em uma conduta de decodificação oposicional a discursos que não incorporem os mesmos valores clubísticos, seguindo preceitos de Hall (2003).

Contudo, é importante salientar que este comportamento não foi identificado em todos os entrevistados. Parece ser uma conduta mais extrema, que se reproduz em sujeitos que são mais propensos ao envolvimento histórico e familiar, com disseminação de elevadas doses de sentimento a determinada cor clubística, assumindo esta defesa incondicionalmente. A ausência de coerência na construção das opiniões também parece expor mais os comentários à interpretação baseada nesta linha passional de assimilação. Isto porque, mesmo que ocorra inconscientemente, os torcedores tentam buscar argumentos que desqualifiquem as opiniões por um caminho que preserve os interesses do seu time.

O fato de as opiniões melhores construídas estarem mais blindadas à essa contestação puramente passional pode ser verificada no depoimento do entrevistado 4, que acredita Maurício Saraiva seja torcedor do Grêmio, mas admite que este é um dos únicos comentaristas que não prejudica o Internacional para favorecer o rival, entendendo que suas abordagens são racionalmente elaboradas. Saraiva é um dos comentaristas com melhor nível de encadeamento dos comentários, conforme linha de pensamento bem constituída e embasamento informativo nas opiniões, o que ratifica a ideia de que opiniões mais condizentes com a realidade estão menos suscetíveis a distorção passional.

Deste modo, pode se entender que os posicionamentos dos ouvintes são formatados diante de opiniões melhores construídas e que aprofundem o futebol, com seus desdobramentos táticos, físicos, cotidianos e nas relações passionais de torcedores. Quanto maior o nível de coerência das opiniões, conforme conceito abordado em pesquisa anterior, maior será o potencial de assimilação e consonância com a realidade e profundidade de cada detalhe do campo de jogo, diante da total imersão destes receptores ao universo futebolístico. Para os

torcedores identificados com clubes em nível mais extremo, além do aspecto da procedência dos comentários no intuito de formarem posicionamentos sobre futebol, a paixão clubística também destina maior seletividade na interpretação de opiniões e no compartilhamento de ideias, de modo que este torcedor está mais limitado a mensagens que centralizam e enaltecem os interesses do seu clube, admitindo menos propensão a aceitar outras categorias de discursos.

É sempre fundamental ressaltar que estes comportamentos de recepção apurados acerca das possibilidades de significação das mensagens dos comentários apenas são válidos se amparados nas identidades futebolísticas do Rio Grande do Sul, verificadas neste estudo. Se esta recepção fosse proposta a ouvintes alheios ao compartilhamento da cultura de futebol ou residentes em outras localidades geográficas, provavelmente, os resultados fossem bem distintos, já que não demonstrariam a mesma intensidade de valor sentimental e mítico no simbolismo dos significados. Diante dos fenômenos apresentados acerca dos posicionamentos da recepção aos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, seguem as considerações finais, que sintetizam a trajetória desta pesquisa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo consistiu em um trabalho de recepção aos comentários esportivos diários da Rádio Gaúcha, emitidos pelos profissionais: Filipe Gamba, Pedro Ernesto Denardin, Cléber Grabauska e Maurício Saraiva. O grande enfoque desta pesquisa foi a dimensão cultural, na medida em que situou o processo de comunicação a partir do ângulo próprio dos receptores. Para isto, foi necessária a investigação de muitos valores e experiências que se sobressaíssem em meio ao contato destes ouvintes com os comentaristas referidos, dando ênfase às relações que estes sujeitos obtêm não apenas com os jornalistas, mas, com a temática futebolística de um modo mais amplo.

Para tornar realidade esta investigação, foi fundamental o amparo do aporte metodológico do Circuito da Cultura, de Du Gay et al (1997). Só assim, foi possível posicionar estes ouvintes perante as incidências de suas experiências que referenciam os significados do esporte para estes cidadãos, tendo em vista que as atividades esportivas acabam por infiltrar-se nas ordens culturais que conduzem a vida dos ouvintes submetidos a entrevistas em profundidade e de muitos outros torcedores. Com o intuito de compreender melhor os fenômenos culturais que traduzem a experiência dos ouvintes, foi necessária a base teórica de grandes autores do meio como Hall (2003), Escosteguy (2009), Martín-Barbero (2008) e Jacks (1996). Além de pensadores como Armstrong (2005), Eliade (1992), e Jung (2000), Rúbio (2001), que fundamentaram a aplicabilidade do conhecimento mítico na busca de se direcionar melhor a origem de significados e comportamentos circunstanciados na cultura esportiva.

Tendo em vista a complexidade histórica de muitos procedimentos culturais, o estudo buscou trazer à tona o ambiente contemporâneo, com o processo de comunicação fundamentado nas experiências possibilitadas pela Era da Cultura Digital, conforme Santaella (2003). A temporalidade buscou delimitar melhor as dimensões da cultura perante a imposição de condutas e comportamentos que se reproduzem na recepção comunicacional situada nos dias mais atuais possíveis.

A busca da fundamentação teórica destinada à efetivação dos procedimentos de pesquisa contempla uma etapa da trajetória científica do pesquisador, considerando a visualização do objeto e a construção das dimensões do campo de estudo. No caso específico do presente autor do estudo sempre destacou-se um apreço pelos conhecimentos técnicos e teóricos na área do jornalismo esportivo, vivenciando a literatura e os caminhos de materialização da prática jornalística em rádio. Foi com este repertório que o pesquisador se credenciou ao estudo dos comentários esportivos, ainda no período de graduação. Contudo, a trajetória se desenvolveu e se auto complementou até alcançar o momento da conclusão desta dissertação de mestrado.

O estudo dos comentários esportivos – até então limitado à esfera da produção jornalística – foi redirecionado ao curso de mestrado no intuito de solucionar uma inquietação do estudante, que consistia na verificação de eficácia e responsabilidade dos discursos de opiniões esportivas, porém, com a adicionada necessidade de se compreender este processo comunicacional pela perspectiva dos dois polos. Ou seja, de modo a ampliar a visão dos significados dos comentários para as vidas dos ouvintes. Antes de ingressar no Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, o autor já atentava para o processo de corresponder a coerência das opiniões, e seus devidos compromissos conforme a essência do jornalismo, com os significados na vida dos ouvintes, ainda sem ter se aprofundado acerca dos fenômenos culturais que enriquecem este contexto. Foi com este desafio que o autor conduziu sua experiência no mestrado e angariou, conseqüentemente, a lapidação dos resultados da presente pesquisa.

É importante destacar que mesmo com o propósito cultural do trabalho e a concentração da pesquisa no eixo da recepção, foi muito difícil para o pesquisador se desvincular dos valores jornalísticos que fundamentam o processo de opinião no rádio e compõem a etapa de produção em um elo comunicacional. Isto porque a inquietação da pesquisa se ilustrou exatamente pela necessidade de correção e adaptação de alguns procedimentos jornalísticos, já mencionados em pesquisa anterior. Assim, mesmo que o enfoque do estudo tenha se concentrado no eixo da recepção e na cultura dos ouvintes, foi um desafio se desconectar dos fenômenos de produção, já que desde o propósito inicial a correspondência dos comentários entre os dois polos e a relação próxima de significados consistiam em um elo indissociável. Além disso, tornava-se nítida a vocação e predileção pessoal do autor pela reflexão sobre a incidência do jornalismo. Estes atributos correspondem ao mesmo tempo em uma autocrítica, mas, também, em uma breve justificativa acerca da presença de conceitos e valores jornalísticos em um trabalho que se destacou pela análise de recepção. A metodologia do diagrama do Circuito da Cultura foi uma forma encontrada capaz de alinhar estes diferentes e complementares propósitos, pois seu referencial compreende a propagação de significados e experiências culturais entrelaçados entre as etapas de produção e recepção.

Além da procedência metodológica, os valores teóricos e reflexivos aprendidos nos cursos do Programa de Mestrado trouxeram importantes contribuições que ampliassem o contexto do fenômeno dos comentários esportivos a aptidões de natureza cultural capazes de situar a abrangência deste processo de comunicação perante as implicâncias da sociedade contemporânea. Assim, muitas das discussões proporcionadas pelas disciplinas do mestrado consistiram em suporte teórico para dimensionar o ambiente de recepção e a realidade dos

ouvintes. Nesta perspectiva, notabilizam-se as narrativas míticas, de Armstrong (2005) e Campbell (1995), além das identidades inconscientes, de Jung (2000), como formas de entender a relação dos torcedores com o futebol.

Dentro destes contextos explorados e vivenciados por este pesquisador, segue a retomada dos objetivos traçados, demonstrando como eles foram atingidos dentro do presente estudo. O primeiro objetivo específico consistiu em enumerar e explorar os possíveis grupos de influência na recepção dos ouvintes dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha. De acordo com os relatos obtidos pelas entrevistas em profundidade, percebem-se as identidades futebolísticas e clubísticas como os principais elementos na construção dos significados do esporte para os ouvintes. Dentre os núcleos que mais auxiliam na construção destas identidades, todos os entrevistados exaltaram a influência familiar. Assim, pode-se concluir que o significado que o futebol e seus clubes admitem para os torcedores surge primeiramente da primeira referência social, no caso, os familiares. A estes valores de origem, são agregadas as experiências sociais que o futebol produz. Estas heranças também são válidas para mediar a recepção dos comentários, pois, são os significados de identidades, iniciadas pelas famílias e fortalecidas pelas demais relações cotidianas, que permitem os principais sentidos da decodificação e da leitura das mensagens opinativas, instituindo os posicionamentos que os ouvintes adotam a partir da interpretação desses discursos.

O segundo objetivo específico foi pesquisar as representações, identidades e regulações esportivas e sociais, conforme o Circuito da Cultura, de Du Gay et al (1997). As principais representações se baseiam em narrativas míticas, em que os ouvintes pleiteiam a defesa de seus clubes perante os discursos dos comentaristas e abstraem as considerações sobre futebol como uma forma de experiência humana que ultrapassa os limites do esporte, estando presentes nas relações e no cotidiano social. As identidades também seguem esta linha, pois, elevam o futebol a uma posição simbólica que permeia muitas das experiências e relações sociais, tendo em vista que este significado abrange várias esferas do cotidiano com a condução de sentimentos e reações emotivas, transcendendo totalmente a esfera do esporte. Pode ser equiparado a crenças, ideologias e variadas expressões culturais, na medida em que seu significado é construído por narrativas míticas, seguindo referências ao sagrado e à formas de religião do ser humano em espaços simbólicos de realidade, como teorizaram Armstrong (2005) e Rúbio (2001). As regulações apontam as principais convenções sociais que interferem no processo de recepção, considerando a perspectiva de convergência, em que as diretrizes do rádio são complementadas por recursos da internet. As principais regulações indicam o apoio da imagem na discussão dos comentários e a interatividade como ferramenta de contato entre comentaristas e públicos,

elevando o nível de especialização dos ouvintes e de aproximação com os produtores, assim, como o teor proporcional das identidades esportivas.

O terceiro objetivo específico diz respeito a averiguar as práticas de recepção mais adotadas no radiojornalismo, seguindo os princípios da cultura digital, teorizada por Santaella (2003), em relação a suporte, circunstâncias, locais, categorias temáticas e formatos de recepção. Baseando-se nas respostas do questionário aplicados ainda na primeira etapa da pesquisa, se percebeu uma rotina de recepção regular e diária dos ouvintes, viabilizada pelos suportes móveis e ocorrendo de forma privada e personalizada, devido às possibilidades angariadas pela cultura digital. As categorias temáticas de audiência apresentam preferência praticamente unânime em assuntos da dupla Gre-Nal. Enquanto os formatos mais atrativos são aqueles que mesclam a participação de comentaristas, com repórteres e apresentadores, remetendo a uma característica comum no rádio que é a exposição de diferentes vozes, buscando manter a concentração da audiência em um cenário contemporâneo de simultaneidade de afazeres no dia a dia.

O quarto objetivo específico buscou entender, por meio de entrevistas em profundidade, os significados de recepção das mensagens de comentários aos ouvintes. A aplicação de entrevistas em profundidade demonstrou os ouvintes atrelados ao esporte em muitas esferas da sociedade e, por isso, os comentários sobre futebol para eles, admitem uma conotação simbólica familiar e relacionada a um campo que apresenta o sentido de religar suas experiências humanas, conforme o conhecimento mítico. E, ao mesmo, tempo, os comentários admitem o contato diário dos ouvintes com o clube do qual são torcedores, estando, assim, conectados a uma dimensão simbólica e passional que valoriza suas representações esportivas.

Com essas ações conseguiu-se alcançar o objetivo geral desta pesquisa que foi investigar, por meio de um estudo de recepção, como os ouvintes constroem seus posicionamentos a partir das mensagens dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha e como suas visões de mundo particulares interferem no processo.

Ficou evidente que os ouvintes constroem seus posicionamentos, dependendo de como se apresenta o nível de coerência opinativa das opiniões, conforme conceito melhor explorado em pesquisa anterior, no entanto, na perspectiva da significação das opiniões perante o universo receptor. Na medida em que as opiniões apresentam maior profundidade dos aspectos futebolísticos do campo de jogo – como análises táticas, dados e estatísticas, desdobramentos e atuação das torcidas – os ouvintes entrevistados tendem a concordar melhor com estas mensagens por estarem conectadas com a realidade a que estão inseridos e, passam a agregar estas versões em seu repertório de conhecimentos de futebol, no intuito de formarem seus

posicionamentos. Quando as opiniões apresentam menor nível de conhecimento do jogo e conexão de argumentos, mais distante da realidade dos ouvintes ela se encontra, sendo mais facilmente contestada ou descartada. Também ficou perceptível que alguns ouvintes de relação passional mais extrema com seus clubes são mais seletivos na leitura dos significados e, mais do que a consistência das opiniões, eles são mais suscetíveis a adotar e aceitar as versões dos comentaristas quando estas estão de acordo com os interesses de seus clubes.

Os valores particulares que interferem na assimilação das mensagens e a decorrente construção de posicionamentos são as identidades esportivas e a imersão dos ouvintes a este universo simbólico em que estão conectados com outros torcedores, clubes e imprensa. É tão grande o envolvimento destes torcedores com o futebol que eles buscam adquirir cada vez mais conhecimento do meio e se especializar. Por mais que seja um ambiente de lazer, já se consolidou-se como um campo em que desenvolve várias relações de contatos entre torcedores do mesmo clube ou de adversários, sempre com o ingrediente da paixão. Deste modo, pode-se destacar que é este comportamento de adesão cotidiana que resulta na demanda de opiniões mais fundamentadas e que aprofundem os fatos dos jogos, além de abranger os desdobramentos. Por isso, é possível concluir, de acordo com os elementos levantados neste estudo, que o vínculo cultural com o futebol é o grande responsável pelo engajamento, gosto pessoal e sentimental dirigidos às práticas de recepção.

Esta pesquisa destina ao campo da comunicação um trabalho inédito, tendo em vista a pouca incidência nos estudos de recepção, principalmente, no esporte. Além disso, é necessário situar este estudo no cenário das grandes transformações nos processos comunicacionais, em que se instituem novas práticas e rotinas, voltadas à ascensão de recursos digitais, resultante de novas ordens culturais. Neste sentido, cada vez mais é importante revisar e atualizar os mecanismos de produção jornalística, mas, principalmente, em consonância com os movimentos do público. São estas identidades que trazem à tona muitos dos fenômenos que implicam nas experiências voltadas para a humanidade universal. Diante destes resultados, este pesquisador sugere que se avance em investigações que abranjam as identidades esportivas e representações do futebol, na medida em que são muitas as consequências e implicações sociais que esta atividade desencadeia, não apenas no campo comunicacional, e ainda assim existe pouca dimensão nestes estudos, a ponto que no senso comum se tenha a ideia fixa de que o futebol se resume em um esporte.

REFERÊNCIAS

ALBANO DA SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira. A oralidade mediatizada revisitada sob o teor de Michel Serres. In: MENEZES, José Eugenio de O; CARDOSO, Marcelo. **Comunicação e cultura do ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ASSIS, Francisco de. A dimensão técnica dos gêneros jornalísticos: definições e tipologias em manuais de redação. In: MARQUES DE MELO, José; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de. (orgs). **Gêneros jornalísticos: teoria e práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.

BACCEGA, Maria Aparecida. Recepção: Novas perspectivas nos estudos de comunicação. **Comunicação & Educação**, 2007.

BAITELLO JR., Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BARBEIRO, Heródito; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BARBEIRO, Heródito; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, Ari, 1980.

BETING, Mauro. Jornalista futebolístico deveria vestir a camisa da sua profissão, e não apenas a camisa do patrão. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e informação esportiva: Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus editorial, 2005.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy (org). **Metodologia de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2004.

CADENA. **Quer saber como melhorar a gestão da sua rádio?** Como a crise tem afetado a realidade das emissoras de rádio? Disponível em: <https://cadena.com.br/blog/2016/08/02/como-a-crise-tem-afetado-a-realidade-das-emissoras-de-radio/>. Acesso em: 19.Abr. 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

CARDOSO, Marcelo. O jornalismo radiofônico e as narrativas míticas. In: MENEZES, José Eugenio de O; CARDOSO, Marcelo. **Comunicação e cultura do ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. Estudos Culturais aplicados em pesquisas de comunicação. In: SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvaldo J. de (Orgs.). **Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo: INTERCOM, 2014.

COULDRY, Nick. O tempo e as mídias digitais: aprofundamento do tempo, déficits de tempo e configuração narrativa. **Revista Parágrafo**. Vol 2. Nº 3. 2015.

COSTA, Laílton Alves da. Gêneros Jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

DENARDIN, Pedro Ernesto. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre, Rádio Gaúcha, 5. Out. 2015. Entrevista a Marcelo Farina.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Os anos dourados do Rádio em Porto Alegre**. Porto Alegre: Corag, 1990.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DU GAY, P. et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. Londres: Sage, 1997.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais** – Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico da integração da produção e da recepção. São Paulo: **Comunicação, Mídia e Consumo**, v.4, Nov, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. Brasília: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v.12, jan/abr, 2009.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hackers Editores, 2005.

ESPORTE INTERATIVO. **Três últimos Gre-Nais somam 199 cadeiras depredadas em menos de um mês.** Disponível em: <http://www.esporteinterativo.com.br/posts/23686-tres-ultimos-gre-nais-somam-199-cadeiras-depredadas-em-menos-de-um-mes>. Acesso em: 4. Mai. 2018.

FARINA, Marcelo Bernardes. *Coerência opinativa dos comentaristas esportivos da Rádio Gaúcha*. 2015. 181f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - ESPM-Sul, Porto Alegre. 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. **As emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20**. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Uma leitura dos estudos dos efeitos:** da era das certezas às incertezas e mistérios da recepção. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FONTOURA, João Paulo. **A Paixão clubística no Rio Grande do Sul:** Um traço da identidade local presente nas linhas e nas entrelinhas das colunas de Zero Hora e Correio do Povo. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2014.

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa da. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FUTEBOL HISTÓRIA. **Futebol:** uma história para contar. Disponível em: <http://futebolhistoria.blogspot.com.br/2009/12/o-futebol-no-radio.html>. Acesso em: 25. Jul. 2016.

GRABAUSKA, Cléber. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre, Rádio Gaúcha, 6. Out. 2015. Entrevista a Marcelo Farina.

GERCHMANN, Leo. **Coligay:** Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 85-103.

GUARNIERI, Ivanor Luiz. Verdade e opinião: o acordo é possível? In: PINTO, Aroldo José Abreu; SOUZA, Shirlene Rohr de (orgs). **Opinião na Mídia Contemporânea**. São Paulo: Arte e Ciência, 2009.

HALL, Stuart. A centralidade da cultural: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Porto Alegre: **Revista Educação e Realidade**, vol. 22, jul/dez, 1997.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Estudos culturais: dois paradigmas. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JACKS, Nilda. **Tendências latino-americanas nos estudos da recepção**. Porto Alegre: Revista Famecos, 5. Ed, 1996.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2011.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LÉVY, Pierre. **Os três tempos do espírito: a oralidade primária, a escrita e a informática**. In: _____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 13a. Edição. São Paulo: Editora 34, 2004.

LIMA, Venício A. Breve roteiro introdutório ao campo de estudo da Comunicação Social no Brasil. In: LIMA, Venício A. **Mídia, Teoria e Política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros Radiojornalísticos: Análise da Rádio Eldorado de São Paulo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

LUCHT, Janine Marques Passini. Gêneros no radiojornalismo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (orgs). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a ideia, a coisa**. PPGICH: dezembro de 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1996.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão: Ed. Mantiqueira, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MATTELART, Armand. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

MENEZES, José Eugenio de O. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. In: MENEZES, José Eugenio de O; CARDOSO, Marcelo. **Comunicação e cultura do ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Reis de. Elementos para pensar a opinião nas mídias. In: PINTO, Aroldo José Abreu; SOUZA, Shirlene Rohr de (orgs). **Opinião na Mídia Contemporânea**. São Paulo: Arte e Ciência, 2009.

PAULA, Julio de. No ar – Online: reflexões sobre o rádio em tempos de convergência de mídias. In: MENEZES, José Eugenio de O; CARDOSO, Marcelo. **Comunicação e cultura do ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012.

PAULINO, Roseli Aparecida Fígaro. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. **Comunicação & educação**, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma Outra História**: Imaginando o imaginário. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 15, 1995.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2013.

PORTAL MÍDIA E ESPORTE. **Rádio Gaúcha contrata os comentaristas Maurício Saraiva e Cléber Grabauska**. Disponível em: <http://www.portalmidiaesporte.com/2014/08/radio-gaucha-contrata-os-comentaristas.html>. Acesso em: 30. Abr. 2018.

RÁDIO GAÚCHA. **Gaúcha**: A Fonte da Informação. Disponível em: <http://comercial.gruporbs.com.br/veiculos/gaucha/>. Acesso em: 10. Jul. 2017.

RÁDIO GAÚCHA. **Gaúcha amplia cobertura esportiva**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/01/gaucha-amplia-cobertura-esportiva-cjcmd1axl02yd01ph10qbrzye.html>. Acesso em: 1. Mai. 2018.

RÁDIO GAÚCHA. **Do táxi até virar o Homem Gre-Nal**: Pedro Ernesto narra o 76º clássico de sua carreira. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2015/11/do-taxi-ate- virar-o-homem-gre-nal-pedro-ernesto-narra-o-76-classico-de-sua-carreira-4911851.html>. Acesso em: 25. Abr. 2018.

RÁDIO GAÚCHA. Programa “Gaúcha +” estreia nesta segunda-feira, com mais informação e interatividade no horário da tarde. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/programa-gaucha-estrela-nesta-segunda-feira-com-mais-informacao-e-interatividade-no-horario-da-tarde-9885857.html>. Acesso em: 27. Abr. 2018.

RÁDIO GAÚCHA. **Programação**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/programacao/>. Acesso em: 30. Abr. 2018.

RUBIO, Katia. **O imaginário esportivo contemporâneo**: o atleta e o mito do herói. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SARAIVA, Maurício. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre, RBSTV, 7. Out. 2015. Entrevista a Marcelo Farina.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós- humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre: nº 22, dezembro/2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/.../article/view/3229/2493>. Acesso em: 6. Jun. 2017.

SANTOS, José Manuel; CORREIA, João Carlos (orgs). **Teorias da Comunicação**. Universidade da Beira Interior, 2004.

SANTOS, Maria Salett Tauk. NASCIMENTO. Marta Rocha do. **Desvendando o mapa noturno**: análise das perspectivas das mediações nos estudos de recepção. São Paulo: USP, 2012.

SCHULMAN, Norma. *O Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SEBRAMM, Luanda. Estudos literários e práticas de recepção midiática. **Revista do programa de pós-graduação em comunicação – UFF**, Rio de Janeiro: n° 18, 1° semestre/2008. Disponível em: file:///C:/Users/marce/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/344-1037-1-SM.pdf. Acesso em: 7. Jan. 2018.

SOARES, Murilo Cesar. **Representações e comunicação**: uma relação em crise. São Paulo: USP, 2007.

TAVARES, Mariza. **Manual de Redação CBN**. São Paulo: Globo, 2011.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo**: Comunicação, literatura e compromisso social. São Paulo: Paulus, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: Puc Minas, 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.